



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO (POSGRAP)  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA  
(PROFHISTÓRIA)**

**JOSÉ ABRAÃO REZENDE GOVEIA**

**A FESTA DO VAQUEIRO DE PORTO DA FOLHA: CORDELIZANDO VAMOS  
ENSINANDO A HISTÓRIA E ESTUDANDO O ALTO SERTÃO SERGIPANO**

**SÃO CRISTOVÃO/SE  
2022**

JOSÉ ABRAÃO REZENDE GOVEIA

A FESTA DO VAQUEIRO DE PORTO DA FOLHA: CORDELIZANDO VAMOS  
ENSINANDO A HISTÓRIA E ESTUDANDO O ALTO SERTÃO SERGIPANO

Dissertação de Mestrado entregue ao Programa de  
Mestrado Profissional em Ensino de História da  
Universidade Federal de Sergipe como parte dos  
requisitos exigidos para a obtenção do título de  
Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Miranda Pinheiro

SÃO CRISTÓVÃO-SE  
2022

**JOSÉ ABRAÃO REZENDE GOVEIA**

**A FESTA DO VAQUEIRO DE PORTO DA FOLHA: CORDELIZANDO VAMOS  
ENSINANDO A HISTÓRIA E ESTUDANDO O ALTO SERTÃO SERGIPANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe como parte dos requisitos à obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Miranda Pinheiro

**BANCA EXAMINADORA**

Orientador: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Lucas Miranda Pinheiro

Universidade Federal de Sergipe – UFS

Membro interno: \_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Andreza Santos Cruz Maynard

Universidade Federal de Sergipe - UFS

Membro externo: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Magno Francisco de Jesus Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Membro interno: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Paulo Heimar Souto

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

G721f Goveia, José Abraão Rezende  
A festa do vaqueiro de Porto da Folha : cordelizando vamos ensinando a história e estudando o alto sertão sergipano / José Abraão Rezende Goveia ; orientador Lucas Miranda Pinheiro. – São Cristóvão, SE, 2022.  
307 f. : il.

Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, 2022.

1. História - Porto da Folha (SE). 2. Festas folclóricas - Vaqueiros. 3. Literatura de cordel – Sergipe. I. Pinheiro, Lucas Miranda, orient. II. Título.

CDU 94:394.2(813.7)

SÃO CRISTÓVÃO – SE

2022

A todos os meus familiares que sempre me estenderam a mão durante a minha caminhada profissional: minha mãe, minhas duas irmãs, meu pai e sobrinha. Sigamos fortes nas lutas da vida.

## AGRADECIMENTOS

O momento de agradecer é o instante em que passa, em nossa mente, toda a trajetória, de ter entrado no mestrado profissional, e de perceber que durante todo esse percurso em momento nenhum estivemos sozinhos, pois, precisamos sempre uns dos outros, em todas as lutas, conquistas e dificuldades que enfrentamos na vida.

Desse modo, agradeço a todos os meus familiares que sempre estiveram presentes em minha vida. À minha mãe Rosa, humilde, humana, sempre me ajudando a não perder o foco, com muito carinho e cuidando de mim, fazendo-me sentir confortável todas as vezes que descia do meu quarto, onde escrevi essa dissertação. Ou mesmo quando eu chegava do trabalho e o almoço e/ou jantar estava quentinho, gostoso, me esperando para me alimentar e bater um papo com ela, minha irmã e meu pai em nossa mesa. Tudo isso me dava um certo fôlego para manter o ânimo na pesquisa.

Agradeço também à minha irmã Iara, que mora conosco em nossa casa, sempre compreensiva, determinada, disposta, que muito me ajudou, organizando minhas coisas, me incentivando a não desanimar, dando um grande suporte. A ti, mana grande, é a minha gratidão. Agradeço ainda à minha irmã Maiara, residente em Aracaju. Agradeço muito às nossas conversas, mulher sábia para enfrentar as adversidades da vida, sempre tendo um bom conselho, além de ser muito animada e contagiante no momento de tomarmos uma cervejinha. Muito obrigado, mana, você conhece a nossa história e superação.

Ao meu pai, agradeço a toda nossa caminhada e as conversas descontraídas na calçada na porta de nossa residência em Porto da Folha, momento que nos relaxava através de risadas sobre assuntos diversos. À minha sobrinha, Maria Madalena, de 9 anos de idade, que sempre bem delicada colocava uma bacia com água e tirava as cutículas de minhas unhas dos pés, me possibilitando relaxar com as suas mãozinhas tocando meus pés. Exponho tudo isso, pois, acredito na união familiar, mesmo que tenhamos momentos de desentendimentos – que sempre são superados –, precisamos um do outro sempre e, na escrita dessa dissertação, vocês foram extremamente fundamentais. Meu muito obrigado, família!

Ao entrar no mestrado profissional, conheci colegas de profissão, no qual aprendi muito com eles. Sempre estava atento às suas discussões e às participações nas aulas e admiro a todos, mas sempre há aqueles mais próximos, em que as conversas e risadas se estendiam nas redes sociais. Assim, obrigado pelo companheirismo Caroline, Junior, Ruy, Simone e Leila, vocês são profissionais que muito admiro, sempre disse isso em nossas conversas!

Agradeço também à comissão que organiza a festa do vaqueiro de Porto da Folha- SE, por me possibilitar pesquisar os documentos da sociedade, disponibilizando fotografias,

diálogos, sanando dúvidas sobre a temática que escrevia. Continuemos todos firmes e dispostos a valorizar as manifestações culturais do nosso lugar, assim como de outros lugares também.

Por fim, agradeço a todos os professores do Mestrado Profissional em Ensino de História – Profihistória (UFS), pelos ensinamentos, parcerias, momentos de grandes aprendizados e discussões. Nesse sentido, lembro que fiquei muito contente quando a professora Andreza fez um comentário em uma das atividades da disciplina que lecionava, afirmando a possibilidade de utilização do cordel como meu produto no PROFHISTÓRIA. Do mesmo modo, o Professor Paulo Heimar que nos fazia refletir em suas aulas, juntamente com o professor Joaquim Tavares, sobre a possibilidade do uso de entrevistas e das fontes orais no ensino de história.

Agradeço ao meu orientador, Lucas Miranda, por toda a compreensão. Sempre que conversávamos, procurava me deixar leve para que minha dissertação fosse escrita com sentimento, emoção, sempre me encorajando a seguir em frente sem desanimar, propondo força para concluir o trabalho. Ao Professor Itamar Freitas, meu muito obrigado pela longa jornada de discussões, construções e desconstruções sobre o conhecimento histórico e seu ensino em sala de aula. Foram três disciplinas cursadas e participações em cursos, entre outros momentos que o professor Itamar se dispunha a interagir e ensinar a todos da turma, meu muito obrigado.

Assim, espero com essa dissertação continuar o meu trabalho com o cordel, em sala de aula, ajudando no aprendizado dos alunos, interagindo com colegas professores que buscam essa forma de escrita para utilizar também em suas aulas. Obrigado a todos os meus colegas, alunos e equipe diretiva das escolas que leciono em Sergipe e Alagoas, que acreditaram em mim, incentivando, organizando meu horário para participar das aulas do mestrado. Continuaremos juntos, muito obrigado a todos, sigamos firmes com saúde, paz e disposição para viver a vida.

## **CORDEL MINHAS AULAS DE HISTÓRIA EM CORDEL**

**(Cordelista José Abraão Rezende Goveia)**

A todos aqui presente  
Com alegria venho saudar  
Pois chegou o grande dia  
Tenho que me orgulhar  
Trazendo esse cordel  
Para a banca apreciar

Nesse trabalho tenho dito  
E o cordel utilizado  
Em minhas aulas de História  
Esse tem dado resultado  
Sendo através dessa pesquisa  
Um pouco mais estudado

Sou professor de História  
Do nosso alto sertão  
Trabalho em escolas  
Dessa bela região  
E sobre história local  
Vou propor uma discussão

São os versos de cordel  
Em minhas aulas ensinado  
Sobre diversos temas  
Com esses tenho estudado  
Ajudando os alunos  
A melhorar o aprendizado

O cordel é dinâmico  
E tem rima criativa  
Ajudando na leitura  
De forma participativa  
Propondo aos alunos  
Discutir sobre a vida

O Ensino de História  
Passa por transformações  
Onde novas abordagens  
Vem entrando nas discussões  
Aos materiais didáticos  
Se propõe ampliações

Entre esses recursos  
O cordel se pode usar  
Pois esse faz parte  
Da cultura popular  
No Ensino de História  
Nos ajuda a pensar

O Ensino de História  
Muito tem destacado  
Sobre a história local  
Tem também estudado  
Pois a realidade do aluno  
Deve ser valorizado

Vivemos em um mundo  
De forte globalização  
Onde cada indivíduo  
Mora em uma região  
As vezes migrando  
Para garantir o pão

Conhecendo sua história  
O aluno pode ajudar  
A muda a realidade  
De seu lugar de morar  
Reivindicando direitos  
Podendo participar

A escola é o local  
De toda essa discussão  
Propondo aos alunos  
Formas de interação  
Trazendo seus contextos  
Ampliando a visão

Levando os alunos  
Realidades a conhecer  
Onde a história local  
Aproxima pra valer  
Cada município e região  
Sua história escrever

Aqui nessa pesquisa  
Vamos um pouco estudar  
Sobre a História  
Do nosso lindo lugar  
Sendo Porto da Folha  
Que iremos abordar

A festa do vaqueiro  
É sua maior atração  
Atraindo pessoas  
De toda a região  
Essa recebe o nome  
Da capital do gibão

Para esse Mestrado  
Um folheto se produziu  
Em formato sextilha  
Sobre a festa se discutiu  
Contando a história  
De como ela surgiu

A todos os leitores  
Fica minha gratidão  
Espero que gostem  
De toda essa discussão  
Pois essa história  
Diz respeito ao sertão

## RESUMO

As festas, ao longo do tempo, vêm fazendo parte da história da população brasileira, com seus rituais, simbolismos, tradições, costumes, estruturas, seus significados e (re)significados, mudanças e permanências, continuidades e transformações, essas vêm sendo celebradas e transmitindo experiências sociais e culturais diversas. O objetivo desse trabalho é proporcionar, aos alunos da educação básica, conhecimentos sobre a Festa do Vaqueiro de Porto da Folha-SE, relacionando esse evento a uma construção histórica no tempo, bem como de forma interdisciplinar. Diante dessa proposta, foi realizada entre os anos de 2020 e 2022 uma pesquisa de campo sobre a referida festa, de forma a procurar entender a sua organização e dinâmica durante os 49 anos de sua existência. Com isso, fizemos um levantamento documental através da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, que organiza a festa, através de seu regimento, atas de reuniões, listas de frequências, fichas de sócios da entidade, uma entrevista, e diálogos com alguns dos seus associados, alguns moradores da cidade, alunos e lideranças religiosas do município, ou seja, realizamos um levantamento de registros fotográficos na entidade mencionada - entre seus sócios e moradores antigos, na paróquia e na prefeitura municipal -, e analisamos a legislação da Festa do Vaqueiro nas esferas municipal e estadual, assim como pesquisamos acontecimentos sobre a festa registrados em boletins de ocorrência na Delegacia de Polícia de Porto da Folha-SE entre os anos de 2009 a 2019. Nesse sentido, com esse levantamento, relacionamos o produto dessa pesquisa ao cordel, prática realizada pelo autor desta pesquisa em suas aulas de história, em que é utilizado sextilhas de cordel para ensinar aos seus alunos. Dito isto, foi produzido para esse trabalho cem páginas de um folheto de cordel formato sextilha com ilustrações sobre a história da festa do vaqueiro de Porto da Folha-SE, com o intuito de serem utilizadas pelos alunos em sala de aula. Já no tocante às vaquejadas, vaqueiros e festas populares, teoricamente discutimos com João Capistrano de Abreu (1962), Euclides da Cunha (2012), Câmara Cascudo (1984), Laura de Albuquerque Maurício (2006), José Adeilson dos Santos (2018), Giulle Vieira da Mata (2003), Maria Luíza Coelho Cavalcanti (2017), Mary Del Priore (1994). Quanto à história local, atentamo-nos para os pesquisadores Circe Bittencourt (2009), Marcos Martins (2010), Maria Auxiliadora Schimdt (2007). Analisamos, também, a BNCC e articulamos seus objetos do conhecimento à Festa do Vaqueiro de Porto da Folha-SE e ao uso do cordel em sala de aula, como parte das vivências de nossos alunos, na qual estes possam compreender conceitos, problematização e valorizem as suas histórias e desenvolvam senso crítico frente a sua realidade social, econômica, cultural e histórica.

**Palavras Chaves:** Ensino de História- Festa do Vaqueiro- História local- Folheto de Cordel- Porto da Folha

## ABSTRACT

The festivities, over time, have been part of the history of the Brazilian population, with their rituals, symbolisms, traditions, customs, structures, their meanings and (re)meanings, changes and continuities, continuities and transformations, these have been celebrated and conveying diverse social and cultural experiences. The objective of this work is to provide, to students in the final years of elementary school, knowledge about the Festa do Vaqueiro in Porto da Folha-SE, relating this event to a historical construction in time, as well as in an interdisciplinary way. In view of this proposal, a field research was carried out between 2020 and 2021 on the aforementioned party, in order to seek to understand its organization and dynamics during the 49 years of its existence. With that, we carried out a documentary survey through Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, which organizes the party, through its regiment, minutes of meetings, attendance lists, membership sheets of the entity, an interview, and dialogues with some of its members, some city residents, students and religious leaders of the municipality, that is, we carried out a survey of records photographs in the aforementioned entity - among its members and former residents, in the parish and in the municipal government -, and we analyzed the legislation of the Festa do Vaqueiro at the municipal and state levels, as well as we researched events about the party recorded in police reports. from Porto da Folha-SE between 2009 and 2019. In this sense, with this survey, we relate the product of this research to cordel, a practice carried out by the author of this research in his history classes, in which cordel sextiles are used to teach to your students. That said, thirty-six pages of a string booklet in a sextilla format with ilustrativos about the history of the cowboy festival in Porto da Folha-SE were produced for this work, in order to be used by students in the classroom. Regarding vaquejadas, cowboys and popular parties, theoretically we discussed with João Capistrano de Abreu (1962), Euclides da Cunha (2012), Câmara Cascudo (1984), Laura de Albuquerque Maurício (2006), José Adeilson dos Santos (2018) , Giulle Vieira da Mata (2003), Maria Luíza Coelho Cavalcanti (2017), Mary Del Priore (1994). As for local history, we pay attention to the researchers Circe Bittencourt (2009), Marcos Martins (2010), Maria Auxiliadora Schmidt (2007). We also analyzed the BNCC and articulated its objects of knowledge to the Festa do Vaqueiro in Porto da Folha-SE and to the use of cordel in the classroom, as part of the experiences of our students, in which they can understand concepts, problematize and value their stories and develop a critical sense in face of their social, economic, cultural and historical reality.

**Keywords:** Teaching History- Festa do Cowboy- Local History- Cordel Brochure- Porto da Folha

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### Figuras

- Figura 1-** Mapa do Estado de Sergipe e as divisões de suas oito microrregiões.....58
- Figura 2-** Mapa do Estado de Sergipe localizando o município de Porto da Folha.....59
- Figura 3-** Celebração de Missa na Paroquia Nossa Senhora da Conceição, Porto da Folha-SE, 1977.....62
- Figura 4-** Mural pintado pelo Frei Juvenal Vieira Bomfim, no altar da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, Porto da Folha, Sergipe, 1970.....63
- Figura 5-** Parte superior do mural pintado pelo Frei Juvenal Vieira Bomfim, no altar da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, Porto da Folha, Sergipe, 1970.....65
- Figura 6-** Parte central e inferior do mural pintado pelo Frei Juvenal Vieira Bomfim, no altar da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, Porto da Folha, Sergipe, 1970.....66
- Figura 7-** Parte inferior do mural pintado pelo Frei Juvenal Vieira Bomfim, destruído, no altar da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, Porto da Folha, Sergipe, 2018.....67
- Figura 8-** Cartazes de divulgação da festa do vaqueiro de Porto da Folha de 1984, 1985, 1986, 1989 respectivamente.....79
- Figura 9-** Montagem do palco oficial da 49ª festa do vaqueiro de Porto da Folha-SE, 2019.79
- Figura 10-** Entrega da premiação no palco oficial da festa do vaqueiro de Porto da Folha- SE em 1977.....80
- Figura 11-** Palco oficial com apresentações e praça lotada de pessoas na festa do vaqueiro, 2019.....81
- Figura 12-** Multidão na Praça da Matriz Nossa Senhora da Conceição durante shows.....83
- Figura 13-** Desfile de encerramento da festa do vaqueiro em Porto da Folha, 1988.....85
- Figura 14-** Desfile de encerramento da festa do vaqueiro em Porto da Folha, 1988.....86
- Figura 15-** Alvorada festiva, bênção do vaqueiro e entrega da chave da cidade ao presidente da festa, 2018.....86
- Figura 16-** Alvorada festiva, mine-trio e comissão a frente do cortejo, 2018.....87
- Figura 17-** Multidão acompanhando o cortejo, 2018.....87

<b>Figura 18-</b> Grupo de mulheres Divas Viajantes a caminho da alvorada festiva da 48ª festa do vaqueiro, 2018.....	89
<b>Figura 19-</b> Curral do parque de vaquejada Nilo dos Santos, em dia de pega de boi no mato, 2018.....	91
<b>Figura 20-</b> Vista área do parque de vaquejada, no sábado da festa, atrai uma multidão de pessoas 2018.....	92
<b>Figura 21-</b> Momento da disparada, onde os vaqueiros correm para pegar o boi, 2018.....	93
<b>Figura 22-</b> Rainha da vaquejada de Porto da Folha, nos anos de 1975-1976.....	95
<b>Figura 23 e 24-</b> Etapa de montaria do concurso da rainha da vaquejada de Porto da Folha, 2016.....	96
<b>Figura 25-</b> Etapa final do concurso e encontro de rainhas da vaquejada de Porto da Folha, 2018.....	97
<b>Figura 26-</b> Multidão de pessoas assistindo a etapa final do concurso da rainha da vaquejada de Porto da Folha, 2018.....	98
<b>Figura 27-</b> Momento da benção dos vaqueiros na 49º festa do vaqueiro de Porto da Folha, 2019.....	99
<b>Figura 28-</b> Monumentos da praça do boi, relacionado as atividades de trabalho com o gado. Porto da Folha, 2021.....	104
<b>Figura 29-</b> Praças dos bois, no sábado da festa do vaqueiro. Porto da Folha, 2019.....	104
<b>Figura 30-</b> Multidão de pessoas montadas a cavalo pelas ruas na festa do vaqueiro. Porto da Folha, 2019.....	107
<b>Figura 31--</b> Comemoração em casa de amigos durante a festa do vaqueiro. Porto da Folha, 1973.....	107
<b>Figura 32e 33-</b> Diversão entre grupo de amigos na 49ª festa do vaqueiro, 2019.....	109
<b>Figura 34-</b> Grupo de zabumbeiros em meio aos participantes da festa do vaqueiro, 1975...111	
<b>Figura 35-</b> Entrega da premiação aos vaqueiros, 1992.....	115
<b>Figura 36-</b> Entrega da premiação aos vaqueiros, 2019.....	116
<b>Figura 37-</b> Momento de paga de boi no mato por quatro vaqueiros, 2019.....	117
<b>Figura 38-</b> Localização geográfica do Monumento Natural Grota do Angico, em Canindé do São Francisco e Poço Redondo, 2012.....	125

<b>Figura 39</b> - Corrida de boi no mato na Caatinga, parque de vaquejada, Porto da Folha-SE, 2019.....	126
--	-----

## LISTA DE GRÁFICOS

**Gráfico 1-** Divisão por idade dos sócios contribuintes da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, conforme ficha de cadastro de sócios 2018/2021.....70

**Gráfico 2-** Divisão por sexo dos sócios contribuintes da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, conforme ficha de cadastro de sócios 2018/2021.....71

**Gráfico 3-** Nível de escolaridade dos sócios contribuintes da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, conforme ficha de cadastro de sócios 2018/2021.....71

**Gráfico 4-** Distribuição dos sócios contribuintes da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, por profissão, conforme ficha de cadastro de sócios da entidade 2018/2021.....72

**Gráfico 5-** Distribuição dos sócios contribuintes da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, local de moradia, conforme ficha de cadastro de sócios da entidade 2018/2021.....72

**Gráfico 6-** Distribuição dos sócios contribuintes da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, que moram em residências próprias ou alugadas, conforme ficha de cadastro de sócios da entidade 2018/2021.....73

**Gráfico 7-** Total de assinaturas masculinas e femininas conforme atas e lista de presença nas reuniões na Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos.....74

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1-</b> Distribuição dos sócios contribuintes da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, referente a naturalidade e locais de residência, conforme ficha de cadastro de sócios da entidade 2018/2021.....	73
<b>Tabela 2-</b> Ocorrências registradas no mês de setembro entre os anos 2009 e 2019.....	111- 112

## **LISTA DE SIGLAS**

**BNCC** – Base Nacional Comum Curricular

**BO** – Boletim de Ocorrência

**CEB** - Câmara de Educação Básica

**CEBs** – Comunidades Eclesiais de Base

**CF**- Constituição Federal

**CHESF**- Companhia Hidrelétrica do São Francisco

**CNE** - Conselho Nacional de Educação

**CONSED**- Conselho Nacional de Secretários de Educação

**DCNEF**- Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental

**DESO** – Companhia de Saneamento de Sergipe

**EMC**- Educação Moral e Cívica

**IBAMA** - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

**IHGB** - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

**LDB** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

**MEC**- Ministério da Educação e Cultura

**ONGs** – Organizações não Governamentais

**OSPB** - Organização Social e Política do Brasil

**PCN**- Parâmetros Curriculares Nacionais

**PROFHISTÓRIA** - Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História

**SNUC** – Sistema Nacional de Unidade de Conservação

**SSP** – Secretaria de Segurança Pública

**STF**- Supremo Tribunal Federal

**UC** – Unidade de Conservação

**UFS** – Universidade Federal de Sergipe

**UNDIME** - União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação

**UNESCO** - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e a cultura

**UNIT** – Universidade Tiradentes

**USP**- Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>1. O ENSINO DE HISTÓRIA E SUA ESTRUTURA ESCOLAR NO BRASIL</b> .....	<b>30</b>
1.1 Ensino de história no Brasil para refletir .....	30
1.1.1. O Ensino de História no século XIX e XX no Brasil .....	31
1.1. 2 O Ensino de História no Brasil no final do século XX e primeiras décadas do XXI .....	35
1.2. É pertinente estudar a festa do vaqueiro de Porto da Folha? O que isso tem a ver com a história local? E mais ampla? .....	41
<b>2.NO NORDESTE BRASILEIRO: CONTEXTUALIZANDO AS VAQUEJADAS DE PEGA DE BOI NO MATO</b> .....	<b>46</b>
2.1. A dinâmica da festa do vaqueiro, e o diálogo com alguns intelectuais da temática.....	46
2.1.1. Do presente ao passado a tradição de pegar o boi no mato na festa do vaqueiro.....	51
<b>3. A FESTA DO VAQUEIRO DE PORTO DA FOLHA-SE (1969-2019)</b> .....	<b>57</b>
3.1 A localização geográfica e a população do lugar .....	57
3.1.1. Porto da Folha-SE, o ambiente da festa.....	57
3.2 A festa do vaqueiro e a tradição das pegas de boi no mato de Porto da Folha-SE.....	69
3.3 Das reuniões na Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos durante o ano: as corridas de boi no mato no sábado da festa .....	71
3.3.1. Preparando a festa.....	71
3.3.2. A alvorada festiva.....	85
3.3.3 A escolha do gado, para correr no mato .....	90
3.3.4. O concurso para a escolha da rainha da vaquejada .....	94
3.3.5. Entre o sagrado e o profano: a benção do vaqueiro e a fé na Virgem da Conceição .....	99
3.3.6. A concentração na praça dos bois.....	103
3.3.7. No mato, nas praças, nas ruas, nas casas, no clube, no palco, assim é a festa .....	106
3.4. As pegas de boi no mato e a vegetação da Caatinga .....	120
3.4.1. A Caatinga .....	122
<b>4. O USO PEDAGÓGICO DA LITERATURA DE CORDEL EM SALA DE AULA, FAVORECE OS ESTUDOS DA HISTÓRIA LOCAL?</b> .....	<b>129</b>
4.1 O uso do cordel na sala de aula: revisando a literatura .....	130

4.2. Construindo sextilhas de cordel.....	140
4.3. Os documentos Legais e as possibilidades do uso do cordel em História Local.....	142
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	146
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	151
<b>APÊNDICE A – PERCURSOS PARA A PRODUÇÃO E ILUSTRAÇÃO DO FOLHETO DE CORDEL</b> .....	159
<b>APÊNDICE B – PRODUTO 1: “ESTUDANDO A HISTÓRIA DO ALTO SERTÃO SERGIPANO: A FESTA DO VAQUEIRO DE PORTO DA FOLHA-SE EM UMA PELEJA DE CORDEL”</b> .....	165
<b>APÊNDICE C – A SEQUÊNCIA DIDÁTICA E O MOMENTO HISTÓRICO DE SUA PRODUÇÃO</b> .....	266
<b>APÊNDICE D – PRODUTO 2: “ESTUDANDO A HISTÓRIA DO ALTO SERTÃO SERGIPANO: A FESTA DO VAQUEIRO DE PORTO DA FOLHA-SE EM UMA PELEJA DE CORDEL” E SUA SEQUÊNCIA DIDÁTICA</b> .....	269
<b>APÊNDICE E – ROTEIRO DE DIÁLOGOS COM ALGUMAS LIDERANÇAS RELIGIOSAS DO MUNICÍPIO DE PORTO DA FOLHA-SE</b> .....	293
<b>APÊNDICE F – ROTEIRO DE DIÁLOGOS COM MULHERES PARTICIPANTES DA FESTA DO VAQUEIRO E DA SOCIEDADE RECREATIVA PARQUE NILO DOS SANTOS PORTO DA FOLHA-SE</b> .....	296
<b>APÊNDICE G – ROTEIRO DE DIÁLOGOS COM SOCIOS DA SOCIEDADE RECREATIVA PARQUE NILO DOS SANTOS, EX- PRESIDENTES DA FESTA, AUTONOMOS E COMERCIANTES DE PORTO DA FOLHA-SE</b> .....	297
<b>APÊNDICE H – ROTEIRO DE DIÁLOGOS COM ALUNOS DO CENTRO DE EXCELÊNCIA GOVERNADOR LOURIVAL BAPTISTA PORTO DA FOLHA-SE</b> ....	298
<b>ANEXO A – DOCUMENTOS, REGIMENTO, LEGISLAÇÃO ENVOLVENDO A FESTA DO VAQUEIRO DE PORTO DA FOLHA – SE</b> .....	299
<b>ANEXO B – TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DO DEPOIMENTO</b> .....	314

## INTRODUÇÃO

Dentro da diversidade cultural, e de manifestações que ocorrem no território brasileiro, as festas populares ocupam um lugar de destaque, de modo que cada uma delas possuem especificidades nos locais, nos municípios onde são realizadas, procissões para homenagear padroeiros, festas juninas, natalinas, de reis, vaquejadas, festas do mastro, de rodeios, da colheita da uva, do feijão, o carnaval, entre várias outras - que, frisamos, fazem parte do calendário festivo do Brasil.

Estas festas, além de se constituírem como momentos de descanso e lazer, também representam momentos de alegrias, descontração, frustrações, reivindicações, revanches de grupos que compõem a sociedade - estando inseridas em contextos políticos, religiosos, econômicos, simbólicos etc. Muitas vezes, tais festas mantêm um laço tão estreito com os moradores de uma localidade, confundindo estes com a festividade. No Nordeste brasileiro, por exemplo, as vaquejadas se tornaram uma tradição através das corridas de pega de boi, tanto no mato como de mourão, conforme podemos observar no município pernambucano de Serrita, que realiza anualmente vaquejada de pega de boi no mato, como também no município sergipano de Porto da Folha, que há 49 anos realiza sua festa do vaqueiro.

As festas de vaquejadas, por sua vez, são festividades que ocorrem em diversas partes do Brasil, durante todo o ano, de maneira que têm como finalidade comemorar as atividades de trabalhos realizadas por vaqueiros na criação e no manejo do gado, em fazendas e propriedades rurais. Ademais, no tocante às vaquejadas, devemos aludir que, normalmente, estas são realizadas em parques de vaquejadas, destacando-se no sertão nordestino os parques de caatingas fechadas, para as pegas de boi no mato. Em linhas gerais, são comemorações muito características do nordeste brasileiro, trazidas por pecuaristas e vaqueiros na época da expansão colonial século XVII, aprimorando-se no século XIX e associando às comemorações locais sertanejas, segundo afirma Santos (2018).

Nesse sentido, propomos, para esse trabalho, a possibilidade dos alunos da Educação Básica terem acesso a um material didático, que aborde aspectos da festa do vaqueiro de Porto da Folha- SE, em que estes possam obter conhecimento sobre a construção histórica desse evento, o que ela representa, o significado para a sua vida, de modo a interagir com esse acontecimento local não somente nas aulas de História, mas também de forma interdisciplinar através das disciplinas como Geografia, Ensino Religioso, Arte, Ciências, entre outras.

Com base nos objetivos específicos traçados para essa pesquisa, procuramos contextualizar as vaquejadas de pega de boi no mato que ocorrem no Nordeste brasileiro, em especial quanto à festa do vaqueiro - sendo esta que ocorre anualmente no município sergipano de Porto da Folha-SE. Dito isto, observamos ainda, nesse contexto, as mudanças e permanências dessas festividades nas localidades onde são realizadas, bem como as influências que estas sofrem devido aos fatores geográficos, políticos, econômicos, culturais e ambientais. Assim, possibilitando conhecer um pouco da sua dinâmica e como ela se compõe e tem se estruturado ao longo do tempo. Por fim, elaboramos um folheto de cordel, em formato sextilha, que possa ser utilizado por alunos da Educação Básica.

De antemão, antes de contextualizar a escolha e definição do tema para a pesquisa, acreditamos ser de muita importância falar um pouco sobre a minha trajetória como professor de História de duas escolas de redes públicas estaduais: uma localizada no sertão sergipano e a outra localizada no sertão alagoano.

Em síntese, com 14 anos de idade comecei a trabalhar em uma rede de supermercados em Aracaju. Após quatro anos nesse trabalho, pedi demissão e iniciei em um outro trabalho em um hospital da rede particular, também localizado em Aracaju, contudo, sempre tive o desejo de ter uma profissão e de cursar uma graduação em História. Em contrapartida, não poderia deixar de trabalhar, além de que os exames de vestibulares da Universidade Federal de Sergipe (UFS) eram muito concorridos e impossibilitava-me conseguir acesso. Já no ano de 2005, ainda trabalhando no hospital, resolvi fazer o vestibular da Universidade Tiradentes (UNIT) - isto é, de forma que continuaria trabalhando durante o dia e cursando Licenciatura em História à noite. Com isso, durante os três anos, o meu salário era praticamente para pagar as mensalidades e despesas com o curso, que cursei com muita dedicação, concluindo em 2009.

Ao concluir o curso de licenciatura em história, sentia o desejo de atuar na minha área de formação. Mais adiante, fui demitido do hospital e, logo, iniciei as minhas atividades como professor de História em uma escola particular em Aracaju. No ano de 2012, porém, ocorreu o concurso público para o quadro do magistério da rede estadual de Sergipe, no qual participei e fui classificado, de modo a assumir o cargo em 2013, no Colégio Estadual Governador Lourival Baptista, localizado em Porto da Folha, Sergipe.

Em 2013, também, foi realizado concurso público para o magistério da rede estadual de Alagoas, em que também fui classificado, assumindo a função em 2014. Desde então, tenho assumido a minha profissão de professor de História em regência de classe nas duas redes públicas de ensino.

Nesse sentido, a partir das experiências em salas de aula, através da convivência com os alunos - tanto do sertão sergipano, como alagoano -, percebi o quanto é desafiadora a realidade da Educação brasileira. Além disso, muito do que tínhamos aprendido na universidade, era preciso ser ressignificado para aquela realidade, ou seja, um certo ceticismo deveria dar lugar a algo mais concreto, associando a minha condição de professor e a realidade dos alunos, ali envolvidos.

Depois de 8 anos de experiências ininterruptas em sala de aula, como professor de História, tenho percebido que a educação escolar é de fundamental importância para a consolidação da democracia em qualquer país. Outra percepção consiste na constatação de que, em sala de aula, as relações educativas entre professores e alunos devem ser pautadas no diálogo, nas discussões e no respeito.

Assim, sempre ao me dirigir para o meu local de trabalho, algumas perguntas por parte de alguns alunos e colegas de trabalho chamavam a atenção, sendo estas sobre a importância da educação, sobre o papel do professor, do aluno, enfim, de toda a comunidade escolar. Devemos frisar, inclusive, que esses discursos aconteciam de formas variadas, de maneira a se constituírem em várias percepções sobre a escola e os acontecimentos do dia a dia da sociedade em geral relacionados à educação.

Diante de alguns questionamentos dirigidos à minha pessoa, durante esses anos de experiência profissional, tenho observado que o nosso campo de atuação disciplinar ainda não é bem compreendido por alunos e colegas de trabalho. Exemplo desta impressão refere-se às muitas vezes que, no ambiente escolar, há questionamentos provocativos, a saber: Para que serve estudar História? Qual a importância de conhecer o passado para a minha vida? Para que saber sobre pessoas que já morreram se não conheço nem as que estão vivas ao meu redor? Para que conhecer sobre a História e conflitos sobre a expansão territorial, sobre capitâneas hereditárias, sobre colonização? Qual o sentido disso tudo para a vida atual? Esses questionamentos devem causar reflexões nos professores de História, especialmente por desafiar-los, de modo a tornarem esse campo do conhecimento mais valorizado pelos estudantes e sociedade em geral.

Para tentar responder a estes questionamentos, faz-se necessário se ter em mente um conceito de História. No entanto, isto não se constitui em uma tarefa tão fácil, visto que o seu conceito varia e não é único - tal qual as correntes do pensamento historiográfico. Em outras palavras, não existindo um conceito mais abrangente que consiga dar conta de toda a sua amplitude - uma vez que o conceito de História é complexo e falta uma unanimidade para a sua reflexão - e que consiga abarcar todos os sentidos que ela possui.

Diante disso, para a corrente historiográfica positivista que predominou no século XIX, a história era uma ciência comprometida com a verdade absoluta dos fatos, que não era algo fictício. Dessa forma, seus estudos deveriam ocorrer de uma forma cronológica e linear, além de que o uso das fontes históricas era limitado aos documentos oficiais em que se privilegiavam datas cívicas, acontecimentos políticos e a visibilidade de heróis nacionais. Em resumo, era uma história pouco reflexiva, cujos vestígios humanos do passado eram aqueles disponibilizados pelo Estado ou pelas Instituições Oficiais, através de seus documentos registrados cronologicamente e de forma linear (VASCONCELOS, 2012).

Contudo, uma outra corrente historiográfica que surgiu nas primeiras décadas do século XX, passou a ser chamada de Escola dos Annales, que tinha como um dos seus principais membros o historiador Marc Bloch (1886-1944). No livro intitulado *Apologia da História: ou o ofício do historiador*, Bloch (2001) procurou responder um questionamento do seu filho sobre o que é a História. Para o autor, a princípio, a História consiste na ciência dos homens, porém esse era um conceito ainda muito vago e acrescenta: “A História é a ciência dos homens no tempo” (BLOCH,2001, p.57).

A diversidade de definições que o conceito de História passa, ao longo do tempo, não encontra unanimidade entre os especialistas – tendo em vista que alguns discordam da cientificidade desse campo do conhecimento. Todavia, a análise da categoria de tempo tem se constituído como algo indispensável para o desenvolvimento de pesquisas históricas, afinal, revela ações humanas que auxiliam em qualquer reflexão histórica.

Com isso, diante da realidade que nos cerca, percebemos como muitas questões presentes precisam encontrar respostas no passado por meio de leituras que sirvam de embasamento para esse entendimento. Além disso, de mesmo modo, alguns acontecimentos do presente ainda são uma continuidade do passado, como também existem acontecimentos do passado que, aparentemente, deixaram de existir são e silenciados conforme diversos interesses, precisando das pesquisas historiográficas para serem revistos ou visibilizados. Segundo Luis Fernando Cerri (2011), “o passado não está salvo das intenções do presente de dar tal ou qual significado ao tempo, aos personagens históricos, à nação. O presente - bem como o futuro - depende de um passado relativamente móvel, que possa ser relido” (CERRI, 2011, p.18-19).

Como exemplo do uso do passado no presente, utilizaremos as reivindicações femininas a fim de se inserirem no mundo do trabalho, em espaços sociais, na política, através da luta por igualdade de gênero, em organizações de passeatas e manifestações por visibilidade feminina. Nesse sentido, estes movimentos sociais e feministas precisam, cada

vez mais, refletir sobre o passado das mulheres, para lutar no presente por sua maior participação em todas as instituições e organismo da sociedade, em que historicamente mais se valorizou a presença masculina do que a feminina, de forma que a partir disso se insere a importância do ensino de História, tanto no espaço escolar quanto por meio de movimentos sociais feministas que analisam o passado com os olhos do presente.

Para chegarmos a toda essa discussão devemos salientar, antes de tudo, que se faz necessário que o indivíduo conheça a sua própria identidade cultural de forma particular (a sua história), do meio em que vive, como também a identidade coletiva que forma o seu grupo e a nação (a história nacional). Para tanto, o ensino de História formal, assim como o informal, é muito importante, pois, esse extrapola o senso cognitivo, passando a fazer parte da ordem sociocultural (CERRI,2011).

Dito isto, um dos desafios do ensino de história escolar é formar um cidadão com capacidade política de se relacionar e conviver com os outros. Entretanto, formar um cidadão político requer toda uma interação, no qual este intelectualmente perceba as relações entre o presente - passado – presente, e cuja história nacional deva ser contextualizada com o local e o global, de maneira a desenvolver, ainda, a “capacidade de observar, fazer comparações e identificar semelhanças e diferenças entre a diversidade de acontecimentos no presente e no passado” (BITTENCOURT, 2009, p.126).

Para Luis Fernando Cerri (2011), ainda, o estudo da história pode ser refutado, questionado a todo momento e podendo se transformar. Dessa forma, a análise intelectual da história permite compreender que esse campo do conhecimento não é composto de verdades absolutas, e que o uso desse conhecimento permite se debruçar, esmiuçar sobre os diversos acontecimentos que estão ligados ao tempo, origens, vinculação de sujeitos históricos, projetos e interesses, possibilitando que a subjetividade do conhecimento histórico promova reflexão, participação, atuação e mobilização para os acontecimentos da vida em sociedade, em uma dinâmica através dos diversos sujeitos históricos e sociais.

Assim, ao propormos essa discussão, o que nos chama a atenção consiste na importância dada, pelos alunos, às aulas de história, ou seja, em que alguns não estão nem um pouco atentos aos conteúdos que estão sendo abordados; já outros escutam, de forma passiva, a explicação do professor, mas não conseguem entender os conceitos do conhecimento histórico. Em outros termos, tais alunos não assimilam, nem relacionam, ao seu contexto social e de vida, essas situações, o que demonstra as dificuldades de muitos alunos de se posicionarem como sujeitos históricos, de perceberem que no ambiente e local em que vivem existe uma legitimidade da História e que isso pode ser utilizado, em sala de aula e no ensino

de História, como uma forma de problematizar situações que precisam ser resolvidas, percebidas, criticadas - ou mesmo criarem propostas ou projetos para solucioná-las ou reivindicá-las.

Diante do exposto, sempre nos chamou a atenção as medidas que poderiam ser utilizadas para aproximar os alunos, através de sua realidade, das aulas de História, tornando estas mais interessantes e contextualizadas às suas necessidades. Com o ingresso em 2020 no PROFHISTÓRIA - Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da UFS, por meio das discussões promovidas pelos professores e das leituras indicadas para as aulas, percebemos que nunca teríamos uma resposta ou um método definitivo para enfrentarmos essa realidade. Desse modo, cada medida adotada poderia auxiliar na resolução de um determinado problema, porém, nem todos estariam resolvidos, cabendo a adoção de iniciativas para amenizá-los, apesar de não conseguirmos extinguir definitivamente no “chão da sala de aula”.

Com isso, quando adentrei no programa do mestrado, apresentei - nas atividades, artigos e trabalhos de conclusões das disciplinas - o meu trabalho com a literatura de cordel, este tendo como objetivo aproximar as minhas aulas de História dos alunos das escolas que leciono no sertão sergipano e alagoano. A final, apesar do uso do cordel não resolver todos os problemas da realidade vivenciada por tais alunos, esta é uma forma dinâmica e criativa de escrever, em versos rimados, sobre diversos conteúdos de História, como assuntos e problematizações da realidade desse alunado, podendo ser um meio de reivindicação, denúncias, críticas, reflexões, sobre problematização desse contexto histórico. Devemos aludir, contudo, que isso não torna o cordel a solução de tudo, embora seja um meio de aprendizado, produção textual e de diversas manifestações através da arte poética.

Para delimitarmos o nosso tema de pesquisa, na dissertação do mestrado, começamos a buscar uma temática para as aulas de História que estivesse ligada à realidade do nosso alunado. O município sergipano de Porto da Folha, por exemplo, está localizado na região do alto sertão, onde sempre se destacaram as atividades da pecuária extensiva e que, em diversas localidades dessa região, durante todo o ano, acontecem as práticas culturais e festivas das corridas de pega de boi no mato. A própria sede municipal de Porto da Folha realiza, desde 1969, a sua tradicional festa do vaqueiro, caracterizada pelas corridas de boi no mato.

Dessa forma, ao levarmos em consideração que, no ano de 2020, a festa do vaqueiro iria completar 50 anos de sua criação, consideramos oportuno trazer essa temática para minhas aulas de História, como para a dissertação no PROFHISTÓRIA, uma vez que essa temática está inserida na realidade de meu alunado, bem como faz parte da História de parte

da sociedade sergipana. Salientamos, porém, que, por conta da pandemia da COVID-19, não houve festa do vaqueiro entre os anos de 2020-2021, sendo adiadas as comemorações dos 50 anos para o pós-pandemia, quando as medidas sanitárias de segurança estiverem liberadas. Todos esses acontecimentos, portanto, nos estimulou a continuar com o tema, assim como a partir do incentivo de colegas, professores da escola, do curso e do nosso alunado.

Tendo como propósito aproximar minhas aulas de História da realidade do aluno no ano de 2019, antes de ingressar no PROFHISTÓRIA, produzi com uma turma de alunos do 8º ano do ensino fundamental um cordel em formato de sextilhas sobre as pegas de boi no mato na região, de forma que percebi que os alunos se sentiam envolvidos pela temática, uma vez que se tratava de algo relacionado à sua localidade. Além disso, cada indivíduo contava com a sua própria percepção sobre essas práticas culturais.

Mais adiante, já matriculado no programa de mestrado, isto também me estimulou a continuar com a temática. Quanto ao cordel formato sextilha, produzido com a turma de alunos, seguem abaixo as estrofes dessas rimas retratando a tradição de corre boi no mato:

Cordel pega do boi no mato no relato do vaqueiro  
(Cordelista José Abraão Rezende Goveia e alunos 8º Ano do ensino fundamental do Centro de Excelência Governador Lourival Baptista)

É dia de vaquejada	Nas quebradas do sertão
Vou prepara meu gibão	Enfrentando os perigos
Pra corre boi no mato	De pegar o barbatão
Na caatinga do sertão	Quando o boi sai do curral
O boi é muito valente	Grande é a emoção
Mas derrubo com a mão	Esporando o cavalo
	Com meu amigo de gibão
Com amigos vaqueiros	Levantando a poeira
A serra hoje vou subir	Dentro da competição
Para correr boi ligeiro	
E ninguém me impedir	Lá dentro da caatinga
No parque Nilo dos Santos	O boi corre sem parar
Agora vou competir	Com o meu cavalo
	Não posso desapontar
Quando entro no curral	Esse boi é ligeiro
Com meu cavalo ligeiro	Mas vou lhe derrubar
Lá na arquibancada	
Vejo um companheiro	Quando volto arranhado
Que devido a idade	Grande é a emoção
Deixou de ser vaqueiro	Pois sei que cumprir
	Com minha obrigação
Para ser um vaqueiro	De manter nessas terras
Tem que ter disposição	Nossa maior tradição
Para correr na caatinga	

De volta da caatinga  
Vamos comemorar  
Mais uma corrida

Que pude participar  
Se Deus permitir  
Para o ano vou voltar

Assim, o uso da literatura de cordel continua sendo uma prática recorrente em minhas aulas de história. Porém, as pegas de boi no mato na festa do vaqueiro fazem parte da minha infância, uma vez que não tínhamos muitos recursos para frequentar espaços de lazer e este se constituía em uma opção de descontração, como também um momento de rever amigos, vizinhos e familiares, especialmente aqueles que tiveram a necessidade de ir morar em cidades como Aracaju, a 190 quilômetros de Porto da Folha, - geralmente para trabalhar e estudar -, distanciando-se do nosso convívio diário.

Outro destaque quanto às pegas de boi, consiste no fato de que é um momento de hospedar, em nossa casa, tios, tias, primos e amigos. Em linhas gerais, a festa do vaqueiro passou a se constituir em um momento de descanso e lazer, modificando nossas rotinas de estudos e trabalho, de maneira a tornar a cidade mais agitada e movimentada nos três dias de festa. No entanto, ao fazermos um levantamento de acontecimentos preliminares sobre ela, surgiu a decisão definitiva de pesquisar sobre o tema. Ademais, um fator que auxiliou nessa escolha foi a euforia com que os alunos da escola que leciono ficam nas semanas que antecedem a festa, de modo a comentarem sobre a preparação dos cavalos, sobre as atrações musicais, sobre a grandiosidade da festa, sobre a alegria e expectativas em participarem.

Para Maria Auxiliadora Schimdt (2007), o estudo da história local permite a aproximação do aluno com a sua realidade, sendo está uma estratégia pedagógica que possibilita uma maior apropriação do conhecimento histórico, visto que aquilo que é ensinado é vivenciado pelo aluno que, ao observar determinados fenômenos e acontecimentos de sua localidade, cria seus pontos de vistas. Diante disso, o professor de História, atento a esta situação, deve procurar mediar o aprendizado para que o aluno interaja com o conhecimento histórico local e mais abrangente, dentro das suas experiências de vida e em grupo - tanto na escola, como também em outros espaços sociais.

Os estudos na escola, acerca da festa do vaqueiro de Porto da Folha, apesar de sua importância, resumem-se às apresentações de alunos encourados (com gibão<sup>1</sup> de couro, guarda peito, perneiras e chapéus de couro) em desfiles de 7 de setembro. Outrossim, consistem ainda em apresentações em feiras culturais sobre biografias de filhos ilustres que criaram a festa - como Frei Angelino -, construção de maquetes, encenações sobre as pegas de

---

<sup>1</sup> Segundo o Dicionário Online de Português, gibão é uma vestimenta de couro utilizada pelos vaqueiros que pastoreiam gado. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/gibão/> Último acesso em 20/01/2022.

boi no mato, assim como nas construções de cordéis, conforme já mencionado neste trabalho. Todavia, é preciso problematizar mais essa festividade, uma vez que existe uma variedade de público e de interesses inseridos neste espaço.

Nesse aspecto, mesmo tais estudos realizados nas escolas sendo importantes, estes geram exclusão de parte de segmentos da sociedade porto-folhense que participam da organização da festa, visto que é de grande proporção e envolve um grande público. Uma outra problemática diz respeito à forma como a festa é estudada de forma isolada, parecendo que esta acontece dentro de uma “bolha” desconectada de outros acontecimentos e lugares, tornando-a com um aspecto autossuficiente. Em resumo, tudo isso desfavorece o processo de aprendizagem dos alunos que, sem relacionar tais acontecimentos às situações mais amplas, não entendem os processos de continuidades e transformações que a referida festa sofreu e vem sofrendo ao longo de sua existência, ou seja, a sua historicidade.

Assim, diante da necessidade de estudos mais aprofundados sobre a festa, procuramos utilizar um recurso metodológico através de levantamentos de obras sobre a temática, em que percebemos que são poucas as pesquisas sobre o tema. Contudo, os materiais encontrados serviram de subsídio para essa pesquisa, ajudando-nos na busca de um conceito e da historicidade do evento, isto é, possibilitando modificar um cenário no qual muitos envolvidos com a festividade acabam excluídos, em especial quando a história da festa é contada em eventos na escola e em outros espaços. Nessas obras levantadas sobre vaquejadas, seus registros, e locais onde estas ocorrem - destaca-se o Nordeste brasileiro -, verificamos o envolvimento de questões ambientais, em que buscamos dados em sites governamentais brasileiros.

Para entendermos os bastidores da festa, recorreremos a uma pesquisa de campo através de registros feitos pela Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos<sup>2</sup>, em atas de reuniões mensais, listas de frequência de sócios, dados cadastrais em fichas de sócios, diálogos com associados, de modo a procurarmos entender a organização e a amplitude do festejo, recorrendo também às nossas lembranças pessoais, uma vez que sempre participamos da festa desde a infância. Ademais, também analisamos boletins de ocorrência registrados entre os anos de 2009 a 2019 na Delegacia de Polícia, situada no município de Porto da Folha-SE, relatando acontecimentos que envolveram a festa ou em decorrência dela.

Atentamo-nos, ainda, para as informações contidas no regimento da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, como em legislações municipais e estaduais, em que

---

<sup>2</sup> Localizada a Rua Antônio José Pereira, 127, Centro, Porto da Folha, Sergipe.

podemos perceber como a festa do vaqueiro foi sendo incorporada, consolidada e, gradativamente, adquiriu importância para o governo municipal e estadual. Outro fator relevante é que também incluímos, nesta pesquisa, diálogos com lideranças religiosas do município (católica, evangélica e do espiritismo). Com isso, podemos perceber seus argumentos, pontos de vista, fundamentos e como participam ou não da festa do vaqueiro no território porto-folhense.

Na intenção de verificarmos transformações e permanências na dinâmica da festa e contextualizá-la quanto à história local, de modo a facilitarmos o nosso trabalho de ilustração no folheto de cordel formato sextilha, fizemos um importante levantamento de registros fotográficos junto ao acervo da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, junto a antigos moradores e sócios do parque de vaquejada, acervo paroquial e municipal.

Com base nesse levantamento e mediante o contexto de informações obtidas, foi realizada uma produção de cem páginas de um folheto de cordel em formato de sextilhas, sendo as estrofes acompanhadas por ilustrações em que foi entregue um roteiro a um desenhista Gladston Barroso e cujas ilustrações e versos estão relacionadas aos acontecimentos da festa. Em síntese, essa aproximação entre as estrofes de sextilhas e as ilustrações tem como objetivo melhorar a interpretação e compreensão do festejo, tornando-o mais didático para os alunos da Educação Básica e, assim, produzindo um material que refletisse o resultado da pesquisa.

Além disso, as estrofes do folheto de cordel foram produzidas pelo autor da dissertação e cordelista, José Abraão Rezende Goveia; já a ilustração foi de autoria de Gladston Barroso e a diagramação feita por Adilma Menezes. Quanto ao aspecto do folheto, aludimos que traz uma narrativa que acontece através de uma peleja <sup>3</sup>(batalha) entre dois jovens estudantes do ensino fundamental (Antônio e Beatriz), que resolvem apresentar, na semana cultural da festa do vaqueiro de Porto da Folha, a História da festa em formato de versos de cordel, de modo a provocar a peleja no palco oficial da festa. Para a construção dos versos, os estudantes recorreram ao seu professor de História, que usa em suas aulas o cordel como ferramenta pedagógica. Assim sendo, este ajudou os dois alunos a fazerem os levantamentos bibliográficos referentes à festa, bem como auxiliou na construção dos versos rimados.

Os dois alunos envolvidos na peleja são fictícios, acontecimento que não impede de estar relacionado a fatos reais, uma vez que muitos cordelistas utilizam as pelejas para versar

---

<sup>3</sup> Segundo o Dicionário Online de Português, peleja é a ação ou efeito de pelear; ato de combater, de batalhar, de discutir. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/peleja/> Último acesso em 20/01/2022.

sobre diversos assuntos. Nesse caso, especificamente, pretendemos que esse folheto de cordel proporcione ensino e aprendizagem aos alunos, especialmente no que se refere a um aspecto da história local que são as festas populares - aqui, a Festa do vaqueiro de Porto da Folha, Sergipe. Devemos frisar, ainda, que, mesmo já fazendo uso do cordel em minhas aulas de história, alguns questionamentos surgiram para a reflexão, tais como: Será que um folheto de cordel, sobre uma festa popular, constitui-se em um instrumento pedagógico capaz de facilitar o ensino e a aprendizagem nas aulas de História? É possível um cordel que faz uso de alunos fictícios ser algo capaz de ampliar a concepção que os alunos da Educação Básica têm do ensino de História, de modo que se reconheçam como sujeitos históricos?

Nesse aspecto, buscando refletir e discutir sobre os questionamentos apontados nessa pesquisa, dividimos esse trabalho em quatro capítulos. O primeiro capítulo é chamado de “O Ensino de História e sua estrutura Escolar no Brasil”, em que apresentamos algumas discussões e reflexões sobre o papel do ensino de História em períodos anteriores e na contemporaneidade, seus limites, possibilidades e desafios, no ambiente escolar e seus reflexos em outros espaços sociais.

No primeiro capítulo também abordamos como esse componente curricular foi se construindo, estruturando-se e se modificando ao longo do tempo no Brasil, enfrentando inclusive períodos de governos imperiais, republicanos, democráticos e de regimes ditatoriais. Assim, este tópico mostra, na atualidade, a importância de fazermos usos de formas individuais e coletivas da História local, contextualizando está com festas populares, em que nas aulas de História os alunos tenham a possibilidade de desenvolver conhecimentos sobre a sua realidade, contextualizando acontecimentos mais amplos em um mundo globalizado.

Para essa discussão e empreitada, ainda quanto ao primeiro capítulo, estabelecemos um diálogo através da escrita e do pensamento teórico de intelectuais ligados ao ensino de História, a saber: Catelli Junior (2009), Circe Bittencourt (2009), Cristina Meneguello (2019), Elza Nadai (1992/1993), Luiz Fernando Cerri (2011), Marcos Martins (2007), Maria Auxiliadora Schimdt (2007), Selva Guimarães Fonseca (2003), entre outros.

No segundo capítulo, “No nordeste brasileiro: contextualizando as vaquejadas de pega de boi no mato”, apresentamos ao leitor, por meio de referenciais teóricos em obras, dissertações e teses, as principais características das vaquejadas de pega de boi no mato no Nordeste, assim como essas são organizadas e realizadas e, sobretudo, estão relacionadas a um contexto histórico em que, desde o período colonial, nas margens de rios como o São Francisco, o gado era criado à solta, e os proprietários de fazendas mandavam seus vaqueiros irem atrás do gado no mato.

Neste capítulo, ainda, é possível perceber que essas festas ocorrem em várias partes do Nordeste brasileiro, como no município pernambucano de Serrita<sup>4</sup>. No século XIX foram se estruturando até mais recentemente ser alvo de discussões no Supremo Tribunal Federal-STF, no tocante à sua legalidade e ao uso de animais e maus tratos. Em outros termos, nesse sentido, dividindo a sociedade entre os que a defendem como manifestação cultural, e os que defendem os animais. Dito isto, recorreremos aos trabalhos como os de João Capistrano de Abreu (1962), Euclides da Cunha (2012), Câmara Cascudo (1984), Laura de Albuquerque Maurício (2006), José Adeilson dos Santos (2018), Giulle Vieira da Mata (2003), Maria Luíza Coelho Cavalcanti (2017), entre outros.

Quanto ao terceiro capítulo, este ficou com o seguinte título “A Festa do Vaqueiro de Porto da Folha-SE (1969-2019)”, no qual tratamos de forma detalhada da festa do vaqueiro e as pegas de boi no mato que ocorrem no município sergipano de Porto da Folha. Nessa parte da pesquisa, tratamos de aspectos geográficos e históricos em que ocorrem os festejos. Apresentamos, também, como se dá a organização da festa no decorrer de cada ano pela Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos e abordamos, ainda, os principais acontecimentos dos três dias de festa, conforme ocorria e ocorre a escolha da rainha da vaquejada. Enfim, tratamos de mudanças, permanências, continuidades, transformações que a festa vem passando ao longo do tempo.

Ademais, no terceiro capítulo, abordamos a relação que a festa tem com o bioma da caatinga, tendo em vista que as pegas de boi no mato acontecem em parques de vaquejada cobertos por essa vegetação, e o município está localizado geograficamente onde predomina a Caatinga, aproveitamos a oportunidade para discutir a importância desse bioma para o planeta - e mesmo o parque de vaquejada Nilo dos Santos não sendo uma unidade de conservação, o fato dele manter preservado a vegetação nativa da região favorece a adoção de práticas sustentáveis, bem-estar das pessoas, local de descanso, diversão e lazer. Todos esses debates tiveram como base os estudos de autores como Martinho Nantes (1979), Francisco Carlos Teixeira da Silva (1981), Felisbello Firmo de Oliveira Freire (1906), Idenilson Albuquerque (2019), Manoel Alves de Souza (2015), Mary Del Priore (1994), entre outros.

No quarto e último capítulo, abordamos sobre o uso do cordel em sala de aula, com o seguinte título “O Uso Pedagógico da Literatura de Cordel em Sala de Aula, favorece os estudos da História Local?”, fazendo um levantamento e revisão de obras dedicadas ao

---

<sup>4</sup> Onde ocorre a missa do vaqueiro e na semana anterior à missa, ocorre a feira e a festa do vaqueiro, com diversas manifestações como a vaquejada de pega de boi no mato. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/serrita/historico>. Acesso em: 20/01/2022.

emprego do cordel como recurso didático e pedagógico, a partir do qual percebemos os ganhos na aprendizagem que se pode obter, por meio do uso criativo de uma arte sequencial nas aulas de qualquer disciplina - nesse caso, especificamente no âmbito das aulas de história. Para esse debate, devemos salientar, recorreremos aos posicionamentos defendidos por autores como Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro (2012), Verônica Diniz da Silva (2016), Claudia Zilmar da Silva Conceição e Carlos Magno Gomes (2016), Maria Conceição Evaristo (2001), Ary Leonan Lima Santos (2018), entre outros.

Ainda no tocante ao quarto capítulo, discutimos sobre o uso do cordel e da História local relacionando a alguns documentos legais que normatizam a legislação educacional brasileira e em Sergipe, a exemplo da BNCC, da LDB e do currículo de Sergipe, nos quais foram possíveis observar as dificuldades relacionadas a esse ensino local nesses documentos. Dito isto, aludimos que, mesmo existindo essas limitações na legislação, é importante e imprescindível os professores de História, em sua área de ensino, estabelecerem articulação entre a História da localidade do seu alunado aos contextos mais abrangentes e globalizantes.

## **1. O ENSINO DE HISTÓRIA E SUA ESTRUTURA ESCOLAR NO BRASIL**

### **1.1 Ensino de história no Brasil para refletir**

O ensino de História no Brasil tem uma trajetória pautada em dimensões históricas que envolvem uma lógica política, econômica, cultural, social e também religiosa – que muitas vezes privilegia uma minoria detentora do poder em detrimento a uma maioria que fica às margens do processo educacional. Quanto a esta última parcela, a maioria, mencionamos que ela continua sofrendo com as desigualdades que persistem no país. Diante do exposto, o olhar, por parte do professor de História - em perceber que a estrutura desse ensino foi causadora de exclusão - precisa ser conhecido e analisado por esses profissionais constantemente, para que suas práticas em sala de aula, na atualidade, sejam constantemente repensadas e se tornem as mais inclusivas possíveis.

De forma tradicional, o ensino de História no Brasil seguiu um percurso em que, comumente, os conteúdos da disciplina eram transmitidos de maneira que levava o aluno a decorar o assunto ou, ainda, a preparar a cola para ser utilizada no dia da prova. Quanto aos conteúdos, estes não faziam sentido para a vida do aluno, tampouco para a construção de uma consciência histórica, crítica, reflexiva, que fosse importante para ele atinja objetivos significativos ou mesmo para lutar por mudanças nas localidades em que vive - região ou país. Com isso, a disciplina História era vista, por muitos, como odiosa, distante de sua realidade, sem sentido.

A pesquisadora Elza Nadai, na década de 1990, escreveu um texto sobre o percurso do ensino de História no Brasil. Em parte do escrito, a autora faz o seguinte questionamento: “Terão os estudantes superado a ideia de que a História, como é ensinada, é realmente odiosa, os professores partido para a organização de outras práticas pedagógicas mais significativas?” (NADAI 1992/1993, p.143). Com isso, a pergunta de Nadai (1992) ainda serve para a segunda década do século XXI, pois, muitas escolas públicas e professores continuam sem recursos didáticos e pedagógicos adequados para a melhoria do ensino.

Na atualidade, a postura de alguns alunos também chama a atenção sobre como o ensino de História continua sendo praticado, uma vez que, quando propomos a leitura do livro didático, alguns afirmam ser chato e se fazemos um resumo do assunto no quadro, com os principais tópicos, alguns afirmam que o professor somente escreve e não explica. Além disso, se levamos um filme sobre determinado contexto histórico, então nos afirmam que a escola não dispõe de meios adequados para projetá-lo, fazendo-nos perder tempo da aula

arrumando o espaço para adequar a turma para a execução deste recurso. Em resumo, essas situações, entre outras, levam alguns alunos a terem uma impressão negativa quanto a esse campo de conhecimento, além de ficarem dispersos durante a aula.

A estrutura do ensino de História tem uma trajetória em que as críticas e a desvalorização, que partem de alguns discentes, façam parte da persistência de um ensino mnemônico, de uma relação hierárquica entre professor(a) e aluno(a), da falta de uma estrutura adequada na escola que permita ao professor o desenvolvimento com maior eficiência na formação de sujeitos conscientes.

Apesar das tentativas de muitos professores de História, que buscam dinamizar suas aulas, criando recursos didáticos, pesquisando materiais, jogos, filmes, ilustrações, fotografias, cordéis, que chamem a atenção do aluno para a aula, essas atitudes ainda não são suficientes. Afinal, em uma sala de aula, cada aluno tem suas especificidades, interesses, gostos, compromissos ou não com os estudos, além de que nem todos gostam ou encontram sentido na História ensinada, o que deve ser respeitado. Dessa maneira, cabe ao professor, nas suas atribuições e obrigações, continuar persistindo para tornar o ensino de História significativo para o seu alunado, dando-lhe sentido, contextualizando com a realidade vivida no chão da escola.

### **1.1.1. O Ensino de História no século XIX e XX no Brasil**

O ensino de História, desde o século XIX, esteve presente nas escolas primária e secundária no Brasil. Sua principal característica é a constituição da “identidade nacional” com métodos e conteúdos para atingirem esses objetivos (BITTENCOURT, 2009). Tratava-se de um ensino baseado em personalidades políticas, heróis nacionais, em que ocorria variação a depender do contexto sociopolítico e servia para a formação do império brasileiro, cuja parte significativa da população não tinha acesso a essas instruções.

Existia o ensino da História pátria de forma optativa, e o ensino da História sagrada, em que as narrativas valorizavam “os grandes homens”. Quanto a estes, eram vistos como exemplos que os discentes deveriam seguir. Ademais, baseava-se em um modelo eurocêntrico de ensino, no qual se valorizava a ordem, a obediência às hierarquias, de forma que os colonizadores portugueses eram vistos como pessoas que tiveram um papel somente benéfico na formação da nação. Nesse passado, ainda, conforme esse ensino, a trajetória de vida de índios, negros, mulheres, não aparecia, isto é, tais trajetórias eram silenciadas em uma historiografia linear, em que os fatos deveriam ser narrados tal qual aconteceram, baseados em documentos oficiais.

Em 1838, no Colégio Pedro II, foi introduzido no ensino secundário e na grade curricular a disciplina História. Daí por diante esta passou por transformações em seus conteúdos e métodos, de modo que fazia parte tanto do currículo das humanidades clássicas, como do currículo científico. Entretanto, suas características ficaram inalteradas e esse ensino tinha como finalidade “domesticar”, civilizar e homogeneizar os indivíduos para a formação de uma identidade nacional.

Os estudos da disciplina História se dividiam em História antiga, medieval, moderna e contemporânea, além da História sagrada. Além disso, tal disciplina fazia parte do currículo humanístico clássico e não tinha uma finalidade prática imediata, de maneira que atendia aos interesses da elite como uma forma de destacar os letrados e os iletrados (BITTENCOURT,2009). Assim, existiam entre o final do século XIX e início do século XX o ensino secundário nas escolas públicas, privadas e confessionais (essas existiram até a década de 1950). Nestas escolas, ainda, estudava-se o latim e os textos da literatura clássica, mas em 1850 a História da pátria foi separada da História geral, atendendo aos interesses de uma minoria que se mantinha no poder e instituiu as mudanças nos currículos escolares.

O final do século XIX foi marcado por mudanças significativas na vida das pessoas, principalmente da burguesia que passava por um processo de modernização e industrialização. Tais mudanças afetaram a educação, já que essa elite burguesa exigia a implantação de novas disciplinas no currículo a fim de atender seus interesses. Entre essas disciplinas, destacavam-se Matemática, Física, Química e Biologia, de forma que esta inclusão consistia em uma crítica ao modelo de currículo humanista em decorrência da industrialização, que se fortalecia na Europa e norte da América. Diante disso, dois modelos de currículo acabaram se articulando, cuja História acabou se separando definitivamente da História sagrada, mas continuou a ser um meio de conhecimento direcionado às elites, sendo esta vista como a única capaz de direcionar a nação ao progresso.

Fonseca (2006) afirma que somente em 1930 esse modelo de ensino - que privilegiava a classe de pessoas brancas, dos heróis nacionais e datas cívicas marcantes - começou a ser contestado, isto devido a uma corrente de professores ligados a ideias anarquistas. Nesse período também foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública, que passou a escolher os conteúdos escolares que seriam trabalhados nas escolas do Brasil. O Ministério supracitado centralizava, em suas mãos, essas escolhas, em que pouca coisa se alterou em relação ao ensino de História, isto é, que permaneceu com características mnemônicas.

O ensino de História, entre o final do século XIX e início do século XX, obedecia a um modelo conhecido como catecismo, no qual o aluno deveria aprender de forma decorada a

se expressar - tanto de forma escrita, como de forma oral. Diante disso, caso cometesse erros ou tivesse comportamentos considerados inadequados, os alunos estavam passíveis de punições. Em outras palavras, apreender história era saber de cor nomes, datas, fatos, ou seja, não consistia em um ensino reflexivo, mas de aplicação de métodos tradicionais, mnemônicos (BITTENCOURT, 2009).

A partir de 1930, fundamentados na psicologia cognitiva, surgem no Brasil os Estudos sociais, de modo que com essa proposta de ensino se valorizava a aproximação da criança quanto à sua realidade social. Para tanto, o ensino deveria aproximar o tempo e o espaço como forma de inserção do aluno. Devemos salientar, também, que o modelo era adotado pelas escolas americanas e, posteriormente, a lei 5.692 de 1971 implantou os estudos sociais em outras séries, substituindo História e Geografia – que passavam a ser estudados e discutidos de forma mínima e sob o controle do Estado ditatorial.

Em 1971, a lei 5.692 descaracterizou o ensino secundário, fazendo com que o ginasial fizesse parte do primário e o colegial se tornasse uma espécie de curso profissionalizante. Nesse momento, inclusive, foram instituídos os estudos sociais, em que foram fundidas as disciplinas de História e Geografia, e criadas as disciplinas de OSPB- Organização Social e Política do Brasil e EMC- Educação Moral e Cívica, nos oito anos do ensino primário. Quanto a esta implementação, nas aulas dessas disciplinas era comum ainda que os professores solicitassem, aos alunos, que desenhassem e pintassem os símbolos nacionais, bandeira, brasão, personalidades políticas, de maneira que alguns desses trabalhos eram utilizados em desfiles cívicos na comemoração da independência no dia 7 de setembro.

Schimidt e Cainelli (2009) afirma que o ensino de História continuou sendo ensinado no segundo grau, porém, de forma bastante reduzida, tendo em vista que para quem cursava o curso técnico em contabilidade e administração, por exemplo, somente estudava a disciplina no primeiro ano. Já no curso científico, no entanto, o ensino de História continuava atendendo aos interesses das elites, e sobre a tutela do regime militar (1964-1985).

Da mesma forma que no ensino de primeiro grau, no segundo grau os métodos se tornaram mais ativos em substituição aos mnemônicos, contudo, as aulas eram realizadas e centralizadas pelos professores, de modo que se exigia muitos conteúdos, leitura, aplicação de questionários. No tocante às provas, estas aconteciam geralmente aos sábados, visto que os alunos deveriam ser preparados para vestibulares. Segundo Bittencourt (2009), essa grande quantidade de conteúdo que os alunos deveriam estudar propiciava o uso da “cola”, isto é, as aulas continuavam decorativas, em que até mesmo as disciplinas de exatas, que deveriam ser realizadas em laboratórios, passaram a ser decoradas.

Na década de 1960, as escolas passaram a desenvolver estudos do meio e a utilizar outros instrumentos de ensino. Essa situação passou a ser controlada pelo governo militar, que instituiu que qualquer ato contrário ao governo poderia ser considerado como subversivo à ordem e ser enquadrado enquanto crime de lesa pátria. Dito isto, o ensino de História nesse período ficava sob o critério da instrução nacional, em que predominava a tentativa de implantação de um ensino que seguisse a ordem, às normas e às regras militares. Com efeito, os direitos e garantias individuais eram limitados e, caso ocorressem acontecimentos considerados contrários ao regime, o indivíduo poderia ser preso, exilado, torturado ou morto.

É somente na década de 1970 que a igreja católica, os movimentos ligados à teologia da libertação, as universidades em 1980, estudantes, intelectuais e outros setores da sociedade começam a lutar para combater o regime ditatorial, que governou o Brasil durante mais de vinte anos (CERRI,2011).

Após o período da ditadura militar no Brasil (1964-1985), começou a ocorrer no país discussões sobre propostas curriculares mais inclusivas, cujas escolas passaram a se tornar um local de debates, aprendizado crítico e reflexivo, ideal para superar o tempo sombrio do período militar. Assim, o ensino de História, nesse contexto, deveria se tornar mais inclusivo e abrangente com estudos sobre política, economia, cultura, sociedade, identidade, em que os indivíduos têm os seus ideários e devem lutar por justiça, liberdade, igualdade, melhorias sociais, de moradia, saneamento básico, escolas de qualidade, entre outros. Segundo Bittencourt (2009), a década de 1980 trouxe reflexões importantes sobre reformulação curricular.

Desse modo, os debates acerca dos conteúdos que deveriam ser mantidos ou substituídos ganham força nesse período. De um lado, havia grupos que defendiam a manutenção dos mesmos; do outro, aqueles que viam a necessidade de conteúdos que abrangessem o alunado das camadas mais populares, ou seja, defendiam os conteúdos tradicionais considerados importantes, mas com a inserção de outros conteúdos com temas mais significativos para os alunos, com uma visão maior de mundo.

As discussões dos temas recaem sobre os conteúdos mais adequados para os alunos das escolas públicas. Quanto às escolas das elites, existia jogos de interesse, bem como existia ainda a necessidade de mudança, uma vez que a escola passa a ser vista não apenas como um local de transmissão de conteúdo, mas também como espaço de reflexão sobre a vida em seus diversos aspectos.

Analisar um pouco o percurso do ensino de História no Brasil nos faz refletir que esta disciplina, por muito tempo, coexistia em torno dos interesses de quem detinha mais recursos

e deixava na exclusão aquelas narrativas que não possuíam validação social, de maneira que esse ensino vivia subjugado a um *status quo* de obediência quanto a quem obtinha poder. Nesse sentido, o ensino da disciplina atendia a quem tinha notoriedade nacional, privilégios e é isso que se verifica no ensino dessa disciplina durante o século XIX e em boa parte do século XX. No final deste último, devemos aludir, o ensino de história passa por transformações, tendo uma nova importância em ampliar os temas abordados nas aulas, despertando o aluno para um olhar do mundo crítico, participativo e consciente de seu papel como um sujeito histórico ativo, na construção da história.

Diante do mencionado, faz-se cada vez mais necessário que nós, professores de história, tenhamos um olhar atento para que determinadas práticas e conteúdos, que podem causar exclusão, não se repitam em sala de aula. Em síntese, é necessário levar o nosso aluno a reconhecer a si mesmo como parte do processo histórico, como o reconhecimento do grupo ao qual este pertence e poder ajudá-lo, também, a transformar uma determinada realidade. O ensino de História deve conduzir, portanto, os estudantes às práticas democráticas, de alteridade, respeito e de não submissão a quem procurar se perpetuar no poder. No tocante ao professor, importante frisarmos que, enquanto profissional, este deve se atentar às possibilidades de recursos que podem auxiliar a melhorar esse ensino, conforme o que estamos tentando fazer nesse trabalho.

### **1.1. 2 O Ensino de História no Brasil no final do século XX e primeiras décadas do XXI**

A trajetória do ensino de História, na atualidade, exige do professor provocar no aluno a percepção de que o processo histórico é repleto de continuidades e rupturas, e que essas são categorias de análise, em que a primeira conduz à existência de determinados acontecimentos do passado no presente; e a segunda introduz a cisão desse processo, trazendo alterações de forças que impedem que momentos do futuro não sejam igual ao presente. Em resumo, são essas as categorias de análise, continuidade e rupturas, permanências e mudanças, transformações dos processos históricos, que tornam inteligíveis as ações do homem no tempo (MENEGUELLO, 2019).

Assim, um ensino de História que não esteja atrelado às transformações sociais, que reflita a realidade do aluno, que o ajude a se construir enquanto cidadão de direitos e deveres, para com o meio em qual vive, causando impactos visíveis, é passível de questionamento pelos alunos, de forma a tornar esse campo de conhecimento pouco atrativo para estes. Um outro acontecimento que afeta o ensino de História está no âmbito do político, econômico e

social, que passamos a enfrentar na última década com a perda de direitos sociais que levaram anos para serem conquistados com muita luta – e, salientamos, estamos perdendo nesta década.

Tais acontecimentos também estão atrelados ao contexto da globalização, que é apontada de forma simplificada por Silva e Silva (2010) como “um processo de integração global, definindo-se como a expansão, em escala internacional, da informação, das transações econômicas e de determinados valores políticos e morais” (p.169). Esse fenômeno tem impactado de forma direta todas as pessoas, incluindo os alunos, que têm passado a conviver com pessoas de diversas partes do mundo, especialmente em decorrência das necessidades econômicas, ou seja, muitos trabalhadores têm migrado do seu local de origem para outros, inserindo-se e, muitas vezes, modificando aspectos dos costumes e da cultura local, produzindo identidades plurais, às vezes contestadas, e gerando, não raro, desigualdades (WOODWARD, 2014).

No Brasil, a década de 1990 foi marcada pela adoção de políticas neoliberais, sobretudo no governo de Fernando Henrique Cardoso, inserindo-se no contexto da “nova ordem mundial”, cujas práticas consistiam em:

(...) retomada do liberalismo do século XIX, que defende, sobretudo a tese do Estado mínimo, ou seja, menor intromissão de Estado no mercado e na economia. Os neoliberais acreditam na hegemonia do setor privado na desigualdade social como algo positivo para desenvolver a concorrência, selecionando os competitivamente mais aptos (SILVA; SILVA, 2010, p.171).

Nesse período se realizou e muito se falou sobre privatizações no Brasil. Nessa seara, podemos mencionar vários setores e instituições, inclusive Universidades públicas, de modo a provocar manifestações de movimentos sociais, sindicatos, sociedade civil, que passavam a lutar por uma educação de qualidade e pública, e que esta atendesse a todos, sem distinção de classes.

Seguindo o que estabelece a constituição federal de 1988, em 1996 foi aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). Desse modo, através dessa Lei, o ensino de História do Brasil passa a ser marcante na definição do marco que subsidia a composição do conteúdo escolar e dos livros didáticos na área de História, a saber:

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.  
[...]

§ 4º. O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígenas, africana e europeia (BRASIL, 1996, Art.26)

Nesse sentido, as mudanças que percebemos nos livros didáticos de História partiram de reivindicações, de movimentos sociais, professores, que percebiam a necessidade de um ensino de História que abordasse temas que não eram estudados em um passado recente. Estas pressões recaíam sobre os legisladores e governantes que foram impulsionados a realizarem acordos para a aprovação de uma legislação mais inclusiva, participativa e heterogênea, no trato com a diversidade social brasileira, porém, na prática muita coisa precisou, e ainda precisa ser feita, para que a lei alcance os efeitos desejados.

Em consonância com a aprovação da LDBEN, são publicados, em 1997, os PCN-Parâmetros Curriculares Nacionais, com a definição dos conteúdos das disciplinas escolares nas escolas, bem como a preposição de temas transversais a serem desenvolvidos no interior das mesmas. Em 1998, a Câmara de Educação Básica (CEB), do Conselho Nacional de Educação (CNE), aprovou a resolução que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (DCNEF).

Com isso, a aprovação da legislação na década de 90, do século XX, estruturava a organização de um ensino, incluído o de História, cuja pluralidade de ideias e de concepções pedagógicas fossem respeitadas na elaboração dos livros didáticos. Dessa maneira, não mais poderia predominar o pensamento de uma ideologia única, e nem autoritária, dos governantes que estivessem no poder. A partir desta conquista – e por meio dos setores, da sociedade civil, sindicatos, professores, movimentos sociais, entre outros –, foi possível promover, em sala de aula, reflexões e debates cada vez mais pautados nos princípios democráticos e de construção da cidadania.

Todavia, a globalização está inserida nesse contexto, em que aproxima os indivíduos – por meio do comércio, da informação, comunicação, transportes –, assim como também gera o individualismo, a competitividade e as buscas aceleradas de obtenção de lucros. Com a globalização, ainda, acentuam-se as desigualdades e estas afetam os alunos de muitas escolas públicas, a exemplo dos que estudam em Porto da Folha, Sergipe. Assim sendo, os avanços tecnológicos fazem, muitas vezes, as pessoas desprezarem o que é considerado velho, o que, de certa forma, impacta o ensino de História, que passa a ser considerado coisa antiga, do passado, sem importância, desvalorizado (BERUTTI; MARQUES, 2009).

Mesmo diante dessa situação, o ensino de História torna-se cada vez mais importante, conforme nos diz Cerri (2011) somos seres de cultura e agimos em sociedade. Além disso, na

relação com a natureza – de forma rica, dinâmica, variada, criativa –, participamos das relações entre o sagrado e o profano, bem como participamos de cultos em irmandades, orixás. Também, somos capazes ainda de produzirmos uma variada culinária e participamos de rituais religiosos e de festas, ou seja, não servimos unicamente para trabalhar e consumir, não somos uma coisa apenas. Pelo contrário, entre tantas outras, somos plurais, diversos, heterogêneos, e semelhantes em alguns aspectos, mas não iguais.

Segundo Moreira e Vasconcelos (2007), a capacidade humana de produzir a diversidade, faz com que o ensino de História se torne importante, visto que possibilita a observação das experiências do passado, tornando-se conscientes de nossa identidade social. Mesmo que a História não se dedique unicamente ao passado, esse conhecimento nos faz conhecer a nós mesmos, o grupo do qual fazemos partes e grupos dos quais não estamos inseridos, isto é, esse papel exercido pelo ensino de história pode nos tornar cidadãos conscientes da necessidade de agir no mundo e transformá-lo.

Estudar História na atualidade no Brasil é muito importante, pois, ajuda na construção de identidades e aguça o nosso olhar para compreendermos nossa realidade, ajudar a transformá-la. Nesse aspecto, podemos salientar que essa situação foi percebida no final do século XX, através dos acontecimentos que envolveram a reformulação curricular, a exemplo do PCN. Em síntese, as pluralidades de identidades precisavam encontrar espaço no ambiente escolar, para que todos se sentissem, de alguma forma, incluídos nesse contexto de formação e discussão (CIRCE BITTENCOURT, 2009).

As identidades, nesse sentido, não consistem em algo “pronto e acabado” ou, ainda, é algo dado pela natureza e tampouco pela cultura. Em contrapartida, tais identidades estão em permanente construção, ou seja, não é fixa, não é inalterada, mas podem sofrer transformações ao longo da vida à medida em que o indivíduo interage com a natureza e com a cultura de maneira a incorporar elementos dessa vivência à sua existência, de forma significativa (SILVA, 2014). Com efeito, as identidades devem ser constantemente discutidas na escola e no ensino de História, uma vez que estas estão atreladas às estruturas narrativas e aos interesses sociais, assim como faz parte do processo de produção humana – consigo mesmo e com o outro.

O ensino de História e o papel da escola na atualidade auxilia na construção da identidade e, conseqüentemente, da cidadania (CIRCE BITTENCOURT, 2009). Afinal, com a variedade de temas que pode ser discutida nesses espaços – relacionando o passado ao presente e procurando mostrar que erros do passado não devem se repetir na atualidade –, o

aluno deve ser orientado a construir uma identidade livre, mais em consonância e com respeito ao outro, ou seja, pautado em conceitos de cidadania.

Para trabalhar em sala de aula e no ensino de História no século XXI, é de fundamental importância que o professor conheça o conceito de cidadania que deseja aplicar, uma vez que este, ao longo do tempo, vem passando por transformações, segundo, Silva e Silva (2010).

O conceito de cidadania que temos hoje é fruto das chamadas Revoluções burguesas, particularmente da Revolução Francesa e da independência do EUA do século XVIII, mas também da Revolução Industrial (...) A rigor a podemos definir como um complexo de direitos e deveres atribuídos a um indivíduo que integra uma Nação, complexo que abrange direitos políticos, sociais e civis (...) Em resumo, podemos entender a cidadania como toda prática que envolve a reivindicação, interesse pela coletividade, organização de associações, luta pela qualidade de vida, seja na família, no bairro, no trabalho, ou na escola, ela implica um aprendizado contínuo, uma mudança de conduta diante da sociedade de consumo que coloca o indivíduo como competidor pelos bens da produção capitalista (SILVA; SILVA, 2010, p.47-50).

A cidadania trabalhada no ensino de História possibilita, ao aluno, conhecer seus direitos e seus deveres no convívio social, percebendo que o conceito não surgiu de uma hora para outra, mas que vem se constituindo ao longo do tempo e conforme os interesses e as lutas das diversas sociedades. Ao mesmo tempo, tal conceito se manifesta também nas diferentes instituições, associações, família, Estado, trabalho, entre outros, gerando processos de emancipação e de ocupação de espaços.

Dito isto, procurando romper com a linearidade e o determinismo dos estudos da História, na década de 1980, os estudos voltados para a História temática ganham força. Segundo esse conceito, a historiografia e a História ensinada em sala de aula passavam a ter a possibilidade de abordar sujeitos históricos “esquecidos” por esse campo de conhecimento e estudos. Em sala de aula, esta perspectiva permite que os alunos e os professores interajam com as suas realidades, de modo a abordar temas e Histórias de sujeitos anônimos locais, sentindo-se estes como parte integrante do processo histórico, além de capazes de intervir em sua realidade local, de forma consciente e cidadã (FONSECA, 2003).

Essa concepção de ensino e aprendizagem facilita a revisão do conceito de cidadania abstrata, pois ela não é algo apenas herdado via nacionalidade, nem se liga a um único caminho de transformação política. Ao contrário de restringir a condição de cidadão e de mero trabalhador e consumidor, a cidadania possui um caráter humano e construtivo, em condições concretas de existência (FONSECA, 2003, p.94).

No século XXI, um dos objetivos do ensino de História é combater a exclusão. Nesse aspecto, a História baseada em temas ajuda nesse processo, uma vez que permite romper com processos homogeneizadores que colocam os indivíduos, muitas vezes, no obscurantismo.

Ademais, trabalhar com sujeitos históricos anônimos, em sala de aula, ajuda a quebrar o *status quo* quanto às de ideologias que pretendem formar o cidadão unicamente para o progresso, ou seja, obedientes à classe dominante.

A formação do cidadão, no momento em que as tecnologias se impõem, chama a atenção da educação e do ensino de História, já que ambas têm uma importância de integralização desses novos recursos digitais e que passavam a fazer parte da vida das pessoas, modificando os seus modos de agir em sociedade, nos estudos e no trabalho:

Não podemos nos esquecer de que a educação formal também deve estar atenta às tradicionais necessidades dos grupos marginalizados por acesso aos saberes que lhes possibilitam melhores condições de vida. Uma educação da inclusão digital não pode esquecer da inclusão social. A educação que qualifica e prepara o aluno para agir no mundo globalizado, só representa avanço na medida que o prepara para o exercício consciente da cidadania em sua comunidade local (PACHECO, 2017, p. 16-17).

Com o objetivo de localizar os acontecimentos no tempo, o ensino de História torna-se cada vez mais essencial, pois vivemos em uma sociedade no presente, contraditória, repleta de problemas, de injustiças, violência, desemprego, desigualdades, exclusão. Diante disso, o ensino de História deve se tornar o mais democrático possível, respeitando as diferenças e conduzindo os indivíduos a perceber fatos que dizem respeito à política, economia, cultura, a fim de que, conscientes dessa situação, passem a lutar por uma sociedade justa e democrática.

A consciência histórica parte de situações em que os sujeitos históricos tomam consciência de sua existência no presente, e na qual o grupo pertence. Assim, esta percepção leva-o a se orientar no tempo e no espaço, percebendo que a História já existia antes do seu nascimento, que continua existindo durante a sua vida e continuará existindo e se transformando após a sua morte. O ensino de História, nesse sentido, tem um papel político e social, que pode levar o ser humano a valorizar o sentimento de pertencer, de viver e conviver em grupo (CERRI, 2011).

No que diz respeito à consciência histórica, com base nas ideias de Agnes Heller e Jorn Rusen, Cerri (2011), que afirmam que este tema “não ocorre apenas em um determinado momento histórico, e nem também somente em algumas regiões do planeta, para esse a consciência histórica não é meta, faz parte do pensamento humano” (p.27). Portanto, não é necessário que o indivíduo vá até a escola e tenha aulas de História para adquiri-la. Em contraposição, o ensino de História pode ajudá-lo a obter conhecimentos que o auxilie nas reflexões de seus pensamentos, tornando esses mais conscientes de determinados contextos históricos.

Diante dessa reflexão, podemos nos questionar: Como o ensino de História auxilia no desenvolvimento da consciência histórica? Para Cerri (2011) o ensino de História ajuda o sujeito histórico a expandir o pensamento reflexivo, formando uma defesa intelectual que o impede de se submeter aos interesses e à dominação alheia que possam lhe subjugar. De forma coletiva, impede a formação de pensamentos ou ações, baseados em nacionalismos e autoritarismos exagerados. O ensino de História também possibilita o diálogo, esse capaz de atuar e transformar uma determinada realidade, pois, o diálogo permite ajustar os erros, acertos, de maneira a analisar os diversos pontos de vistas colocado em questão, interagindo com uma sociedade que valorize as atitudes democráticas.

Após o exposto, já na seara do ensino de História no século XXI, é possível afirmarmos que os seus conteúdos e métodos se tornam, cada vez mais, importantes, já que vivemos em uma sociedade marcada pela exclusão, em uma economia capitalista globalizada, em que se faz necessário que os sujeitos históricos tomem consciência de seu importante papel na atuação social como forma de ajudar a transformar essa realidade, tornando-a mais justa, digna e igualitária. Além disso, possibilitando também que esses sujeitos históricos consigam perceber a importância do grupo, ou mais de um grupo, que fazem parte. Quanto ao espaço escolar, o ensino de História deve conduzir a essa reflexão e, em se tratando de escolas públicas, isso se torna ainda mais importante nos ambientes em que estão inseridos os alunos advindos das camadas populares menos favorecidas e que necessitam de direcionamento, informação e conhecimento para transformar sua realidade.

Nesse contexto, no qual analisamos a trajetória do ensino de História, é importante estudar a festa do vaqueiro da cidade de Porto da Folha, Sergipe? É possível tornar esse tema um objeto de estudo? A quem interessa esse tipo de estudo? Qual a importância desse estudo? E no que se refere à História local, esse estudo é importante em tempos de globalização? O que entendemos por festa do vaqueiro no mundo globalizado? Essas são algumas interrogações que iremos tentar responder nesse trabalho, apesar de sua complexidade.

## **1.2. É pertinente estudar a festa do vaqueiro de Porto da Folha? O que isso tem a ver com a história local? E mais ampla?**

Ingressar no Profhistória nos fez enxergar a necessidade de contextualizar temáticas locais até os conteúdos mais amplos, isso devido à importância atribuída ao ensino de História, o que deve amenizar o distanciamento e a falta de interesses de alguns alunos por esse campo do conhecimento, aproximando a forma de ensinar ao seu cotidiano, aos acontecimentos de sua realidade local, bem como das tradições festivas.

Diante dessa situação, resolvemos ensinar História delimitando nosso objeto de estudo a uma manifestação cultural, o que já é muita significativa para boa parte da população do município sergipano de Porto da Folha, uma vez que se trata da sua festa do vaqueiro. Sobre ela, inclusive, devemos aludir que esta festividade se tornou um patrimônio cultural imaterial de Sergipe, conforme lei ordinária Nº 195/2019, aprovada pela Assembleia Legislativa de Sergipe em 22 de outubro de 2020.

Para entender um pouco mais sobre a festa do vaqueiro, devemos entender as festividades, assim como a História que é um campo do conhecimento, não como algo estático, parado no tempo, mas como algo dinâmico, ou seja, que acontece, se transforma, se adapta, se repete, se utiliza de símbolos e rituais para se manter, para existir, não como algo imóvel, mas vivo, espaço de diversão, frustração, jogos de interesses por parte de classes dominantes, como também um ambiente de criatividade por parte das classes menos favorecidas e da sociedade em geral.

Para a pesquisadora Mary Del Priore (1994), as festas são momentos de diversão, alegria, criatividade, frustrações, paixões, violência, reflete a capacidade de reivindicar da sociedade, demonstra ainda os interesses que marcam quem domina o poder, é local de trabalho, espaço lúdico, simbólico, de realização de rituais. As danças e músicas, além de marcar a diversão, servem como meio dos indivíduos introduzirem valores, normas, conhecimentos comunitários, tradições repassadas dos mais velhos aos mais novos, euforia, gestos e movimentos corporais.

A partir da década de 1970, os estudos das festas começaram a ganhar força, quando pesquisadores ligados à corrente historiográfica dos estudos culturais e das mentalidades passaram a analisar as festas como espaços de representações religiosas, cívicas, populares, carnavalescas. Em suma, estes estudiosos buscaram entender as atitudes, os comportamentos, os campos de tensões, os espaços de realização do simbólico e rituais, ligados à tradição. Dessa forma, procuravam ainda entender a coletividade social e suas diversas formas de manifestação cultural (COUTO, 2001).

As festas são uma forma de manter e resgatar as tradições locais e a memória, isto é, reafirmando valores. Afinal, em festas populares existe toda uma força de vontade de um grupo para realizá-la, tendo em vista que estes a entendem como parte da construção de sua identidade, e estas devem ser preservadas pela comunidade local como parte de suas tradições, representatividades. Em suma, devem ser entendidas e preservadas como algo que serve, para a população envolvida, de referência e identificação, bem como para interagir e ocupar espaços na sociedade.

Com efeito, ao analisarmos todas essas questões aqui abordadas, adotamos a tradição festiva como temática capaz de ser utilizada nas aulas de História, uma vez que:

Seguramente toda festa popular é importante fonte para construir as particularidades da História da formação da cultura brasileira, servindo de ponto de partida para ensinar História de maneira contextualizada. Pode se partir do cotidiano vivido pelos nossos jovens, aprendizes de foliões (...) para construir uma reflexão ampla acerca dessa identidade que se constituiu e constantemente se transforma (CATELLI JUNIOR, 2009, p.180).

Mediante o exposto, faremos a abordagem sobre a festa do vaqueiro de Porto da Folha, que se caracteriza pelas pegadas de boi no mato na caatinga. Este tipo de vaquejada tem uma longa trajetória em um contexto, onde essas acontecem e em diversas partes do território nordestino, brasileiro.

Discutir com os alunos de Porto da Folha-SE sobre a festa do vaqueiro é uma importante oportunidade de fazê-los compreender que a História não é somente coisa do passado, que ela está acontecendo no presente e que possui um fio condutor que permanece, se transforma e adapta-se às novas realidades. Os estudos com a História local, além disso, é imprescindível em tempos de globalização, pois permite contextualizar a realidade local e sua inserção no mundo, sua utilidade.

Os estudos que abordam a História local têm sido discutidos no ensino de História. A pesquisadora, Maria Auxiliadora Schimdt, por exemplo, propõe através da “transposição didática”, as seguintes possibilidades:

Produzir a inserção do aluno na comunidade da qual ele faz parte, criar sua própria historicidade e produzir a identificação de si mesmo, e também de seu redor, dentro da História, levando-o a compreender como se constitui e se desenvolve a sua historicidade em relação aos demais, entendendo quanto há de História em sua vida que é construída por ele mesmo e quanto tem a ver com elementos externos a ele-próximo/distante; temporais/espaciais (SCHIMIDT, 2007, p.190).

Entre os séculos XIX e boa parte do XX se destacaram, no Brasil, as produções historiográficas, por meio de pesquisadores do Instituto histórico e geográfico brasileiro (IHGB) e seus congêneres provinciais/estaduais. Assim, é desse espaço que vêm as principais críticas ao ensino de uma História, local e regional. Quanto aos trabalhos realizados nesse período, destacavam-se as corografias, que valorizavam estudos das tradições e memórias coletivas. Ademais, as obras desse período abordavam aspectos políticos, fauna e flora, famílias ou personalidades políticas consideradas importantes, ou seja, era uma História local marcada por aspectos deterministas e excludentes, contudo, mesmo assim, eram ensinadas aos jovens aprendizes (NASCIMENTO JUNIOR, 2016).

Segundo Marcos Martins (2010), por volta da década de 70 e 80 do século XX, as corografias foram sendo deixadas de lado, uma vez que as Universidades começaram a pesquisar sobre História local, regional e nacional – fato que causou também confusão, já que as Universidades, como a USP. No tocante à Universidade de São Paulo (USP), inclusive, é importante mencionarmos, por exemplo, que esta Instituição começava a pesquisar sobre a História de São Paulo, já que se trata de um estado que passava a ser referência na História nacional em razão da produção do café, da imigração e das vanguardas artísticas. Na década de 80, ainda, outras Universidade espalhadas pelo Brasil passavam a estudar a História local e regional, dando novos contornos até então à historiografia estudada, desconfiando das macro abordagens ou abordagens totalizantes.

Quanto às especificidades locais, em tempos de globalização, percebemos que características regionais e locais persistem no tempo. Em outras palavras, se pensarmos que o capitalismo chinês não é o mesmo capitalismo exercido no Brasil ou as festividades comemoradas em Portugal não ocorrem do mesmo jeito no Brasil, mesmo a globalização difundindo valores e comportamentos e induzindo gostos, as características das comunidades locais ainda procuram se manter com as suas próprias especificidades. Nesse sentido, ainda na seara dessa reflexão, os conflitos não deixam de existir, especialmente quanto à diferenciação e à uniformização, mas estes possibilitam que os aspectos regionais gerem atitudes que busquem constantemente a sua manutenção e a sua reorganização nos espaços (QUEIROZ E SILVA, 2001).

Desse modo, os estudos da História local se tornam cada vez mais importantes, uma vez que permite combater as formas de conteúdos e discursos mais generalizantes, conforme aparecem nos livros didáticos e outros meios. Tais estudos, vale frisarmos, valoriza a cultura do ambiente estudado, dando um novo significado ao local, bem como levanta problematizações e hipóteses que, por si só, já revela a sua utilidade em qualquer nível de ensino da educação básica (MARTINS, 2010).

É imprescindível levarmos os alunos a se debruçarem sobre a História de sua localidade, com o intuito de que estes possam perceber que a História não é somente construída por homens distantes do seu tempo e espaço. Pelo contrário, a História acontece também no prédio, no bairro e na cidade, de maneira que a História local é muito importante como oportunidade dos alunos se sentirem parte da construção histórica, na condição de sujeitos históricos. Ademais, a História local também revela que as lutas por melhores condições de vida não advêm somente do sindicato, instituição, movimentos sociais, mas que essas também são pensadas e praticadas por agentes do anonimato, que tem seus valores,

tradições, ideias, religião e que, muitas vezes, são silenciados em suas particularidades, ficando sem voz para melhorar as condições da localidade onde vive (QUEIROZ E SILVA, 2001).

A História local, como salienta Bittencourt, não tem dado pouca contribuição aos professores que atuam, em salas de aula, pois:

A história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência-escola, casa, comunidade, trabalho e lazer- e igualmente por situar os problemas significativos da História do presente (BITTENCOURT, 2009, p.168).

Nesse aspecto, é necessário fazer o indivíduo conhecer a localidade onde está inserido. Logo, de que forma ele vai atuar na busca por uma sociedade mais justa e igualitária? Como vai se posicionar para o mundo sem ter o devido conhecimento? É sobre questões como essa que Luís Fernando Cerri afirma que:

(...) faz toda diferença conhecer, mesmo que superficialmente, a História das coisas que nos cercam e com as quais interagimos (objetos, ideias, situações, instituições, leis) ao tomar nosso posicionamento diante dos múltiplos aspectos da realidade. Entender as coisas como construção, com uma duração própria, é necessário para quem agir sobre elas (CERRI, 2011, p.58).

Ao fazer uso em sala de aula da História local, o professor deve estar atento às seguintes situações: primeira, essa não pode encontrar somente respostas imediatas e fontes únicas para suas problematizações e indagações, visto que se relaciona com fatores mais amplos da sociedade e do mundo; segundo, se a história local é utilizada para a construção de identidade, na atualidade, devemos observar os efeitos da globalização que devem estar situadas no local, nacional, latino-americano, ocidental, etc; terceiro, a história local por si só não tem a chave própria para todas as explicações, esta se relaciona com contextos mais amplos, que envolve o político, econômico, social, cultural da sociedade e do mundo (SCHIMIDT;CAINELLI, 2009).

Diante disso, a partir do que foi mencionado, podemos afirmar que o ensino de História é de fundamental importância para a formação de um cidadão mais crítico, participativo e consciente, ou seja, que isso pode ser alcançado, tanto fazendo uso da História local, como das festividades. Neste sentido, um exemplo é o que ocorre na festa do vaqueiro de Porto da Folha, que tem como base de sua tradição as corridas de boi no mato. Assim, os alunos porto-folhenses, cada um com suas particularidades, participam da festa anualmente, vivenciando-a como sujeitos históricos. Por fim, o próximo capítulo é destinado ao tratamento mais detalhado e peculiar dessa festa.

## **2.NO NORDESTE BRASILEIRO: CONTEXTUALIZANDO AS VAQUEJADAS DE PEGA DE BOI NO MATO**

### **2.1. A dinâmica da festa do vaqueiro, e o diálogo com alguns intelectuais da temática**

Dentro das festividades que se comemora no município sergipano de Porto da Folha, podemos destacar o natal de rua, comemorado em diversas ruas da cidade durante o mês de dezembro. Nesse mesmo mês também se comemora, mais especificamente no dia 08, a festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição. Porém, entre essas festividades, desde muito jovem nos chamava atenção a festa do vaqueiro, que sempre ocorre no último final de semana do mês de setembro de cada ano.

De diversas partes do Estado de Sergipe e de outras regiões – por onde o povo buraqueiro anda –, muitas pessoas ao nos identificarmos como naturais de Porto da Folha logo nos pergunta sobre a data da tão famosa e visitada festa do vaqueiro. Anualmente, os preparativos para a festa são discutidos e muito esperados por boa parte da população, assim como por pessoas que vêm de outras localidades e regiões para participar e trabalhar.

Diversos parentes, avós, pais, tios, tias, primos, amigos e vizinhos que foram morar em outras cidades vêm para Porto da Folha, no último final de semana do mês de setembro, celebrar a sua tradicional festa do vaqueiro. Ademais, quem trabalha em escolas do município muito escuta os alunos comentarem, com euforia, sobre a festa, além das roupas novas que vão comprar, das expectativas nas atrações musicais, da preparação dos cavalos, da paquera, do namoro e do encontro com pessoas de diversos lugares.

Esse evento tem como protagonista “O vaqueiro”, cuja prática cultural identitária se refere ao trabalho de pegar o boi no mato. Nessa festa, essa manifestação cultural da pega do boi no mato ocorre no Parque de vaquejada Nilo dos Santos, localizado no povoado Serra dos homens – sendo este pertencente ao município de Porto da Folha.

Outro aspecto da referida festa consiste no fato de que se trata de um evento que muitas pessoas não querem perder. No entanto, cada um tem suas particularidades, a saber: para os mais jovens, o interessante é cair na folia, preparar um cavalo para montaria, andar pelas ruas da cidade, sozinho ou em companhia de amigos, namorados, bem como emprestar o cavalo para quem sabe montar, mas não dispõe do mesmo, isto é, muitos são os cavalos montados pelos seus donos, andando para cima e para baixo nas principais ruas e avenida da cidade. Além disso, os jovens e adultos que gostam dessa atividade se preparam para assistir,

à noite, aos shows musicais no palco oficial na praça da Matriz. Em suma, são três dias intensos de festa em que cidade se transforma, diferentemente dos dias normais, habituais.

A participação de diversos seguimentos da sociedade porto-folhense caracteriza a festa como uma manifestação da cultura popular<sup>5</sup>. Em linhas gerais, termo este que, segundo documento redigido em 1989, na 25ª Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e a cultura (UNESCO) é “o conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundada na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente, respondem às expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social”. Contudo, a festa envolve um público de variada etnia, sexo, classe social, da localidade e de outras regiões.

Desse modo, a festa do vaqueiro de Porto da Folha está entre os eventos que mais mobiliza a população e as autoridades locais para a sua realização, tendo em vista que o evento atrai turistas de diversas partes do Brasil e do mundo. Frisamos, também, que tal festividade é aguardada por comerciantes e ambulantes que garantem uma renda extra, vendendo seus produtos nos dias da festa - sendo esta que movimenta ainda pousadas, restaurantes, bares, comidas típicas, vendedores de fogos de artifícios, pessoas que têm suas casas e as alugam nos dias da festa. Além disso, há ainda as grandes atrações musicais de artistas de renome nacional, o que é um importante meio de políticos locais se promoverem e um grande atrativo para a festa.

Outro ponto acerca da festa diz respeito aos primeiros passos, que já tem início com a organização da comissão durante boa parte do ano. Destacam-se, neste sentido, as reuniões que ocorrem geralmente nas primeiras sextas-feiras de cada mês, envolvendo os sócios que fazem parte da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos<sup>6</sup>, entidade que organiza a parte tradicional da festa, como a alvorada festiva, cortejo pelas ruas da cidade e as pegas de boi no mato no parque. Quanto a esta parte da festividade, é relevante mencionarmos que existe toda uma estrutura que deve ser bem montada, uma vez que a pega do boi no mato consiste na seguinte prática relatada pelo professor Luiz Henrique Santos Cardoso, sócio da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos e que, nos dias da festa, este trabalha no curral na soltura do gado. Dito isto, o professor nos deu a honra de relatar:

---

<sup>5</sup>De acordo com o site toda matéria, a cultura popular representa um conjunto de saberes determinados pela interação dos indivíduos. Ela reúne elementos e tradições culturais que estão associados à linguagem popular e oral. Assim, a cultura popular inclui o folclore, o artesanato, as músicas, as danças, as festas, dentre outros. Ver: <https://www.todamateria.com.br/cultura-popular/> Acesso 23/01/2022.

<sup>6</sup> Localizada a Rua Antônio José Pereira, 127, Centro, Porto da Folha, Sergipe.

Sempre ao sábado do último final de semana do mês de setembro ocorre uma grande pega de boi no mato, em que são soltas mais de 300 rezes, uma a uma, na modalidade “jiqui<sup>7</sup>”, uma espécie de tronco de curral que é passagem por onde cada rês é liberada após uma conferência do número que cada uma delas recebe e carrega em uma medalha (colar amarrado em seu pescoço ou chifres), e dos vaqueiros que irão tentar sua captura na caatinga fechada.

Essa medalha servirá de comprovação se tal rês foi realmente amarrada e, assim, a equipe de vaqueiros receberá o prêmio previamente determinado no momento da soltura do animal na caatinga, por meio da retirada de um papel dobrado em uma sacola de couro, denominada “Bozó<sup>8</sup>”, pelo vaqueiro como forma de sorteio. Leva-se em média 1,5 minuto para soltar cada rês<sup>9</sup>. Essa movimentação se inicia às 8:00 e termina por volta das 16:00, o que requer uma organização prévia muito bem feita, de dias, e por um grande número de colaboradores – até porque não é fácil liberar aproximadamente 320 rezes com todo esse protocolo.

Dito isto, tudo começa com o agrupamento das mais de 300 rezes cedidas por fazendeiros da região, criadores de gado bravo para um cercado alugado pela Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, que as trazem em caminhões boiadeiros ou mesmo à moda antiga, tangidas por vaqueiros montados pelas estradas da região. Devemos frisar, inclusive, que toda essa preparação acontece com uns 15 dias de antecedência para garantir que não haverá surpresas negativas no momento da corrida.

Mais adiante, já na sexta-feira que antecede o evento, ao meio-dia, o gado é conduzido ao parque Nilo dos Santos por pelo menos 10 pessoas com experiência nesse trabalho, uma vez que animais dessa categoria não são fáceis de se lidar. Lá, dormem nos currais, devidamente fechados com cadeados, para no dia seguinte serem soltos por outra equipe com mais de 20 pessoas nas mais variadas funções (controladores das cancelas, conferidores de medalhas, locutores, fiscais de cerca, soltadores, etc.). Dessa maneira, é que anualmente ocorre, no parque de vaquejada Nilo dos Santos, a maior atração festiva da cidade, baseada na pega de boi no mato, na caatinga.

---

<sup>7</sup> De acordo com o vaqueiro José Alves de Oliveira (Zé Miúdo), entrevista concedida ao autor, em Porto da Folha-SE. Em 21 de abril de 2021, jiqui é o curral onde o gado fica preso, e nas competições de pegas de boi vão sendo soltos um a um.

<sup>8</sup> De acordo com o vaqueiro José Alves de Oliveira (Zé Miúdo), entrevista concedida ao autor, em Porto da Folha-SE. Em 21 de abril de 2021, Bozó é uma espécie de mochila, sacola de couro utilizada pelo vaqueiro que a pendura no ombro, serve para colocar água, água ardente, rapadura, farinha de mandioca, queijo, entre outros.

<sup>9</sup> De acordo com o Dicionário Online de Português, rês significa, Zoologia. Animal quadrúpede, com quatro patas, cuja carne é usada para alimentação humana. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/rês/> Último acesso em 20/01/2022.

Conhecer a dinâmica da festa do vaqueiro é uma coisa, levar a temática para as aulas de História é outra coisa bem distinta. Para esta última tarefa, torna-se necessário que reflitamos um pouco mais sobre o festejo, o que faz com que uma série de questões básicas surjam. Dentre elas estão: O que seria a pega de boi no mato, na festa do vaqueiro de Porto da Folha? Como encontrar um conceito que a defina? É uma festa de origem brasileira? Ela ocorre em outros Estados do Brasil ou somente em Sergipe? Quais os municípios sergipanos que realizam essas festividades? Como passou a ser realizada no município de Porto da Folha? Como ela vem se desenvolvendo ao longo do tempo? Por contar com um parque de vaquejada, coberto pela vegetação da caatinga e fazer uso de animais, ela causa algum dano ao meio ambiente?

Procurando responder as questões propostas, recorreremos a trabalhos de intelectuais que abordam, de alguma forma, a temática sobre a trajetória histórica dos vaqueiros na região do Nordeste brasileiro. Com isso, nos deparamos com a obra clássica *Capítulos de história colonial (1500 – 1800) & Caminhos antigos e povoamento do Brasil*, publicada em 1907 por João Capistrano de Abreu, isto é, esta interessa a quem busca estudar o período colonial brasileiro, sua forma de colonização e ocupação do território, por bandeirantes e sertanistas, conflitos, fronteiras, a penetração para o interior (sertão). A partir desta obra, o vaqueiro nordestino é visto em suas atividades de trabalho para cumprir as seguintes finalidades:

A este cabia amansar e ferrar os bezerros, curá-los das bicheiras, queimar os campos alternadamente na estação apropriada, extinguir onças, cobras e morcegos, conhecer as malhadas escolhidas pelo gado para ruminar gregariamente, abrir cacimbas e bebedouros (ABREU, 1962, p.131).

Outro trabalho de relevância encontramos na obra de Euclides da Cunha, publicada em 1902, *Os sertões*. Nesse livro, o escritor, que era jornalista, foi enviado para o sertão da Bahia para narrar os acontecimentos da Guerra no Arraial de Canudos, no final do século XIX. Em síntese, de forma crítica e realista, Cunha mostra o cotidiano das pessoas que o compõe, entre elas os vaqueiros que, em parte de sua obra, têm suas vestimentas de couro, a saber:

O seu aspecto recorda, vagamente, à primeira vista, o de guerreiro antigo exausto da refrega. As vestes são uma armadura. Envolto no gibão de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no colete também de couro; calçando as perneiras, de couro curtido ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo até as virilhas, articuladas em joelheiras de sola; e resguardados os pés e as mãos pelas luvas e guarda-pés de pele de veado - é como a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo (CUNHA, 2012, p. 458-459).

Cordel as vestimentas de couro dos vaqueiros sertanejos  
(Cordelista José Abraão Rezende Goveia)

No sertão de Sergipe	Suas perneiras de couro
É possível se ver	Faz parte da atração
O vaqueiro vestido	Das suas vestimentas
No seu gibão a correr	E da sua árdua profissão
Mostrando o seu orgulho	Protegendo dos perigos
E o seu bom pertencer	Das pegas de boi do sertão
Com suas vestes de couros	Já o bozó de couro
Com características regionais	Tem uma grande função
Os seus chapéus de couro	Guarda bem protegida
São bem tradicionais	Suas bebidas e alimentação
Protegendo a cabeça	Quando esses tocam as boiadas
Contra baques fatais	Nas estradas da região
O seu terno de couro	Suas vestimentas de couro
É um bom gibão	Sempre artesãos produziram
Sendo o grande orgulho	Esses com seus talentos
Do vaqueiro campeão	Aos vaqueiros sempre contribuíram
Que mantem no Nordeste	Pois suas vestes de couro
A sua bela tradição	No tempo resistiram
Seus guardas peitos de couro	Em Porto da Folha
Usado nos seus peitorais	É possível se ver
Protegendo dos perigos	O vaqueiro vestido
De perfurações fatais	Encourado a correr
Enfrentando a caatinga	Mantendo a tradição
E seus arbustos originais	Muito lindo de se ver

A festa do vaqueiro de Porto da Folha- SE e a tradição das pegas de boi no mato está no contexto das festividades relacionadas às vaquejadas no Nordeste brasileiro, ao ciclo de criação do gado e solta, e depois associado ainda ao processo de cercamentos das terras. Nesse aspecto, ganhou relevância para esse trabalho a obra *vaqueiros e cantadores*, publicada em 1939, de autoria do folclorista Câmara Cascudo. Na referida publicação, o autor ressalta as importâncias dos vaqueiros e cantadores para a cultura popular sertaneja, as festas de vaquejadas alegres, os bois que corriam descampados, desafiando os vaqueiros, que os viam como heróis, glorificado pelo povo. Inclusive, durante esses eventos ocorriam a declamação poética de cordéis, sobre bois e sobre a cultura sertaneja.

Outro trabalho interessante ao qual recorreremos foi defendido por Laura de Albuquerque Maurício, em 2006, com o título “Aboio, o canto que encanta: uma experiência com a poesia popular cantada na escola”. Esse se constituiu em um levantamento, através de depoimentos, da experiência com a poesia cantada pelo vaqueiro Zé Preto, morador de São

José dos Ramos, Zona da Mata Paraibana. O aboio<sup>10</sup> faz parte do contexto das vaquejadas de pega de boi no mato, como a que ocorre em Porto da Folha e tem uma representatividade em boa parte do nordeste brasileiro.

Obteve considerável relevância para essa pesquisa também o trabalho desenvolvido pelo historiador José Adeilson dos Santos, que defendeu em 2018 uma dissertação no mestrado acadêmico de História da Universidade Federal de Sergipe- UFS, com o título “Um boi zepelim enfeitado: trajetória de vida do vaqueiro “doutor de vito” e as vaquejadas “pega-de-boi no mato” no sertão sergipano dos anos 1950”. Com este estudo, o pesquisador narra, por meio de entrevistas e fazendo uso da História oral, como foi a captura no mato do boi Zepelim no ano de 1954, nas caatingas do sertão, no município de Porto da Folha, sendo esse acontecimento um dos motivos que levou alguns munícipes em 1969 a criarem a festa do vaqueiro. No entanto, a festa foi adquirindo características próprias e, por inúmeras circunstâncias, transformou-se na maior manifestação cultural do município.

Nesse contexto, até o momento procuramos mostrar como ocorre a dinâmica da vaquejada de pegadas de boi no mato, na festa do vaqueiro de Porto da Folha- SE, além de também propormos alguns intelectuais que, através de suas obras e dissertações, ajudaram-nos nessa jornada. Na sequência, procuraremos abordar elementos para um conceito plausível para essa festa, como também discutiremos sobre a sua origem.

### **2.1.1. Do presente ao passado a tradição de pegar o boi no mato na festa do vaqueiro**

As características da festa do vaqueiro são, apesar de sua dinâmica e complexidade, difíceis de serem conceituadas. Isto porque, em seu contexto histórico, há práticas culturais consideradas sagradas e práticas ditas profanas, de modo que tais elementos, muitas vezes, aparecem “a depender” do momento histórico e do local onde são realizadas. Em se tratando da festa de Porto da Folha-SE, podemos observar que a criação desta, em 1969, partiu da iniciativa de um Frei Franciscano que afirmava que na região os vaqueiros eram filhos de Deus:

Frei Angelino chamou a gente e disse a Antônio de Chico, que vaqueiro era filho de Deus, puxou pra a cidade né, ai chamou a gente, nos foi pra o coro da igreja, fizemos a reunião, e daí fizemos, começemo, começemo, ai começou a primeira festa ali pedimo a seu Jucá, cinco rés no mato, cinco, vaqueiro como o diacho, e dai 70 não existiu, 71 foi mais Chico da Bela Vista a festa, e Frei Angelino ai foi puxando, foi fazendo, foi chamando o povo, chamando o povo, ai foi, é quem nem diz a toada, se tornou-se uma tradição, hoje a festa de Porto da Folha é uma tradição

---

<sup>10</sup> Segundo o Dicionário Online de Português, aboio é um canto monótono do vaqueiro, dirigido á boiada. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aboio/> Último acesso em 20/01/2022.

(JOSÉ ALVES DE OLIVEIRA, entrevista concedida ao autor, em Porto da Folha-SE. Em 21 de abril de 2021)<sup>11</sup>.

Nesse sentido, na festa persistem elementos considerados do universo do sagrado, a exemplo da devoção de muitos vaqueiros e de boa parte da população. Ademais, participa do cortejo de abertura a Nossa Senhora da Conceição que, segundo a religiosidade e misticismo do catolicismo, tem o poder de livrar os participantes de acidentes, confusões, enfim, de algo que seja mal. Há, ainda, a benção do vaqueiro, realizada pelo pároco local.

Já no tocante ao universo do profano, sendo o termo que se refere a tudo aquilo que não está ligado ao sagrado, podem ser citados dentro do âmbito da festividade o exagero de bebidas alcoólicas, as confusões ou brigas nos shows, que concentram multidão, as práticas de prostituição, os abusos de autoridades, os roubos durante o evento, o ato de desrespeito para com os animais. Em resumo, por sagrado se entende tudo aquilo que é relativo à religião, a algo divino (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996). O profano, por outro lado, é tudo aquilo que é oposto ao sagrado e não está ligado à religiosidade (ELIADE, 1992).

No que diz respeito aos eventos ligados à cultura popular, as transformações que vêm ocorrendo nas festas, segundo Pereira e Gomes (2002), dizem respeito tanto aos fatores externos como internos, isto é, quer dizer que fatores vindos de fora, como os efeitos da globalização, interferem na dinâmica econômica, social e cultural de determinada localidade, e de seus habitantes. Dessa forma, estas situações fazem com que determinados eventos apresentem modificações. Todavia, tais elementos, segundo os pesquisadores, necessariamente não se constituem em uma ameaça à continuidade da festa, tendo em vista que a própria cultura popular, em sua dinâmica, propõe modificações e vice-versa para se ajustar às novas necessidades, demandadas pela sociedade.

No caso da festa do vaqueiro de Porto da Folha, mesmo com as mudanças que vêm ocorrendo durante décadas, encontramos ainda elementos dessa tradição cultural que se mantém inalterados no tempo, tais como as corridas de pega de boi no mato, que ocorrem em uma mata fechada de caatinga com vaqueiros encourados, montados em seus cavalos, cantando seus aboios e toadas<sup>12</sup>. Além disso, muitos destes vaqueiros mantêm a sua religiosidade, pedindo proteção à Nossa Senhora da Conceição. Na alvorada festiva, e no desfile dos vaqueiros, ainda se vê as filas de vaqueiros encourados, com faixas, bandeiras e símbolos, que remetem à essa tradição.

---

<sup>11</sup> A entrevista realizada com o vaqueiro José Alves de Oliveira (Zé Miúdo), seguiu todos os protocolos de distanciamento social, uso de máscaras, higiene das mãos, isso devido a pandemia da COVID-19

<sup>12</sup> Segundo o Dicionário Online de Português, toada é a ação ou efeito de toar. Aquilo que pode ser percebido através da audição. Sons imprecisos e sem definição; ruído. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/toada/> Último acesso em 20/01/2022.

A utilização do cavalo e do boi, em atividades de trabalho, fazem remeter a esta manifestação cultural, e tem sua tradição relacionada às atividades que os vaqueiros realizam nas fazendas de seus patrões, em uma relação caracterizada pela dominação e pela subjugação, no qual o vaqueiro era obrigado a adentrar no mato para pegar o boi arreado, enfrentando os perigos de acidentes físicos e arranhões faciais. Devemos salientar, todavia, que tais façanhas também se constituíam em atos de bravuras, em que muitos vaqueiros se reconhecem como valentes e criam, entre si, laços de amizade, companheirismo, e também de disputas para ver quem pega mais gado brabo.

No nordeste brasileiro, desde o período colonial, ocorreu um processo de expansão territorial, acompanhado de conquistas e ocupação de terras, principalmente na região sertaneja, que passou a se dedicar à pecuária extensiva. Nesse contexto, destacou-se a figura do vaqueiro, fruto das necessidades de grupos humanos, como escravos, posseiros e indígenas, que não tinham trabalho e voltavam os seus esforços aos cuidados e à condução do gado por diversas pastagens.

Entre estes lugares de criação de gado, destacavam-se as margens do Rio São Francisco, também conhecidas como o rio dos currais, em terras de estados na atualidade como Alagoas, Bahia, Pernambuco, Sergipe, seguindo a expansão das terras por estados como Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí e Maranhão

O caminho percorrido na ocupação do território nordestino pelo agreste e principalmente o sertão foi feito pela condução do vaqueiro. Estes eram compostos muitas vezes por elementos escravos e posseiros que não dispunham de chances econômicas em cidades como Salvador e Olinda, para conseguir sesmarias, eram obrigados a se proteger sob um Senhor, que os defendiam de ataques de outros poderosos. Fundavam “sítios” onde deveriam pagar impostos aos senhores anualmente. Estes posseiros enfrentaram os índios, como em uma das piores guerras contra índios no século XVII, que tiveram que se defender da invasão do gado e seus criadores, que os empurravam cada vez mais para o interior sertanejo. Foram nessas guerras e conquistas contra indígenas ou antigos sesmeiros que recebiam terras do Governador Geral e nunca a ocupava, que foram sendo constituídas as grandes propriedades (VIEIRA, 2020, p.10).

As grandes propriedades que se formaram nas terras nordestinas não tinham cercas durante muito tempo. Ademais, o gado pastava em terras de outros proprietários, ou seja, para reunir ou tanger o gado de uma propriedade para outra tornou-se de fundamental importância o trabalho realizado pelos vaqueiros

Nos séculos XVI e XVII, as fazendas pecuárias bovinas do Nordeste brasileiro não eram cercadas, não tinham uma barreira ou cerca entre as fazendas, e, durante as festas de apartação, os vaqueiros se reuniam para separar os bois nas suas respectivas propriedades (CAMURÇA e GARCIA, 2019, p. 4).

Diante disso, as festas de apartação no Nordeste consistiam no momento em que grupos de vaqueiros, a pedido dos seus patrões, juntavam-se para realizar a junta ou captura do gado espalhado pelas fazendas, grandes propriedades rurais. Nesses momentos de trabalho e, muitas vezes de exploração da força de trabalho por seus patrões, também se constituíam os momentos de divertimento para os vaqueiros.

Assim, tinham bois que eram brabos, valentes, arredios e conseguiam correr mais que os cavalos, montados pelos vaqueiros. Estes bois desafiavam esses homens, por dentro do mato, tornando-se uma espécie de troféu, símbolo de coragem, fama, bravura, para o vaqueiro que conseguisse derrubá-lo e trazê-lo de volta para o seu dono. Com efeito, esses acontecimentos na vida de grupos de vaqueiros tornaram-se um modo de vida, de trabalho, de divertimento, e de costume – através dessas práticas de correr atrás do boi bravo, arredio, valente, os vaqueiros adquiriam prestígio e inserção social, passando a serem considerados um bom vaqueiro, com capacidade de derrubar boi bravo no mato ligeiro.

Pegar o boi mais famoso da região, que desafiava o homem "em suas barbas", passava a ser questão de honra, coragem e "firmeza". Por isso, a atitude do vaqueiro □...□ deveria fazer jus ao apreço de sua gente pela valentia, pela honra, pela palavra empenhada. O homem, que se sentia desafiado em sua capacidade profissional e conseqüentemente em sua integridade, o homem que não tolerava dúvidas quanto a seus atributos pessoais, ousava então entrar no sertão sozinho. Declarava sua autossuficiência perseguindo o boi, a fama, enfim o boi-Fama (MATA, 2003, p. 35-36).

As pegas de boi no mato no nordeste brasileiro consistem no primeiro tipo de organização de vaquejada. Tal prática tem como base a força humana através do vaqueiro montado em seu cavalo, com as suas vestimentas de couro em busca de um boi – sendo que este, durante algum tempo, consegue desafiá-lo com a destreza de se empenhar dentro do mato. Dessa forma, os esforços entre o animal arredio e o cavalo ligeiro, para correr em dia de sol escaldante, marcam-se ao longo do tempo como uma tradição<sup>13</sup>.

A pega de boi no mato é uma prática recorrente na caatinga Nordestina e se caracteriza de um modo geral, pela atuação do vaqueiro na derrubada do gado e que existem desde meados do século XIX e contemporaneamente está ameaçada de extinção na maior parte do sertão nordestino, ou desapareceram de lá, assim como sua vegetação nativa a caatinga, que também sofre o risco de desaparecer (CAVALCANTI, 2017, p.01).

As atividades de trabalho realizadas pelos vaqueiros nordestinos vêm sofrendo mudanças em decorrência ao grande processo de cercamentos das terras, mecanização da

---

<sup>13</sup> Termo bastante utilizado nas ciências sociais, tradição é um conjunto de costumes e práticas que demonstraram ser eficazes no passado e que, mesmo sofrendo transformações oriundas de novas necessidades, continuam a serem aceitos e atuantes no presente (SILVA; SILVA, 2010).

lavou, desmatamento da vegetação nativa, mudanças nos tipos de meios de transportes, entre outros efeitos causados pela globalização e industrialização.

Todavia, as vaquejadas de pega de boi no mato ocorrem em cidades como Serrita, localizada no Estado de Pernambuco e na região do Pajeú, Itaparica, onde ainda se pode ver vaqueiros reunidos conversando sobre a sua vida de lida com o gado, as durezas que o vaqueiro tem de enfrentar em um ritmo de vida em que muitos não têm como estudar e, mesmo assim, identificam-se com o curral e com o cuidado diário com o gado.

Na região do Cariri, no estado brasileiro do Ceará, também acontece a tradição<sup>14</sup> da pega de boi no mato, que se caracteriza como correr no mato fechado por cima de pau e pedra, subindo e descendo tabuleiros e enfrentando grotões:

De modo igual, destaca o vaqueiro como figura regional mais típica, remontando e prestigiando o processo de colonização dos sertões nordestinos a partir do século XVI, com a ocorrência da atividade pecuária extensiva, principalmente como estratégias para ampliar o avanço sobre as terras conquistadas da Bahia à Pernambuco, (com Sergipe incluído). E do Ceará ao Maranhão (SANTOS, 2018, p. 52).

Nas festas de vaquejadas de pega de boi no mato, na região nordestina, um elemento cultural que dialoga com esse acontecimento festivo é o aboio, sendo este:

Um canto longo e melancólico, cuja tristeza emana da alma do vaqueiro, principalmente no cair da tarde, quando traz o gado de volta ao curral. A princípio, o aboio é o canto poético do vaqueiro, ecoado pelos campos e também pelas estradas na condução do gado. Como canto de trabalho, ainda hoje, permanece no campo como cultura de resistência. (MAURÍCIO, 2006, p.21- 22).

A tradição nordestina das vaquejadas de pega de boi no mato tem sido alvo de contestações por parte de grupos de pessoas defensoras das causas contra os maus tratos para com os animais. Diante disso, as reivindicações foram parar no Supremo Tribunal Federal e, posteriormente, no Congresso Nacional que, assim, tomaram as seguintes decisões relacionadas a estas práticas:

A maioria dos ministros do STF seguiram o voto do relator Marco Aurélio Mello, que considerou haver crueldade intrínseca aplicada aos animais na vaquejada. Seguindo uma linha oposta, em 6 de junho de 2016 foi promulgada no Congresso Nacional a Emenda Constitucional nº 96/2017, que acrescenta o §7º ao artigo 225 da Constituição Federal, que assim dispõe:

§7º - Para fins do disposto na parte final do inciso VII do § 1º deste artigo, não se consideram cruéis as práticas desportivas que utilizem animais, desde que sejam manifestações culturais, conforme o § 1º do art. 215 desta Constituição Federal, registradas como bem de natureza imaterial integrante do patrimônio cultural

<sup>14</sup> Segundo o Dicionário Online de Português, tradição é um costume transmitido de geração a geração ou aquilo que se faz por hábito; costumes: as tradições de uma região. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/tradicao/> Último acesso em 20/01/2022.

brasileiro, devendo ser regulamentadas por lei específica que assegure o bem-estar dos animais envolvidos (CAMURÇA e GARCIA, 2019, p.3).

O impasse continua entre os defensores da proibição das vaquejadas e os que as defendem. Estes, no entanto, argumentam ser essa uma tradição cultural que deve ser mantida, uma vez que diz respeito à formação da identidade de uma parcela da sociedade nordestina e brasileira, como também uma fonte de renda e sobrevivência para quem vive e trabalha com essas festas. Além disso, também percebem a necessidade de se ter todo um cuidado no tratamento para com os animais – antes, no momento e depois que as práticas de pega de boi são realizadas. As práticas de manifestações culturais são respaldadas, conforme assim expressa a Constituição Federal.

O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. §1º - O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes no processo civilizatório nacional (BRASIL, 1988, Art.215).

As manifestações culturais, assim como a lei de proteção aos animais, encontram sustentação na constituição e, por enquanto, ainda não se tem uma decisão em definitiva sobre o assunto. Desse modo, as vaquejadas de pega de boi no mato podem ser realizadas, tomando-se as devidas medidas de cuidado e bom tratamento quanto aos animais. No contexto dessas manifestações culturais, insere-se o alto sertão sergipano, onde assim como em boa parte do Nordeste, as práticas ainda acontecem em fazendas e sítios espalhados pela região, bem como em parques de vaquejadas.

### **3. A FESTA DO VAQUEIRO DE PORTO DA FOLHA-SE (1969-2019)**

#### **3.1 A localização geográfica e a população do lugar**

Como já foi mencionado nesse trabalho, esse tem como objetivo disponibilizar para os alunos da Educação Básica um folheto em formato de sextilhas de cordel, que possa ser um instrumento a mais na tarefa de auxiliá-los a pensar historicamente. Para a construção do folheto, teremos como temática as vaquejadas de pegas de boi no mato, que ocorrem na festa do vaqueiro de Porto da Folha, estado de Sergipe. Assim, procuraremos por esse meio entrar em contato com alguns conceitos de ensino de História.

Antes de falar propriamente dessa festividade, vamos abordar um pouco as características do município em que ela ocorre, que é Porto da Folha, e sua localização na microrregião do alto sertão sergipano. Para tanto, trataremos um pouco das características geográficas e históricas desse espaço, visto que elas influenciam nas formas de viver dos indivíduos que habitam a região.

O espaço geográfico, ocupado pelos sujeitos históricos, não pode ser desprezado, pois é em contato com o meio ambiente que os indivíduos o transformam, cria, destrói, preserva, procura atender às suas necessidades de vivência e sobrevivência. Segundo o historiador Felipe Fernandez-Amesto (2010), “transformamos nosso meio ambiente, mas nunca podemos escapar dele. Então se desprezamos a geografia, no mais amplo sentido da palavra, desprezamos a estrutura de tudo mais que acontece conosco” (ARMESTO, 2010, p. 323). Nesse sentido, o estudo do espaço é de muita importância para a compressão dos sujeitos históricos pesquisados. Sendo assim, abordaremos um pouco o espaço onde a festa ocorre.

##### **3.1.1. Porto da Folha-SE, o ambiente da festa**

Homenageada como “Rainha das vaquejadas” em razão da sua tradicional festa do vaqueiro, e tendo um relevo acidentado, rodeada de serras e morros, a sede municipal de Porto da Folha está localizada em um vale, onde popularmente dizem que a cidade foi se erguendo dentro de um buraco, características que faz do povo porto-folhense ser chamado de buraqueiro.

Porto da Folha é um município brasileiro que está situado no extremo norte do Estado de Sergipe. Distante 190 quilômetros da capital do Estado, Aracaju, Porto da Folha faz limite

com os municípios Poço Redondo, Monte Alegre de Sergipe, Gararu e Nossa Senhora da Glória em Sergipe, além de Belo Monte e Pão de Açúcar, em Alagoas. Pelas dimensões do espaço e quantidade de habitantes em seu território, é considerado um município de médio porte para os padrões do Estado de Sergipe.

Figura 1- Mapa do Estado de Sergipe e as divisões de suas oito microrregiões



Fonte: SUPES/SEPLAN 2006.

Conforme o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2010 a população estimada do município de Porto da Folha para 2022 era de aproximadamente 28.788 habitantes, distribuídos irregularmente por uma extensão territorial de 878,043 quilômetros quadrados.

Figura 2- Mapa do Estado de Sergipe localizando o município de Porto da Folha



Fonte: SUPES/SEPLAN 2006.

As terras que hoje compreendem o município de Porto da Folha têm sua origem civilizatória no século XVIII, juntamente com a catequese dos nativos. Sua sede passou por várias mudanças de localidades: Ilha do Ouro, Ilha de São Pedro, Curral de Pedras (atual Gararu), até se fixar na fazenda Curral do Buraco. Em 1821, foi desmembrada de Santo Antônio do Urubu de Baixo (atual Propriá), com sua sede na Ilha de São Pedro. Em 1841 foi restabelecida a sede no povoado do Curral do Buraco até que a Lei nº 194 de 11 de fevereiro de 1896 definiu a sede com a denominação de Porto da Folha.

Destacamos ainda que foi em torno de um antigo aldeamento de índios que surgiu, no século XVIII, a freguesia de São Pedro de Porto da Folha, em uma ilha, à margem direita do rio São Francisco, próxima às margens do rio Mocambo. Em outras palavras, “o aldeamento dos índios de São Pedro foi estabelecido pelos capuchinhos franceses Anastace d’ Audierne, Theodor Lucé e Martih de Nandes, na década de 1650 após as primeiras conversões dos cariris ou Kiriris” (NANTES, 1979, pp. 33-34).

A ocupação do sertão do São Francisco foi narrada em 1849 pelo Frei Candido de Jaggia, um capuchinho que escreveu para o Presidente da província Zacarias de Gois e Vasconcelos, dizendo o seguinte em um trecho de uma ata analisada por Silva (1981).

A Ilha de São Pedro, que também é denominada de São Pedro do Porto da Folha, existe no Rio de São Francisco acima dez legoas da barra do dito rio do Porto da Folha. Está missão foi fundada pelos nossos religiosos ainda estiveram catequizando aqueles índios, até o ano de 1828 ou 1829 (SILVA, 1981, p. 24).

Em 1833 um outro documento data a criação da freguesia de Porto da Folha para 16 de agosto de 1832. Este documento é um inquérito respondido pelo vigário Domingos Henrique Lima, a pedido, vindo de São Cristóvão, em que consta:

Sobre vários esclarecimentos acerca da criação e limites desta freguesia respondo que revendo os papéis tendentes a este fim apenas encontrei copiado no respectivo livro dos termos e portarias um decreto da regência em nome do imperador Dom Pedro segundo, que criou esta freguesia na povoação do São Pedro, dividindo-a de Propriá (SILVA, 1981, p. 25).

De acordo com Felisbelo Freire (1906), em 7 de fevereiro de 1834, foi emitido um ofício com várias alterações político- administrativas na província, de autoria do Presidente Antônio Fernandes da Silveira, no qual o seu quarto artigo estabelecia que “fica do mesmo modo criada a vila a povoação de São Pedro do Porto da Folha, contendo o seu termo o distrito, que compreende a Freguesia” (FREIRE, 1906, p. 319).

A linha divisória entre Porto da Folha e a freguesia de Santo Antônio do Urubu de Baixo (atual Propriá) era bastante imprecisa como, aliás, era comum, tendo em vista que ocorriam muitos litígios de jurisdição. Sobre este assunto, o documento do vigário Domingos Henrique Lima confirma essa divisão, mais não conhece as linhas divisórias concretas. Dessa maneira, mesmo com todas essas discussões jurídicas sobre os limites territoriais da freguesia de Porto da Folha, desde o século XVII, que se tem referências sobre a sua ocupação:

Coube a Thomas Bermudes e, mais tarde, Jeronymo Fernandes a fundação dos primeiros currais, nas terras do Porto da Folha, tendo o primeiro conseguido, na região que constituíam mocambos. Um exemplo foi a ação dos índios reunires, em 1698, contra os mocambos localizados próximo ao riacho, que recebeu o mesmo nome (SILVA, 1981, p. 29).

Nesse sentido, os currais para criação do gado foram se estabelecendo cada vez mais na região onde existiam alguns conflitos entre os plantadores para subsistência e os criadores. Dito isto, os tipos de produções, paulatinamente, serviam para atender aos interesses de pecuaristas, em que as demais formas de propriedade, como nos aldeamentos indígenas, a propriedade tribal e fundamentalmente as posses comunais, foram sendo ocupadas pela criação do gado a solta.

A presença do rio São Francisco, também conhecido como o rio dos currais, sempre foi de extrema importância, para os agricultores e criadores de gado da região, que tinham de conviver com longos períodos de estiagem. Em outros termos, presença do rio em determinados períodos do ano causava inundações, que propiciava o cultivo do arroz por populações ribeirinhas, como do povoado Mocambo e Ilha do Ouro. Segundo Silva (1981), o

rio tinha na região um poder perturbador e transformador, ou seja, de muita utilidade para os sertanejos e ribeirinhos.

Embora se constitua em uma típica região de sertão semiárido, sujeitos a secas anuais críticas, possui uma característica perturbadora: a presença do grande rio, capaz de evitar a perda total das colheitas e do gado das populações ribeirinhas nos períodos mais terríveis da seca. Mas, este mesmo rio é igualmente capaz de tudo inundar produzindo imensos prejuízos. Hoje as grandes obras da barragem parecem ter alterado profundamente o regime do rio, cuja regularidade era famosa (SILVA, 1981, p. 238).

Quando Silva (1981) aborda a criação da barragem, este está se referindo às construções da Usina Hidrelétrica de Xingó, administrada pela Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) que iniciou sua construção em março de 1987 e no ano de 1994 passou a funcionar, ainda que parcialmente, desde que foi posta em operação a sua primeira turbina, sendo em 1997, o ano do seu pleno funcionamento, que, com todo o seu potencial para a produção de energia elétrica, causou, e vem causando, mudanças no percurso do rio. Mudanças estas profundas, percebidas pela população sertaneja e ribeirinha da região, entre essas mudanças a diminuição drástica do cultivo do arroz em povoados como Ilha do ouro e Mocambo.

Durante a segunda metade do século XIX e boa parte do século XX, predominou na região o grupo oligárquico da família Feitosa e Alves, depois também se juntou a esses grupos, por meio de acordos e matrimônios, a família Brito de Propriá. De acordo com Silva, (1981), durante o tempo que essas oligarquias estiveram no poder no município de Porto da Folha, e região do alto e baixo São Francisco, a política e as atitudes desses grupos ocorriam da seguinte maneira:

A esse tempo constituía uma poderosa oligarquia de criadores, que aos poucos vão estendendo seus domínios por toda região, São os Alves e os Feitozas que dividem entre si a prefeitura, a presidência da câmara, dominam a vereança e indicam o juiz de paz e o juiz de direito. As listas tríplices organizadas para a indicação do estratégico cargo de juiz de órgão são fraudadas: os indivíduos indicados ligam-se por estreito laços de parentesco e seus nomes sempre são acompanhados por observações como “proprietário bem conceituado e inteligente” (SILVA, 1981, p. 240).

Foi durante o estabelecimento dos acordos e interesses matrimoniais, políticos e econômicos, entre as famílias oligárquicas, Alves, Feitoza e os Brito de Propriá, que os Britos passaram a dominar as terras, conhecida como a Caiçara, pertencentes a comunidade indígena Xokó que, durante muito tempo, tiveram que migrar por outras regiões do estado de Sergipe e Alagoas sem o direito à posse de suas terras.

Aos poucos os poderosos Britos de Propriá serão trazidos para uma aliança entre as duas oligarquias. Matrimônio oportunos unirão os Alves Feitoza aos Britos, que iniciaram um amplo processo de angariamento das terras locais: o aldeamento dos índios de São Pedro é declarado extinto revertendo para a prefeitura (com pleno apoio do governo provincial, onde o presidente da província é um proprietário da região canavieira e o vice-presidente um Feitoza, representando os pecuaristas). O prefeito “no uso de suas atribuições” coloca as terras em hasta pública onde são arrematadas pelos Britos; para tal precisará a câmara municipal declarar extintos os índios de São Pedro, que sem terra vagarão entre Sergipe e Alagoas, até maio de 1979, quando organizam um retorno histórico a Ilha de São Pedro com o apoio da Comissão Pastoral da diocese de Propriá (que realiza sua XIII Assembleia indígena-missionária em Porto da Folha) com a oposição dos Britos e do prefeito Feitoza (SILVA, 1981, p. 241).

O processo de retomada da terra pelo povo Xokó contou com a forte participação da Igreja católica Romana, através da Diocese de Propriá-SE, que tinha como Bispo Dom José Brandão de Castro. Já em Porto da Folha, o pároco era o Frei Enoque Salvador de Melo, que muito se engajou na luta dos Xokó pelo direito a terra nas décadas de 1960 a 1980. Além disso, era comum os sermões nas missas, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição em Porto da Folha, ter um cunho voltado para a Teologia da Libertação<sup>15</sup>.

Figura 3- Celebração de Missa na Paroquia Nossa Senhora da Conceição, Porto da Folha-SE, 1977.



Fotografia de Rivadavia Santos Cruz. Fonte: acervo da Paroquia Nossa Senhora da Conceição, Porto da Folha-SE. 1977.

Analisando a figura 3, trata-se de uma fotografia de 1977, do altar principal da Igreja dedicada à Nossa Senhora da Conceição. Nesta imagem também podemos destacar as

<sup>15</sup> De acordo com Gustavo Gutiérrez (2000), é um movimento sócio-ecclesial que surgiu dentro da Igreja Católica na década de 1960 e que, por meio de uma análise crítica da realidade social, buscou auxiliar a população pobre e oprimida na luta por direitos.

seguintes figuras: ao centro, temos a presença de Dom José Brandão de Castro, à época Bispo da Diocese de Propriá; do lado esquerdo da foto, há o pároco do município, Frei Enoque Salvador de Melo; do mesmo lado, a imagem da padroeira Nossa Senhora da Conceição; do lado direito, temos a imagem de Jesus Cristo Crucificado, com uma frase que, lida de cima e entre os braços direito e esquerdo, diz: “vamos lutar por um mundo novo “. Em seguida, ao darmos continuidade à leitura da imagem 3, podemos perceber, entre o altar e o corredor da igreja, um grande número de pessoas, crianças, jovens e adultos assistindo à celebração.

Era comum também, nesse período, os líderes religiosos realizarem os seus sermões, como os representados na fotografia, falando contra a opressão do regime militar (1964-1985), contra o abuso de poder das autoridades locais, contra as injustiças sociais, contra a falta liberdade de direitos, principalmente o vivido pelas camadas pobres da sociedade sertaneja.

Ao fundo do altar aludimos, ainda, para o mural pintado por Frei Juvenal Vieira Bomfim, que retrata as principais características da população de Porto da Folha na década de 1970, através de suas atividades de trabalho, cultura, economia, arte, modo de vida e expressão. O mural era muito significativo, já que retratava a luta do povo oprimido, sofrido, sem voz, em uma sociedade marcada pelo predomínio de oligarquias, conforme as já mencionadas, Alves, Feitosa e Brito. Quanto à figura 4, trataremos de explicar detalhadamente o que significa e representa cada pintura desenhada no mural.

Figura 4- Mural pintado pelo Frei Juvenal Vieira Bomfim, no altar da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, Porto da Folha, Sergipe, 1970.



Fotografia de José Natan Gonçalves da Silva. Fonte: acervo pessoal do fotógrafo, 2013.

Ao descrever as representações da figura 4, percebemos que essa se trata de um mural pintado no altar da igreja matriz de Nossa Senhora de Conceição, em Porto da Folha. Esta obra é de 1970 e retrata o modo de vida da população local, em que predominava a nível nacional o governo ditatorial do regime militar (1964-1985). Neste período houve um engajamento da Igreja Católica Romana, através de Diocese de Propriá, em Sergipe, pela retomada das terras do povo indígena Xokó, e a comunidade quilombola do Mocambo. Tal movimento era direcionado pelas Comunidades Eclesiais de Base- CEBS<sup>16</sup>.

Na parte superior do mural, a pintura retrata o rio São Francisco, no povoado Ilha do Ouro. O morro com a capela de Nossa Senhora dos Prazeres, localizado no povoado Barra do Ipanema, Alagoas, residência do povoado à época e as canoas de Tolda, meio de transporte muito utilizado para as pescas, comunicações e transporte de mercadorias entre as cidades ribeirinhas. Na atualidade, a Ilha do Ouro se constitui em um potencial turístico do município de Porto da Folha.

Ainda na parte superior, do lado direito, a representação do vaqueiro montado em um cavalo, tangendo o gado, na região em que predomina o bioma da caatinga, conforme pode se observar os desenhos do mandacaru, macambira e xique-xique, vegetações característica da região. Já do lado esquerdo, trabalhadores rurais, lavradores, trabalham a terra, com o auxílio de instrumentos as enxadas. Além disso, do mesmo lado esquerdo, mais abaixo, é possível verificarmos dois trabalhadores rurais conduzindo um carro de boi, meio de transporte muito utilizado na época da pintura, hoje menos existente por conta do uso de outros meios de transportes, como automóveis, motocicletas, entre outros.

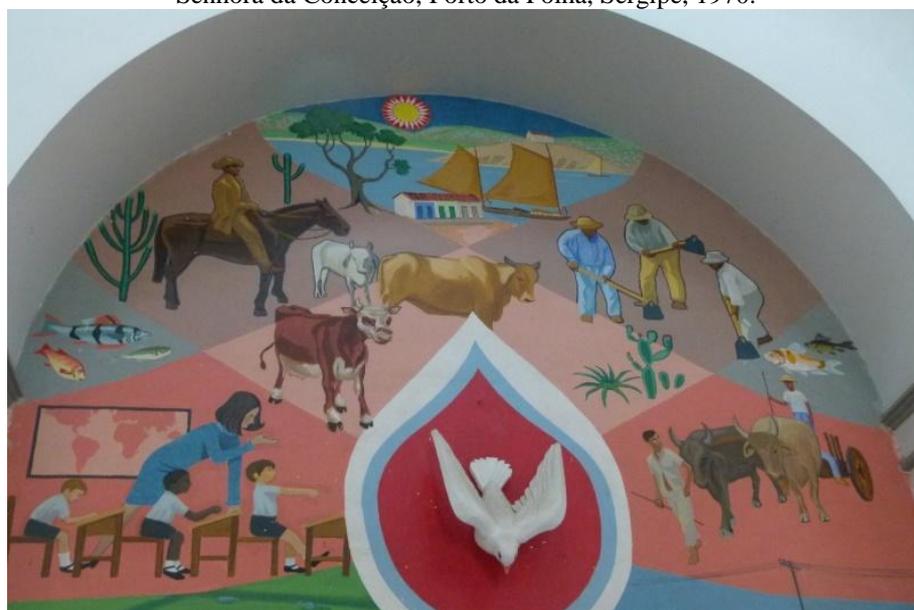
No tocante ao lado esquerdo da figura, também, observamos o trabalho em sala de aula de uma professora, que ensina e aponta um caminho através da educação para três crianças: uma indígena, uma negra e uma branca. Neste aspecto, o pintor procurou representar as três etnias, presentes no município. Na imaginação de algumas pessoas, trata-se da Escola de São Pedro, uma professora que, naquele período, ensinava às meninas e aos meninos de forma rígida e disciplinar, fazendo uso da palmatória<sup>17</sup>. Tal escola era instalada em sua própria casa, de maneira que as lembranças permanecem nas recordações de muitos munícipes até hoje. Abaixo, a figura 5 aproxima a imagem da fotografia para o leitor.

---

<sup>16</sup> De acordo com Gustavo Gutiérrez (2000), essas foram e, em muitos contextos, ainda são muito influentes na motivação dos fiéis católicos para a luta política. Muitos deles se tornaram militantes de referência em movimentos sociais, sindicatos, partidos políticos e associação de moradores.

<sup>17</sup> Segundo o Dicionário Online de Português, palmatória ou férula é uma espécie de régua de madeira, com uma das extremidades em forma circular, com a qual pais e professores castigavam as crianças, batendo-lhes com ela na palma da mão. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/palmatoria/> Último acesso em 20/01/2022.

Figura 05- Parte superior do mural pintado pelo Frei Juvenal Vieira Bomfim, no altar da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, Porto da Folha, Sergipe, 1970.



Fotografia de José Natan Gonçalves da Silva. Fonte: acervo pessoal do fotógrafo, 2013.

Na parte central e inferior do mural, quanto à figura 6, as representações<sup>18</sup> destacam a atividade dos trabalhadores do campo, que utiliza os animais conhecidos como jumento<sup>19</sup> para carregar água mercadorias e mantimentos; já as mulheres plantam arroz em um lago de várzea, tecem bordados de pontos de cruz e renda de bilros, enquanto outras socam alimentos em um pilão de madeira. Mais abaixo, notamos a feira livre do município, que ocorrem às segundas-feiras, fonte de renda para feirantes e meio da população local obter alimentos, utensílios e gêneros de primeiras necessidades. Assim, por meio da observação da imagem 6 é possível constatar, detalhadamente, essas características na pintura.

Figura 06- Parte central e inferior do mural pintado pelo Frei Juvenal Vieira Bomfim, no altar da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, Porto da Folha, Sergipe, 1970.

<sup>18</sup> De acordo com Chartier (1990), as representações é o instrumento pelo qual um indivíduo, ou um grupo de indivíduos, constroem significados para o mundo social. É um processo de significação intencional, carregado de interesses, que corresponde a uma determinada estratégia de um agente social ou de um grupo social.

<sup>19</sup> Segundo o Dicionário Online de Português, jumento é um mamífero que se assemelha ao cavalo, contudo, normalmente, de menor estatura, cuja pelagem possui coloração acinzentada, com orelhas menores; asno, jegue. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/jumento/> Último acesso em 20/01/2022.



Fotografia de José Natan Gonçalves da Silva. Fonte: acervo pessoal do fotógrafo, 2013.

Como já foi dito anteriormente, o mural apresentado nas fotografias retratava um pouco da vida cotidiana da população de Porto da Folha, especialmente nas últimas décadas do século XX. Todavia, no ano de 2018, o pároco local Melchizedeck de Oliveira Neto resolveu reformar a igreja e, com isso, retirar o mural. Esta decisão do padre deixou a população dividida entre os que queriam a retirada e os que não aceitavam a retirada, de forma que a polêmica foi parar nos meios de comunicação sergipano. Mediante as intensas discussões de quem era contra ou a favor da retirada, o Bispo da Diocese de Propriá, Dom Vitor Agnaldo de Meneses, aceitou a entrega de dois abaixo assinados para se certificar se a maioria da população era contra ou a favor da retirada do mural.

Após a iniciativa do Bispo, antes mesmo de sair o resultado da contagem das assinaturas dos abaixo assinados, aconteceu um ato criminoso no altar da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição em Porto da Folha:

E depois da polêmica que envolvia a ameaça de retirada do mural, ele apareceu completamente depredado. Conforme apresenta o jornal Fan1: “O mural da Igreja matriz da cidade de Porto da Folha foi destruído na madrugada desta terça-feira, 05/06/2018. A porta dos fundos foi arrombada e o mural, alvo de muitas polêmicas na cidade nos últimos dois meses, teve a parte inferior, totalmente destruída. [...] O mural foi instalado atrás do altar-mor da Igreja Nossa Senhora da Conceição em 1970 pelo Frei Juvenal e retrata, entre outras coisas, os vaqueiros, a Ilha do Ouro, as costureiras e os agricultores (ALBUQUERQUE, 2019, p. 93).

Figura 07- Parte inferior do mural pintado pelo Frei Juvenal Vieira Bomfim, destruído, no altar da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, Porto da Folha, Sergipe, 2018.



Fotografia de Idenilson de Albuquerque. Fonte: acervo pessoal do fotógrafo, 2018.

Em relação à destruição do mural, o caso não ficou solucionado, mas deixou a população dividida. De um lado, alguns argumentavam que as pinturas retratavam aspectos culturais do município e não o religioso, por isso deveria ser retirado, pois não tinha sido feito em um local adequado, visto que a pintura de um altar deveria apresentar imagens celestiais, que direcionem o fiel ao que é sagrado. Do outro lado, para a parte da população que era contra a retirada do mural, a imagem representava o contexto de uma história de luta e resistência pelo fim de um regime ditatorial que assolava o Brasil, de modo a excluir a maior parte da população como as representadas na pintura. Em outras palavras, para parcela destas pessoas, o mural era um símbolo que deveria continuar no altar, mostrando uma igreja que deveria voltar seu olhar para os mais pobres e oprimidos.

Quanto ao ano de 2018, no Brasil, podemos afirmar que foi marcado pela polarização política entre partidos de esquerda e de direita, cujas perdas de direitos sociais vinham sendo programadas pelas autoridades governamentais. Em suma, essa polarização, de diversas formas, atingiu os municípios brasileiros em uma onda de retrocessos e conservadorismo que atingiu os mais pobres e excluídos, de forma que Porto da Folha não ficou fora desse contexto.

O cangaço esteve muito presente na vida do povo do município de Porto da Folha. Durante a primeira metade do século XX, muitos casos sobre Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, povoavam e continuam tendo significados para os sertanejos, nordestinos, brasileiros. Diante disso, para o pesquisador Manoel Alves de Souza (2015), alguns

acontecimentos que envolviam os cangaceiros e a volante ocorreram no município de Porto da Folha, no qual destaca:

Em uma manhã de junho de 1936, a cidade de Porto da Folha acordou assustada com um tiroteio. Era um grupo de cangaceiros, postado no Morro dos Carneiros, que abriu fogo contra o delegado de polícia Antônio Machado de Freitas (Sinhô Machadinho), que vinha de sua fazenda na serra dos homens. Atirador famoso pela pontaria, Sinhô Machadinho reagiu e com um rifle conseguiu atingir um dos cangaceiros, que fugiu ou foi levado pelo seu grupo, deixando um rastro de sangue (SOUZA, 2015, p. 129).

Também em 1936, pelo rio São Francisco, um grupo de cangaceiros, que chamou a atenção da população local, desembarcou em fazendas da região e causou os seguintes acontecimentos:

Na madrugada de certo dia da primeira quinzena de outubro de 1936, uma canoa singrava o São Francisco rio abaixo, ao som de uma gaita de boca, e aportou na fazenda Barra do Ipanema, na época município de Pão de Açúcar, atualmente de Belo Monte (AL). Eram os cangaceiros dos grupos de Zé Sereno e Zé Mariano. Por volta das 7 horas, avisados da volante alagoana, os cangaceiros cruzaram o rio em direção da Ilha do Ouro, município de Porto da Folha, mas desembarcaram na fazenda Porteiras, a dois quilômetros ao sul do povoado. Para lá se dirigiram o delegado Sinhô Machadinho, o sargento Gonzaga, os soldados Jacó e Jaconias e o civil Jaime Valença, irmão de Manoel Virlon, que abriram fogo contra os bandidos, mas eles se embrenharam na caatinga (SOUZA, 2015, p. 130).

Em 1937 um outro acontecimento envolvendo cangaceiros, que andavam pela região, tornou a chamar atenção da população de Porto da folha e das redondezas, conforme os fatos relatados:

Ao anoitecer de uma quinta-feira, próxima do Natal de 1937, oito cangaceiros, entre eles, Criança e seu irmão Santa Cruz, Pancada e Peitica chegaram a fazenda Barra dos Campos Novos, situada entre a Pedra da Ema e o riacho dos Campos Novos. Lá passaram a noite em festa e, antes do nascer do sol, levaram Zé Catenga, dono da fazenda, deixando a sua mulher e filhas em pânico, e o assassinaram a um quilometro da casa, pendurado pelo pescoço em uma umburana. Era um senhor de cerca de 50 anos de idade, natural de Itabi, então município de Gararu, mas vivia em Porto da Folha há muitos anos (SOUZA, 2015, p. 130).

O cangaço esteve muito presente na década de trinta do século XX, na região do município de Porto da Folha e redondezas. Assim, os acontecimentos entre os cangaceiros, a volante, os fazendeiros e a população de forma geral, cada vez mais, avolumavam-se através de tiroteios, saques, acordos entre cangaceiros e fazendeiros locais, ou seja, a violência fazia parte do cenário do sertão que também sofria com os descasos das autoridades políticas locais, estaduais e nacionais, dando a impressão de se viver em uma terra sem lei:

Por volta das 7 horas da manhã de 2 de março de 1938, uma terça-feira, cerca de 15 cangaceiros, chefiados por Balão, Pancada e Criança, foram flagrados pela volante do cabo Nicolau na sede da Lagoa, fazenda de Pedro Moreirinha, enquanto faziam o “quebra-jejum”. Deu-se então um forte tiroteio e um cangaceiro morreu, sendo

enterrado por seus companheiros no riacho da Baixa de Seu Gonçalo. Não havia ninguém na casa. A família de Pedro Moreirinha vivia na cidade e ele ainda não tinha retornado do fim de semana na cidade e da feira, que ainda se realiza nas segundas-feiras (SOUZA, 2015, p. 130).

Ainda em 1936 mais um ocorrido relacionado à morte e à decapitação de cangaceiros chamou muito a atenção da população e das autoridades locais: era o combate ao banditismo que se alastrava pelo sertão, deixando rastro de mortes e violência, em uma sociedade marcada por injustiças e abandono. Dito isto, o uso de armas para assassinatos se tornava um meio de vida e sobrevivência:

No meio da tarde de 29.10.1936, a volante baiana do sargento José Rufino chega a Porto da Folha com as cabeças dos cangaceiros Zé Mariano, Pai Velho e Zepelim, abatidos na fazenda Cangaleixo, município de Gararu, próxima da divisa com Porto da Folha. No tiroteio morreu também o dono da fazenda, João do Pão. As pessoas se aglomeravam na Praça da Matriz para ver as cabeças dos cangaceiros expostas nas janelas da prefeitura (SOUZA, 2015, p. 130).

Alguns anos depois, em 28 de julho de 1938, a morte de Lampião na gruta do Angico, no município de Porto da Folha, hoje município de Poço Redondo, pela polícia alagoana foi notícia no Brasil e no mundo. Neste sentido, a situação trouxe mais tranquilidade aos sertanejos, que continuaram sofrendo com as injustiças e violências cometidas por autoridades e outros tipos de bandidos, frutos das condições socioeconômicas da região. Na ocasião da morte de Lampião, para a gruta do Angico, hoje município de Poço Redondo, deslocaram-se autoridades policiais sergipanas, alagoanas, populares e jornalistas do Nordeste e do Sul do país, a fim de noticiarem os acontecimentos e o encerramento de um ciclo do banditismo na região.

Com isso, por ter sido palco que envolveu os conflitos de grupos de cangaceiros mais temidos do Brasil, e por se estruturar em uma sociedade pecuarista – de gado criado a solta, em grandes fazendas onde se formou oligarquias, terras de Índios Xokó, de comunidade quilombola do Mocambo, de mulheres que plantavam arroz, de bordadeiras de pontos de cruz e rendas de bilros, de comerciantes, vendedores ambulantes, funcionários públicos e outras peculiaridades –, tudo isso pôde influenciar no comportamento dos indivíduos e, conseqüentemente, na maneira de organizar suas festividades locais.

### **3.2 A festa do vaqueiro e a tradição das pegas de boi no mato de Porto da Folha-SE**

A rotina de trabalho duro na roça, o trabalho realizado por comerciantes e funcionários de lojas, o cuidado com o manejo do gado e do leite, por pecuaristas e vaqueiros, desde as origens do município sergipano de Porto da Folha não se tornaram obstáculos para que

algumas festividades fossem criadas e organizadas na região. Afinal, estes momentos de descontração e comemoração, são importantes para estabelecer um descanso, bem como mudanças nas rotinas de trabalho do dia a dia sacrificante. Desse modo, homenagear Nossa Senhora da Conceição no dia 08 de dezembro, padroeira do município, e comemorar no mesmo mês os natais de rua em celebração ao nascimento de Cristo, fazem parte das festividades de Porto da Folha. Porém, neste trabalho, como já dito, vamos analisar aspectos da festa do vaqueiro e suas pegadas de boi no mato.

De acordo com Câmara Cascudo (2001), as festas de vaquejadas estão entre as mais populares do Brasil, em especial, do Nordeste. Estas são o momento de encontro e reencontro entre parentes, amigos que moram longe, comemoração entre vizinhos. Além disso, cavalos são preparados para montarias, o gado é levado para o curral do parque de vaquejada, grupos de vaqueiros cantam seus aboios e toadas, muitas bebidas, cachaça e licorés são preparados, comidas típicas como buchada de bode, cuscuz com tripa de porco e churrascos. Em resumo, nas casas, nas ruas e na escola a festa do vaqueiro, em setembro, é muito esperada.

Para entendermos o ambiente de formação de uma festa, é necessário compreendermos também os laços de sociabilidade que uma sociedade estabelece. No Brasil, desde o período colonial até meados do século XX, os laços sociais baseavam-se no familiar, formado por pais, avós, tios, primos, irmãos, isto é, o compadrio faz parte desse contexto sendo uma forma de aproximar vizinhos, agregados, estreitando os laços entre patrões e empregados e, até mesmo, de pessoas escravizadas. O compadre, no caso da morte dos pais, ficava responsável por seu afilhado, de forma que essas relações aumentava o quantitativo de trabalhadores na lavoura, mas com a urbanização e a industrialização estas relações sociais vêm se enfraquecendo (RANGEL, 2002).

Sobre as festas de vaquejadas que ocorriam em Porto da Folha, entre o final do século XIX e século XX, Adeilson Santos (2018) com uma visão nitidamente influenciada pela obra vaqueiros e cantadores de Câmara Cascudo, mostra a força desses festejos na mobilidade da sociedade da época.

E tinham muitas vaquejadas de “pega-de-boi no mato” como esporte, competição e entretenimento. Realizando-se neste contexto lúdico (de festa), de celebração, de comunhão de vaqueiros (entre si próprios) e junto aos patrões fazendeiros, criadores e gentes das vizinhanças. Assim, dadas as “carreiras” sobre os bois em meio à paisagem de caatinga, de novo esverdeada – a dádiva para os vaqueiros se cumpria com a reunião destes na sede da fazenda. Para festejar! (SANTOS, 2018, p. 61).

Seguindo o mesmo pensamento, Albuquerque (2019) descreve o mês de setembro em Porto da Folha como um mês festivo. Para ele, o último final de semana de setembro enchia

as ruas de cavalos – muitos montados por vaqueiros encourados –, soltava-se fogos de artifícios pelas ruas da cidade, vaqueiros cantam seus aboios, toadas, a banda de pífano se apresentava na praça, como zabumbeiros e sanfoneiros. Já no âmbito das casas, eram consumidos alimentos e bebidas, como bolo de arroz, cuscuz, carne de bode, farinha de mandioca, queijos, requeijões.

Diante do exposto, as festas de vaquejadas deixavam a rotina da população de Porto da Folha bem animada. Fato este que também ocorria nos municípios vizinhos de Gararu, Nossa Senhora da Glória, Poço Redondo, Monte Alegre de Sergipe, cidades alagoanas como Belo Monte, Pão de Açúcar, Batalha, tendo em vista que, nesses municípios, eram costumes se organizar entre os vaqueiros, cavalgadas para participarem da festa de Porto da Folha – o que, até a atualidade, é constatado pelo autor desse trabalho.

Nesse sentido, é que desde 1969, a princípio no mês de outubro e depois no mês de setembro, por se tratar de um período de transição entre o inverno e o verão, e a vegetação não estar totalmente seca, moradores do município de Porto da Folha e vizinhança ficam mais animados para participarem da festa do vaqueiro. Uma manifestação caracterizada pelas corridas de pega de boi no mato, na caatinga, benção do vaqueiro pelo pároco local, alvorada festiva, comida típicas, bebidas, cantorias, o que evoca em sua dinâmica traços regionais e universais, relacionados ao cuidado e manejo do gado por meio da pecuária extensiva. Tal evento, realizado no último final de semana de setembro, e que cada vez mais cai no gosto popular, tornou-se patrimônio cultural imaterial<sup>20</sup> do povo sergipano no ano de 2019. Portanto, é sobre esse festejo que vamos discorrer.

### **3.3 Das reuniões na Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos durante o ano: as corridas de boi no mato no sábado da festa**

#### **3.3.1. Preparando a festa**

Em Porto da Folha- SE, as reuniões para a preparação da festa do vaqueiro ocorrem durante todo o ano em curso, isso porque se refere à organização realizada pela Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, que possui uma comissão com atribuições referentes ao planejamento da parte tradicional da festa, como a alvorada festiva, as corridas no parque de

---

<sup>20</sup> Segundo o IPHAN – Instituto Do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares. Ele é transmitido de geração a geração, e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234> Acesso em: 20/01/2022.

vaquejada, entrega dos prêmios aos vaqueiros vencedores, organização das atrações musicais que irão tocar no clube do vaqueiro. Para melhor esclarecimento quanto à sociedade recreativa, as próximas páginas do trabalho trazem dados sobre a sua organização, distribuição e características em gráficos do perfil de seus associados.

A sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos se constitui em uma entidade que tem como finalidade organizar eventos artísticos e culturais voltados para vaquejadas de pega de boi no mato. Sua sede social, o clube do vaqueiro, fica localizado no município de Porto da Folha, Sergipe, e sua fundação data do dia 08 de dezembro de 1982, tendo como grande responsabilidade organizar, anualmente, a tradicional festa do vaqueiro de Porto da Folha, que se caracteriza pela manifestação cultural das pegas de boi no mato.

Desse modo, a responsabilidade no tocante à organização diz respeito a parte tradicional da festa, já a parte social fica sob a responsabilidade da prefeitura municipal. Para tanto, é composta por uma comissão formada pelo presidente da sociedade, que ocupa o cargo por um mandato de dois anos, podendo ser reeleito por mais dois anos. A comissão é composta, ainda, por: presidente e um vice-presidente, 1º secretário, 2º secretário, 1º tesoureiro, 2º tesoureiro, 1º diretor social, 2º diretor social, 1º diretor de esporte, 2º diretor de esporte, 1º diretor da casa do vaqueiro, 2º diretor da casa do vaqueiro.

Em um levantamento feito para esse trabalho, utilizando documentos da sociedade – como atas de reuniões assinadas pelos sócios, listas de presença assinadas pelos sócios e por visitantes nas reuniões, assim como as fichas de matrículas de cada sócio –, obtivemos determinados resultados com relação ao perfil dos associados e da sociedade. Dito isto, conforme disponível nos gráficos abaixo, verificamos que:

Gráfico 1- Divisão por idade dos sócios contribuintes da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, conforme ficha de cadastro de sócios 2018/2021

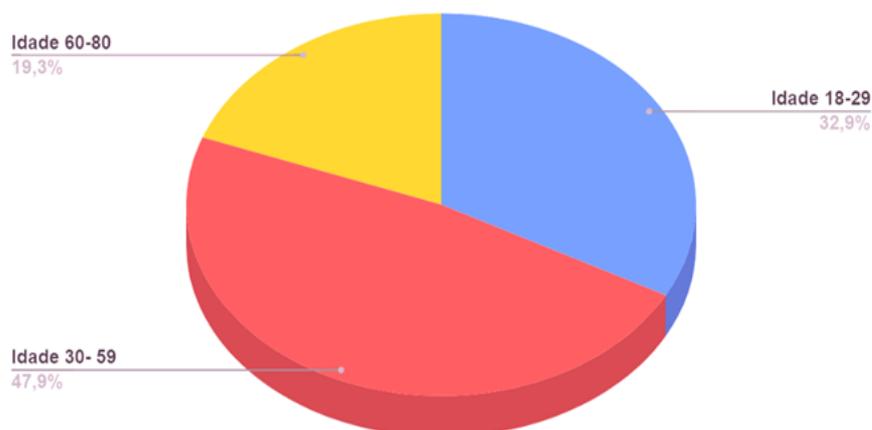


Gráfico 2- Divisão por sexo dos sócios contribuintes da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, conforme ficha de cadastro de sócios 2018/2021



Gráfico 3- Nível de escolaridade dos sócios contribuintes da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, conforme ficha de cadastro de sócios 2018/2021

### Escolaridade dos sócios de um total de 140

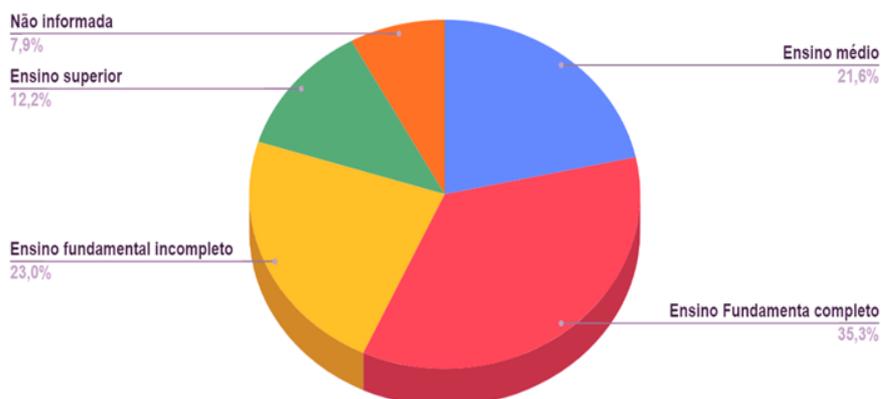
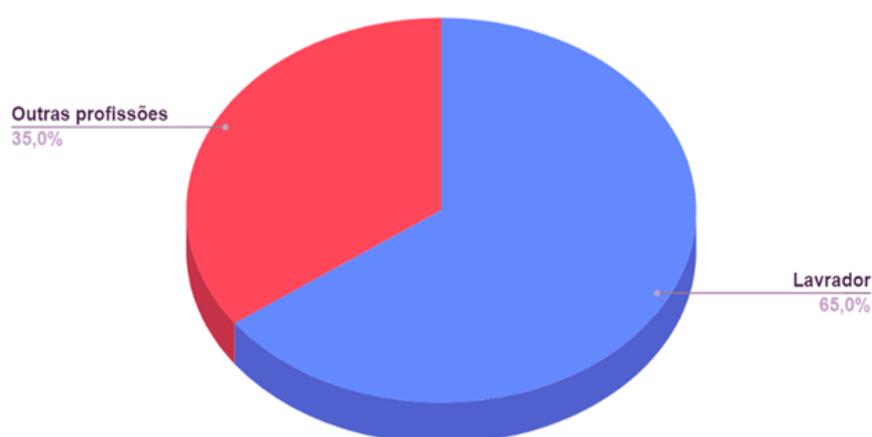


Gráfico 4- Distribuição dos sócios contribuintes da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, por profissão, conforme ficha de cadastro de sócios da entidade 2018/2021



Nomes das profissões e seu quantitativo que aparecem nas fichas de cadastro dos sócios que corresponde a 35%, Professores 07, Motoristas 04, Autônomos 03, Repositor 01,

Vigilante 02, Técnico agrícola 01, Supervisor de Caldeira 01, Pescador 02, Guarda municipal 02, Técnico executivo 01, Machante 01, Radialista 01, Funcionário público 01, Pedreiro 01, Funcionário privado 01, Empresário 01, Soldador 01, Polícia militar 01, Taxista 01, Frentista 01, Secretario de cultura 01, Auxiliar contábil 01, Atendente bancário 01, comerciante 01, aposentados 07.

Gráfico 5- Distribuição dos sócios contribuintes da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, local de moradia, conforme ficha de cadastro de sócios da entidade 2018/2021

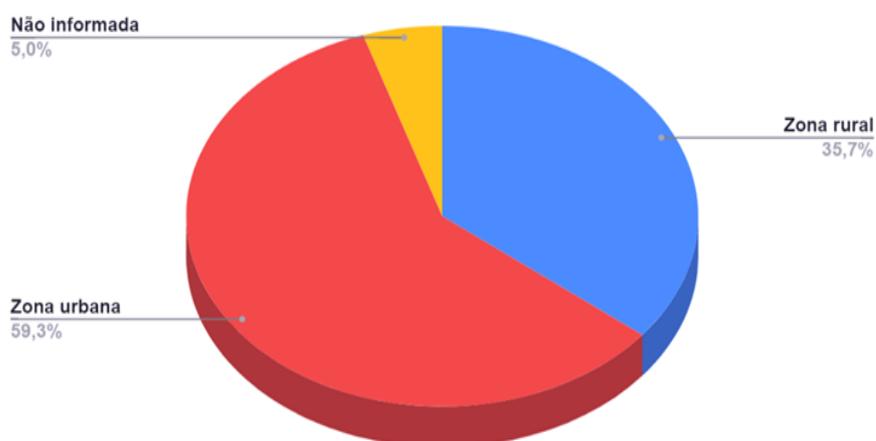


Gráfico 6- Distribuição dos sócios contribuintes da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, que moram em residências próprias ou alugadas, conforme ficha de cadastro de sócios da entidade 2018/2021

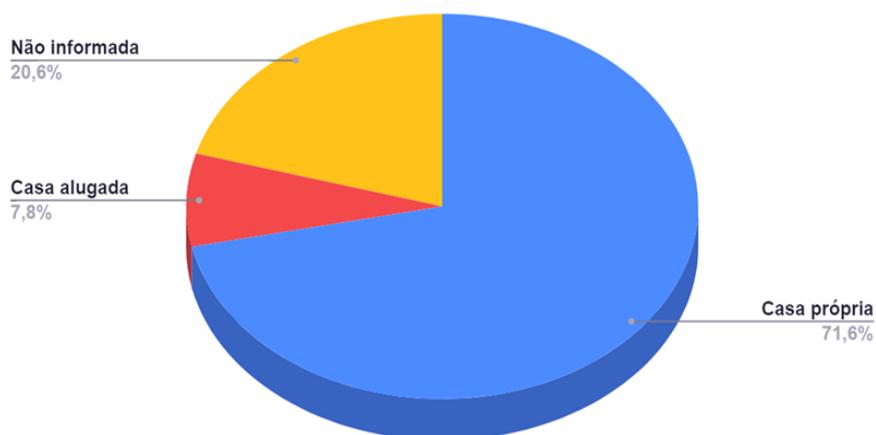


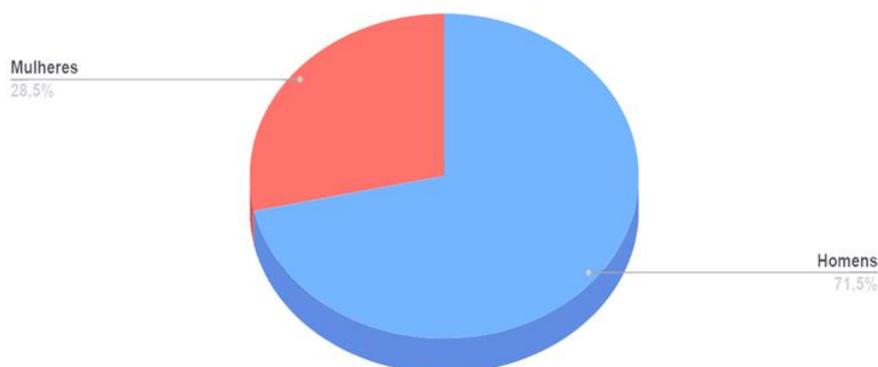
Tabela 1- Distribuição dos sócios contribuintes da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, referente a naturalidade e locais de residência, conforme ficha de cadastro de sócios da entidade 2018/2021

MUNICÍPIO/ESTADO	NATURALIDADE	RESIDÊNCIA
Porto da Folha/SE	61	80
Aracaju/ SE	19	06
Capela/SE	02	00
Belo Monte/AL	01	02
Itabi/SE	03	01
Poço Redondo/SE	04	06
Diadema/SP	01	00
Gararu/SE	17	22
Canindé do São Francisco/SE	01	00
Graccho Cardoso	01	02
Batalha/ AL	02	00
Canhoba /SE	02	00
Nossa Senhora das Dores/SE	03	00
Japaratuba/SE	01	01
Neópolis/SE	01	00
Monte Alegre de Sergipe/SE	02	02
Pão de Açúcar/ AL	01	01
Carira/SE	01	00
Arapiraca/AL	01	00
Nossa Senhora de Lurdes	01	01
São Paulo/SP	01	00
Nossa Senhora da Glória/SE	00	01
Santana do São Francisco/SE	00	02
Nossa Senhora do Socorro/SE	00	01
Aquidabã/SE	00	01

Quanto à realização da contagem de presença de homens e mulheres, através de assinaturas nas atas de reuniões e reuniões extraordinárias da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, do período correspondente a 13 de setembro de 2013 a 04 de agosto de 2021, obtivemos estes resultados:

Gráfico 7- Total de assinaturas masculinas e femininas conforme atas e lista de presença nas reuniões na Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos

Total de assinaturas masculinas 1824, assinaturas femininas 726, conforme atas e listas de presença da Sociedade Recreativa Nilo dos Santos



Conforme a documentação pesquisada e exposta nos gráficos sobre a Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, percebemos que a participação feminina em quantitativo é bem inferior à masculina, o que nos chamou a atenção. Desse modo, recorreremos a um diálogo com algumas mulheres que participam da Sociedade, ou seja, conversamos com Gilma Cristine Poderoso que, durante quatro anos, exerceu o cargo de tesoureira da entidade. Nesta conversa, discutimos sobre o papel da mulher nesses ambientes de vaquejadas de pega de boi no mato, o que poderoso nos deu a seguinte informação:

Durante o tempo que fui tesoureira sempre me senti muito respeitada por toda a classe da vaqueirama, realmente a participação de mulheres é muito reduzida, acho que por questões de interesses mesmo, pois não se interessam em correr boi no mato, algo que é muito perigoso, mulher de gibão somente conheço duas, que não são daqui de Porto da Folha, pelo que me parece são de Jabotã, eu antes de sair da tesouraria fui convidada por muitos sócios, vaqueiros para ser presidente, algo que seria inédito na sociedade, porém não aceitei, pois trabalho em escritório de contabilidade, e estou me preparando para concursos públicos (PODEROSO, 2021).

Conversamos, também, com Maria da Conceição Vieira (Maria Vaqueira), que, nas festas de vaquejadas no parque Nilo dos Santos, gosta de tirar versos e toadas, de maneira que é prestigiada por todos que estão presentes no espaço da festa. De acordo com Maria da Conceição, e ainda no tocante à sua presença como mulher em festas de vaquejadas:

Sempre amei pega de boi no mato, amo minha vida de vaqueira, mesmo sem pegar boi, venho para o parque, tomo todas, tiro meus versos, converso com meus amigos vaqueiros, que lidam com essa vida de gado, já fui rainha da festa, na época das malinhas a muito tempo atrás, fui morar em Aracaju, para trabalhar como cozinheira, mais toda festa que posso estou aqui, amo essa vida, nasci no sertão e aqui vou morrer (VIEIRA, 2021).

Para Gabriely Aragão de Santana, que já foi rainha da festa, exercer essa função junto a classe de vaqueiros era algo que sonhava desde a sua infância, já que sempre gostou da vaquejada e queria, de alguma forma, ajudar na organização do evento. Oportunidade esta que lhe foi concedida quando ganhou o concurso de rainha em 2016, assim, sobre essa experiência:

Sempre participei e me emocionei com a festa do vaqueiro, para mim é a melhor festa do mundo, espero o ano todo, quando era rainha ia para tudo o que a sociedade organizava, e eu estava lá para ajudar, foi uma experiência incrível, e mesmo não sendo mais rainha continuo como sócia participando das reuniões, valorizando a cultura do meu lugar, amo ser buraqueira, hoje trabalho fazendo divulgação de lojas, tenho um programa de rádio na sertão FM, voltado para o público sertanejo e para vaqueiros (SANTANA, 2021).

Para interagir com esse diálogo, procuramos uma mulher casada com um vaqueiro ligado à Sociedade Recreativa. Com isso, encontramos Karleane da Silva Oliveira, que vive em uma propriedade rural com o nome de “Redenção em Porto da Folha”. Karleane Oliveira nos contou que nunca gostou de estudar e que sempre quis ser vaqueira, contudo, como não conseguiu ser vaqueira, acabou se casando com um vaqueiro com o nome de Alencar. Ademais, relatou-nos que:

Desde pequena que já andava nas vaquejadas, meu pai e minha mãe mim levavam para a serra toda a vida, na escola nunca gostei de estudar, só queria saber de festas, principalmente vaquejadas, com treze anos fui morar junto com Alencar, que é vaqueiro e participa de torneios de boi no mato, estou na vida que pedi a Deus, acompanho meu marido em quase todas as competições, sou ciumenta e conheço bem essas festas, me sinto bem, quero que meus filhos estudem, ainda não temos nossa terra, trabalhamos em um propriedade rural, além de dona de casa, tiro leite, vou a roça, ajudo o meu marido como posso na organização da fazenda, assim vamos vivendo, com a vontade de Deus (OLIVEIRA, 2021).

Durante a realização da festa – seja nos shows na praça, nas ruas, avenidas ou no parque de vaquejada –, a participação feminina é intensa, cada uma com suas especificidades, gostos e interesses. Entretanto, o que abordamos aqui é essa participação dentro da organização e interação com a festa de forma mais engajada, o que se demonstra ainda reduzida. Diante disso, o fato é que nos deparamos com mulheres formadas em ciências contábeis, cozinheira, radialista, dona de casa, agricultora, o que demonstra a importância da participação feminina no ambiente da festa e de sua organização. Porém, devemos frisar, que a festa é para todos: mulheres, homens, adolescentes, homossexuais. Em síntese, tal festividade atrai público de diversas etnias, que se desloca para Porto da Folha todos os anos, de forma que a festa somente cresce ao atrair cada vez mais públicos diversificados.

A partir destas observações, com o objetivo de incentivar mais visitantes, cabe à prefeitura municipal e à Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos a divulgação da festa,

através de programas de rádio, televisão, redes sociais, cartazes – este, inclusive, sempre foi muito esperado, principalmente na época em que não existia a difusão da internet e rede sociais, como acontece hoje em dia.

Os cartazes impressos, segundo Santos e Santos (2014), eram o meio de divulgação das festas. Assim, eram mais divulgadas nas décadas de 80 e 90 do século XX e, geralmente, são colocados em lojas, mercados, farmácias, bancos, lanchonetes, pousadas, restaurantes, para a visibilidade do público que, muitas vezes, esperavam ansiosos a sua divulgação para saber a programação da festa. Até então, a festa era divulgada de boca a boca, ou através de torneios de corrida de boi no mato, de forma que ocorriam em outras localidades e os participantes divulgava. Na figura 8, temos exemplos desses cartazes que se constituíam na principal fonte de divulgação da festividade. Dito isto, podemos observar que nos cartazes que os mais antigos, trazem a figura de vaqueiros por meio de ilustrações; já o cartaz de 1989, traz a foto de vaqueiros segurando o boi, com seus cavalos na caatinga, ou seja, esse é o principal motivo para a criação da festa, a pega do boi no mato.

Figura 08- Cartazes de divulgação da festa do vaqueiro de Porto da Folha de 1984, 1985, 1986, 1989 respectivamente



Fotografia de Rivadavia Santos cruz. Fonte: acervo da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, Porto da Folha-SE, 2012.

Através de uma equipe da prefeitura municipal, na semana que antecede a festa, a estética da cidade começa a ser modificada de forma significativa. Tal diferença acontece como forma de transmitir aos moradores e turistas a emoção e o entusiasmo para a realização

do evento. Por exemplo, já que as ruas da cidade são estreitas ocorrem mudanças no trânsito no momento em que o palco oficial, na praça da matriz, está sendo montado.

Figura 09- Montagem do palco oficial da 49ª festa do vaqueiro de Porto da Folha-SE, 2019



Fotografia de Felipe Ezequiel de Souza. Fonte: acervo da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, 2019.

Ao longo do tempo, o palco vem passando por transformações em sua estrutura, como se verifica nas figuras 10, no qual se observa nas primeiras festas um palco pequeno para a entrega da premiação, sendo este sem cobertura e com um trio pé de serra animando o evento.

Figura 10- Entrega da premiação no palco oficial da festa do vaqueiro de Porto da Folha- SE em 1977



Fotografia de Flavio Aurelio Feitosa. Fonte: acervo da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, Porto da Folha-SE, 1977.

Nas festas mais recentes, a praça da matriz – onde o palco oficial é montado – atrai uma multidão de pessoas, turistas, moradores, vaqueiros, entre outros. Logo, é nesse espaço que nos dias da festa acontecem a benção dos vaqueiros, a apresentação de aboiadores e toadeiros, as apresentações de bandas reconhecidas nacionalmente, contratadas pela prefeitura municipal. Inclusive, a figura 11 retrata um desses momentos. Em contrapartida, a festa não se limita somente a esse espaço, conforme veremos mais a frente nesse trabalho.

Figura 11- Palco oficial com apresentações e praça lotada de pessoas na festa do vaqueiro, 2019



Fotografia de Felipe Ezequiel de Souza. Fonte: acervo da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, 2019.

Segundo a pesquisadora Mary Del Priore (1994), desde o período colonial no Brasil era comum as festas serem realizadas pelas ruas e praças públicas, em que estas seguiam um padrão estético de embelezamento, com uso de enfeites e outros ornamentos. Além disso, era comum também, de acordo com a autora, as câmaras municipais solicitarem às pessoas que caiassem suas casas no período de festa de padroeiros, como em festas profanas. Evidencia-se, nesse sentido, que as práticas de enfeitar e ornamentar as festas não são, de fato, recentes.

Na ornamentação de festas locais, a iluminação do espaço era de fundamental importância, e as pessoas procuravam iluminar tanto dentro como fora de seus domicílios. Geralmente, eram utilizados azeites de mamonas que eram colocados em painéis de barro com um cordão de algodão retorcido, ou seja, eram as chamadas estivas luminárias usadas na ornamentação das festas. Para Mary Del Priore ainda:

O importante era iluminar a qualquer custo, uma vez que a luz consagrava as noites de festa: todos os moradores da cidade que se compõe de mais de quatro mil quinhentos fogos, ainda o mais pobre não deixou de pôr meia dúzia de luminárias, não falando em cônegos, homens de negócios e pessoas nobres e ricas que cada um cuidou em mais lustrar tão real festejo (DEL PRIORE, 1994, p. 37).

A realização da festa do vaqueiro de Porto da Folha se constitui em um momento em que muitas pessoas procuram melhorar as suas rendas. Assim, quanto mais se contrata bandas de reconhecimento nacional, maior será a participação do público. Segundo Santos e Santos (2014), de 1939 a 1989, os shows eram realizados em arraiais <sup>21</sup> montados em praças, onde se apresentavam artistas locais. Na festa do vaqueiro de Porto da Folha, entre as décadas de 70 a 80 do século XX, era montado o bar do vaqueiro, em que aconteciam apresentações de trios pé de serra e apresentações de artistas como Josa, o Vaqueiro do Sertão; Erivaldo de Carira; Antônio Carlos Du Aracaju; Paulo Inácio e Sanfona. A partir da ampliação da festa, esses shows passaram a acontecer no clube do vaqueiro, isso já na década de 1990, já no palco oficial à noite se apresentam as bandas de reconhecimento nacional.

Desde a época da montagem do bar do vaqueiro, na praça da matriz, até a montagem de um palco oficial maior que os vendedores ambulantes vendem comidas típicas locais, bebidas, entre outros produtos. Quanto ao espaço do palco oficial, já se apresentaram artistas regionais quanto nacionais, tais como Clemilda, Zé Rosendo e Marluce, Antônio Carlos Du Aracaju, Luiz Fontenele, Agnaldo Timóteo, Banda Mastruz com Leite, Banda Aviões do Forró, Garota Safada, Calcinha Preta, Samira Show, Marcia Felipe, entre muitas outras.

Ademais, a festa do vaqueiro de Porto da Folha é realizada em três dias, com eventos durante todo o dia e à noite. Em suma, tem início em uma sexta-feira, com a alvorada festiva e, após esse momento, muitas pessoas e grupos ficam reunidos nas portas de suas casas, bebendo, dançando, comendo, bem como muitos outros continuam passeando montados em seus cavalos. Quanto à noite, acontecem os grandes shows musicais na praça da Matriz.

O sábado da festa, seu segundo dia, é quando se realizam as pegadas de boi no mato, no parque de vaquejada Nilo dos Santos, em um povoado do município chamado Serra dos homens. Na sede do município, acontecem shows de pagode, axé music, sofrência, na praça dos bois, adolescentes, jovens, adultos, mulheres e homens andam a cavalo pelas ruas e avenida da cidade, de modo que quem não tem cavalo ou não sabe montar, anda a pé. Outrossim, muitos se concentram em bares, montados na Avenida Minervino de Farias, para beber e apreciar a festa.

---

<sup>21</sup> Segundo o Dicionário Online de Português, arraial é um lugar pequeno e temporário, lugar em que festas populares são realizadas. Decoração e cenário. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/arraial/> Último acesso em 20/01/2022.

Em seguida, no domingo, terceiro e último dia da festa, há pela manhã as entregas dos prêmios aos vaqueiros que pegaram o boi no dia anterior, nas corridas no mato – sendo estes laureados no palco oficial do evento. Após as premiações, é organizado um desfile de encerramento pelas ruas da cidade, com vaqueiros encourados, comissão organizadora e diversos participantes montados em seus cavalos, de maneira que a população e visitantes apreciam a passagem do cortejo nas portas de sua casa. Enfim, e a festa continua durante todo o dia e a noite com os shows na praça.

No tocante à contratação de apresentações musicais, há critérios de seleção de artistas que estão no auge da fama de seu trabalho, no momento da festa. Na gestão do prefeito Manoel Gomes de Freitas, conhecido como Manoel de Rosinha (2005-2012), foram contratadas bandas de renome nacional, tais como Aviões do Forró, Garota Safada, Mastruz com Leite, Samira Show, Agnaldo Timóteo, Fernando Mendes, artistas que não tocam forró, mais tem o gosto popular de uma parcela da população adulta. Para Albuquerque (2019), a escolha dos artistas e bandas é perceptível ao notarmos a quantidade de expectadores que lotam a praça para assistir aos shows, como mostra a figura 12.

Figura 12- Multidão na Praça da Matriz Nossa Senhora da Conceição durante shows



Fotografia de Antônio Gonçalves Lima. Fonte: acervo da Prefeitura Municipal de Porto da Folha, 2019.

Durante a festa, a cidade recebe uma grande quantidade de turistas<sup>22</sup> que pretendem ficar os três dias no festejo. Contudo, como a cidade dispõe de poucas pousadas, não é possível acomodar a todos, assim, uma alternativa que surgiu para contornar essa situação consiste no aluguel da própria casa por uma parcela dos próprios moradores da cidade, que alugam seus imóveis como uma forma de adquirir uma renda extra durante o evento.

A locação de casas, por grupos de turistas, acontece por meio de divulgação em redes sociais, boca a boca, entre outros meios. Nesse caso, a Prefeitura de Porto da Folha não dispõe de um cadastro em que seja possível o inquilino avaliar a qualidade do imóvel, quantidade de cômodos, localização, valores do aluguel, de forma que alguns turistas já são conhecidos dos donos da casa por participarem de festas anteriores, o que fica mais fácil fechar o contrato. Porém, ocorrem alguns contratemplos com alguns destes aluguéis, conforme relata um boletim de ocorrência de número 2013/05431.0-000388 da delegacia de polícia de Porto da Folha.

(...) Senhor (...) alugou uma casa a um inquilino que veio com um grupo de turistas, localizada na Avenida Minervino Farias de Freitas, (...) por um valor de R\$ 3000,00 ( três mil reais); que foram pagos R\$ 1000,00 de forma antecipada, e o restante de R\$ 2000,00 (dois mil reais) seria pago no último dia da festa, onde o proprietário faria uma vistoria para ver se estava tudo em ordem, do jeito que entregou, para surpresa do dono, encontrou até cavalo, dentro da casa, pias de lavar mãos entupidas de vômitos, paredes sujas, esse para cobrir o prejuízo aumentou o valor restante de R\$ 2000, 00, (dois mil reais) para R\$ 3000,00 (três mil reais), no qual o inquilino da festa se recusou a pagar, indo embora sem pagar o valor restante combinado, segundo noticiante (Fonte SSP. Grifo nosso).

Os alugueis de imóveis para os participantes da festa do vaqueiro de Porto da Folha, geralmente, ocorrem entre um locador e um locatário. Quanto aos valores das estadias, estes são divididos entre um grupo, que pode ser de amigos ou parentes. Durante a festa é comum, vale salientar, ocorrer furtos de carteiras, contendo dinheiro e documentos, celulares, entre outros pertences dos visitantes. Um boletim de ocorrência de número 2009/08714.0-000163 registrado no dia 27 de setembro de 2009 na mesma delegacia de Porto da Folha-SE, traz o seguinte relato:

(...) Estava entre um grupo de turistas, no qual um responsável alugou a casa, e a noite saiu para assistir os shows na praça, não levou o celular, e nem a carteira, que ficou em sua mala, quando voltou do show ao amanhecer dormiu, e ao acordar percebeu que seu celular e a carteira tinham sumidos, procurou com outros colegas dentro da casa e não encontrou nada como estava sem documento, prestou a ocorrência para possíveis medidas cabíveis (Fonte SSP. Grifo nosso).

Nesse sentido, podemos perceber que a realização da festa é um momento propício para quem quer incrementar sua renda, como fazem alguns moradores de Porto da Folha,

<sup>22</sup> Nos boletins de ocorrência analisado nessa pesquisa, registrados na delegacia de Porto da Folha- SE, durante a realização da festa do vaqueiro, foi possível observar que muitos turistas vêm de Aracaju, Nossa Senhora do Socorro, Capela, Aquidabã, Paulo Afonso- BA, Arapiraca- AL, Bom Sucesso – PE, Governador Valadares- MG.

alugando suas casas, assim como os vendedores ambulantes, trabalhadores que montam suas barracas para venderem bebidas. Em contraposição esta festividade pode ser, além de um momento de diversão, um espaço em que pessoas podem se apoderar de coisas, pertences alheios.

### 3.3.2. A alvorada festiva

A festa do vaqueiro de Porto da Folha começou a ser realizada no final da década de 1960. Durante todo esse período a festividade vem sofrendo algumas transformações em sua dinâmica, entre elas, o crescimento de sua alvorada festiva, descrita em uma entrevista pelo vaqueiro Zé Miúdo, a saber:

Não, não, não, cavalgada quem fundou ela foi Medeiros, nós fazia a alvorada mais compadre Mauricio, ai Medeiros um dia chamou o fio, Feitosa, ai chegou lá com três ou quatro cavalo, e daí no outro ano já foi de quinze ou vinte, ai no outro ano já desembestou, hoje em dia já é de quatro a cinco mil cavalo, quem fundou isso foi Medeiros, mais não existia, existia no domingo o desfile, ai existia, na alvorada não existia não, já existiu de muitos tempo, foi Medeiros que fez esse fundamento, ai começou a alvorada com gente como o diabo (JOSÉ ALVES DE OLIVEIRA, entrevista concedida ao autor, em Porto da Folha- SE. Em 21 de abril de 2021)<sup>23</sup>.

Na figura 13 e 14 é possível observarmos o desfile de encerramento da festa do vaqueiro, como mencionado por Zé Miúdo, com o aboiador Mauricio do Pajeú, puxando o cortejo a cavalo. Este acontece sempre aos domingos, sendo acompanhado por vaqueiros encourados, por participantes e por pessoas que ficam nas portas de suas casas apreciando e se divertindo.

Figura 13- Desfile de encerramento da festa do vaqueiro em Porto da Folha, 1988.

---

<sup>23</sup> A entrevista com o vaqueiro Zé Miúdo seguiu as técnicas da história oral temática, ela é quase sempre usada como técnica pois articula, na maioria das vezes, os diálogos com outros documentos, a história oral temática é apenas um recurso a mais e, portanto, compatível com a necessidade de busca de esclarecimentos (MEIHY e; SEAWRIGHT, 2020, p. 70).



Fotografia de Antônio Moreira Neto. Fonte: acervo da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, 1988.

Figura 14- Desfile de encerramento da festa do vaqueiro em Porto da Folha, 1988.



Fotografia de Antônio Moreira Neto. Fonte: acervo da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, 1988.

A alvorada festiva é organizada na sexta-feira da festa, de modo que tem início por volta das 4 horas. Nela, centenas de pessoas se reúnem na praça da matriz, onde ocorrem queimas de fogos de artifícios e apresentações no palco de aboiadores, toadeiros. Além disso, o pároco realiza a benção dos vaqueiros e o prefeito entrega a chave da cidade ao presidente da festa, conforme podemos observar na figura 15.

Figura 15- Alvorada festiva, benção do vaqueiro e entrega da chave da cidade ao presidente da festa, 2018.



Fotografia de Felipe Ezequiel de Souza. Fonte: acervo da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, 2018.

Após esse momento no palco oficial da festa, organiza-se um grande cortejo pelas ruas e avenida da cidade, em que vaqueiros e participantes, montados em seus cavalos, acompanham a comissão que segue em cima de um mine-trio. Quanto aos que não têm ou não sabem andar a cavalo, é possível alugar carroças de burro. Interessante apontarmos, inclusive, que de 2018 para cá, podemos perceber o acompanhamento de caminhões pau de arara no cortejo, além de muitas pessoas que assistem à passagem da porta de suas casas, como se pode ver nas figuras 16 e 17.

Figura 16- Alvorada festiva, mine-trio e comissão a frente do cortejo, 2018.



Fotografia de Felipe Ezequiel de Souza. Fonte: acervo da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, 2018.

Figura 17- Multidão acompanhando o cortejo,2018.



Fotografia de Felipe Ezequiel de Souza. Fonte: acervo da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, 2018.

Durante a alvorada festiva, o momento de pedir a benção à Nossa Senhora da Conceição é algo bem significativo na relação humana entre o sagrado e o profano. Geralmente esta etapa é acompanhada da oração da ave Maria, cantada por artistas musicais locais. De acordo com Albuquerque (2019), as cavalgadas há muito tempo existem nos sertões nordestinos, cujos grupos de montadores a cavalos, chamados de comboieiros, percorriam longos caminhos na condução de boiadas ou no transporte de alimentos e mercadorias. Dito isto, por diversos lugares, estes levavam consigo uma pequena imagem da Virgem Maria e terços para orações, de maneira que paravam para descansar e rezavam, bem como se alimentavam de farinha de mandioca, rapadura e queijo.

Segundo Souza (2020), o evento da alvorada festiva foi copiado do Município pernambucano de Serrita, no qual este realiza anualmente vaquejadas de pega de boi no mato. Em resumo, no final da década de 1990, José Lima de Medeiros começou a imitar, levando para a praça, na madrugada da sexta-feira da festa, cinco cavalos; nos anos posteriores, o número foi aumentando e, hoje, o quantitativo corresponde a bem mais do que o representado na figura 17, assim como a partir do que contou o vaqueiro Zé Miúdo na entrevista aqui citada, quando afirmou ter “cavalo como diacho”.

A diversão, de acordo com Souza (2015), também consistia em grupos de vaqueiros saírem de porta em porta, no dia anterior às corridas de pegadas de boi no mato, para pedirem ajuda para a população, a fim de pagarem o valor da inscrição da corrida. Além disso, junto a

isso, políticos locais contratavam grupos de sanfoneiros que saiam cantando, tocando e dançando pelas ruas, e visitando casas de amigos e parentes.

Para os autores Albuquerque (2019) e Souza (2020), nas primeiras festas do vaqueiro, a participação feminina no evento era muito reduzida. Situação esta que é perceptível em todas as figuras com fotografias destacadas nesse trabalho, que se limitam a mostrar a rainha da festa, acompanhada de homens que compõem a sua organização. De acordo com Souza (2020), ainda, o papel das mulheres estava muito voltado à realização do trabalho de cozinheira e de esposas dedicadas às atividades domésticas.

Sob a ótica de Mary Del Priore (2011), esse comportamento pouco participativo das mulheres em eventos está relacionado à tradição cristã, que associava a participação da mulher em espaços de festas como algo pecaminoso, que poderia conduzir a prostituição. Nesse aspecto, tal forma de pensar existiu no Brasil desde o período colonial, em que predominava um pensamento voltado para os bons costumes familiares, de maneira que deveriam ser valorizadas a honra e as boas condutas, conforme os padrões da sociedade da época. Desse modo, as mulheres deveriam adotar um comportamento recatado, ligado à castidade e à pureza, de forma passiva.

Todavia, somente na década de 1990, em relação à festa do vaqueiro, isto começa a mudar em decorrência das transformações econômicas, demográficas e culturais, no qual as mulheres passavam aos poucos a conquistar mais espaços, ampliando sua participação na festividade. Um exemplo disso é a organização de cavalgada feminina, como as “Divas Viajantes”, “As patroas”, que, além de participarem da festa, organizam encontros durante o ano, para diversão, distração, para colocar as conversas em dia e sair pelas estradas cavalgando.

Figura 18- Grupo de mulheres Divas Viajantes a caminho da alvorada festiva da 48ª festa do vaqueiro, 2018.



Fotografia de Valeska Rito de Oliveira. Fonte: acervo Grupo de Mulheres Divas viajantes, 2018.

Na década de 1990, a alvorada festiva em Porto da Folha teve o seu público ampliado. A contratação de um mine-trio elétrico, por parte de patrocinadores da festa, e pela prefeitura municipal, significou a inserção de novas tecnologias ao evento. Por ser o primeiro momento de abertura da festa, que acontece às quatro horas, dando início no palco oficial, com queima de fogos de artifícios, cantorias, poesias, já conta com um grande público, como se observa na figura 11. Para Albuquerque (2019), fazia-se necessário o uso de tecnologias como o mine-trio, que acompanha a cavalgada, com músicas de forró, animando, contagiando, fazendo a alegria de todos os presentes, dando mais visibilidade e fortalecendo a abertura da festa.

Mediante o exposto, verificamos que o público que vem participando da festa do vaqueiro, vem introduzindo novos elementos culturais à sua alvorada festiva, fazendo com que ocorram transformações ao longo do tempo. Contudo, permanecendo como uma forma de diversão que consiste em preparar cavalos para montarias, momento de artistas locais apresentar sua arte, momento de patrocinadores divulgarem seus comércios e estabelecimentos, momento de festejar as atividades do campo, como a agricultura e criação de animais.

### **3.3.3 A escolha do gado, para correr no mato**

Quando um município celebra uma festa, é natural que haja o seu momento mais esperado. Em Porto da Folha, na festa do vaqueiro, as corridas de boi no mato se constituem como esse momento, sendo o ponto principal para a existência da festividade. Todavia, antes

desse acontecimento é feita toda uma preparação para a escolha do gado que vai correr, e quem serão os criadores doadores.

Segundo Souza (2015), desde a primeira festa existia a escolha do gado que ia correr. No entanto, isso era feito de uma forma mais simples, pois, não existia o parque de vaquejada e os vaqueiros iam correr nas propriedades das redondezas, cedidas pelos seus donos. Nesse sentido, não havia a necessidade de deslocamento do gado, das fazendas dos criadores, para o parque de forma antecipada, como ocorre hoje em dia. Antes, o gado vivia mais a solta e a quantidade de vaqueiros oriundos de outros locais era menor.

No decorrer dos anos, o grupo responsável pela organização da festa foi aumentando. Os vaqueiros iam chegando de vários locais como Gararu, Aquidabã, Poço Redondo, Nossa Senhora da Glória, de cidades alagoanas, pernambucanas, baianas, entre outras. Afinal, todos queriam fazer correr seus gados. Na sede do município, as pessoas se juntavam para beber, dançar ao som de trios pé de serra, o que fez surgir a necessidade de um local próprio para a sua realização, principalmente quando o poder público, através da prefeitura municipal, passou a fazer parte de sua organização em 1981.

Ainda de acordo com Souza (2015), foi durante o governo de João Alves Filho, em Sergipe, no ano de 1985, que foi comprado as terras do parque de vaquejada de pega de boi no mato, Nilo dos Santos. Desse modo, a partir desse momento, os vaqueiros de Porto da Folha e de outras regiões tinham um local fixo para realizarem as suas corridas, o que é evidenciado na fala do vaqueiro Zé Miúdo, que estava entre o grupo de vaqueiros que criou a festa em 1969 e participou da compra das terras do parque em 1985.

(...) ai daí foi onde João Alves mandou, Tonho de Chico compra-se um campo pra festa, e ele pelejou pra comprar ai rapaz, quinhentas tarefas de Tonho Tavares, mais Tonho Tavares só vendia mil, ao Tonho não queria perder a oportunidade, era que nem dizia Filemon, se tivesse comprado as mil, o governador tinha pagado as mesma mil, mais ele não quis, ai comprou aquelas dali, é acidentada o que, é o que nada rapaz, o importante é que tem, quer dizer hoje todo ano você sabe onde é a festa (JOSÉ ALVES DE OLIVEIRA, entrevista concedida ao autor, em Porto da Folha- SE. Em 21 de abril de 2021).

O parque de vaquejada é coberto em quase toda a sua extensão pela vegetação da caatinga, fato pelo qual a vegetação dessa localidade não pode ser desmatada. Assim sendo, deve ser mantida a sua preservação justamente para permanecer com a tradição das corridas de boi no mato. No que diz respeito ao tratamento e cuidado para com os animais, a promotoria da comarca de Porto da Folha expede, antes da festa, a lei que proíbe os maus tratos e abusos para com os animais, conforme consta nos anexos desse trabalho.

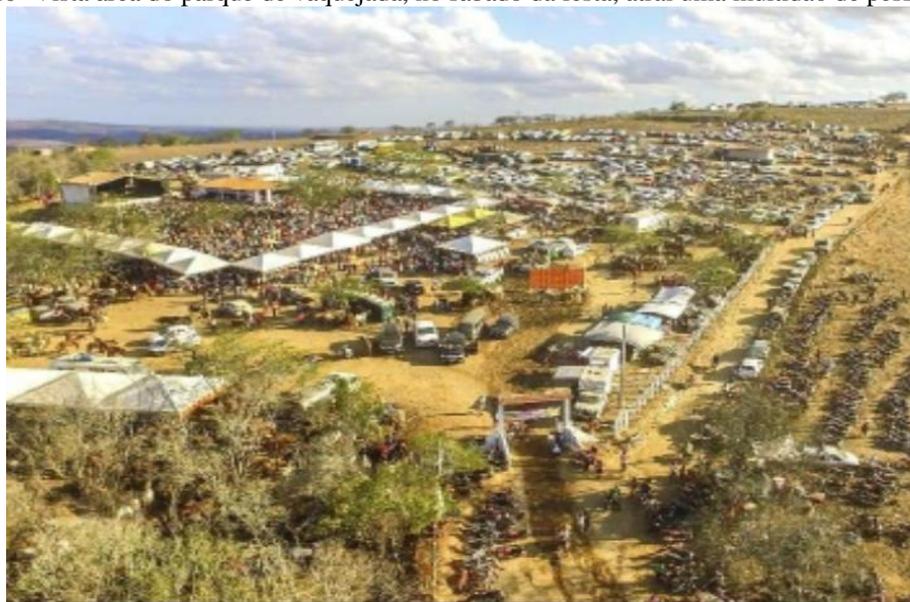
Figura 19- Curral do parque de vaquejada Nilo dos Santos, em dia de pega de boi no mato, 2018.



Fotografia de Henrique Cardoso de Oliveira. Fonte: Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, Porto da Folha- SE, 2018.

No último sábado do mês de setembro, por volta das oito horas, grupos de vaqueiros com suas vestimentas de couro sobem a Serra dos homens para as corridas de pega de boi no mato. Em suma, são estas as práticas culturais que fazem parte da comemoração da festa do vaqueiro em Porto da Folha-SE. Além disso, juntamente com os vaqueiros, também há a equipe que faz parte da organização do evento e uma multidão de pessoas, em busca de diversão e para prestigiar a vaquejada na serra.

Figura 20- Vista área do parque de vaquejada, no sábado da festa, atrai uma multidão de pessoas 2018.



Fotografia de Henrique Cardoso de Oliveira. Fonte: Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, Porto da Folha- SE, 2018.

As corridas de boi no mato ocorrem durante todo o dia, estendendo-se até às 17 horas. Diante disso, alguns grupos de pessoas se concentram no curral, como pode ser observado na figura 19, e outros grupos se concentram no galpão de alvenaria, onde um palco é montado do lado para as apresentações de shows de artistas que cantam músicas de vaquejadas, por exemplo, como Danielzinho e forrozão quarto de milha, Ramon Baianinho e banda, Radinho e banda, Alex das vaquejadas, forró da pegação, entre outras atrações.

No espaço da serra, o curral é considerado o local mais perigoso para as pessoas apreciarem o evento, visto que, no momento em que o boi é liberado do curral por membros da comissão organizadora da festa, este sai em disparada<sup>24</sup>. Em seguida, as duplas ou trios de vaqueiros saem em disparada e entram na caatinga para a captura do animal, obtendo uma premiação pelo tal feito. A figura 21 retrata o momento em que ocorre a disparada, entre o boi e os vaqueiros.

Figura 21- Momento da disparada, onde os vaqueiros correm para pegar o boi, 2018.



Fotografia de Henrique Cardoso de Oliveira. Fonte: acervo Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, Porto da Folha- SE, 2018.

Ao final da tarde, a multidão de pessoas que foi assistir às corridas de boi no mato, descem para a sede municipal e se juntam com as pessoas que passaram o dia todo se divertindo na cidade. Nesse momento, chama a atenção do visitante e turista a quantidade de vaqueiros que entram na cidade com escoriações no rosto, demonstrando a coragem de entrar no mato e se ferir, podendo também se envolver em acidentes mais graves como o

<sup>24</sup> De acordo com o site Dicionário Informal, disparada é flexão de disparar.1. Que sofreu disparamento; foi lançada; atirada; que foi descarregada.2. Que correu. Ver: <https://www.dicionarioinformal.com.br/disparada/> Acesso em 22/01/2022.

deslocamento de um membro do corpo - como perda de olho, por exemplo. Outro aspecto perceptível, nesse contexto, trata-se de uma prática rústica quanto à relação do homem com o meio ambiente.

De acordo com Souza (2020), desde os primeiros anos da realização das corridas há entre os principais critérios para a escolha dos bois: serem valentes e arredios, difíceis de serem pegos pelos vaqueiros. Dito isto, é necessário também contar com a colaboração dos doadores de gado, que conhecem seus animais, além destes estarem em boas condições de saúde e terem uma idade no qual o animal seja considerado novo e propício para a prática. Para o aboiador Mauricio do Pajeú e o vaqueiro Zé Miúdo, muitos bois ganharam fama devido às suas façanhas no mato.

E lá meu pai saiu pro lado do Pajeú, comprou uma propriedade prá lá e eu tive o prazer de encontrar Miguel do Pajeú quando eu tinha treze anos de idade [...]. E nós se unimos e aí surgiu a festa do boi Ouro Fino e vários bois naquela época que a gente ia atrás de adquirir os bois que eram soltos no campo; muito às vezes a gente passava muitos dias sem ver... mas se juntava a vaqueirama e ía por mato e findava encontrando aquela rês para encurralar como eles chamavam antigamente; depois surgiu esse boi como uma diversão para a vaqueirama porque o boi foi difícil de pegar (NUNES, 2021).

Era um gado brabo da pé, e aí eu comecei, comecei a correr boi com 12 anos de idade, e aí comecei, comecei, até, aí mim juntei com Miguel do Pajeú, e nós foi para pega de boi em Alagoas, Pernambuco, Bahia, que nem o boi da malha, que nem boi cuidado, o novo dono, foi aqui para baixo, o ouro fino que era daqui, Flor do campo foi o rei dos bois, Zé Pelino (JOSÉ ALVES DE OLIVEIRA, entrevista concedida ao autor, em Porto da Folha- SE. Em 21 de abril de 2021) .

É importante frisarmos que, mesmo com as inovações tecnológicas - mine trios, palcos bem mais equipados, shows de artistas nacionais em praças públicas – não houve substituição das cantorias típicas dos vaqueiros, como seus aboios e toadas, que podem ser apreciados nos momentos de comemoração da festividade, em especial no momento em que o boi está solto, correndo no mato.

### **3.3.4. O concurso para a escolha da rainha da vaquejada**

Um evento que sempre fez parte da festa do vaqueiro de Porto da Folha consiste no concurso realizado para a escolha da rainha, que se encaixa em um momento muito esperado pela população local, no sentido de quem serão as candidatas e quem sairá vitoriosa. Porém, apesar do concurso sempre ter existido, a sua dinâmica foi se modificando ao longo do tempo. Segundo Maria da Conceição Vieira, no ano de 1975, no qual foi rainha, o concurso consistia na prática das candidatas saírem pelas ruas da cidade, e de outros locais, pedindo ajuda em

dinheiro para a festa. No dia de sair o resultado, inclusive, a mala de cada candidata era aberta, de forma que quem tivesse mais dinheiro, dentro de sua malinha, era a vitoriosa e se tornava a rainha da vaquejada.

Em seu acervo particular, Maria da Conceição Vieira guarda uma fotografia apresentada na figura 22, do tempo em que foi rainha da festa, entre os anos de 1975-1976. Com esta imagem, observamos Maria Vieira ao centro cercada por participantes, na maioria do sexo masculino – característica que se observa nas festas de vaquejada em que predomina a participação de homens, embora na atualidade existam grupos de mulheres como as Divas Viajantes e As patroas, já mencionadas nesse trabalho, como já observado nas figuras 17, 18.

Figura 22- Rainha da vaquejada de Porto da Folha, nos anos de 1975-1976.



Fotografia de Rivadavia Santos Cruz. Fonte: acervo particular de Maria da Conceição Vieira, 1975.

O dinheiro arrecadado com o concurso, através das malinhas das candidatas, era destinado uma parte para a assistência de caridade; e a outra parte para os gastos com a festa, como a contratação de cozinheiras para preparar as refeições dos vaqueiros, principalmente aqueles oriundos de outros lugares.

Com o passar do tempo, o concurso foi se modificando e as malinhas deixaram de existir. Durante as décadas de 90 e os primeiros anos de 2000, foram considerados o requisito beleza, desenvoltura e oratória para se tornar rainha da festa. Além disso, também era colocado em questão o desfile, em que as candidatas, com vestes de vaquejadas, teriam que conquistar o público e os jurados presentes no evento. Desse modo, a que conseguisse contagiá-los com simpatia, seria a vencedora.

Dos anos de 2016 a 2018, o concurso passou por novas adaptações e o critério beleza passou a não ser considerado para classificação. Também, o concurso passou a ser realizado por etapas, entre os meses de agosto e setembro. Na primeira etapa, há uma prova de montaria, no qual as candidatas demonstram as suas habilidades, montadas em seus cavalos, como mostra as figuras 23 e 24. Quanto à segunda etapa, esta consiste na arrecadação de alimentos para doações. Já a terceira e última etapa, refere-se à recitação de uma poesia livre por parte da candidata, que pode ser um cordel, repente, toada, entre outros.

Figuras 23 e 24- Etapa de montaria do concurso da rainha da vaquejada de Porto da Folha, 2016



Fotografias de Felipe Ezequiel de Souza. Fonte: acervo da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, Porto da Folha, Sergipe, 2016.

É possível notarmos, ao fundo da figura 23, a quantidade de pessoas que assistem as etapas do concurso, inclusive as candidatas têm torcida organizada para apoiá-las no momento da competição. A última etapa, por exemplo, que é a declamação da poesia, acontece no palco oficial da festa, na quarta-feira que antecede o evento, pois a candidata vencedora deve estar totalmente preparada para o desfile festivo de abertura, na sexta-feira. Dito isto, a vencedora da competição deve ficar no cargo durante dois anos até que um novo concurso seja realizado.

Para Albuquerque (2019), participar e vencer o concurso é um sonho para muitas garotas portofolhenses. Na atualidade, é um meio de divulgação de seus nomes nos meios de comunicação local – como em rádio, em blogs e redes sociais. A partir dessa experiência, lojas comerciais do município organizam visitas vips, em que a candidata vencedora comparece como forma de despertar a vinda de clientes para comprar na loja, possibilitando que esta fature um valor em dinheiro pelo seu comparecimento, carisma, simpatia e ajuda na divulgação da loja.

Ademais, devemos enfatizar que a última etapa do concurso lota a praça da matriz, com curiosos, participantes e torcidas organizadas, isto é, para prestigiar as candidatas estes organizam gritos de guerras, aplaudem, vibram com a competição. Sobre as torcidas, inclusive, apesar de ovacionar as suas favoritas, não é permitido o uso de vaias ou xingamentos às candidatas opostas, sob pena de punição e expulsão da candidata que submeter a sua torcida a esta situação.

A realização do evento, em sua fase final, ocorre na praça da matriz, cujo palco oficial da festa já está montado. Assim, há uma divisão social entre os espectadores, mesmo se tratando de um espaço público, de modo que: em cima do palco ficam bem acomodadas as autoridades políticas locais, pessoas que têm algum tipo de influência local – como comerciantes – e o grupo dos jurados que vai avaliar as apresentações; na parte embaixo do palco, fica o público mais jovem, tais como as torcidas organizadas; e no fundo da praça, ficam os idosos, entre outros curiosos, assistindo tudo a pé ou com cadeiras que trazem de suas residências.

Figuras 25 - Etapa final do concurso e encontro de rainhas da vaquejada de Porto da Folha, 2018



Fotografias de Felipe Ezequiel de Souza. Fonte: acervo da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, Porto da Folha, Sergipe, 2018.

A figura 25 retrata um desses momentos do concurso, realizado no ano de 2018, em que as rainhas das festas anteriores foram convidadas para serem homenageadas. Outro destaque é a ganhadora e atual rainha até 2022, Geovanna Avaristo Lima, que, por conta da pandemia da Covid-19, a festa não foi realizada em 2020 e 2021, e por esse motivo o reinado da atual rainha foi estendido. Frisamos, ainda, que este é momento em que a festa é acompanhada por uma multidão de pessoas, que lota a praça da matriz, tal como podemos observar na figura 26.

Figuras 26 - Multidão de pessoas assistindo a etapa final do concurso da rainha da vaquejada de Porto da Folha, 2018



Fotografias de Felipe Ezequiel de Souza. Fonte: acervo da Prefeitura Municipal de Porto da Folha, Sergipe, 2018.

No tocante à escolha do jurado pela comissão organizadora, este tem a responsabilidade de comparecer em cada etapa do concurso. Antes de 2016, conforme já mencionado aqui, o quesito beleza era considerado, porém, a partir desse ano outros quesitos passaram a ser utilizados. Em substituição a esse, entretanto, os jurados devem observar nas

candidatas a desenvoltura, a boa relação com o animal no momento da montaria, a simpatia para com o público e a disposição para ajudar na organização da festa.

A escolha da rainha da festa do vaqueiro de Porto da Folha é um dos momentos em que a representatividade feminina está bem presente, uma vez que esse ambiente tem uma predominância masculina, mesmo que, conforme nosso trabalho tem explicitado, as mulheres têm se organizado para participar da festa, como o grupo das Divas viajantes, As patroas. Nesse aspecto, salientamos que algumas atividades, como as pegadas de boi no mato, ainda atraem mais homens do que mulheres, de forma que estas têm o direito de participar ou não, visto que a as suas participações não devem se limitar a grupos de cavalgadas femininos. De modo geral, cabe às mulheres, conforme os seus interesses ou não, se inserirem no espaço da festa e em outros espaços em que, historicamente, foram excluídas e invisibilizadas.

### **3.3.5. Entre o sagrado e o profano: a bênção do vaqueiro e a fé na Virgem da Conceição**

Na festa do vaqueiro de Porto da Folha, um dos seus principais eventos incluem os shows musicais que acontecem durante os três dias (sexta, sábado e domingo). Nessa festividade, a religiosidade católica se faz presente através da bênção dos vaqueiros pelo pároco local, no qual muitos vaqueiros presentes expressam a sua fé, especialmente em pedidos e orações à Virgem mãe imaculada, Nossa Senhora da Conceição, para que nada de ruim aconteça durante a festa e no momento das corridas de pega de boi no mato.

Essa solenidade acontece no palco oficial da festa, na madrugada de sexta-feira, momento em que ocorre a alvorada festiva, como já descrito nesse trabalho. Assim, o pároco local sobe em cima do palco, com suas vestes sacerdotais, características do catolicismo, faz um sermão e uma oração. Em seguida, joga água, considerada benta, sobre os vaqueiros e participantes de forma geral, presentes na praça. Esse momento é acompanhado por canções cantada por artistas locais, como a Ave Maria Sertaneja.

Figuras 27 – Momento da bênção dos vaqueiros na 49ª festa do vaqueiro de Porto da Folha, 2019.



Fotografias de Felipe Ezequiel de Souza. Fonte: acervo da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, Porto da Folha, Sergipe, 2019.

Na figura 27, é possível percebermos a benção do vaqueiro sendo realizada pelo padre da paróquia. Abaixo do palco, vaqueiros encourados e uma multidão de pessoas como observado na figura 11, acompanham atentamente esse momento. Ademais, é possível verificarmos a traseira de um boi, com longas pontas, sendo esse uma escultura em acrílico do boi Zepelim, ou seja, uma representação lendária e folclórica de um boi que viveu pelos campos e fazendas do município, correndo a solta, e que podemos encontrar referência sobre tal tema na dissertação de Santos (2018).

E pela sua façanha, na sequência dos anos de 1950, manteve-se visto como herói perante à sociedade de vaqueiros. Perante toda região que compartilhava das pelejas “correr boi no mato” e, principalmente, por onde o boi Zepelim já tinha criado lenda. (SANTOS, 2018, p. 30)

Na praça, boa parte da população local e visitantes assistem, atentamente, a tudo o que acontece, apesar de não haver nenhuma determinação específica da comissão organizadora da festa nem da igreja, é possível percebermos que, em cima do palco, sentam-se os políticos locais, alguns empresários, a rainha da festa do vaqueiro e membros da comissão organizadora, os demais participantes se acomodam ao longo da extensão da praça, sem coberturas que lhe protejam do sol, ou chuva.

Na benção do vaqueiro de 2019, durante a realização do sermão, quando o assunto não é direcionado à política, o padre aconselha aos participantes a terem cuidado consigo mesmo e com os outros, não cometendo exageros, não faltando com respeito à dignidade humana.

Além disso, o pároco fala ainda sobre a vida do vaqueiro, da importância do seu trabalho para o desenvolvimento da pecuária extensiva, sobre a pouca valorização dessa categoria pelas autoridades políticas, encorajando-os a manter a luta com força e disposição para uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse momento, as vestes dos vaqueiros, como o gibão de couro, são abençoadas pelo sacerdote. Isso demonstra como a festa do vaqueiro de Porto da Folha tem uma forte ligação com o catolicismo.

Criada em 1990, a benção do vaqueiro em Porto da Folha tem como objetivo pedir a proteção divina, isto é, para que essa ocorra sem atos de violência, como também a não ocorrência de acidentes durante as corridas de pega de boi no mato, uma vez que essa prática é muito arriscada, com registros de vaqueiros que já perderam olho, ficando cegos, ou mesmo deslocaram costelas, braços e pernas. Sobre esse tema, ainda, devemos aludir que, durante os dias do festejo, as ruas da cidade ficam muito movimentadas, com um grande número de cavalos circulando, assim como com um grande número de automóveis e pedestres, de maneira que, para os participantes da benção e os fiéis católicos, somente a proteção divina, pode livrar o povo de acidentes e atos de violência durante o festejo.

Com relação aos acidentes físicos, estes que ocorrem com os vaqueiros nas corridas de boi no mato, o vaqueiro Zé Miúdo nos relatou a seguinte situação vivenciada por ele e os seus amigos de gibão, entre outros vaqueiros:

Compadre Carretia o problema daquele olho, tá entendendo, isso foi uma troca de carreira que eu fiz em Alagoas, e tem a toada, os cabras vieram pra cá pegaram uma vez, nós fomos pra lá pegamos umas quatro ou cinco, aí tem a toada da visão de Carretia, aí já que , nós ficamos em uma preocupação doida, porque tomando cachaça e tal, doendo o olho, doendo , tiremos ele pra aqui pra Sergipe, O finado Ailton capoeira era vivo, tirou ele pra Aracaju rapaz, nós ia lá, e tal, e ele perdeu a visão, mais felizmente ficou bom, perdeu o olho (JOSÉ ALVES DE OLIVEIRA, entrevista concedida ao autor, em Porto da Folha- SE. Em 21 de abril de 2021).

Em conversa informal com o padre Melchizedeck de Oliveira Neto, celebrante da benção do vaqueiro das últimas festas, foi relatado a importância da igreja se fazer presente nesse espaço, principalmente por se tratar de uma festa que tem como protagonistas homens pobres, de uma história de desbravamento do sertão, com sede de fé e com muita devoção especial na santíssima virgem Maria. Segundo ele:

A igreja precisa está ao lado do povo, Jesus veio para que todos tenham vida, e em plenitude, enquanto viveu nessa terra, fez uso do jumentinho como meio de transporte, curou leprosos, paralíticos, disse que seu evangelho deveria ser anunciado a todos. O vaqueiro tem um papel fundamental para as atividades de trabalho no Nordeste e no sertão, a festa do vaqueiro precisa resgatar cada vez mais a importância do vaqueiro para a cultura local, inserindo-o na sociedade e na igreja (NETO OLIVEIRA, 2021).

Todavia a população do município de Porto da Folha, apesar da maioria declarar ser católica, existe também porcentagens de evangélicos e de participantes de outras religiões, como a espírita. No entanto, no contexto da festa do vaqueiro, não se percebe a presença desses no palco oficial da festa, seja para fazer uma oração ou para pregar o evangelho. Diante dessa situação, procuramos o pastor da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, Ederaldo Barbosa Bispo, e perguntamos para ele o que ele achava da festa do vaqueiro. Neste diálogo, a resposta em uma conversa informal foi a seguinte:

É notório que a importância do vaqueiro para a região, possa ser celebrada, temos irmãos aqui da igreja que são vaqueiros, nos dias mesmo da festa, preferimos organizar um retiro espiritual, para fazermos orações suplicando a Deus sua misericórdia e perdão, pedindo paz e conversão para os brincantes da festa. Nos dias da festa as ruas ficam muito agitadas, e não temos como realizar o culto, não queremos correr o risco dos irmãos se acidentarem por conta do movimento, é muita gente embriagada, por isso preferimos nos recolher em retiro (BISPO BARBOSA, 2021).

Assim, foi procurado na sede do município de Porto da Folha algum fiel ou pai de santo de religiões de matrizes africanas, porém, não foi encontrado. Para os participantes do grupo espírita Paz e Luz, representado por Maria Izabel Moreira, a festa do vaqueiro tem uma importância ancestral para a evolução espiritual do lugar, marca a luta pelo fim da exclusão social e deve ser protagonizada com atitudes do bem, no qual em determinadas situações um ajuda o outro para que possamos evoluir juntos. Desse modo, para o grupo espírita é preciso que o ser humano sempre evolua, em qualquer espaço, incluindo as festas.

A festa do vaqueiro, marca a luta por evolução de um povo, é natural que o ser humano participe das festas, comemore, vibre, divirta-se, porém com respeito e amor ao próximo, buscando sua evolução espiritual, para quando vou viver em outro plano, pois aqui é somente uma passagem, para atingirmos estágios espirituais superiores. (MOREIRA, 2021).

Para o ex-presidente da festa do vaqueiro, José Caio Feitosa, que se declara católico, esse não vê relação nenhuma da festa com o religioso. Para ele, o momento da bênção é algo somente para a Igreja Católica se impor socialmente e o que Feitosa verifica na festa são jogos de interesses, inclusive políticos, em que os próprios vaqueiros, que deveriam ser os grandes homenageados, acabam sendo esquecidos em decorrência da grandiosidade e da dimensão da festa na atualidade, o que tomou outras proporções. Nesse aspecto, o ex-presidente afirma:

A festa do vaqueiro era para o vaqueiro de outrora e atual, correr o seu boi no mato, porém a festa cresceu tanto, que hoje em dia ninguém sabe quem é o vaqueiro, o povo que ver os shows das grandes bandas nacionais, nem todo mundo vai a serra prestigiar as corridas de boi no mato, a presença do padre no palco para a bênção é

somente por questões sociais e política, apesar de ter sido criada por um religioso, a festa nada tem de religião (FEITOSA,2021).

Diante dos diversos pontos de vista sobre a sacralidade da festa do vaqueiro, recorreremos ao historiador Eliade (1992), em que afirma que nem todo mundo reconhece a presença do sagrado em determinados acontecimentos, objetos, situações:

O homem ocidental moderno experimenta um certo mal estar diante de inúmeras formas de manifestações do sagrado: é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos o sagrado pode se manifestar-se em pedras, arvores, por exemplo. Mas (...) não se trata de uma veneração da pedra como pedra de um culto da árvore como árvore. A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas como pedras ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque “revelam algo que não é nem pedra nem árvore, mas sagrado (...)” (sic) (ELIADE, 1992, p.13, grifo nosso).

Para os religiosos representantes do catolicismo, evangélicos e espíritas, a festa marca a comemoração ao vaqueiro, embora tenha se caracterizado por ruas agitadas, com muitas pessoas embriagadas e que, segundo os religiosos, precisam de atenção e conversão. Além disso, os participantes também têm esquecido o protagonista da festa, que deveria ser o vaqueiro, que acaba sendo menos prestigiado em detrimento das bandas de sucesso nacional, dos interesses políticos e econômicos advindos das práticas comerciais.

Assim, após apresentarmos como acontece a benção do vaqueiro pelo representante do catolicismo no município, e também analisarmos as opiniões de representantes de evangélicos, espíritas e um leigo católico sobre aspectos da festa, em que ficam nítidas as práticas do universo do sagrado e do profano, iremos agora conhecer um pouco do ambiente da festa. Em suma, o ambiente no sábado e domingo na praça dos bois, a festa que concentra músicas de vários ritmos, bares, conversas, andanças a cavalo e encontro entre amigos.

### **3.3.6. A concentração na praça dos bois**

No sábado da festa, mais precisamente após o meio dia, depois de alguns descansarem da diversão do dia anterior, bem como dos shows que acontecem na praça da matriz, uma multidão se concentra na praça dos bois. É de lá que saem os cavalos montados por diferentes pessoas, sejam adultos, jovens, crianças acompanhadas do pais, mulheres bem vestidas em trajes de vaquejadas, calças compridas, botas de cano longo, blusas xadrez, chapéus, bonés, com belas maquiagens no rosto, conduzindo cavalos, acompanhadas ou não. Quanto aos homens e mais jovens, estes também se trajam a caráter para participarem da festa. Quem não quer, ou não tem condições de se vestir dessa maneira, vai como quer e pode: blusas, bermudas, chinelos. Em suma, o mais importante é se divertir e participar do evento.

A praça dos bois fica localizada na avenida principal da cidade, recebe o nome de Minervino Farias de Melo. Em linhas gerais, e pensando o cenário externo desta avenida, é possível identificarmos a praça no lado esquerdo, que se concentram os bares através de grandes tendas montadas pela equipe de eventos, contratada pela prefeitura municipal, de forma que esse espaço se constitui em mais um local da festa onde vendedores ambulantes e autônomos podem adquirir uma renda extra, durante o festejo.

A cada ano que passa a concentração na praça dos bois só aumenta, constituindo-se em uma outra opção para o público que não quer prestigiar, ou conhecer as pegas de boi no mato na serra, como já mencionado nesse trabalho. Outro aspecto que vale ser mencionado é que o local consiste em um ponto de encontro de amigos, que se juntam para conversar, paquerar, tomar cervejas, acompanhadas de tira-gostos variados, carnes, camarão, queijos, entre outros. A praça possui dois monumentos, construídos no início nos anos 2000, são eles: um homem puxando um carro de boi; e um outro montado em um cavalo, representações que mostram as atividades de trabalho do lugar. Diante disto, a figura 28 apresenta esses monumentos, onde muitos turistas tiram fotografias.

Figura 28 – Monumentos da praça do boi, relacionado as atividades de trabalho com o gado. Porto da Folha, 2021.



Fotografia de Aline Maria Rezende. Fonte: acervo da própria fotógrafa, Porto da Folha, Sergipe, 2021.

A concentração durante a festa, na praça dos bois, está entre as adaptações, crescimento e mudanças no qual a festa vem passando ao longo do tempo. Segundo Albuquerque (2019), antes da década de 90, o evento se concentrava na praça da matriz e parque de vaquejada, porém a sua dinâmica vem se transformando se ampliando, com novas ocupações de espaços, como o da praça dos bois. Na figura 29 é possível observar como fica esse espaço da festa no sábado e no domingo da vaquejada.

Figura 29 – Praças dos bois, no sábado da festa do vaqueiro. Porto da Folha, 2019



Fotografia de José Abraão Rezende Goveia. Fonte: acervo do próprio autor, Porto da Folha, Sergipe, 2019

O espaço da festa, que corresponde às praças do boi, é alvo de críticas por alguns membros da comissão organizadora. Segundo estes, tal espaço descaracteriza a festa por ter, entre as suas atrações, apresentações de banda de pagode, axé music, funk, músicas eletrônicas, entre outras. Nesse sentido, em uma conversa informal com o Presidente da Sociedade Recreativa Nilo dos Santos, José Lima de Medeiros, o referido momento da festa foi caracterizado, a saber:

A tradição da festa do vaqueiro são as pegas de boi no mato, no qual deve-se incentivar o turista a conhecer esse ambiente da serra, colocar outros tipos de atração, no momento que estão acontecendo as corridas, é fazer com que essa perda sua originalidade, tornando o vaqueiro esquecido, em uma festa que é sua, que foi criada para eles (MEDEIROS, 2021).

Entretanto, para o comerciante local, João Oliveira Gonçalves, é importante que a festa se adapte a todos os gostos, mesmo sendo dos vaqueiros. Afinal, trata-se de uma fonte de renda para o município e um grande incremento à sua economia, isto é, quanto mais pessoas estiverem na festa, melhor para a economia. De acordo com Gonçalves ainda, é

preciso respeitar a diversidade de opinião e perceber que não é todo o público da festa que gosta de apreciar as corridas de pega de boi no mato.

A festa cresceu muito nos últimos anos, se tornando uma fonte de renda para ambulantes e trabalhadores autônomos, nos dias da festa meu estabelecimento comercial fatura um valor significativo, me tirando do sufoco, durante boa parte do ano, a festa deve está aberta a todos os públicos e gostos, a diversidade deve ser respeita, mesmo sabendo que é uma festa para vaqueiros, o mundo é grande e de tudo existe um pouco (GONÇALVES, 2021).

Como observado nas fotografias, nas conversas informais com o presidente da festa e um comerciante local, percebemos o crescimento da festa e a sua atração quanto a um público variado, que não curte somente forró e músicas de vaquejadas. Assim, esses acontecimentos, mudanças, e adaptações se inserem, também, no contexto da globalização, do capitalismo, e dos processos de integração regional, como já discutido nesse trabalho.

Por fim, com este tópico conhecemos mais um pouco um outro espaço, sendo este onde acontece parte da festa do vaqueiro de Porto da Folha, ou seja, local que divide opiniões sobre o crescimento da festa, mas que se constitui como parte integrante dessa manifestação cultural popular desde a década de 1990. A seguir, iremos tratar das pegas de boi no mato e da entrega da premiação aos vaqueiros vencedores.

### **3.3.7. No mato, nas praças, nas ruas, nas casas, no clube, no palco, assim é a festa**

A festa do vaqueiro é marcada por seus momentos e ápices. No decorrer dos três dias, em que temos início na madrugada de sexta-feira do último final de semana de setembro e em que, por volta das quatro horas da manhã, a queima de fogos de artifícios anuncia que a festa está começando. Com isso, a população acorda para ir à praça, a cavalo, nas carroças de burro, caminhão pau de arara, a pé, ou mesmo esperam nas portas de suas casas. Em resumo, uma multidão se reúne para a benção dos vaqueiros, cantorias de toada e aboio e, em seguida, sai em cortejo pelas ruas da cidade, com fogos de artifícios sendo queimados o tempo todo, além das músicas de forró e toadas que fazem parte da atração ou, inclusive, com o uso de bebidas alcoólicas, em que muitos que participam e assistem ao cortejo são homenageados.

Segundo Del Priore (1994), a queima de fogos de artifício era uma forma de governantes afirmar seu poder. Desse modo, em um evento que fosse importante para a comunidade, estes eram queimados antes, durante e depois do acontecimento, de forma que os

artefatos foram ganhando importância para os políticos locais e para a população. A pesquisadora Del Priore afirma, ainda, que os fogos de artifícios, quando liberados à noite, produzem estampidos, luz e calor, constituindo-se como um meio de iluminar a escuridão nas noites barrocas da colônia, demonstrando a capacidade humana de agir na natureza através de sua inteligência.

Os estouros dos fogos de artifícios é, portanto, o anúncio de que os três dias intensos de festa chegaram, o que significa que todos devem se organizar para a participação, embora nem sempre seja possível participar de toda a programação, uma vez que as atividades acontecem simultaneamente nas ruas, na praça, no mato, no parque. Enfim, os estampidos são ouvidos em toda a cidade, sendo acompanhado pelo tradicional cortejo que acontece desde o início da festa.

Além disso, a festa do vaqueiro de Porto da Folha tem suas características marcantes, vistas pelos participantes, turistas e donas de casa como algo inevitável de controlar, além das fezes de cavalos que se espalham pelas ruas, secam por conta do calor do sol, o que gera cheiro de estrumo<sup>25</sup> e a poeira adentra as casas das pessoas, principalmente aquelas que moram nas ruas e avenidas mais movimentadas. Muitos são os cavalos vindo de diversas regiões. Estes são utilizados para cavalgar durante todos os dias da festa, porém, depois das dezoito horas fica proibida a sua circulação na cidade, de maneira que eles devem ser recolhidos para o descanso.

Figura 30 – Multidão de pessoas montadas a cavalo pelas ruas na festa do vaqueiro. Porto da Folha, 2019.

---

<sup>25</sup> De acordo com o site Dicionário Informal, Estrumo na Pecuária - Ato de defecar. Estercar. Ato de um animal defecar. <https://www.dicionarioinformal.com.br/estrumo/> Acesso em 22/01/2021.



Fotografia de José Abraão Rezende Goveia. Fonte: acervo do próprio autor, Porto da Folha, Sergipe, 2019.

Outra característica típica da festa do vaqueiro consiste nas pessoas que acompanham o cortejo em carroças de burros enfeitadas, com galhos de árvores existentes na região, e grupos de amigos que organizam camisas personalizadas sobre a festa, juntam-se e saem em caminhões pau de arara. Após o cortejo, o grupo se reúne na casa de um dos participantes e passam o dia todo festejando. Dito isto, essa prática de comemorar na casa dos amigos, durante os dias da festa, não é tão recente assim, conforme mostra a figura 31.

Figura 31- Comemoração em casa de amigos durante a festa do vaqueiro. Porto da Folha, 1973.



Fotografia de Rivadavia Santos Cruz. Fonte: acervo de Osvaldo de Oliveira Alves, Porto da Folha, Sergipe, 1973.

Essas práticas festivas persistem até a atualidade, como podemos perceber na figura 32 e 33 com o grupo de amigos amantes da vaquejada, que se organizam para acompanhar o cortejo em um caminhão pau de arara ao som de um trio pé de serra, bebendo, cantando, dançando, com camisas padronizadas e enfeites sobre a festa. Já quando acaba o cortejo, este grupo desce na casa de um dos participantes e a brincadeira continua durante todo o dia.

Sobre as visitas às casas de amigos, durante os dias da festa, Souza (2020, p. 111) afirma que:

Era comum o prefeito Antônio Pereira Feitosa primeiro mandato (1971-1972), segundo mandato (1977-1982), sair nos dias da festa, acompanhado de um sanfoneiro e um zabumbeiro a pé pelas ruas da cidade, visitando casas de amigos, demonstrando ser uma figura carismática, nas casas das pessoas, se aglomeram um grande número de pessoas, para festejar e se divertir, como também chegavam pessoas para pedir ajudas variadas.

O pesquisador obteve, por meio de uma entrevista com um antigo participante da festa informações que estas práticas de visitar amigos para a diversão sempre existiu, desde as suas primeiras realizações em que a brincadeira era carregada de muita carne de boi assada e bebidas alcoólicas. O vaqueiro Zé miúdo, em uma entrevista, menciona esses momentos vividos por vaqueiros da região:

(...) era os quartos de boi pendurado assim, os túnel cheio lá de duzentos litro, de cachaça, quem quisesse já estava com ela lá, só era chegar lá butar e beber, e a mulher as cozinhar as carnes, nós a azar carne, era os quarto de boi pendurado assim, naquele tempo que era festa, e hoje não é, hoje a festa do vaqueiro, essas festa que faz só é atras de dinheiro, que dizer, antigamente a gente corria um boi para ganhar uma camiseta como essa, corria um boi sem nada, tinha um boi brabo em tal canto, nós ia pra lá, como o menino de Gararu, tinha o boi desejado, nós ia só pela carreira do boi (...) (JOSÉ ALVES DE OLIVEIRA, entrevista concedida ao autor, em Porto da Folha- SE. Em 21 de abril de 2021).

Diante disso, o encontro entre amigos consiste em um dos momentos mais democráticos da festa, por ser muito divertido e as conversas, risadas e gargalhadas serem expostas livremente. Ademais, também se constitui em um momento no qual se conversa sobre assuntos dos mais variados, tais como: política, trabalho, situações financeiras, expectativas para as lutas da vida, recordação do passado, acontecimentos engraçados, relacionamentos amorosos que deram certo ou não. Em suma, uma variedade de assuntos que, com bom humor, torna a festa bem mais divertida, ao som de músicas, danças, comidas e bebidas variadas.

Figuras 32 e 33- Diversão entre grupo de amigos na 49ª festa do vaqueiro, 2019.



Fotografia de José Abraão Rezende Goveia. Fonte: acervo do próprio autor, Porto da Folha, Sergipe, 2019.

Esses acontecimentos durante anos de festa são evidenciados na fala de muitos portofolhenses. Por exemplo, em uma conversa informal com a autônoma Maricelma Gonçalves Lima, moradora de Porto da Folha, esta relatou que:

Sempre comemorei a festa do vaqueiro com muitos amigos, tanto vaqueiros como não vaqueiros, a festa faz parte de minha vida, espero o ano todo para que ela aconteça, faz parte da tradição do meu lugar, com meus amigos, saio no cortejo, vou a serra, me divirto no shows na praça, é uma cultura muito rica, que pulsa muito forte em minhas veias, quando escuto os fogos de artifícios e Mauricio do Pajeú aboiando, chamando toda a vaqueirama fico toda arrepiada e não contendo a emoção, o bom é comemorar (LIMA GONÇALVES, 2021).

O mês de setembro no sertão sergipano, normalmente, é o período de transição do inverno para o período de estiagem. Nesse sentido, a vegetação ainda está esverdeada, amenizando o calor na região, ou seja, como as chuvas já estão mais escassas, a estrada de terra batida que liga o parque de vaquejada à sede do município fica livre da formação da lama em seu percurso, o que facilita a locomoção de quem sobe a serra para prestigiar as pegas de boi no mato. Dito isto, o intenso movimento caso esteja chovendo pode causar atoleiros nos automóveis, como também desconforto para as pessoas que sobem a cavalo, entre outros meios de transportes, como motocicletas ou a pé.

Com esse desafio, e pelo fato de que o parque está situado em um local em que a estrada é de terra batida, sem asfalto, uma alternativa encontrada pelos organizadores do evento foi abrir novas estradas nas mesmas condições e, assim, facilitar o fluxo dos

automóveis e outros meios de transporte no dia da festa, uma vez que este é muito intenso, conforme podemos perscrutar na figura 20, já apresentada nesse trabalho. As medidas têm como objetivo, também, evitar acidentes durante o festejo, já que o movimento é intenso e o consumo de álcool é muito grande.

Nos últimos anos da festa de 2016 para cá, como uma forma de evitar críticas por conta dos moradores e turistas, uma outra alternativa encontrada pelo poder público, através da prefeitura municipal, é de passar o trator<sup>26</sup> duas semanas antes da festa. Com efeito, as estradas podem ser melhoradas. Já nos dias de festa, é comum que os caminhões pipas passem jogando água, mas em uma quantidade que não crie lama e que evite poeira, tendo em vista que se trata de um tempo seco e intenso no percurso até a serra.

Mesmo com essas medidas, as condições de acesso à serra são precárias, com engarrafamentos de carros, cavalos, entre outros transportes. Ademais, a poeira é intensa, e muitos turistas, bem como os próprios moradores, que não dispõem de meios de transporte próprios reclamam da ausência destes, ou seja, para que pudessem pagar um valor para serem conduzidos até o evento. Contudo, mesmo com essas peculiaridades, uma grande multidão se concentra no espaço da serra para assistir e se divertir no evento como mostra a figura 20.

Com relação à diversão, até a década de 1980, a animação da festa era por conta da banda de pífano, zabumbeiros e sanfoneiros, contratados para estes dias em que tinha uma aglomeração de pessoas. Também, na praça da matriz, estes eram vistos fazendo suas apresentações, mas, com o tempo, foi sendo introduzido o carro de som e, mais na atualidade, os mine trio, tal qual na figura 16 está apresentado. Dessa forma, foi por meio desses instrumentos de som que os organizadores da festa orientavam a organização do desfile dos vaqueiros e, caso alguma criança ou pessoa estivesse perdida de seu pais, era anunciado nesses meios de comunicação, assim como quando havia algum pertence perdido ou encontrado na festa.

Contudo, o que marcou de fato a chegada do carro de som e do mine-trio foi a introdução de algumas músicas de vaquejadas compostas e cantadas por artistas locais, como a canção “festa do vaqueiro<sup>27</sup>” de Antônio Carlos Du Aracaju, que se tornou uma espécie de hino, cantada por todos os artistas locais e moradores da cidade, especialmente por mostrar o que significa essa festa para a vida do vaqueiro da região. Conforme as palavras de

---

<sup>26</sup> De acordo com o site Dicionário Informal, trator é veículo agrícola. Equipamento usado para limpeza agrícola ou para abertura de áreas onde é necessária a mineração ou a preparação de estradas. Ver: <https://www.dicionarioinformal.com.br/trator/> Acesso em 22/01/2022.

<sup>27</sup> Composta pelo cantor Antônio Carlos du Aracaju, a música foi cantada pelo próprio compositor/cantor em várias festas do vaqueiro de Porto da Folha, sendo que uma dessas apresentações está disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=pYyIbMu37jg&ab\\_channel=Prof.EverssonBarbosa](https://www.youtube.com/watch?v=pYyIbMu37jg&ab_channel=Prof.EverssonBarbosa) Acesso em: 09/11/2021.

Albuquerque (2019), “a melodia é usada por trios pé de serra, no clube do vaqueiro, no concurso para escolher a rainha da festa” (ALBUQUERQUE, 2019. p. 23).

Figura 34- Grupo de zabumbeiros em meio aos participantes da festa do vaqueiro, 1975.



Fotografia de Rivadavia Santos Cruz. Fonte: acervo particular de Maria da Conceição Vieira, 1975.

O povo portofolhense, ao ouvir a música de autoria do artista, cantor e compositor sergipano Antônio Carlos Du Aracaju, gravada em 1980, pelo próprio cantor, seja onde for tocada remeterá a tradição da festa do vaqueiro.

Todo ano aqui tem festa do vaqueiro  
 Tem gado e marmeleiro  
 É a honra do gibão  
 Chega aboiando vaqueiro de todo Estado  
 Querendo correr seu gado  
 Parecendo tudo irmão  
 A cocotinha  
 Linda e faceira  
 Andando o seu alazão  
 Bonito e ver lá na porta da igreja  
 Mais de mil vaqueiro  
 Pedindo sua benção  
 Porto da Folha tem  
 Terra do amor também  
 Vaqueiro é respeitado  
 E é alguém  
 Oh, oh, oh ...(...) (Antônio Carlos Du Aracaju, 1980).

A festa do vaqueiro tem passado por inovação desde o século XXI e, apesar de contar ainda com grupos de aboiadores e forrozeiros, também possui o mine trio para acompanhar o cortejo, ou na serra, para acompanhar as corridas de boi no mato, ou no desfile para o encerramento. No ano de 2016, a prefeitura municipal contratou um trio elétrico para a

realização da lavagem da cidade, que ocorreu na segunda-feira feriado pós-festa, de forma a inserir mais este momento ao festejo. Para a lavagem, foi contratada a banda e a cantora Samira Show, que realizou um arrastão pelas ruas da cidade, com concentração no Bairro Lagoa Salgada, seguindo um percurso pelas principais ruas da cidade até o Bairro Coroa do meio.

Atrás do trio elétrico, e dos participantes, um caminhão pipa jogava água misturada aos produtos de limpeza, em que os funcionários do serviço de limpeza da prefeitura lavavam as ruas com vassouras. Desse modo, a festa foi estendida por mais um dia, de forma a deixar a cidade mais limpa. No entanto, a iniciativa provocou discussões dos participantes e dos moradores, em que alguns se mostravam favoráveis à prorrogação da festa e outros não.

Devemos mencionar, ainda, que o evento é marcado em toda a sua realização pelo consumo de bebidas alcoólicas, causando muita embriaguez nos participantes que fazem uso destas bebidas. Para a historiadora Mary Del Priore (1994), o consumo de bebidas alcoólicas já era evidenciado no Brasil desde o período colonial, de maneira que isso acontecia em festividade até mesmo relacionada à religiosidade. Inclusive, era comum que as autoridades distribuíssem bebidas e comidas durante a realização da festividade.

É isso que ocorre na festa do vaqueiro de Porto da Folha, em que, até mesmo as pessoas que não têm condições financeiras, acabam sendo favorecidas com o uso de bebidas alcoólicas, de modo que estas são pedidas aos políticos que estão nos espaços do evento ou disponibilizadas através de amigos. Sobre esta última, podemos citar como é popularmente conhecida a pessoa que se encosta em um grupo de pessoas que estão bebendo, a xepa<sup>28</sup>, que também acaba participando da bebedeira. Ademais, existe ainda a distribuição de cachaça água ardente por parte de uma marca desse produto que ajuda no patrocínio da festa.

Com isso, por conta do acesso fácil à bebida, alguns participantes acabam fazendo uso de forma exagerada, o que tem ocasionado, no decorrer da festa, alguns acontecimentos curiosos, como o mencionado no dia 26 de setembro de 2014, em um boletim de ocorrência da delegacia de polícia de Porto da Folha de número 2014/07489.0-000332, por uma turista, “onde essa diz o seguinte sobre um amigo (...) Ele foi para a vaquejada na serra, após o meio dia, já passam da meia noite, e não voltou a casa que alugamos, ele gosta de se embriagar, estou preocupada com ele”.

No decorrer da festa, há, em algumas situações, um ambiente propício para a prática da violência, no qual às vezes fica difícil identificar o infrator devido ao grande uso de

---

<sup>28</sup> De acordo com o site Dicionário Informal, xepa é pedir/usar/comer algo de outra pessoa (geralmente comida). Ver: <https://www.dicionarioinformal.com.br/xepa/> Acesso em 22/01/2022.

bebidas. Em contrapartida, o ambiente de descontração também é favorecido pelas danças, comidas, brincadeiras que, diversas vezes, proporcionam o reencontro entre amigos, uma paquera, namoro. Em síntese, tais situações já eram evidenciadas nas festividades que se realizavam no Brasil desde o período colonial, segundo Del Priore (1994).

Em Porto da Folha, na madrugada da sexta para o sábado da festa do vaqueiro de 2016, uma mulher deferiu uma facada em um homem que estava na praça, o acusando de traição. O ocorrido foi registrado no boletim de ocorrência na delegacia de polícia de Porto da Folha de número 2016/08341.0-000425. Segundo o noticiante, o fato aconteceu da seguinte maneira:

(...) Durante o show na praça, fui ao banheiro químico para urinar, minha ex-mulher aproveitou o momento, onde não estava em meio a grande multidão, partiu para cima e mim furou de faca nas costas, como se pode ver, fui socorrido por amigos, que presenciaram a agressão, ela me acusa de traição, deixei ela a três meses, a gente não se ver (Fonte: SSP/SE, grifo nosso).

Para se compreender um pouco do comportamento dos indivíduos de uma determinada localidade, os boletins de ocorrência são fontes muito relevantes. Mesmo muitas pessoas não levando esses acontecimentos ao conhecimento das autoridades policiais, e sabendo que esses documentos somente apresentam uma versão dos fatos, encontramos neles informações muito importantes, como formação da vítima, local de residência, horário em que o fato ocorreu, a cor, estado civil, bem como um resumo do ocorrido.

Com base nos registros oficiais verificados, é notável que, mesmo ocorrendo contratação de seguranças particulares, com a presença na festa de uma quantidade maior de policiais militares e do corpo de bombeiros, o número de ocorrências em Porto da Folha nos dias da festa em setembro aumenta, o que é possível observarmos na tabela 1. Entre estes ocorridos se destaca o furto, cujos infratores se aproveitam de situações para se apropriarem indevidamente de carteiras porta cédulas e aparelhos celulares.

Tabela 2- Ocorrências registradas no mês de setembro entre os anos 2009 e 2019

<b>Ano</b>	<b>Total de ocorrências no mês de setembro</b>	<b>Ocorrências registradas nos dias da festa/porcentagem com relação ao mês</b>	<b>Ocorrências diretamente ligadas à festa/ porcentagem com relação ao dia</b>	<b>Ocorrência mais frequente</b>

<b>2009</b>	41 ocorrências	21/51,2%	15/71,4%	Furto
<b>2010</b>	29 ocorrências	04/13,7%	01/25,0%	Furto
<b>2011</b>	39 ocorrências	20/51,2%	18/90,0%	Furto
<b>2012</b>	58 ocorrências	25/43,1%	20/80,0%	Furto
<b>2013</b>	68 ocorrências	32/47,0%	20/62,5%	Furto
<b>2014</b>	48 ocorrências	13/27,0%	09/69,2%	Furto
<b>2015</b>	59 ocorrências	12/20,3%	08/66,6%	Furto
<b>2016</b>	51 ocorrências	01/1,9%	01/100%	Furto
<b>2017</b>	76 ocorrências	11/14,4%	11/100%	Furto
<b>2018</b>	95 ocorrências	20/21,0%	17/85%	Furto
<b>2019</b>	87 ocorrências	17/19,5%	12/70,5%	Furto
Fonte: SSP/SE				

São três dias intensos de festa, em que cada grupo de vaqueiros, amigos, turistas, familiares, entre outros, se divertem como podem e gostam. Durante a festa, os trios se espalham animando o público em quatro pontos onde o evento é realizado, um na praça dos bois; outro na serra no parque de vaquejada; outro acompanhando o cortejo e desfile de encerramento; e outro no povoado Ilha do Ouro, às margens do rio São Francisco, o que garante a folia e a diversão dos banhistas.

No domingo da festa, a comissão organizadora prepara o palco oficial para a entrega das premiações aos vaqueiros que correram no dia anterior na pega de boi no mato na serra. Ao som de repente, aboios e toadas, escuta-se no palco os gritos de “viva a vaqueirama”, “festa do vaqueiro é festa boa”, “E valeu o boi”, “Sou buraqueiro de encher e meiar”, “Viva a Nossa Senhora da Conceição”. Dessa forma, aos poucos, em grupo, os vaqueiros encourados vão chegando na praça para receber seu prêmio, juntamente com outras pessoas que vêm prestigiar esse momento de alegria e emoção.

Em seguida, o presidente da festa faz um discurso agradecendo a presença de todos, lendo o nome dos patrocinadores e apoiadores da festa e, em seguida, começa a entrega da premiação. Devemos frisar, aliás, que o ato da entrega da premiação sempre existiu no contexto da festa do vaqueiro, como se pode observar na figura 35, em uma das festas da década de 90 do século XX.

Figura 35- Entrega da premiação aos vaqueiros, 1992



Fotografia de Rivadavia Santos Cruz. Fonte: acervo de Osvaldo de Oliveira Alves, Porto da Folha, Sergipe, 1992.

Na figura 36, uma fotografia da 49ª festa do vaqueiro mostra uma quantidade maior de vaqueiros encourados no momento da premiação. Quanto às vestimentas de couro, estas são bem significativas para as atividades de manejo do gado no mato, além de caracterizar o evento, que é dedicado ao vaqueiro, considerado por muitos como o homem da caatinga.

Figura 36- Entrega da premiação aos vaqueiros, 2019



Fotografias de Felipe Ezequiel de Souza. Fonte: acervo da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, Porto da Folha, Sergipe, 2019.

Após a entrega da premiação é organizado o desfile de encerramento pelas ruas da cidade, em que é acompanhado por uma grande quantidade de pessoas montadas em seus cavalos. Ademais, o trajeto percorrido durante o desfile de encerramento é o mesmo percorrido durante o cortejo da alvorada festiva, como já mencionado nesse trabalho. A festa do vaqueiro e a pega de boi no mato, conforme já elucidado aqui, acontecem em vários espaços, seguindo um percurso no qual as pessoas e os animais se movimentam, brincam e se divertem durante os três dias de festa.

No tocante à premiação entre aos vaqueiros, após as corridas de boi no mato, geralmente, esta é doada por comerciantes locais e políticos locais e regionais, a comissão da festa. Outra finalidade dos prêmios consiste na, durante o ano, realização de bingos e leilões para a arrecadação de fundos para a festa e melhorar a premiação, que pode ser uma quantia em dinheiro, uma vestimenta de couro, um garrote<sup>29</sup>, uma novilha<sup>30</sup>, ovelhas, bebidas e uma motocicleta, dependendo da rés pega pelo vaqueiro, esta corresponde a um desses prêmios. Segundo Santos (2018), a corrida de boi no mato:

Não é uma tarefa fácil, o boi sai do curral, em corrida veloz, entra na caatinga fechada, onde os vaqueiros, devem embrenha-se, correndo, descendo as grotas, pulando os grutilhões, movimentando o corpo equilibrado no cavalo em alta velocidade, tendo que se livrar dos galhos e arbustos, que se não forem atravessados

<sup>29</sup> De acordo com o site Dicionário Informal, garote diz-se da cria da vaca (bezerro) aos dois anos de idade, a exemplo este garote está muito bonito, vai dar um bom touro. Ver: <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/garote/771/> Acesso em 22/01/2022.

<sup>30</sup> De acordo com o site Dicionário Informal, novilha corresponde a vaca nova, bezerro. Ver: <https://www.dicionarioinformal.com.br/novilha/> Acesso em 22/01/2022.

de forma correta, pode causa acidentes graves ou leves, deixando cicatrizes, que marcam a vida do vaqueiro, a tempos (SANTOS, 2018, p.138).

É no meio da caatinga que o boi é derrubado, momento de muita emoção para os vaqueiros encourados e que somente eles, que tem a coragem de adentrar a caatinga fechada, vivenciam esse momento da pega do boi. Já a multidão que prestigia a festa, esta ficou para trás, dançando, bebendo, curtindo a festa; quanto ao vaqueiro, este se vê com as suas vestes de couro, entre galhos e plantas, atracado ao pescoço do boi, com seu cavalo e mais dois ou três amigos de gibão, como mostra a figura 37.

Figura 37- Momento de paga de boi no mato por quatro vaqueiros, 2019



Fotografia de Sergio Roberto de Souza. Fonte: acervo da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, Porto da Folha, Sergipe, 2019.

Nessa perspectiva, a figura 37 mostra o momento em que o boi é derrubado no mato. Na atualidade, em decorrência do uso de tecnologias digitais, como os celulares, é bem mais fácil registrar esse momento. Para tanto, nesta imagem 37, podemos observar que o vaqueiro faz a foto, o boi está sendo segurado por três vaqueiros, em que um segura também os arreios de seu cavalo e o outro exhibe o carimbo, uma espécie de medalha colocada no pescoço do boi e que, posteriormente, essa é retirada e o boi é solto, isto é, uma forma de evitar maus tratos para com o animal.

Segundo Souza (2020), a festa do vaqueiro de Porto da Folha tem os seus perigos, que devem ser observadas pelos seus organizadores e participantes:

Após tantas décadas de comemoração, o evento se repete, com o uso do gado, doados por criadores locais para as pegas de boi no mato, façanhas arriscadas que exige atenção dos organizadores e dos vaqueiros que vão participar da corridas, a festa cresceu muito principalmente depois da década de 90, onde novos elementos

culturais foram acrescentados, e o número de pessoas cada vez mais aumentando, algo que precisa ser instruído para se evitar acidentes, entre pedestres, montadores de cavalos, automóveis, motocicletas, entre outros SOUZA, 2020, p. 141.) .

A festa é um evento que, além de trazer a diversão e descontração, também se caracteriza como um momento perigoso, especialmente devido ao grande número de cavalos, automóveis e pedestres que andam pelas ruas, como fica manifestado em um boletim de ocorrência de número 2009/05531.0- 000165 de 2009, que relata a seguinte situação vivenciada por um turista que veio para a festa, em seu próprio automóvel, segundo ele:

(...) estava passando por uma rua estreita, chamada pelos moradores de rua nova, um grupo montado a cavalo, se aproximou do meu veículo, mesmo com o carro em movimento, em baixa velocidade, um dos animais se assustou, batendo na porta direita de meu carro, onde amassou, quebrou o vidro e o retrovisor, Graças a Deus ninguém se feriu (...) (fonte SSP/SE, grifo nosso).

Em linhas gerais, em torno da história da origem da festividade supracitada, podemos aludir que, no final da década de 1960, um dos membros da família Feitosa, que tinha se tornado um religioso Franciscano com o Nome de Frei Angelino, em suas andanças por regiões do Nordeste brasileiro, entrou em contato com as festas de vaquejadas, como a que ocorre no município pernambucano de Serrita. De volta para a sua terra natal, Porto da Folha, resolveu reunir um grupo de vaqueiros e, juntos, organizaram uma festa para homenagear esses homens que viviam na lida do gado, muitas vezes sendo oprimido por seus patrões fazendeiros, isto é, em uma relação na qual, geralmente, ocorria a seguinte situação.

A festa do vaqueiro, em 69 começamos ela, frei Angelino chamou a gente, agora começou ela, por causa de Zé pelino, porque antigamente, é que nem as meninas vieram e mim entrevistaram, eu digo oi, não existia empregado não, existia assim, comparação, você tinha uma fazenda eu era seu vaqueiro, mais você não mim pagava não, eu tirava quarteado, era como, quatro vacas que parisse, eu tinha uma, tinha um bezerro, que dizer agora leite era do vaqueiro, o vaqueiro para se manter, fazer sua feira, comprar suas coisas, comprar sua roupinha, não sei o quer, quando precisava de um dinheiro, que as vezes se aperiava, ia ao patrão o patrão emprestava, pra quando fazer aquela partia (JOSÉ ALVES DE OLIVEIRA, entrevista concedida ao autor, em Porto da Folha- SE. Em 21 de abril de 2021).

De acordo Souza (2020), a festa do vaqueiro era um momento em que se buscava valorizar o vaqueiro, visto por muitos como pertencente a uma classe excluída da sociedade, de modo que, muitas vezes, viviam submetidos às ordens de seu patrão, em relações complexas entre dominantes e dominados, patrão e empregado, sem registros de trabalho, sem garantias de direitos, com jornada de trabalho não bem definidas, e que muitos moravam na propriedade de seus patrões. Porém, foi a partir da década de 1980 que a festa passou a crescer, ou seja, tomar um novo rumo. Com isso, os vaqueiros deixaram de ser a figura principal, passando essa a fazer parte dos festejos municipais, transformando-se no principal

evento local. É diante dessa situação que a festa perde a sua característica particular e de simplicidade, com a incorporação dos shows artísticos em praça pública, ampliando o seu espaço para a praça dos bois, com shows de pagode, axé music, funk, entre outros ritmos. Quanto mais os anos passam, a festa se torna mais importante para a economia do município, possibilitando que este seja conhecido em outras regiões do Brasil e do mundo.

Ainda sob a ótica de Souza (2020), de todos os acontecimentos dos dias de festa, a alvorada festiva, na sexta-feira pela manhã e as pegadas de boi no mato no sábado, são as que mais atraem o público, já que se tratam de momentos de manifestações tradicionais e populares, sendo estes os pontos altos que caracterizam a festa. No entanto, é perceptível que todos participam da festa, embora nem todos tenham condições de montar um cavalo ou mesmo tenham condições de comprar uma roupa nova, de comprar comidas típicas no dia da festa. Dito isto, diferentemente do que ocorre com a classe média e rica do município. Em resumo, é possível ver na festa pobres, ricos, negros, brancos, homossexuais, heterossexuais, mulheres, homens, entre outros, cada um participa conforme suas condições e gostos.

Com isso, enquanto participante da festa, vejo essa como um momento importante para a cultura do município, em tempos de globalização, momento de quebrar a rotina de trabalho, deixando de lado os uniformes de trabalho, momento de parar um pouco com as rotinas de estudos, momento de rever amigos e parentes que moram em outros locais, momento de interagir com alunos e ex-alunos, colegas de trabalho em espaços de diversão, deixando de lado qualquer tipo de hierarquias que ocorrem durante todo o ano, quebrando formalidades em momentos de descontração e alegria.

A festa é um momento de cavalgar, andar pelas ruas a pé, entrar em contato com pessoas desconhecidas através da dança, de um abraço, bebendo, comendo, se sujando de poeira, queimando a pele no calor do sol, se embriagando e, ao chegar em casa, em vez de encontrar broncas de familiares, deparamo-nos com sorrisos e curiosidades do que ocorreu durante o dia de festa. Por isso, essa festividade se torna tão marcante para os seus participantes.

### **3.4. As pegadas de boi no mato e a vegetação da Caatinga**

As pegadas de boi no mato muito caracterizam a região do sertão sergipano, sendo que deram origem às diversas festas de vaquejadas. Nesta definição, podemos incluir a festa do vaqueiro de Porto da Folha, que está entre os eventos mais esperados pelos porto-folhenses. Hoje, o evento é organizado pela Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, e pelo poder

executivo municipal. Porém, as práticas de corrida de boi no mato não se limitam, unicamente, aos dias da festa. Por sua vez, acontecem no decorrer do ano em fazendas e propriedades rurais do município, como em alguns povoados, como as pegas de boi no mato que ocorrem nos povoados Forno, Lagoa do Rancho, Lagoa da Volta, Mocambo, na fazenda de Zé Toicinho, Fazenda Julia, Fazenda Araticum, Terras dos Farias, as margens do Rio São Francisco.

As pegas de boi no mato que ocorrem durante boa parte do ano, no município de Porto da Folha, não concorrem com a festa principal de setembro. Todavia, ajudam a movimentar o município, isto é, tem crescido, nos anos 2000 para cá, e tais eventos têm atraído multidões de pessoas por conta de shows musicais de artistas locais, regionais. Mesmo com as fortes críticas de grupos protetores dos animais, essas atividades persistem nessa região através da modalidade de torneios, atraindo muitos jovens para essa realização.

Em uma conversa informal com um jovem estudante da 2ª Etapa do Ejaem Alex dos Santos, em outubro de 2021, do qual sou professor, percebi que o aluno chegava na sala de aula com arranhões faciais. Assim, perguntei a ele se era vaqueiro e ele, de imediato, me respondeu que corria boi no mato, mas não trabalhava para ninguém. Mais adiante, aproveitando da situação, perguntei como ele se organizava para a realização destas práticas ao passo que este aluno respondeu:

Nós se junta mais os caras, vai correr boi no mato, em vários lugar, sei que não é uma coisa de futuro não, mais gosto de praticar, gosto da vida de gado, e onde tem torneio eu topo ir, tem pega de boi em vários lugar, essas semana teve no Farias, na próxima no Forno, organizada por Marquinhos da rua de cima, e assim vamos levando a vida (SANTOS,2021).

Também em uma conversa informal com a aluna Carla Vitória Pereira, da 2ª Etapa do Ejaem, esta manifestou não concordar com as práticas de vaquejadas de pega de boi no mato, pois, segundo ela, o mau trato é muito evidente com o animal, o que deveria ser proibido.

Não concordo com vaquejada de boi no mato, pois maltrata muito o animal, muitas vezes se puxa pelo rabo, a ponto do rabo do bicho torar, não concordo, vejo muito vaqueiro se ferir, perder olho, deslocar constelas, braços, pernas, é uma coisa de louco, deveria proibir (PEREIRA, 2021).

O município sergipano de Porto da Folha possui 69 povoados, e o fato de muitos dos seus moradores residirem na zona rural nunca se constituiu enquanto um empecilho para que participassem da festa na sede municipal, uma vez que, para muitos, os eventos significavam uma tradição da região que precisa ser mantida. Nesse aspecto, é muito comum o morador de Porto da Folha escutar um carro de som anunciando um torneio de pega de boi no mato em

povoados como Linda França, Pedro Leão, Areias, Lagoa do Mato, entre outros. Em contrapartida, esses eventos não ocorrem na semana da festa principal, por sua vez, são organizados no decorrer do ano de janeiro a janeiro, com exceção dos dias das festas natalinas e dias considerados de santos, conforme o calendário e liturgia católica, pois são considerados dias sagrados.

De acordo com Albuquerque (2019), a primeira realização do evento principal ocorreu nas terras que pertenciam a um fazendeiro chamado de Jucá Filon, que cedeu esses espaços para a realização de corridas de pegas de boi no mato, sendo que à época a vegetação da caatinga cobria boa parte de suas propriedades. Dessa maneira, para lá se dirigiram grupos de vaqueiros montados em seus cavalos, vestidos com seu gibão de couro, no qual realizaram o evento. No ano seguinte, não aconteceu a festa devido a uma forte seca que assolou a região. Já em 1971 ocorreu nas terras de seu Chico da Bela vista, mas no decorrer dos anos foi acontecendo em variadas propriedades rurais, sendo estas cedidas por seus proprietários, até se fixar em 1985 no Povoado Serra dos homens, onde um parque de vaquejada com remanescente bioma da caatinga é preservado para a realização das corridas de boi no mato. Sobre esse bioma, iremos tratar a seguir.

### **3.4.1. A Caatinga**

Os índios, primeiros habitantes da região, chamavam de caatinga as espécies de vegetação, solo, clima, fauna que caracterizam boa parte do Nordeste Brasileiro, além de uma pequena parte do Sudeste, e do no norte de Minas Gerais. Em suma, durante o período de estiagem ou secas, a maioria de suas árvores tem suas folhas caídas, prevalecendo uma paisagem esbranquiçada, com os troncos das árvores em uma tonalidade clara. Para os indígenas (Caa= mata, tinga= branca), com cerca de 826,411 quilômetros quadrados, é um bioma que somente é encontrado dentro do território brasileiro (MMA/IBAMA,2011).

Esse bioma de clima semiárido inclui os estados do Ceará, Rio Grande do Norte, a maior parte da Paraíba e Pernambuco, sudeste do Piauí, oeste de Alagoas e Sergipe, região norte e central da Bahia e uma faixa estendendo-se a Minas Gerais, seguindo o rio São Francisco. Dentro de sua diversidade de espécies animais e vegetais, os estudos carecem de maior aprofundamento, pois esse ainda continua sendo o bioma menos estudado no Brasil (COLINVAUX, 1986).

Segundo Melo (1998) a expansão da pecuária, a partir de meados do século XVII, ampliou as áreas de pastagem por meio do corte das árvores e do fogo, para que pudessem crescer gramíneas novas. A prática da devastação de grandes espaços da caatinga, pelas

queimadas, fez realmente aumentar as áreas de pastagem, mas provocou transformações irreversíveis nesse ecossistema. O superpastoreio de caprinos, ovinos e bovinos tem modificado a composição florística não só do estrato herbáceo, mas também do estrato arbóreo-arbustivo, pela pressão do pastejo. A exploração agrícola, com práticas de agricultura itinerante que constam do desmatamento e da queimada desordenados, tem também modificado tanto o estrato herbáceo como o arbustivo-arbóreo. Quanto à exploração madeireira, esta já tem causado mais danos à vegetação lenhosa da caatinga do que a agricultura migratória (MELO, 1998).

De acordo com a Associação Caatinga (2018), mesmo tendo sido vista como uma vegetação situada em um solo pobre e pedregoso durante muito tempo, do qual teria se originado da influência de outros biomas como a mata Atlântica e o Cerrado em condições geológicas, o interesse nos estudos do bioma da caatinga vem aumentando, e enriquecendo a importância desse bioma para a biodiversidade do planeta, pois para Giuletta (2003):

Quem primeiro reconheceu esta situação foi Andrade Lima (1981), que publicou uma primeira aproximação para a classificação dos diferentes tipos de caatingas, utilizando aspectos fisionômicos e dados florísticos para caracterizar os agrupamentos, destacando, também, a importância de fatores abióticos como clima, especialmente a precipitação, e solo (GIULIETTI, 2003, p. 48).

Mesmo ainda necessitando de estudos que promovam um maior conhecimento de sua vegetação endêmica, é possível percebermos, em pesquisas realizadas por Prado (1991), que este conseguiu relacionar 12 gêneros e 183 espécies endêmicas, além de demonstrar as fortes relações florísticas existentes entre esse bioma e outros tipos de vegetação da América do Sul.

Harley (1996), analisando a flora herbácea das caatingas, mencionou sete gêneros endêmicos, parte deles ligados às áreas próximas às lagoas temporárias. Para o Workshop da Caatinga, Giuletta (2002) listou para o bioma 18 gêneros e 318 espécies endêmicas, pertencentes a 42 famílias, incluindo tanto plantas de áreas arenosas como rochosas.

A família com maior número de espécies endêmicas 80 é a Leguminosae, que é também o grupo mais bem representado nas caatingas (QUEIROZ, 2002). Outra família com grande número de espécies endêmicas 41 é a Cactácea, que tem sido muito estudada por Taylor e Zappi (2002). Destas, várias estão incluídas como vulneráveis ou em perigo de extinção.

Entre as espécies animais, podemos destacar como aquelas que correm risco de extinção, o tatu bola, a onça parda, o gato do mato, o periquito da cara suja. Esse bioma concentra uma variedade de anfíbios e répteis, como as lagartixas, calangos, serpentes,

espécies de formigas, abelhas e peixes, com características variadas, como as encontradas entre a parte norte e central da Bahia, estendendo-se até a margem sul do rio São Francisco.

No tocante à essa situação vivenciada pelo bioma da caatinga, onde muitas de suas espécies vem correndo o risco de extinção ao longo do tempo, é preciso incentivar a conscientização por sua preservação, principalmente evitando as queimadas de suas variedades de vegetações endêmicas, entre outras, para que essas continuem existindo no futuro, sem terem suas populações reduzidas.

Nesse sentido, preservar esse bioma é preservar as nascentes de rios, é favorecer o equilíbrio ambiental, e é manter a qualidade do solo para o plantio e pastoreio de animais, de forma sustentável, harmônica, mantendo a beleza natural da paisagem.

(...) processo que deve começar pela diminuição da pressão sobre a vegetação ainda presente, seguido de um reflorestamento para o qual as espécies vegetais pioneiras identificadas mostram elevada aptidão para essa fase inicial, em decorrência da sua grande resistência a esse tipo de ambiente. Ao mesmo tempo, formas de uso sustentáveis do solo devem ser incentivadas nos ambientes de clima seco do Brasil, evitando a criação e a expansão de áreas com processos de desertificação (SOUZA, 2014, p.65).

Giulietti (2003) afirma que o processo de devastação da caatinga, por meio das derrubadas e queimadas da mata para o pastoreio e agricultura, de forma desordenada, é acelerada pela industrialização que atinge o campo, causa alterações climáticas, provocando ainda poluição nas águas de rios, no ar, que prejudica a qualidade de vida e as condições do estado físico das populações.

Nas últimas décadas, o mundo através de ONGs, manifestações por parte da sociedade civil, medidas governamentais, encontro sobre o clima – que reúne grandes potências mundiais – influenciaram o Brasil a tomar algumas iniciativas com relação à preservação do meio ambiente em áreas consideradas importantes. Em 2000, por exemplo, foi aprovada a lei nº 9.985/00, com o objetivo de criar um Sistema de Unidade de Conservação (SNUC). Este, no entanto, divide-se em dois grupos com as seguintes possibilidades de uso dos recursos naturais e ambientais, através da Unidade de Proteção Integral, no qual não pode ser habitada pelos homens, sendo permitido somente pesquisas científicas e o turismo ecológico, sem danos à unidade preservada, a outra são as unidades de conservação de uso sustentável com presença de moradores, através do uso sustentável de seus recursos pela comunidade que reside no local (SOUZA,2014).

Mesmo percebendo a importância de preservação do meio ambiente, do qual faz parte a caatinga, no município de Porto da Folha, não encontramos registros por meio de decretos municipais, estaduais ou federais de criação de Unidades de Conservação. Existe, contudo, no

município, o parque de vaquejada, que é coberto pela vegetação da caatinga e mantido sobre os cuidados da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, destinado às práticas de pegas de boi no mato.

Entretanto, o parque de vaquejada não se constitui em uma unidade de conservação, embora sua existência seja importante para a manutenção do ecossistema da região do município de Porto da Folha, uma vez que, em sua volta, estão localizadas muitas propriedades rurais, onde se praticam a criação de animais e a agricultura, sendo que as matas nativas dessas propriedades já foram cortadas ou queimadas de forma exploratória, predatória para esse tipo de atividade de trabalho no campo.

O parque de vaquejada possui aproximadamente 990 hectares de terras, coberta pelo ecossistema da caatinga, com a presença das espécies de fauna e da flora, que ficam intocadas durante todo o tempo, de modo que possibilita o crescimento de sua vegetação. No tocante à vegetação, destacam-se o mandacaru, xique-xique, umbuzeiros, macambiras, marmeleiros, juazeiros, quixabeiras, baraúna, aroeira, angico, jurema, imburana, pau d'arco, pau caixão, pau pereiro, velande, mata pasto, rabo de raposa, facheiro. Dito isto, podemos afirmar que se tratam de vegetações resistentes à estiagem, juntamente com a catingueira, isto é, “essas plantas são algumas das mais conhecidas e estão presentes na vida do sertanejo” (ALBUQUERQUE, 2019, P.7).

Entre as unidades de conservação da caatinga, e que se destacam no alto sertão sergipano, próximo ao município de Porto da Folha, podemos destacar: O Monumento Natural Grota do Angico, localizada entre os municípios de Poço Redondo e Canindé do São Francisco, criada e mantida pelo governo do Estado desde o ano de 2007. A Grota do Angico tem uma importância fundamental para a preservação da Caatinga e da fauna da região, ou seja, da biodiversidade.

Segundo o último relatório do Ministério do Meio Ambiente a Reserva Monumento Natural, a Grota do Angico abriga 25 espécies de mamíferos, 150 aves, 45 de répteis e anfíbios e 180 de vegetais, disponibilizando estrutura e área de reserva para a sociedade, para os que fazem estudos de pesquisas e, também, para os amantes do ecoturismo. Além disso, constitui-se como morada de animais e plantas endêmicas, existindo três espécies de mamíferos endêmicos como o Mocó (*Kederon rupestres*), 30 espécies de plantas, entre elas o Umbu (*Spondias tuberosa*) e o Mandacaru, além de 14 espécies de aves, incluindo a Casaca de Couro (*Pseudoseisura cristata*) e o Cardeal do nordeste (*Paroaria dominicana*) (MMA/IBAMA,2019).

Figura 38- Localização geográfica do Monumento Natural Grota do Angico, em Canindé do São Francisco e Poço Redondo, 2012

Fonte: Adaptado de ROCHA, 2012.  
Source: Adapted from ROCHA, 2012.

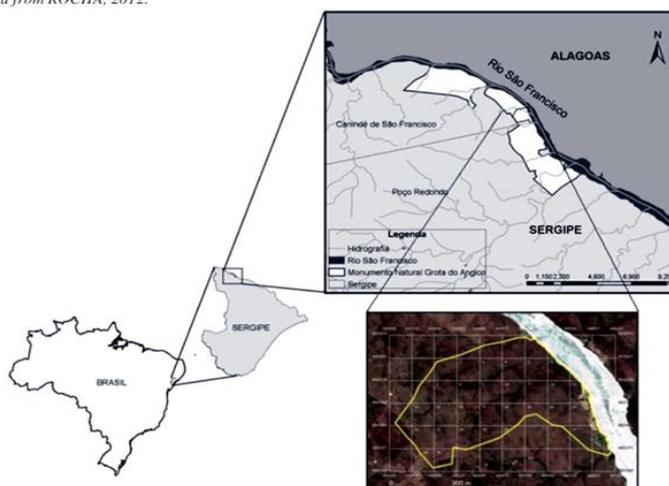


Figura 1 – Localização geográfica do Monumento Natural Grota do Angico, em Canindé do São Francisco e Poço Redondo, Sergipe.

Figure 1 – Geographical location of the Grota do Angico Natural Monument, in Canindé do São Francisco and Poço Redondo, Sergipe.

Fonte: Adaptado de Rocha (2012)

A existência de unidades de conservação, como a Grota do Angico, é de fundamental para a preservação dos recursos hídricos no alto sertão sergipano, em que se destacam a presença do rio São Francisco e dos seus afluentes – que vem sofrendo há algum tempo com problemas relacionados ao assoreamento de seus leitos, despejo irregular de redes de esgotos de populações ribeirinhas e de cidades por onde passa seus afluentes. O sistema de abastecimento de água da região é feito pela Companhia de Saneamento de Sergipe (DESO), que, no município de Porto da Folha, já apresenta escassez em dias de chuva, cuja água mesmo tratada fica com um aspecto amarelado, imprópria para o consumo, bem como ainda todas as noites ocorre a falta de seu abastecimento. Nesse sentido, a preservação do bioma da Caatinga, como de outros, extrapola somente a preservação e se faz necessário para manter a qualidade de vida da população local.

As transformações pelo qual vem passando a Caatinga mostra, na atualidade, a necessidade de preservação de áreas de reserva, como ocorre no Parque de Vaquejada Nilo dos Santos. Dito isto, a sua existência com cobertura dessa vegetação e fauna nativa deve ser mantida, assim como a população local deve ser orientada a ter uma visão consciente da necessidade de sua manutenção para a biodiversidade local. Ademais, a população deve,

ainda, compreender a importância das manifestações culturais, tal qual a festa do vaqueiro, como podemos ver na figura 39.

Figura 39- Corrida de boi no mato na Caatinga, parque de vaquejada, Porto da Folha-SE, 2019



Fotografia de Sergio Roberto de Souza. Fonte: acervo da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, Porto da Folha, Sergipe, 2019

Como já foi dito, o parque de vaquejada em que ocorrem as corridas de boi no mato em Porto da Folha, não se constitui em uma unidade de conservação. Além disso, nunca houve uma consulta pública que envolvesse participantes do evento, moradores locais, poder público (representado pela Prefeitura Municipal) e nem de órgão oficiais que cuidam desse tipo de gestão. Diante do exposto, a fim de discutirmos a transformação do parque em uma unidade de conservação ou não, tivemos uma conversa informal com o professor de Geografia Flavio Aurelio da Silva, ex vice-presidente da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos. Assim sendo, este disse que entre os membros da comissão até se comentava sobre a possibilidade de transformações do parque em unidade de conservação, porém, esbarrava-se nas seguintes situações que poderiam restringir as corridas e festas no parque.

Caso o parque se tornasse uma unidade de proteção integral, as festas de grande público que ocorrem nesse espaço, seriam proibidas, inviabilizando a dinâmica da festa, que é a participação popular, como unidade de conservação de uso sustentável esse não se encaixa, lá não mora ninguém, e a extensão do parque suas características e localização não é de uso sustentável, por isso a comissão da festa não levou a frente essa ideia (SILVA,2021).

Além da questão da unidade de conservação do parque, é preciso avançar muito quanto à conscientização e às informações para a população local, em especial acerca da necessidade de preservar a Caatinga de forma sustentável e não somente o parque. Desse modo, a ausência de uma educação ambiental, sobretudo nas escolas, e a falta de um conselho gestor para essas atividades de preservação, continuam ocasionando o desmatamento e as queimadas na Caatinga de forma abusiva e indiscriminada, como aponta a Associação Caatinga (2019).

Segundo Souza (2014), os impactos ambientais continuam existindo em unidades de conservação, tendo em vista que muitas pessoas fazem uso de seus recursos naturais, e não é somente a criação de unidades de conservação para que os problemas estejam resolvidos. Nos dias da festa do vaqueiro no parque, por exemplo, as pessoas acumulam uma quantidade enorme de lixo, através de embalagens de alimentos, garrafas de bebidas, latas de bebidas, que são lançadas no meio ambiente. Nesta perspectiva, as questões de preservação ambiental envolvem órgãos governamentais, a sociedade civil e o comportamento adequado do trato com o lixo por conta de cada indivíduo.

A festa do vaqueiro, sendo cada um de sua maneira, consegue atingir a vida do cidadão portofolhense. De alguma forma, ela reflete o modo de vida de seus moradores, seus pontos de vistas, sua adesão ou não ao evento, suas expectativas, recordações, frustrações, sentimentos de alegria, perda ou raiva, euforia para cair na diversão, essa muda a suas rotinas de trabalho e estudos, amplia o contato com outras pessoas de diversos lugares, tudo isso evidencia a importância de sua realização.

O bioma da Caatinga não tem somente importância para o portofolhense, mas relevância em âmbito mundial. Assim, a caatinga deve ser preservada, fazendo o uso de seus recursos de forma sustentável. Ademais, diante de tais situações, são necessários que medidas sejam tomadas para que a sua utilização não aconteça de forma predatória, indiscriminada. Em outras palavras, devemos evitar erros cometidos no passado para que processos de desmatamentos não ocorram de forma desordenadas, e não se repitam. É claro que o uso dos recursos naturais do meio ambiente, as festas e as manifestações culturais devem acontecer de forma consciente, para isso torna-se importante o desenvolvimento de ações pedagógicas e produção de materiais didáticos, como estamos propondo nesse trabalho, no tocante ao uso da literatura de cordel em sala de aula. É o que trataremos no próximo capítulo.

#### **4. O USO PEDAGÓGICO DA LITERATURA DE CORDEL EM SALA DE AULA, FAVORECE OS ESTUDOS DA HISTÓRIA LOCAL?**

Quando ingressei no Mestrado Profissional em Ensino de História, já tinha em mente o produto cultural que queria utilizar para a produção de minha dissertação. Trata-se, portanto, do cordel, gênero que faço uso em minhas aulas de História nas escolas públicas que leciono. A escolha do tema sobre as pegadas de boi no mato, na festa do vaqueiro, despontou como uma oportunidade de aproximar ainda mais esse trabalho da realidade local desses alunos, já que, anualmente, no município de Porto da Folha se festejam as vaquejadas de pega de boi no mato. No entanto, em se tratando de uma temática pouco conhecida e estudada nas escolas, tornei o principal critério dessa escolha que ela fosse algo que pudesse servir como um suporte a mais em sala de aula, bem como no ensino de História.

Diante dessa prática pedagógica com o uso do cordel, surgiu a possibilidade de criar algo que estivesse relacionado ao livro didático, e outras fontes, o que muito me estimulou a continuar com o trabalho. Confesso que comecei a fazer uso da escrita em cordel na época em que estava cursando minha graduação, mais especificamente uma disciplina do curso, História do pensamento Regional, que era ministrada pela Professora Maria Nele dos Santos. Assim, a didática e a metodologia utilizadas em suas aulas era que, a cada semana, de forma livre ou por meio de sorteio de temas, produzíssemos um texto em formato de artigos, crônicas, poesias, fábulas, entre outros. A professora Maria Nele atenta aos nossos textos, que eram entregues impressos, lidos e discutidos em sala de aula, fez o seguinte comentário sobre um dos meus textos, que não era ainda um cordel. “Nada impede de você ser um acadêmico e um cordelista, pois os seus textos tem rimas, bem interessantes”.

A iniciativa da Professora Maria Nele dos Santos, em ministrar as aulas daquela forma, provocou o nosso gosto pela leitura, criatividade, espontaneidade, isto é, sentíamos mais prazer em participar das aulas e das discussões, de modo que me apropriei do cordel, aprendendo a escrevê-los em formato de sextilhas e passei a utilizá-los em minhas aulas na tentativa de incentivar algo semelhante nos meus alunos.

Todavia, faz-se necessário promover uma discussão, neste trabalho, sobre o que falam e escrevem os especialistas a respeito do uso da linguagem em formato de literatura de cordel, na educação, em sala de aula e no ensino de História.

#### 4.1 O uso do cordel na sala de aula: revisando a literatura

A elaboração de um folheto em formato de sextilha de cordel, que sirva como recurso didático em aulas de História, requer que se analise o que vem sendo escrito e discutido no espaço acadêmico sobre a temática para, de certa forma, termos um caminho mais claro e definido ao fazermos a relação entre teoria e prática de um produto cultural que tem como principal meio de criação a arte popular, e como é pensada a sua inserção na educação e no ensino de História. De forma estruturada, é preciso possibilitarmos aos alunos que possam, por meio desse trabalho, observar as continuidades e rupturas entre o passado e o presente nas pegadas de boi no mato na festa do vaqueiro, em um processo que proporcione aprendizagem, conhecimento, limites e vantagens do uso do cordel e desse tema em sala de aula.

Com isso, logo no início da pesquisa procuramos mapear, livros, artigos, dissertações, teses sobre a temática, de maneira que percebemos a existência de alguns trabalhos envolvendo festas de vaquejadas, como uma quantidade maior de trabalhos que abordam o cordel em sala de aula e seu uso pedagógico. Nesse sentido, nos sentíamos na necessidade de um maior comprometimento, uma vez que essas contribuições, para nossa pesquisa, constituíam-se como algo positivo e desafiador, de modo a relacionar essas abordagens articulando quanto às demais, através de novas contribuições.

No entanto, mediante o que foi pesquisado, não contávamos com uma quantidade tão grande de temas, o que também fazia com que não nos sentíamos sozinhos mediante a quantidade de trabalhos encontrados, em que mesmo não utilizando um método de leitura sistemática de todos, acabamos adotando dois recursos para a utilização desses, a saber: um diz respeito à quantidade de vezes que esses eram citados em outras pesquisas; já o outro se refere à forma como aborda o tema, constituindo-se como uma contribuição importante para esse trabalho.

A primeira observação tem início com Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro, dois dos pioneiros nos estudos do uso da literatura de cordel no cotidiano escolar e nas práticas pedagógicas no Brasil. Além disso, sem dúvidas, ambos estão entre os mais citados em pesquisas desse gênero. No livro *O cordel no cotidiano escolar* do ano de 2012, os autores afirmam que:

Um procedimento metodológico que oriente o trabalho com o cordel terá que favorecer o diálogo com a cultura da qual ele emana e, ao mesmo tempo, uma experiência entre professores, alunos e demais participantes do processo. Muitas vezes pode-se descobrir entre funcionários da própria escola apreciadores da literatura popular, praticantes, ou, no mínimo, alguém que teve ou tem algum tipo de ligação com ela. Deve-se, portanto, recolher dos próprios alunos relatos de vivências, experiências deles conhecidas, e, ao mesmo tempo, partir das obras - os

folhetos - e penetrar nas questões que lá estão representadas. A experiência com a poesia oral está presente em toda a comunidade, em qualquer região do país. Neste sentido, é importante valorizar as experiências locais, descobrir formas poéticas que circulam no lugar específico de cada leitor. Certamente, há diferentes manifestações da poesia popular nas diferentes regiões. Descobri-las, dar-lhes visibilidade é uma tarefa da maior importância na formação leitora e cultural de nossos alunos (MARINHO; PINHEIRO, 2012, pp. 126 e 127).

Os autores abordam que o cordel deve dialogar com a cultura do qual ele emana, que ele pode ser construído a partir das vivências e experiências dos próprios alunos, como pode interagir com outros membros da comunidade escolar que apreciam a poesia popular, ou seja, permitir que este tenha visibilidade é de suma importância na formação cultural e leitora dos alunos. Contudo, conforme já discutido no início desse trabalho, no tocante ao ensino de História durante muito tempo se utilizou os métodos de aprendizagem baseados em decorar nomes de personalidades políticas, datas cívicas, datas de grandes acontecimentos de independência. Assim, no aspecto da cultura popular que corresponde ao universo do cordel, este não era utilizado, praticamente, no espaço escolar como recurso didático, durante boa parte da educação escolar no Brasil.

Algumas das práticas excludentes com o cordel, no espaço escolar, residiam na ideia de que esse se tratava de uma forma de escrita marginalizada, simplista, inocente, sem muita importância linguística, pois, geralmente seus poetas não tinham uma formação escolar avançada. Ademais, afirmam que, em suas escritas, ocorriam erros de ortografia e mudanças de sentido original de palavras, o que não era considerado culto para ser utilizado. Em contrapartida, caso fosse incluído no âmbito da escola, afirmavam que este gênero poderia prejudicar o processo de aprendizagem de crianças e jovens. Algo que, posteriormente, foi questionado e desmentido por pesquisadores do assunto, que vêm incentivando e aproximando o cordel das práticas pedagógicas escolares (MARINHO; PINHEIRO, 2012).

No Brasil, de forma tímida, foi somente no final do século XX que a linguagem do cordel, como de outras formas de manifestação artísticas, foi reconhecida de maneira formal, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Nas palavras dos pesquisadores: “isso possibilitava o uso do cordel, como também de outras linguagens, e recursos didáticos nos currículos escolares” (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p.16).

Ainda conforme Marinho e Pinheiro (2012), a utilização de cordéis podem trazer inúmeros benefícios quando bem utilizados. Os cordéis em decorrência da sua forma rimada de leitura não são rejeitados pelos alunos. Estes, por sua vez, chamam a atenção no momento em que estão sendo declamados, proporcionando criatividade, interação e de certa forma um

ensino mais eficiente, já que os cordéis podem ser construídos através de diversos temas, tais como as histórias de batalhas, amores, sofrimentos, crimes, fatos políticos e sociais do país e do mundo, as famosas disputas entre cantadores, enfim, temas que fazem parte de diversos tipos de texto desse gênero. Desse modo, com tais temáticas, os alunos podem ampliar a sua comunicação, seus hábitos de leitura, de maneira a enriquecerem o vocabulário, a imaginação, o raciocínio lógico, bem como possibilita ainda o contato com outras culturas, podendo ser utilizado em qualquer nível escolar. Outro aspecto que merece ser mencionado é que o cordel se trata de um recurso acessível, de baixo custo, se comparado a outros recursos didáticos.

Mesmo com todas essas possibilidades com o uso do cordel, em sala de aula, os autores Marinho e Pinheiro (2012) chamam a atenção para o esquecimento que este gênero textual está submetido, reforçando este argumento sobre sua utilidade no espaço escolar:

Experiências culturais fortes e determinantes de grandes obras artísticas como o cordel - seu valor não está apenas nisto - estão praticamente esquecidas e a escola pode ser um espaço de divulgação destas experiências. Sobretudo mostrando o que nelas há de vivo, de efervescente, como ela vem sobrevivendo e adaptando-se aos novos contextos socioculturais. Como elas têm resistido em meio ao rolo compressor da cultura de massa (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 128).

Com relação à aplicabilidade de cordéis em sala de aula, os autores Marinho e Pinheiro (2012) afirmam que não existe uma regra fixa e estabelecida, cabe ao professor na escola que trabalha, e nas disciplinas que leciona, estabelecer as estratégias mais adequadas, de forma a observar o nível de conhecimento de seus alunos, faixa etária, capacidade de compreensão dos alunos, ou seja, o trabalho com o cordel deve estar adaptado à realidade em que a escola está inserida. Dito isto, “o cordel é dinâmico, pujante, criativo, tendo capacidade de se adaptar a qualquer realidade” (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 120).

Por fim, os autores refletem para a seguinte situação quanto ao uso do cordel, em sala de aula, de que é preciso que o professor, ao fazer uso desse recurso didático, perceba que ele não é suficiente para resolver todos os problemas relacionados ao ensino, existindo, assim, outros meios e recursos também. Em outras palavras, é relevante ainda conhecer o cordel como uma forma de comunicação e expressão, como vem se dando o seu processo de produção ao longo do tempo, de forma a reconhecer os seus recursos, potencialidades e limites educacionais. Ao ter conhecimento destes elementos culturais do cordel, o professor está apto a inseri-lo em suas aulas.

Um artigo publicado sobre as contribuições do cordel, para o ensino de história, foi escrito por Veronica de Diniz da Silva, constituindo-se em uma reflexão importante para esse trabalho. Segundo a autora, apesar do cordel se constituir em um meio eficiente de expressão

artística e cultural, o seu uso no ensino de História ainda vem ocorrendo de forma muito tímida. Mesmo com as produções bem-humoradas existentes, baseadas neste gênero textual, a autora foca que é bom lembrar, aos estudantes, que a literatura de cordel já inspirou inúmeras peças de teatro de modo determinante ou não. Diante do exposto, são alguns exemplos destes cordéis que inspiraram outras obras famosas: A casa do bode, de José Carlos Lisboa; O auto da compadecida, de Ariano Suassuna; alguns momentos de Morte e vida Severina, de João Cabral de Melo Neto. Para tanto, defendendo a importância do cordel tanto na declamação como em construção de peças de teatro nas escolas:

Considerando que a Literatura de Cordel já fez parte das nossas tradições, antes da chegada das mídias que nos trouxe um mundo de inovações de novidades, que nos atrai e faz com que deixemos de lado nossas próprias origens culturais, a Literatura de Cordel é de suma importância nesse resgate de nossas raízes culturais. Ela dá ênfase tanto à riqueza, quanto à expressividade da nossa cultura. Portanto, é uma maneira de despertar o senso crítico, econômico, político e histórico dessa manifestação popular (SILVA, 2016, p. 01).

De acordo com Silvia (2016), o cordel não pode ser visto como algo pronto e acabado, ou seja, estes não se limitam à solução para os problemas do ensino de História, pelo contrário, estes agregam ao ensino como um suporte didático pedagógico, capaz de tornar uma aula mais dinâmica e participativa, permitindo ao aluno perceber, conforme o tema escrito nas estrofes de um cordel, as dimensões de sucessão, duração, simultaneidade, continuidade, rupturas, transformações, permanências na História, mas que seja de forma bem trabalhada e detalhada pelo professor. Além disso, o uso do cordel também permite e amplia o conhecimento sobre os conceitos de memória, identidade, anacronismo, verossimilhança, cultura, entre outros.

Nas aulas de História, o trabalho com o cordel pode e deve ser utilizado de diversas maneiras, disto isto, podemos destacar aspectos da vida social de grupos do presente como do passado. No tocante ao passado, podemos catalogar cordéis escritos no século XIX ou início do século XX, estabelecendo comparações entre esses, percebendo quais assuntos mais abordados na época. Já em relação ao presente, podemos também catalogar ou produzir cordéis sobre temas atuais, de forma crítica e criativa, contextualizando ao processo de aprendizagem dos alunos.

Silva (2016) aponta que o cordel também pode ser utilizado como forma de avaliar. Em síntese, o professor pode solicitar do aluno a construção de uns versos em cordel, baseado em alguns temas sugeridos pelo próprio professor ou de forma livre pelo aluno, conforme os conteúdos trabalhados em sala de aula. Assim, esse tipo de avaliação ou atividade permite a interdisciplinaridade entre Língua Portuguesa, Artes, História, desenvolvendo no aluno a

capacidade de escrever, expressar-se e se comunicar, habilidades muito importantes na contemporaneidade. Outro destaque é que um cordel com leitura agradável e objetiva, poderá ampliar os horizontes do alunado, de modo a tornar as relações entre alunos e professores mais prazerosas. Para essa autora, o uso do cordel em sala de aula jamais deve se submeter a essa situação:

Analisando essas modalidades orais da poesia popular e aproveitando os tão diferentes temas que são tratados nos folhetos, o Cordel deve ser uma das opções de leitura na sala de aula. Para isso, é preciso ressaltar que do mesmo modo que os Cordéis nasceram na oralidade, necessitam também ter uma realização oral adequada. Restringir o folheto à leitura silenciosa é limitar seu poder de comunicação e enfraquecer sua recepção e aceitação (SILVA, 2016, p.05-06).

Discussões relevantes frente à formação do leitor, por meio da Literatura de cordel, estão em um artigo publicado por Carlos Magno Gomes e Claudia Zilmar da Silva Conceição (2016). Nesse trabalho, os autores analisaram alguns cordéis produzidos entre o final do século XIX e durante o século XX, além da percepção dos assuntos mais abordados nesses cordéis à época. Com isso, Gomes e Conceição (2016) analisaram duas dimensões em sua utilização, a saber: uma pode ser a sua utilidade documental como fonte, para se entender o contexto de um determinado período através de informações implícitas nesses folhetos; a outra diz respeito a sua utilidade como recurso didático, forma mais utilizada nas escolas. Para esses autores, o que:

Importa clarificarmos mais uma vez que o cordel é produzido em um meio cultural e como tal retratará o que está sendo discutido nesse meio, a partir de uma apreensão, intensamente concreta, do real, do particular, mas essa apreensão se faz acompanhar de uma recomposição dos elementos percebidos, em virtude de analogias diversas, do sensível, da comoção e também do cômico (CONCEIÇÃO e GOMES, 2016, p.6)

Ao analisarem as produções de cordéis das primeiras décadas do século XX, Conceição e Gomes (2016) avaliam folhetos referentes ao fenômeno do Cangaço no Nordeste Brasileiro, obras de cordelistas que declamavam e vendiam seus folhetos em feiras livres e mercados, atraindo um público, geralmente, com baixo nível de escolaridade, os cordéis declamados por estes além de fazerem menção às questões políticas e sociais, trazem uma linguagem cômica, que desperta no leitor e no ouvinte, risos e gargalhadas. Os personagens destes cordéis, Corisco, Lampião, Antônio Sereno, Maria Bonita e coronéis locais carregam nesses escritos aspectos de bandidos ou mocinhos, levando o público a refletirem sobre o movimento do banditismo sertanejo.

Ademais, os autores Conceição e Gomes (2016), através das estratégias adotadas para o uso do cordel para a formação de leitores, tentam aproximar jovens em idade escolar de

uma versão de escrito de folhetos, em que a leitura e as formas de expressão para estes serem declamados chamava mais a atenção do que as imagens de xilogravuras, presentes nestes, no qual apareciam somente como ilustração.

Outro aspecto analisado por Conceição e Gomes (2016), refere-se ao folheto de cordel sobre a morte de Getúlio Vargas. Entretanto, neste aspecto, os estudiosos relatam que nas estrofes do cordel é possível perceber que Getúlio Vargas já tinha governado o Brasil durante quinze anos, que esse aprovou leis trabalhistas, que já vinham sendo reivindicadas por setores da sociedade há algum tempo através de manifestações e greves, que foi durante seu governo que as mulheres se tornaram eleitoras, que foi nesse período que foi criada a justiça eleitoral e o voto secreto. Dessa forma, apesar da morte de Getúlio ter ocorrido na década de 50, o estudante leitor, segundo os autores, pode estabelecer comparações com outros textos e livros didáticos, ampliando a sua percepção histórica do tema por meio da leitura do cordel.

Para os pesquisadores, a produção chama a atenção por trazer a fala e a capacidade criativa de homens do senso comum “poetas do povo”, que demonstram, de certa forma, uma outra visão ou ponto de vista, uma nova vertente que não se baseia unicamente na história oficial, ajudando a desenvolver um senso crítico com relação ao passado, uma vez que a narrativa do folheto não traz o ponto de vista do governo, mas de um artista do povo, que trabalhava vendendo e declamando versos nas feiras e mercados, ruas, cidades e campo.

Ainda conforme Conceição e Gomes (2016), o cordelista através de sua arte exercia uma atividade comercial, ou seja, alguns buscavam se manter e ajudar no sustento de suas famílias. Para tanto, estes tentavam convencer o leitor que seus folhetos eram bons, de modo que nessa construção ampliavam a visão históricas dos acontecimentos através dos seus conhecimentos, vivências e pontos de vistas – em alguns casos, inclusive, querendo mostrar ao leitor exemplos de moral e conduta social. No entanto, mesmo que um folheto de cordel esteja ou não voltado para a educação, sua existência no processo de interpretação se insere na elaboração, reconstrução e desconstrução do conhecimento histórico. Afinal, em conformidade com os mesmos autores:

É com esse pensamento de luta cultural que trazemos a cultura popular, representada na literatura de cordel, para a sala de aula como uma ferramenta capaz de operacionalizar práticas cotidianas que descortinem as relações culturais e sociais, propagadas pela cultura hegemônica no cenário educacional (CONCEIÇÃO e GOMES,2016, p.3).

Sobre as obras em cordel, escritas por Leandro Gomes de Barros, primeiro cordelista a montar no Recife uma tipografia para impressão de folhetos, Conceição e Gomes (2016) afirmam que, em seus cordéis, são abordados uma variedade de temas e destacam, ainda, o

“Cachorro dos mortos”, que adentra a História do Brasil no período em que predominava o coronelismo. A obra ocorre entre homens do povo, em um cenário do sertão baiano, onde os casos amorosos e disputas por terras e poder levavam homens e famílias a cometerem violências e homicídios entre si. Os grandes personagens desta obra emanam do povo com o nome de Valdivino, Calar (o Cachorro), Dona Maria da Glória, Angelita, Esmeralda, Floriano, Elisário Amorim, Senhor Sebastião, isto é, estes fazem parte dessa história em cordel do século XIX, sendo clássica referência a Auto da compadecida, de Ariano Suassuna.

A obra em cordel de Leandro Gomes de Barros reflete uma História de domínio e poder durante o clientelismo na primeira república, utilizando sujeitos comuns da sociedade, característica que viabiliza a sua utilização em aulas de História, intermediadas pela atenção e participação do professor e dos alunos.

Outro trabalho importante sobre o uso do cordel em sala de aula de forma interdisciplinar, diz respeito à publicação “Gênero e discurso na Escola”, de autoria de Maria da Conceição Evaristo, publicado em 2001. A autora aborda uma discussão em que ela enxerga o livro didático como uma ferramenta útil no ensino, porém, afirma também que não se deve limitar unicamente ao seu uso, outros recursos devem ser utilizados. Nesse caso, através de uma pesquisa com alunos do 8º ano do ensino fundamental, a autora utilizou o cordel em sala, percebendo que a utilização destes tornou o processo de ensino, naquelas aulas, mais prazeroso – tanto para o aluno, quanto para o professor.

Evaristo (2001), em parte do seu texto, evidencia a linguagem que se apresenta no cordel através das rimas, entre as palavras, que se tornam versos, transformando-se em estrofes que, com coesão e coerência com o tema trabalhado, ganha todo um sentido representativo e significativo por meio de manifestações da cultura popular, que se expressam pelo âmbito da oralidade e da escrita poética. Ademais, a pesquisadora também enfatiza como importante o uso de imagens como as xilogravuras, entre outras, se relacionadas à proposta do cordel. Outra reflexão que nos interessa, na obra de Evaristo (2001), diz respeito à reflexão de que, por meio da oralidade, é possível cantar o cordel, como fazem os repentistas e emboladeiros, que falam cantando; em muitos casos, aliás, acompanhados de instrumento musicais como o pandeiro, violas, sanfonas, de modo a facilitar a comunicação e a atenção do público. Neste aspecto:

A história do cordel liga-se à tradição medieval, em que a atividade de contar histórias numa comunidade estava presente. Um narrador, anônimo, contava suas experiências e, através dessa ação, transmitia um ensinamento moral, um provérbio, uma sugestão prática, uma norma de vida (EVARISTO, 2001, p. 119).

Com relação ao ensino de História, a autora trata o uso do cordel nas aulas de forma interdisciplinar. Contudo, no decorrer do seu texto, é possível perceber que os folhetos de cordéis podem cumprir duas finalidades em sala de aula: a primeira seria como documento histórico, buscando entender o passado; a segunda, corresponde ao seu uso como recurso didático pedagógico também buscando entender o passado, porém, de uma forma mais dinâmica, criativa e participativa, em que não existe uma regra fixa para o uso do cordel, o que faz-se necessário a capacidade criativa do professor na interação destes com os alunos.

A partir dos seus estudos com o cordel em sala de aula, Evaristo (2001) analisa as possibilidades e os cuidados com o seu uso pelo professor, no qual o profissional deve estar atento às necessidades de seus alunos, de maneira a procurar perceber se eles estão entendendo, qual o grau de dificuldades que estão sentindo e se estão conseguindo interagir com a leitura em cordel. Com isso, ao tomarmos tais cuidados quanto ao uso desse recurso didático, podemos acrescentar à aula o conhecimento e a valorização de um produto cultural popular. Entretanto, devemos salientar, que essas atitudes de observação da turma devem ser seguidas pelos professores de História e de outras áreas, favorecendo a contextualização entre passado e presente por meio do cordel.

Além de alguns livros e artigos lidos sobre o cordel nas aulas de História, utilizados para fundamentar e relacionar nossa pesquisa, procuramos no banco Nacional de dissertações do ProfHistória, trabalhos que tratassem sobre o uso do cordel no ensino de História. Desse modo, deparamo-nos com a dissertação de Ary Leonam do Santos, defendida em 2018, Universidade Federal de Sergipe (UFS), cujo título é “utilização do cordel como ferramenta para o ensino de História: conceitos, repertórios e experiências”.

Uma das motivações para que Ary Leonam seguisse com sua pesquisa consistia no fato de que era ele mesmo quem produzia os cordéis em forma de quadra para serem utilizados em sala de aula com alunos do ensino fundamental, principalmente do 6º ano de uma escola particular, no município sergipano de Boquim, onde trabalhava na época da pesquisa. O material produzido trata de uma sequência de cordéis no formato de quadra, sobre variados conteúdos de História presentes em livros didáticos. Em suma, os temas tratam do Egito Antigo até a ditadura militar no Brasil (1964-1985).

Nesse sentido, o professor pesquisador procurava ampliar o desenvolvimento da consciência histórica de seus alunos, no ensino fundamental, através do uso de um produto cultural que é o cordel, possibilitando a estes uma melhor leitura e compreensão de mundo por meio dessa escrita literária (SANTOS, 2018).

O autor buscou, ainda, implementar por meio de seus cordéis, uma educação para a autonomia emancipadora, cujo aluno se sentisse como parte do processo histórico, desenvolvendo posicionamentos de sujeitos históricos críticos, participativos, conscientes da necessidade de ajudar nas transformações sociais. Para tanto, Santos (2018) fez uso das ideias de Paulo Freire sobre autonomia do oprimido, Chartier a importância da leitura para o conhecimento do mundo e John Rusen sobre a formação de uma consciência histórica. Ademais, o pesquisador aliou também a ideias de Marinho e Pinheiro sobre a importância do cordel no espaço escolar, como forma de avançar em processos de ensino e aprendizagem com os alunos. Diante disto, ele afirma

O processo de ensino-aprendizagem enfatizando que a História é construída com a participação de todos e todos nós devemos nos colocar na posição de agentes históricos e perceber que nossos posicionamentos, enquanto atores sociais inseridos num contexto, também fazem parte desse processo de construção, devendo também ser tratado como parte importante da construção histórica. (SANTOS, 2018, p. 59).

O resultando da pesquisa foi a produção de uma sequência didática, em formato de cordel, sobre temas antigos relacionados aos temas atuais, como no caso do cordel sobre o Egito Antigo, que tanto possui estrofes sobre a importância do rio Nilo, como fala da importância do rio tietê para a cidade de São Paulo. Neste caso, em algumas estrofes, o autor explora a questão da poluição desse rio e os danos que causam ao meio ambiente. Além disso, Santos (2018) aborda a questão da desconstrução ideológica que pode estar presente em alguns folhetos de cordel, pois, para ele se faz necessário fazer o aluno perceber que cada folheto de cordel, construído em décadas diferentes tem suas intencionalidades, conforme a maneira de pensar de cada cordelista, por isso tanto o cordel como outros textos não pode ser considerados verdades absolutas, de maneira que são produtos de seu tempo carregados de subjetividades.

Do mesmo modo, Santos (2018) também constata que um produto cultural, como um cordel, serve para quebrar a lente ideológica que desce sobre os sujeitos históricos, por via da massificação da indústria cultural, ampliando a visão dos alunos e dos sujeitos históricos que devem perceber como os autores constroem os discursos de acordo com as suas visões de mundo. O professor enfatiza ainda:

Que as opiniões expostas nos folhetos dos cordéis são fruto das vivências e experiências dos seus autores. Na verdade, o cordel e qualquer outra expressão artística, mesmo as de culturas populares que são tratadas neste trabalho, não devem ser vistas como obras que irão para a sala de aula formar a opinião dos alunos, mas elementos de discussão que possibilitem aos mesmos, junto aos professores, perceberem a importância da sua atuação no processo de construção do

conhecimento, dos saberes históricos, e assim, se tornarem cada vez mais atuantes no processo de desenvolvimento do ensino-aprendizagem. (SANTOS, 2018, p. 63).

Por fim, Santos (2018), ressalta que, em Sergipe, onde desenvolveu sua pesquisa, o cordel é pouco utilizado como recurso didático pedagógico. Por exemplo, até o momento da realização deste trabalho, apenas havia mapeado a pesquisa realizada pelo Professor Zé Antônio, que leciona na rede pública estadual de Sergipe. Outrossim, sobre as outras pesquisas com o cordel, o autor menciona que estas são comparativas, analisando cordéis e temas desses em diferentes épocas. Na visão dele, ainda, faz-se necessário um trabalho mais significativo pelos cordelistas e autoridades governamentais, para tornar as potencialidades do uso do cordel em sala de aula mais conhecido e passível de utilização e críticas pela sociedade e pelo ambiente escolar.

De acordo com todos estes autores consultados e mediante o exposto, é perceptível que todos eles convergem para a defesa do uso da literatura de cordel na escola, constituindo-se em um ganho interpretativo e conceitual para os estudantes, possibilitando também uma forma de estimular, nos alunos, hábitos de leituras, incentivo ao desenvolvimento de uma consciência histórica, crítica e participativa, que incentive a luta por justiça social. Consciência esta que não ocorre somente no espaço escolar, mas em toda sociedade e, nesse caso, das que emergem da cultura popular, tais como o cordel e a sua história de interação social.

Assim, mesmo ao observarmos os obstáculos que se apresentam para a inserção do cordel nas escolas, uma vez que as maneiras de pensar e agir são múltiplas, há uma avaliação positiva para o uso desse tipo de material didático e produção cultural nas aulas de História, especialmente por parte do professor que percebe as suas potencialidades e deseja utilizá-los como algo dinâmico, criativo e popular.

É com base nesse pensamento que procuramos fazer um folheto de cordel em formato de sextilhas para ser utilizado em sala de aula. Neste aspecto, com o objetivo de inovar e trazer para discussão parte da história local do Município de Porto da Folha- SE, no tocante à festa do vaqueiro, por meio de um trabalho que preze pela interdisciplinaridade, termo que “pressupõe a integração entre conteúdos e as metodologias das disciplinas diferentes que se propõe a trabalhar conjuntamente determinados temas” (FONSECA, 2003, p.106).

Com efeito, estudar sobre a festa do vaqueiro jamais poderia ser explicado pelo olhar de um único componente curricular, já que a necessidade e o interesse em conhecer os aspectos relacionado a esse festejo envolvem Geografia, História, Biologia, Arte, Ensino Religioso, Sociologia, Filosofia, Matemática, Língua Portuguesa, entre outras. Em síntese, é

muito importante a união de todas as frentes a uma complementariedade que analisa e enriquece esse estudo de forma interdisciplinar.

#### **4.2. Construindo sextilhas de cordel**

Em linhas gerais, os autores que abordam sobre a literatura de cordel afirmam que o seu formato em sextilhas é o mais utilizado por cordelistas, bem como a sua existência e seu uso remontam ao século XVI. Tal afirmativa pode ser corroborada por Cascudo (2012), quando este afirma que “a sextilha setissílaba, forma absolutamente vitoriosa na literatura de cordel brasileira, ABCBDB, é tão antiga quanto a quadra, ensinava Carolina Michaelis de Vasconcelos, dizendo-a popularíssima no século XVI, sobre o uso dessas estrofes” (CASCUDO, 2012, p. 387).

Desse modo, as sextilhas permitem que sejam construídos versos rimados sobre qualquer tema. Entretanto, também precisam ter coesão e coerência, além de uma leitura leve e de fácil compreensão, sem esquecer ainda que deve haver sentido, significado, isto é, com capacidade reflexiva, educativa, cômica, crítica. A sextilha, ademais, é uma maneira de se comunicar por versos de forma interativa, dialógica, participativa, que tem a possibilidade de incentivar, estimular, denunciar assuntos relacionados à política, às questões sociais e ambientais, ou qualquer outro tema em que o cordelista aflore a sua criatividade para escrever e produzir. De acordo com Santos (2018):

A sextilha, verso de seis pés, é a forma popular dos ‘desafios’ e dos romances publicados em todo o Brasil, comentando assuntos novos ou velhos, líricos, guerreiros, políticos, gerais ou locais. Uma outra característica do cordel é carregar em seus textos marcas onde as grafias representam exatamente a forma como pessoas de determinados grupos pronunciam algumas palavras, dando ênfase a características regionais. (SANTOS, 2018, p. 18).

As características regionais de algumas palavras utilizadas em uma sextilha de cordel remontam à sua simplicidade, embora esta, durante muito tempo, fosse atrelada a uma certa ingenuidade, o que podemos afirmar é que esse gênero textual vem se adaptando e se transformando ao longo do tempo. Exemplo disto é que, na contemporaneidade, esta tem se utilizado de novos temas, palavras, conceitos, sem perder as riquezas das rimas quanto às técnicas da construção de seus versos transformados em estrofes.

Para a construção de uma sextilha, é imprescindível ter, em muitos casos, habilidades que podem ser conquistadas por meio do interesse em apreender e praticar tal técnica de escrita. Dito isto, o aperfeiçoamento pode acontecer através de oficinas ministradas por cordelistas e,

até mesmo, a partir das tecnologias digitais de vídeos postados em redes sociais, entre outros meios. Existe, além disso, a habilidade natural, quando o indivíduo descobre essa capacidade de escrever e se comunicar rimando, de maneira que procura aprimorar ainda mais esse talento. Esse é o caso do autor deste trabalho, que vem utilizando as sextilhas de cordel nas suas aulas de História, assim como Santos (2018), quando diz

Essa característica pode ser positiva nas aulas de História se o professor ao trabalhar a literatura de cordel, conseguir apresentar aos seus alunos um ensino de História que valorize justamente a possibilidade de, ao estudar um determinado contexto histórico, buscar contemplar os diferentes discursos e realidades. Dessa forma, tanto a literatura de cordel, quanto as aulas de História contribuirão para a formação de um leitor que enxergue além das palavras que estão escritas no texto, mas que tenha a capacidade de perceber e interpretar as diferentes visões e realidades que contribuem para a formação dos diversos momentos históricos estudados e também àquele o qual estão inseridos. (SANTOS, 2018, p. 17).

A construção do gênero textual supracitado obedece às seguintes técnicas e práticas de escrita e leitura para sua produção, a saber: o primeiro passo é ter em mente um tema, de forma que, com um tema em mente, é preciso saber que ele deve ser escrito com coesão e coerência entre cada verso e estrofe. Afinal, a sextilha é formada por estrofes de seis versos, cujo primeiro verso é branco (não rima), o segundo verso rima com o quarto verso, o terceiro verso é branco (não rima), e o quarto verso rima com o sexto verso. Após essa introdução, abaixo temos um exemplo de sextilha de cordel, demonstrando como ficam esses versos escritos.

## **CORDEL CONSTRUINDO UMA SEXTILHA**

**(Cordelista José Abraão Rezende Goveia)**

Ao caro amigo leitor	Com criatividade e ação
Em versos vou ensinar	O cordel vai despontar
Como uma sextilha	
Podemos confeccionar	As rimas seguem uma ordem
Seguindo toda a técnica	Para serem produzidas
E formas de metrificar	Nas estrofes do cordel
	Precisam ser percebidas
No texto de um cordel	Enriquecendo o contexto
Não pode faltar coesão	Da problematização trazida
E nem também coerência	O primeiro verso não rima
Nas estrofes e produção	Já o segundo deve rimar
Um tema bem exposto	Construindo uma estrofe
Se chega à conclusão	De forma particular
	O terceiro também não rima
Nas sextilhas do cordel	Na próxima vou explicar
É preciso saber rimar	
Essa é uma característica	O quarto verso rima
Para as estrofes embelezar	De forma original

Cada linha da estrofe	Dando sequência ao cordel
Tem o seu potencial	Até todas elas terminar
Dando formato aos versos	
De maneira bem legal	Uma sextilha de cordel
	É uma arte criativa
O quinto verso não rima	Podendo ser utilizado
Já o sexto deve rimar	De forma produtiva
Dessa forma uma estrofe	Ensinando aos alunos
É possível estruturar	A refletir sobre a vida

### 4.3. Os documentos Legais e as possibilidades do uso do cordel em História Local

A proposta de disponibilizar para os alunos portofolhenses um folheto de cordel em formato de sextilha, sobre as vaquejadas de pegas de boi no mato na festa do vaqueiro, trouxe a necessidade de uma reflexão sobre o que trata os documentos legais, sobre o uso da História local em sala de aula e no ensino de História. Diante disso, percebe-se que, durante algumas décadas, a legislação brasileira sobre educação estava avançando. Porém, com a aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que, no final do ano de 2017, foi implantada no ensino fundamental e, em 2018, no ensino médio, esta significa que a educação básica passa a contar com um documento normativo, que estabelece a organização do ensino e da aprendizagem com base em habilidades e competências que devem ser desenvolvidas por todos os estudantes em todas as regiões do Brasil. Nesse aspecto, os alunos que moram na região Nordeste, basicamente, aprendem os mesmos conteúdos dos alunos que moram na região Sudeste.

Antes da aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o artigo 210 da Constituição Federal já estabelecia que “Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar uma formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais” (BRASIL, 1988). Todavia, uma das críticas que recaiu sobre a BNCC consiste no seu texto tratar enquanto obrigatoriedade os estudos dos mesmos conteúdos em todo o território nacional, de uma forma mais homogeneizadora do que trata a Constituição Federal e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, artigo 9º, inciso IV, que diz o seguinte referente à união “estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os municípios, competências e diretrizes para a educação infantil, o Ensino fundamental e o Ensino Médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum” (BRASIL, 1996). Neste caso, cabe aos Estados e

Municípios organizarem a parte diversificada de seus currículos com especificidades locais e regionais.

Assim, a lei de Nº 13.415/2017 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) vem se constituindo em um novo desafio para os professores e educadores de todo Brasil. Tratando-se do ensino de História, este passou a se dividir em História Geral e do Brasil no tocante aos estudos nacionais unificados, já a parte diversificada ficou sob a responsabilidade dos estados e municípios, apesar de que estes nem sempre disponham de material didático para dar suporte ao ensino de História local e regional nas escolas públicas e privadas sobre sua jurisdição.

Sob essa perspectiva, o município sergipano de Porto da Folha, até o momento dessa pesquisa, em novembro (2021), não tinha um currículo próprio baseado na legislação educacional nacional e nem na BNCC, tampouco os professores que lecionam nas escolas municipais e estaduais, dessa região, tinham um material didático ou suporte pedagógico que trate de política, economia, sociedade, religiosidade, cultura local para auxiliar em aulas de História e de outras disciplinas. Diante dessa situação, o município tem se utilizado do referencial curricular do Estado de Sergipe, sendo que o último foi aprovado no ano de 2018.

No tocante ao currículo de Sergipe, aprovado em 2018, no que se refere ao ensino de História, traz todas as prescrições de competências e habilidades da BNCC, como História Geral e do Brasil, já na seara da História sergipana trata de assuntos como a segunda guerra mundial (SOUZA; SILVEIRA, 2018). Em outros termos, o currículo sergipano não contempla muitos acontecimentos da História local e regional, como o Cangaço em Sergipe e muitas das festividades comemoradas durante o ano no Estado. Para a elaboração e aprovação do currículo foi de fundamental importância a interação e a participação entre o Ministério da Educação e Cultura (MEC), o Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED), União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME), com participação de alguns segmentos da sociedade, gestores, professores da rede estadual e municipal de Sergipe.

Na década de 1990, foi aprovado os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), esses tinham uma proposta educacional bem mais flexível do que a BNCC aprovada em 2017, pois, tinham como uma das principais funções fomentar a contribuição de subsídios educacionais para a produção de conteúdo escolares. Por exemplo, na BNCC há quase que uma imposição dos conteúdos quando esta faz a seguinte afirmação “aprendizagem essenciais” (BRASIL, 2018, p.7). Seguindo a linha da BNCC, ainda, o currículo de Sergipe também diminuiu sua flexibilização referente aos PCNs em suas propostas educacionais atuais.

Nos PCN, a História local tinha como objetivo desenvolver no aluno o sentido de pertencimento a um grupo social e cultural. Tal ensino deveria ocorrer nos anos iniciais do ensino fundamental, em uma perspectiva metodológica em que, no decorrer do desenvolvimento do aluno nas outras séries escolares, este aprimora a noção de pertencimento à sua comunidade ou grupo local. Para Maria Auxiliadora Schimidt (2007), a História local era um eixo temático de construção do aluno como sujeito histórico, com capacidade de relacionar o local aos acontecimentos gerais.

O ensino de História tem uma trajetória em que as autoridades governamentais sempre procuraram estabelecer o controle sobre esse ensino, visto que o conhecimento proporcionado por esse leva o aluno a compreender bem mais o mundo em que vive, podendo por exemplo passar a lutar ou protestar por uma mudança de sistema político, econômico. Durante a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), esse controle sobre o ensino de História tornou ainda mais visível, com a junção de história e Geografia em Estudos sociais, através de conteúdos que atendiam aos interesses do governo autoritário e censurador, em que quase tudo estava sobre o controle do Estado.

No Brasil, os governantes sempre procuraram aprovar legislações educacionais, em que o ensino de História deveria priorizar a História geral e do Brasil. Nesse sentido, a História local sempre foi muito esquecida, silenciada, e os alunos levados a pensar temas e conteúdos distantes de sua realidade. Com isso, os governantes procuravam diminuir a atuação desses na luta por melhorias de vida nas localidades a qual pertenciam e as diversas realidades ao qual estavam inseridos. No tocante à História geral e do Brasil, esta passou a ser cobrada em exames vestibulares e no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), como a possibilidade de entrada de estudantes nas Universidades públicas e privadas do Brasil (DA COSTA NETO; NASCIMENTO, 2017).

A História local possibilita que o estudante possa tomar conhecimento do seu entorno, do local onde vive e dos problemas vivenciados por esse ao longo dos anos, como questões ambientais, dominação política. Dessa forma, existe por parte dos governantes locais uma falta de interesse para que os alunos tomem conhecimento dessa realidade, uma vez que, para esses governantes, é preciso manter mecanismo de dominação e, para isso, um ponto fundamental é manter os alunos, povo, distante da realidade que os cerca. Em síntese, é por esse motivo que o ensino de História, através de suas legislações educacionais no Brasil, sempre priorizou o ensino de uma História geral e do Brasil, distante da realidade local, sem sentido para a vida do estudante e que, tendo consciência do seu entorno e das dificuldades que enfrentam em decorrência da má administração políticas, podem mudar as situações

através do conhecimento adquirido na educação e no ensino da História local (DA COSTA NETO; NASCIMENTO, 2017).

Na atualidade, devemos mencionar a legislação educacional, que deveria ser favorável ao ensino de História local, isto é, deveria ser a BNCC. Entretanto, isso ocorre de forma bem reduzida. Sob esse prisma, para fundamentar esse trabalho e a importância da História local, nos baseamos em alguns artigos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Assim, é essa a lei que regulamenta a educação brasileira, sendo que foi aprovada com o número 9.394/1996, e em seu artigo 26 estabelece que:

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (BRASIL, 1996).

Ao analisarmos o artigo 26 da LDB, percebemos que todo o currículo escolar deve ser composto por uma base comum nacional, e por uma parte diversificada, conforme as características, regionais e locais de cada lugar. Fica, portanto, evidente na legislação a prioridade ao ensino de História geral e do Brasil em detrimento da realidade local do aluno. No ensino médio, por exemplo, a legislação do parágrafo 1º do artigo 35-A diz o seguinte “A parte diversificada dos currículos de que trata o caput de art. 26, definida em cada sistema de ensino, deverá estar harmonizada à Base Nacional Comum Curricular e ser articulada a partir do contexto histórico, econômico, social, ambiental e cultural” (BRASIL, 1996).

Conforme o que está estabelecido na legislação educacional brasileira, a parte diversificada do currículo escolar deve ser organizada por estados e municípios, de maneira que deve contemplar aspectos históricos, econômicos, sociais, ambientais, estando em consonância com o que estabelece a BNCC. Diante do possível que pode ser feito para valorizar uma História local, que esteja relacionada ao contexto social e de vida do aluno, este trabalho se fundamenta nestas características encontradas em cada região e localidade do Brasil, bem como naqueles presentes em alguns artigos das leis nacionais.

Com efeito, ao pensarmos em desenvolver, nos alunos de Porto da Folha, conhecimentos relacionados à sua realidade social e cultural, a presente pesquisa – mesmo encontrando um espaço pequeno na legislação, ou seja, não de forma inexistente –, em consonância com a BNCC e outras legislações educacionais, não pretende tratar da festa do vaqueiro simplesmente na transmissão de conteúdo pelo conteúdo. Pelo contrário, é necessário ir mais além, de forma a despertar no aluno o conhecimento de parte de sua realidade local e o preparando para o mundo do trabalho, de modo consciente das

necessidades de transformações sociais do qual cada sujeito histórico tem um papel essencial na luta por uma vida em sociedade mais justa e igualitária.

Diante disso, percebemos ser muito importante e útil trabalhar a literatura de cordel em sala de aula, assim como produzir um folheto em formato de sextilhas sobre a festa do vaqueiro. Afinal, trazer para a sala de aula essa temática possibilita discussões e conhecimentos sobre vários aspectos dos acontecimentos locais, tais como questões políticas, religiosas, ambientais, econômicas, geográficas e históricas ligadas à essa festa. Ademais, mesmo mediante o desafio de encontrarmos brechas na BNCC, este estudo e aplicação à realidade do aluno, permite esse conhecer o mundo à sua volta, tornando-se um sujeito histórico que consegue estabelecer relações dos acontecimentos globais e locais.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É muito importante relacionarmos o processo educacional de cada indivíduo, que busca conhecimentos em unidades de ensino quanto à sua realidade de vida, isto é, contextualizando essas experiências a fatores mais abrangentes e globais, inserindo-o em um diálogo entre os saberes apontados, por exemplo pela BNCC, e procurando estabelecer um real significado para a educação institucional e a vida prática do estudante. Tais possibilidades, entre o estudo do local relacionando-se aos aspectos gerais, auxiliam na compreensão de diversas práticas festivas, religiosas, culturais, sociais, política, econômica, sustentável, tradições, músicas, formas de expressão, entre outros.

No contexto de estudos da História local, existe a possibilidade de percebermos a organização curricular como algo não hierarquizado. Em contrapartida, verificamos o ensino de História como algo que favorece o diálogo entre o currículo escolar e as vivências que os alunos matriculados em uma escola trazem para o chão da sala de aula. Desse modo, com o objetivo de promover essa interação quanto às vivências dos alunos, cabe ao professor observar acontecimentos do entorno da comunidade, como suas festas por exemplo, de forma a torná-las um objeto de estudo, de ensino, de aprendizagem e debates e discussões, o que proporciona um espaço potente na educação para um processo permanente de construção social e cidadã.

Nesse sentido, buscando ajudar e favorecer o processo de aprendizagem dos alunos da Educação Básica do município sergipano de Porto da Folha, procuramos de uma forma interdisciplinar compreender os principais acontecimentos que envolvem a Festa do Vaqueiro,

de maneira a possibilitarmos que esses estudantes compreendam este como resultado de uma construção histórica no tempo, e inserida de alguma forma em sua realidade de vida.

Para adentrarmos mais na origem, permanência e transformações da festa, tivemos que percorrer um caminho que nos foi favorecido pelas leituras, pesquisa em documentos da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos – como o seu estatuto, atas de reuniões, frequências de sócios, fichas de cadastro de sócios, diálogos com diversas pessoas entre elas religiosos, ex-presidente da festa, comerciantes, autônomos, estudantes, analisamos também boletins de ocorrência, registros fotográficos, entrevista, onde podemos perceber que cada um conforme seu ponto de vista, e modo de participação, estão de alguma forma conectados à essa festividade, seja para se divertir, trabalhar, rezar. Também foi possível perceber que esta está atrelada ao ciclo de criação do gado no Nordeste e no Brasil, e que outros municípios também adotaram esse tipo de festa.

Nessa pesquisa conforme levantamento feito nos documentos da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, se evidenciou que a participação feminina na organização da festa ainda é muito limitada, porém foi possível dialogar com mulheres como Maria vaqueira, Gilma, Gabrielly, Karleanne, Maricelma, mulheres que se inserem no festejo como aboiadoras, tesoureira, rainha, mulher de vaqueiro, exercendo profissões como contadoras, radialistas, cozinheiras, domesticas, etc. Mulheres que vem contribuindo para a festa em um espaço predominantemente masculino, onde essas mulheres vêm aos poucos conquistando espaços como no grupo de cavalgada Divas Viajantes e as Patroas, e engrandecendo o festejo de forma ampla com suas participações na alvorada festiva, no parque de vaquejada, praça dos bois e ruas e avenida da cidade, onde nos dias da festa essas transitam, conforme seus gostos e necessidades de participar da festa.

Desse modo, a pesquisa seguindo o seu caminho proporcionou contextualizar histórica e geograficamente essa festa, de modo a analisar a sua criação, as transformações e as continuidades. Além disso, promoveu a percepção das semelhanças e das diferenças entre a Festa do Vaqueiro de Porto da Folha-SE e a festividade realizada em Serrita- PE, por exemplo. No município portofolhense, conhecemos a sua dinâmica através de acontecimentos como a alvorada festiva, desfile dos vaqueiros, corridas de pegas de boi no mato, além de acontecimentos relacionados aos aspectos culturais, políticos, religiosos, econômicos e ambientais que influenciam em sua realização.

Esse tipo de estudo possibilita ao estudante se tornar um sujeito histórico, inserido em sua realidade e com a capacidade de lutar para melhorar o seu contexto. Assim, o ensino de história possibilita que o aluno deixe de ser um mero espectador e passe a se relacionar de

forma ativa com os acontecimentos da localidade onde vive, isto é, de forma a ampliar o universo do estudante para que ele compreenda conteúdos e conceitos do seu entorno, bem como consiga relacionar a sua realidade aos aspectos globais. Em síntese, fazendo o aluno compreender o conhecimento histórico como algo próximo do seu tempo e espaço.

Quanto ao estudo relacionado à Festa do Vaqueiro de Porto da Folha- SE, este permite aos alunos entender conceitos mais amplos, tais como o de diversidade cultural, que permeia todo o mundo, e faz com que estes possam enxergar a rica diversidade do Brasil. Com isso, por meio do diálogo estabelecido pela BNCC, esse tipo de estudo permite combater práticas de preconceito, racismo e xenofobia, assim como fortalece a escola como um local de debates e discussões que devem conduzir a cidadania a uma sociedade mais justa e democrática.

Nesse sentido, o potencial histórico relacionado aos estudos das festas não pode ser esquecido ou deixado de lado pela escola. Pelo contrário, o professor deve valorizar e se apropriar dessa possibilidade de estudo em torno de festividade, uma vez que esta tem História e faz parte da História. Em outras palavras, as festas também dispõem de finalidades ao longo do tempo, como é o caso da festa do vaqueiro, que transita pela condução do gado para pastagem, incentiva o turismo, abre possibilidades de renda extra e trabalho, bem como é uma forma de diversão, lazer e de denúncias sociais.

Ademais, tal festa carrega também as características da cultura popular como apresentação de zabumbeiros, forrozeiros, aboiadores, bandas de forró locais e conhecidas nacionalmente, e que na atualidade em decorrência das transformações tecnológicas também conta com o uso de trios elétricos e grandes palcos para apresentações musicais. Expressam, ainda, as formas de religiosidade entre o sagrado e o profano, utilizando Santos Católicos como Nossa Senhora da Conceição e a bênção do vaqueiro, sendo que este último se insere em uma forma de engajamento social e luta por reconhecimento e visibilidade de grupos historicamente marginalizados.

O estudo sobre a Festa do vaqueiro de Porto da Folha- SE possibilita desenvolver atitudes e questionamentos sobre a preservação ao meio ambiente, visto que vivemos em uma sociedade em que cada vez mais crescem os desmatamentos, as queimadas irregulares, a extinção de animais e plantas. Nesse aspecto, abordar a festa do vaqueiro e a sua relação com o bioma da caatinga pode proporcionar aos alunos o desejo e o engajamento para a luta em prol das medidas de sustentabilidade desse bioma – além do cuidado com os animais para que estes não passem por maus tratos. Dito isto, é importante aludirmos que os interesses coletivos devem se sobrepôr ao individual, na busca de medidas sustentáveis para a utilização dos recursos do planeta.

Ademais, um dos desafios para nós, professores de História, consiste em fazer o aluno entender a importância do ensino de História para a sua vida e para a sua comunidade. Diante disso, torna-se primordial abordarmos, em sala de aula, temas como a festa do vaqueiro, já que a partir dela é possível articularmos o local, o regional, nacional e mundial, de maneira a levarmos o aluno a perceber a relação existente entre o passado e o presente, bem como a importância deste para a sua construção histórica e social, procurando desconstruir estereótipos de que a História não serve para nada e que o passado nada revela sobre o presente. Nesse aspecto, inclusive, sabemos que tem sido desafiador para os professores de História demonstrar a importância desta disciplina nas escolas.

Devido a todas essas questões abordadas, buscamos produzir um produto cultural diferente do livro didático, contudo, apreciado por admiradores da cultura popular, ou seja, o folheto de cordel. Nesta seara, a sua estrutura seguiu uma divisão de seis partes, tendo a possibilidade de ser utilizado em sala de aula por diversos componentes curriculares. Dessa forma, o uso do folheto do cordel aborda a temática da festa do vaqueiro e se constitui como um meio para favorecer a aprendizagem histórica, ajudar a pensar a questão de identidade, da cidadania e da consciência histórica. Todavia, este não pode ser entendido como uma verdade absoluta, tampouco enquanto o único meio de se trabalhar tal temática em sala de aula. Por outro lado, ele se insere na diversidade de possibilidades de recursos, que podem ser utilizados pelos professores, principalmente de História.

Com essa dissertação, portanto, esperamos auxiliar os estudantes da Educação Básica, entre outros, a compreenderem um pouco mais a História de Sergipe, do seu alto sertão e, mais especificamente, do município de Porto da Folha- SE, de modo a levar o aluno a perceber a sua História como algo que pode lhe auxiliar a pensar os seus posicionamentos e questionamentos, isto é, como sujeitos históricos do seu tempo.



## REFERÊNCIAS

- ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de história colonial (1500 – 1800) & Caminhos antigos e povoamento do Brasil**. 5a. ed. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1962.
- ALBUQUERQUE, Idenilson de. **O sertão Sergipano: Belezas e Contrastes**. 1ª ed. Porto da Folha: ACLAS Editora, 2019.
- ANTONIO CARLOS DU ARACAJU. **Festa do Vaqueiro**. Aracaju, 1980. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=pYyIbMu37jg&ab\\_channel=Prof.EverssonBarbosa](https://www.youtube.com/watch?v=pYyIbMu37jg&ab_channel=Prof.EverssonBarbosa)  
Acesso em: 09/11/2021.
- ARMESTO, Felipe Fernández. Qual o impacto da Geografia sobre os acontecimentos? IN: SWAIN, Harriet (Org.). **Grandes Questões da História**. Rio de Janeiro, José Olímpio, 2010.
- BERUTTI, Flávio; MARQUES, Adhemar. **Ensinar e Aprender História**. Belo Horizonte. Editora RHJ, 2009.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção Docência em Formação – Série ensino fundamental).
- CAMURÇA e GARCIA, Hermano Jucá Guimarães, Eulália Emília Pinho. **Vaquejada: manifestação cultural ou prática degradante?** p. 1 -16, 2019
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12ª edição. São Paulo: Global, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Literatura oral no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Global, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Vaqueiros e cantadores**. 2ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1984.
- CATELLI JUNIOR, Roberto. **Temas e Linguagens da História: ferramentas para a sala de aula no ensino médio**. São Paulo: Scipione, 2009.
- CAVALCANTI, Maria Luíza Coelho et al. **Cultura nordestina: tradição do vaqueiro e pega de boi no mato resiste no semiárido**. Anais II CONIDIS. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/33344>>. Acesso em: 08 de junho de 2021.
- CERRI, Luiz Fernando. **Ensino de história e consciência histórica: Implicações didáticas de uma discussão contemporânea**. Rio de Janeiro: FGV, 2011.
- COLINVAUX, P. **Ecology**. Nova Iorque: John Wiley & Sons, 1986.
- CONCEIÇÃO, Claudia Zilmar da Silva; GOMES, Carlos Magno. **A formação do leitor por meio da literatura de cordel**. Leia Escola; Campina Grande, 2016, v.16, p.96-109.
- COUTO, Edilece Souza. **A Puxada do Mastro: transformações históricas da festa de São Sebastião em Olivença (Ilhéus-BA)**. Ilhéus: Editora da Universidade Livre do Mar e da Mata, 2001.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: 2012, Editora Montecristo. Disponível em: < <https://docs.com/user489431/3407/os-sertoos-euclides-da-cunha?fromAR=1>>. Acesso em 02 de junho de 2021 Livro On-line.

DA COSTA NETO, Tomé Soares; NASCIMENTO, Francisco de Assis de Souza. O Ensino de História Local nas Escolas Pública Brasileiras. **Revista do Departamento de História e do Programa de Pós Graduação em História do Brasil da UFPI**. Teresina, V. 6, n. 2. p. 99 - 117, dez 2017.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes. 1992.

EVARISTO, M. C. O cordel em sala de aula. In: BRANDÃO, Helena Nagamine. **Gêneros do discurso na escola**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 119-184.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática do ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas-SP. Papyrus, 2003.

FONSECA, Thais Nívea de Lima e. **História e Ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREIRE, Felisbello Firmo de Oliveira. **História territorial do Brazil (Bahia, Sergipe e Espírito Santo)**. Rio de Janeiro: Typografia. do Jornal do Commercio, 1906.

GIULIETTI, A.M., R.M. HARLEY, L.P. QUEIROZ, M.R.V. BARBOSA, A.L. BOCAGE NETA & M.A. FIGUEIREDO. 2002. **Plantas endêmicas da caatinga**. p.103-115 In: **Vegetação e flora das caatingas** (SAMPAIO, E.V.S.B., A.M. GIULIETTI, J. VIRGÍNIO & C.F.L. GAMARRA-ROJAS, ed.). APNE / CNIP, Recife, PE.

GIULIETTI, A. M. (Coord). Vegetação: áreas e ações prioritárias para a conservação da Caatinga. In: SILVA, J.M.C. et al. (Orgs.). **Biodiversidade da Caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, Universidade Federal de Pernambuco, 2003. p.42-64.

HARLEY, R. M. **Exemples of endemism and phytogeographical elements in the caatinga flora**. Anais da IV Reunião Especial da SBPC, Feira de Santana, 1996. p. 219-227.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 1996.

LEAL, Telma; BRANDÃO, Ana Carolina; ALBUQUERQUE, Rielda. Por que trabalhar com sequências didáticas? In. FERREIRA, Andréa; ROSA, Ester. **O fazer cotidiano na sala de aula: a organização do trabalho pedagógico no ensino da língua materna**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MARINHO, A. C.; PINHEIRO, H. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MARTINS, Marcos Lobato. História Regional. In: PINSK, Carla Bassanezi (Org). **Novos Temas Nas Aulas de História**. São Paulo: Contexto, 2010.

MATA, Giulle Vieira da. O Segredo do Boi Misterioso nos Romances de Vaqueiros. Sete Lagoas. **Revista de Dialectología y Tradiciones Populares**. 2003. Disponível em : < <http://rdtp.revistas.csic.es/index.php/rdtp/article/viewFile/150/151>>. Acesso em : 08.07.2021.

MAURÍCIO, Maria Laura de Albuquerque. **ABOIO, o canto que encanta: uma experiência com a poesia popular cantada na escola**. 2006. 96f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

MELO, A. S. Tavares de. **Desertificação: Etimologia, Conceitos, Causas e Indicadores**. Rev. do UNIPÊ, João Pessoa: UNIPÊ, 2 (2):21-35, 1998.

MENEGUELLO, Cristina, Continuidade e Ruptura. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. (Orgs). **Dicionário de Ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

MOREIRA, Claudia R.B.S; VASCONCELOS, José Antonio. **Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de História**. Curitiba: Ibpex, 2007.

NADAI, Elza. O ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 25-26, p. 143-162, set. 92/ago. 93.

NANTES, Martinho. **Relação de uma Missão no Rio São Francisco**. São Paulo, Companhia Editora Nacional Brasileira, v.368, 1979.

NASCIMENTO JUNIOR, Manoel Caetano. **História Local e o Ensino de História: das reflexões conceituais às práticas pedagógicas**. VIII Encontro Estadual de História, Feira de Santana, 2016.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Ensino de História e Patrimônio Cultural: um percurso docente**. Jundiaí/SP: Paco, 2017.

PEREIRA, Edimilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. **Flor do Não Esquecimento: cultura popular e processo de transformação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

QUEIROZ E SILVA, Jorge Antônio. Globalização e História Local. **Revista História/Ensino**, Londrina, v.7, p. 83-99, out. 2001.

QUEIROZ, L.P. 2002. **Distribuição das espécies de Leguminosae na caatinga**. p. 141-153 In: **Vegetação e flora das caatingas** (SAMPAIO, E.V.S.B. A.M. GIULIETTI, J. VIRGÍNIO & C.F.L. GAMARRA-ROJAS, ed.). APNE / CNIP, Recife, PE.

RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. **Festas Juninas, Festas de São João: origens, tradições e História**. São Paulo: Casa do editor, 2002.

SANTOS, Ary Leonan Lima. **Utilização do cordel como ferramenta para o ensino de história: conceitos, repertórios e experiências.** 2018. 102f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

SANTOS, Denilsa de Oliveira; SANTOS, Jizélia Marques. **Festa do Mastro de Capela: uma abordagem histórica e afetiva.** Aracaju: J. Andrade, 2014.

SANTOS, José Adeilson dos. **Um boi Zepelim enfeitado: trajetória de vida do vaqueiro “Doutor de Vito” e as vaquejadas “pega-de-boi no mato” no sertão sergipano dos anos 1950.** 2018. 143f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica.** In: MONTEIRO, A. M. F. C.; GASPARELLO, Arlete M., MAGALHAES, Marcelo de S.(orgs). *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas.* Rio de Janeiro: FAPERJ, 2007.

SHIMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. **Ensinar História.** São Paulo: Scipione, 2009.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **Camponeses e criadores na formação da miséria – Porto da Folha no Sertão do São Francisco (1820-1920).** 1981. 256f. Dissertação de Mestrado (mimeografada), Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 1981.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SILVA, Verônica Diniz da. **A literatura de cordel e suas contribuições para o ensino desse gênero na sala de aula.** In: X 10ª, 2016, Rio Branco. Anais. Universidade Federal do Acre.

SOUSA, C.S.; Menezes, R.S.C.; Sampaio, E.V.S.B.; Lima, F.S.; Oehl, F. Arbuscular mycorrhizal fungi in successional stages of caatinga in the semiárido region of Brazil. **Ciência Florestal**, v.24, n.1, p.137-148, 2014. <https://doi.org/10.5902/1980509813331>.

SOUZA, Heloisa Thais Rodrigues de. **Conservação Ambiental em Remanescentes Florestais: A caatinga em questão.** São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

SOUZA, Manoel Alves de. **Contribuição à história política de Porto da Folha-1946 a 1990: do pós- Vargas à Nova República.** Aracaju: Sercore, 2020.

SOUZA, Manoel Alves de. **Porto da Folha na Revolução de 1930: Intendentes e Prefeitos.** Aracaju: Gráfica e Editora J. Andrade, 2015.

TAYLOR, N.P. & D. ZAPPI. Distribuição das espécies de Cactaceae na caatinga. p.123-125 In: **Vegetação e flora das caatingas** (SAMPAIO, E.V.S.B., A.M. GIULIETTI, J. VIRGÍNIO & C.F.L. GAMARRA-ROJAS, ed.). APNE / CNIP, Recife, PE, 2002.

VIEIRA, Natã Silva. **Cultura de Vaqueiro: o sertão e a música dos vaqueiros nordestinos.** Disponível em: < <http://www.cult.ufba.br/enecult2007/NataSilvaVieira.pdf>>. Acesso em 23 de outubro, 2021.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (org). *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais.* Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

**REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS:**

- <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/serrita/historico>. Acesso em: 20/01/2022.
- <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em: 20/01/2022.
- <https://www.acaatinga.org.br/>. Acesso em: 15/11/2021
- <https://www.dicio.com.br/aboio/>. Acesso em: 20/01/2022.
- <https://www.dicio.com.br/arraial/>. Acesso em: 20/01/2022.
- <https://www.dicio.com.br/barbatoes/>. Acesso em: 20/01/2022.
- <https://www.dicio.com.br/gibao/>. Acesso em: 20/01/2022.
- <https://www.dicio.com.br/jumento/>. Acesso em: 20/01/2022.
- <https://www.dicio.com.br/palmatoria/>. Acesso em: 20/01/2022.
- <https://www.dicio.com.br/peleja/>. Acesso em: 20/01/2022.
- <https://www.dicio.com.br/res/>. Acesso em: 20/01/2022.
- <https://www.dicio.com.br/toada/>. Acesso em: 20/01/2022.
- <https://www.dicio.com.br/tradicao/>. Acesso em: 20/01/2022.
- <https://www.dicionarioinformal.com.br/disparada/>. Acesso em: 22/01/2022.
- <https://www.dicionarioinformal.com.br/estrumo/>. Acesso em 22/01/2021.
- <https://www.dicionarioinformal.com.br/novilha/>. Acesso em: 22/01/2022.
- <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/garote/771/>. Acesso em: 22/01/2022.
- <https://www.dicionarioinformal.com.br/trator/>. Acesso em: 22/01/2022.
- <https://www.dicionarioinformal.com.br/xepa/>. Acesso em: 22/01/2022.
- <https://www.gov.br/ibama/pt-br>. Acesso em: 15/11/2021.
- <https://www.todamateria.com.br/cultura-popular/>. Acesso em: 23/01/2022

**FONTES:****1. Diálogos**

- BISPO, E.B., 2021, Interlocutor: José Abraão R. Goveia. Porto da Folha-SE.
- FEITOSA, J.C., 2021., Interlocutor: José Abraão R. Goveia. Porto da Folha-SE.
- GONÇALVES, J.O., 2021, Interlocutor: José Abraão R. Goveia. Porto da Folha-SE.
- LIMA, M. G., 2021, Interlocutor: José Abraão R. Goveia. Porto da Folha-SE.
- MEDEIROS, J.L.,2021, Interlocutor: José Abraão R. Goveia. Porto da Folha-SE.
- MOREIRA, M.I., 2021, Interlocutor: José Abraão R. Goveia. Porto da Folha-SE.
- NUNES, M., 2021, Interlocutor: José Abraão R. Goveia. Nossa Senhora da Glória-SE.
- OLIVEIRA, K.S., 2021, Interlocutor: José Abraão R. Goveia. Porto da Folha-SE.
- OLIVEIRA NETO, M., 2021, Interlocutor: José Abraão R. Goveia. Porto da Folha-SE.
- PEREIRA, C.V., 2021, Interlocutor: José Abraão R. Goveia. Porto da Folha-SE.
- PODEROSO, G. C.,2021, Interlocutor. José Abraão R. Goveia. Porto da Folha-SE.
- SANTANA, G. A., 2021, Interlocutor. José Abraão R. Goveia. Porto da Folha- SE.
- SANTOS, A., 2021, Interlocutor: José Abraão R. Goveia. Porto da Folha-SE.
- VIEIRA, M.C.,2021, Interlocutor: José Abraão R. Goveia. Porto da Folha-SE.

**2. Entrevista**

- OLIVEIRA, José Alves de. Entrevista. Goveia, Abraão R. Abril 20, 2021. Porto da Folha - SE;

**3. Boletins de Ocorrência**

- DELEGACIA DE POLÍCIA CÍVIL. **Boletim de Ocorrência N° 2013/05431.0-000388.** Porto da Folha-SE, 28/09/2013.
- \_\_\_\_\_. **Boletim de Ocorrência N° 2009/08714.0-000163.** Porto da Folha-SE, 27/09/2009.
- \_\_\_\_\_. **Boletim de Ocorrência N° 2016/08341.0-000425.** Porto da Folha-SE, 25/09/2016.
- \_\_\_\_\_. **Boletim de Ocorrência N° 2014/07489.0-000332.** Porto da Folha-SE, 26/09/2014.
- \_\_\_\_\_. **Boletim de Ocorrência N° 2009/05531.0- 000165.** Porto da Folha-SE, 29/09/2009.

**4. Legislação**

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2019. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>  
Acesso em: 28/09/2021.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm) Acesso em 23/07/2021.

SERGIPE. Lei Estadual N° 195/2019, de 03 de setembro de 2019. **Declara a Festa do Vaqueiro da cidade de Porto da Folha-SE Patrimônio Cultural Imaterial do Estado de Sergipe.**

\_\_\_\_\_. Portaria Estadual N°1476/2020, de 16 de março de 2020. **Estabelece medidas de prevenção ao coronavírus (covid-19) nas Unidades de Ensino e Prédios Administrativos vinculados a Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura.** Disponível em: <https://www.seduc.se.gov.br/arquivos/PUBLICACOES/P1476.2020.PDF> Acesso em 15/08/2021.

\_\_\_\_\_. Portaria Estadual N° 2235/2020, de 27 de maio de 2020. **Regulamenta, em caráter excepcional, a oferta de Atividades Escolares Não Presenciais a serem desenvolvidas nas Unidades de Ensino da Rede Pública Estadual de Ensino, para cômputo da carga horária mínima anual obrigatória, durante o período de distanciamento social, como forma de conter a disseminação do Novo Coronavírus (COVID-19), e dá providências correlatas.**

Disponível em: <https://siae.seduc.se.gov.br/siae.servicefile/api/File/Downloads/aa9e8ddd-035d-4d65-95d9-a59c42a05cc0> Acesso em: 14/08/2021.

## **APÊNDICE A – PERCURSOS PARA A PRODUÇÃO E ILUSTRAÇÃO DO FOLHETO DE CORDEL**

Todas as discussões e reflexões, propostas nesse trabalho, conduziram para a produção e ilustração de um folheto de cordel em formato sextilha sobre a festa do vaqueiro de Porto da Folha-SE, constituindo-se, assim, em um material didático que pode ser utilizado por professores de Geografia, Artes, Ciências, Língua Portuguesa, Ensino Religioso ou qualquer professor que tenha interesse em abordar o tema em sala de aula. Porém, o folheto produzido não tem a intenção de substituir o livro didático, nem as fontes históricas, de maneira que este se constitui em um suporte a mais para as aulas, podendo ajudar os professores a refletirem sobre os vários conceitos em sala de aula, com os seus alunos.

Após a escolha do tema da pesquisa, aplicamos esse juntamente ao contexto da literatura de cordel, prática que tenho habilidade e desenvolvo em sala de aula com os meus alunos. Todavia, para esse folheto era necessário um ilustrador, ou seja, para relacionar a história contada em estrofes de sextilhas de cordel às ilustrações sobre a festa. Dito isto, foi quando corri atrás de um desenhista, que topou o desafio de ilustrar o folheto, prática que não tenho domínio e precisei desse profissional.

Isso aconteceu quando nos veio à mente escrever o folheto por meio de uma trama de uma peleja (batalha), entre dois jovens em idade escolar. A ideia era trazer algo que fosse próximo da vivência de realidade dos alunos. Nesse sentido, o título do folheto de cordel ficou o seguinte: “Estudando a História do Alto Sertão Sergipano: a festa do vaqueiro de Porto da Folha-SE em uma peleja de cordel”.

Para realizar a declamação da peleja, foi criado dois protagonistas, a saber: um jovem com o nome de Antônio, no qual procurei homenagear meu pai, que é um homem que sempre trabalhou no campo; e a outra jovem, chamada Beatriz, de modo que esta em homenagem a uma professora que, durante algum tempo, ocupou o cargo de direção na escola que leciono, e que sempre viu com bons olhos e me incentivou a usar o cordel em sala de aula. Dito isto, a peleja começa com os dois jovens se apresentando e tirando versos em rimas sobre a história e acontecimentos da festa do vaqueiro, apresentando o trabalho do vaqueiro, como esses foram explorados, como surgiu a festa, a relação da festa com a vegetação da caatinga, com a religiosidade, com o comércio, com a diversão, lazer, entre outros.

Para a construção das estrofes do cordel, os alunos Antônio e Beatriz contaram com o apoio de seu professor de história, que orientou os estudantes para a realização da pesquisa sobre a festa do vaqueiro na Biblioteca Municipal da cidade. Em seguida, quanto à

apresentação, esta acontece no palco oficial da festa, na semana cultural, evento que reúne as escolas do município, em que cada uma realiza uma apresentação cultural na semana festiva.

No tocante à peleja apresentada pelos personagens, esta não se constitui em uma disputa, em que um dos apresentadores sairiam vitoriosos. Em contrapartida, tal peleja se constitui em uma apresentação que procura homenagear a festa do vaqueiro, que está prestes a completar 50 anos de sua criação, de forma que o professor de história juntamente com os alunos do 8º ano, onde Antônio e Beatriz estudam, resolveram criar essas estrofes de cordel.

Dentro dessa proposta, um desafio nos fez percorrer em busca de um excelente profissional desenhista. A princípio, pensamos em contratar um artista local, da própria cidade de Porto da Folha. Assim, em uma turma da 2ª Etapa do Ejaem que lecionei em 2021, encontrei um aluno desenhista bastante talentoso e que, por ser da própria cidade, participa e conhece a dinâmica da festa do vaqueiro. Porém, tal artista, por motivo pessoal, não aceitou a proposta.

Mais adiante, lembrei que no ano de 2020 participei de um evento na Universidade Federal de Sergipe-UFS sobre os 200 anos da emancipação política de Sergipe e que, durante as palestras, tinha uma apresentação cultural em que se destacavam os desenhos de Gladston Barroso. Em suma, à medida em que os palestrantes iam conduzindo as suas falas, tal artista ia construindo ilustrações sobre o tema da palestra e, no final, apresentava aos participantes – algo, aliás, que chamava a atenção de todos por serem ilustrações bem criativas, bem feitas e oportunas para aquele momento cultural.

Nesse sentido, era necessário correr atrás do número do telefone do desenhista para estabelecer um contato, apresentar a proposta do projeto, ver a questão dos valores, o tempo para que as ilustrações ficassem prontas, entre outras situações que eram necessárias para organizar e dialogar com o desenhista. Por fim, consegui o número do telefone por meio de um amigo que mora em São Cristóvão, que de forma antecipada comunicou a Gladston Barroso que eu entraria em contato com ele, acontecimento que ocorreu na primeira semana de dezembro de 2021, e momento em que Gladston topou ilustrar o folheto de cordel.

Como já conhecia o trabalho com desenhos realizados por Gladston, e muito admiro, a partir do contato mais próximo devido ao projeto fui percebendo cada vez mais o seu profissionalismo, capacidade e responsabilidade com a sua criatividade artística e interação com as estrofes do folheto, produzidos pelo autor desse trabalho, no qual me sentia muito satisfeito com a parceria entre ambos.

Dessa maneira, desde a primeira semana de contato com Gladston – semana em que lhe enviei as estrofes do cordel prontas, sinalizando o tipo de desenho que ficaria mais

oportuno para dialogar com as estrofes em cada página do folheto – e à medida em que o artista ia me mostrando os desenhos, sentia-me convicto que tinha feito a escolha certa. Em outras palavras, o diálogo entre as estrofes do cordel e as suas ilustrações estavam ficando significativas para o projeto que estava se propondo.

Nesse aspecto, o folheto ficou dividido em seis partes – que abordam a festa do vaqueiro em cordel –, de forma que, em cada página, existe uma ilustração relacionada ao que propõe a História, e como uma forma de ajudar os alunos a ampliarem as suas compreensões e reflexões sobre a temática que está sendo proposta no folheto de cordel.

Na primeira parte do folheto de cordel, que intitulamos de “Apresentando a peleja (batalha), em versos e rimas” a narrativa trata não somente da festa do vaqueiro, mas também da importância da História local sobre a influência da globalização e as suas alterações nas dinâmicas das festas, sobre a tradição das pegadas de boi no mato no sertão, tradições, cultura, diálogo em grupo, pesquisa em grupo, apresentação em público em um evento cultural, conceitos e situações importantes a serem debatidos com os alunos, e que podem auxiliá-los em seus processos de aprendizagens.

Na segunda parte do folheto, que intitulamos de “As origens da festa do vaqueiro e das pegadas de boi no mato”, a narrativa trata não somente da origem dessa festa, mas ainda do contexto histórico de como ela foi se desenvolvendo, influenciada pela pecuária extensiva, em um processo de colonização em que ocorria muita exploração entre o patrão (fazendeiro) e seus empregados (vaqueiros), em um sistema de grandes propriedades de terras em que, a princípio, não existiam os cercamentos destas, o que incorreu na criação das festas de apartação do gado. Em suma, tal realidade foi se misturando às práticas e rituais do universo do sagrado e do profano, dando origem no Brasil à diversidade religiosa e cultural entre o homem branco, negro, indígena, sertanejo, entre outros.

Ainda na segunda parte do folheto, é possível discutir com os alunos sobre o conteúdo da idade média, como as cruzadas, que faziam uso de grandes cavalgadas, destacando a importância dos cavalos como meio de transporte e de trocas culturais, relacionando as vestes dos vaqueiros de couro às vestes de cavaleiros medievais, ou seja, contextualizando a importância destes para a expansão e colonização do território brasileiro no período colonial. Dito isto, uma grande quantidade de conceitos pode ser explicada e discutida entre professores e alunos com base em estrofes de cordel, como aqui apresentado.

Outrossim, sob a luz da segunda parte do folheto, pode-se discutir os conceitos de História como, por exemplo, a História vista por baixo, os conceitos de alienação, a ausência

da História dos vaqueiros nos livros didáticos, os conceitos de respeito às diferenças e ao outro. Em resumo, tudo isso de forma rimada e criativa através de versos de cordel.

Na terceira parte do folheto, com o título “As festas de apartação a serviços dos proprietários de terras e colonizadores”, podemos discutir conceitos com os alunos sobre bandeirantismo, expansão territorial, civilização do couro que se formou nas terras nordestinas e sertanejas, ocupação de terras longe do litoral e povoamento, os vaqueiros como administradores de fazendas, conceitos sobre cultura popular, religiosidade e sincretismo religioso, formas de expressão, entre outros, de maneira a permitir, ao aluno, entrar em contato com conceitos dos conteúdos de ensino de História, partindo de um patrimônio cultural imaterial que é o cordel.

Na quarta parte do nosso folheto de título, “ As pegas de boi no mato no alto sertão sergipano”, podemos conhecer características do sertão sergipano como a presença no período colonial dos índios Kiriris, as suas disputas e os conflitos por suas terras, a presença e a importância do rio São Francisco para a região do sertão, a presença de padres jesuítas em seu trabalho de catequização e aldeamentos indígenas, as pegas de boi no mato que ocorrem em vários municípios do alto sertão sergipano – como Poço Redondo, Canindé do São Francisco, Itabi, Porto da Folha e em diversas fazendas espalhadas na região. Em linhas gerais, sendo estas as características do lugar, de modo a serem inseridas na realidade de vida dos nossos alunos.

Na quinta parte do folheto, com o título “A festa do vaqueiro de Porto da Folha (1969-2019)”, a análise chega à festa do vaqueiro, realizada anualmente no município sergipano de Porto da Folha. Nesses versos e estrofes do cordel, são discutidos a História e a localização geográfica do município, o clima da região, a importância da revitalização do rio São Francisco que, em tempos passados, destacava o município como um grande produtor de arroz, destaca em versos o povoado Ilha do Ouro, como um potencial turístico do município, festas de vaquejadas que ocorrem em outros povoados como Lagoa da Volta, Lagoa do Rancho, sendo essas práticas características da identidade cultural da região.

Na mesma quinta parte do folheto, conhecemos um pouco da história da tribo indígena Xokó e as suas lutas pela retomada da terra no final do século XX, apoiada pela diocese de Propriá, através da CEBs (Comunidades Eclesiais de base), destaca também uma de suas manifestações culturais que é a dança do toré, aborda sobre a comunidade quilombola do Mocambo, que também lutou pela reconquista de suas terras, destacando como uma de suas manifestações culturais o samba de coco. Ademais, também é analisado o contexto do período

desses acontecimentos, tais como o da ditadura militar (1964-1985) e suas formas de restrições.

Diante disso, seguindo as estrofes do folheto, quanto à quinta parte, podemos adentrar mais especificadamente no espaço da festa do vaqueiro, discorrendo sobre a sua alvorada festiva, a organização da festa através da comissão da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, pela atuação do poder público municipal, a festa como um patrimônio cultural imaterial do povo sergipano, o uso de cartazes ao longo do tempo e o surgimento da TV e internet como forma de divulgação da festa, a contratação de bandas de renome nacional, as pegas de boi no mato e os riscos de acidentes, o uso do mine trio e o acompanhamento por pessoas a cavalo durante o cortejo, a participação de vendedores ambulantes e roubos registrados em boletins de ocorrência. Em outros termos, tais exemplos elencados fazem parte da dinâmica da festa escrita em versos de cordel.

Na sexta e última parte do folheto, “A festa do vaqueiro e o bioma da caatinga”, as discussões levantadas dizem respeito à relação do homem com o meio ambiente, nesse caso especificamente os vaqueiros do sertão e as suas vivências com a vegetação da caatinga. Nesse sentido, os versos de cordel retratam a necessidade de preservação desse bioma, as formas que vem sendo devastado através da criação de pastos para o gado e do desenvolvimento da agricultura, as formas irregulares de queimadas que ocorrem na região, as questões ambientais inseridas na cultura popular, conceitos sobre unidades de conservação, sobre a diversidade de espécies endêmicas existente na caatinga, a necessidade de medidas governamentais sobre sustentabilidade, a caatinga do parque de vaquejada – que não é uma unidade de preservação, mas se mantém preservada por conta das corridas de pegadas de boi no mato.

Na sexta parte do folheto também são abordados as discussões e os processos no Supremo Tribunal Federal- STF, que envolvem as vaquejadas como uma manifestação cultural, que encontra respaldo de sustentação na constituição federal, como também a defesa de entidades de proteção aos animais que veem, nessas festas, maus tratos quanto aos animais. Por fim, como a discussão ainda não foi definida no Supremo Tribunal Federal, essas práticas continuam acontecendo, o que exige um protocolo de manutenção da segurança e do bem-estar dos animais. Além disso, na última parte do folheto, temos acesso à peleja, em cordel, de Antônio e Beatriz, com o desejo de uma festa do vaqueiro em seus cinquenta anos de existência de muita paz e alegria.

No entanto, a construção do folheto relacionado à parte artística do desenhista, foi se estabelecendo a partir do momento em que enviei todas as estrofes do poema para Gladston

Barroso. O artista, por sua vez, enviava os desenhos e os rascunhos conforme tínhamos combinado, de forma que o próprio desenhista, bastante habilidoso, informou-me que iria desenhar três ilustrações por dia, dando em seguida o devido acabamento dessas por meio do seu profissionalismo e da criatividade. Com isso, considerei minha interação, enquanto cordelista, com Gladston bastante produtiva e prática, isto é, houve um entrosamento entre as estrofes do folheto de cordel, com a sua arte em desenhos, algo que considerei bastante positivo nessa produção. Assim, apresento o resultado logo na sequência.

**APÊNDICE B – PRODUTO 1: “ESTUDANDO A HISTÓRIA DO ALTO SERTÃO  
SERGIPANO: A FESTA DO VAQUEIRO DE PORTO DA FOLHA-SE EM UMA  
PELEJA DE CORDEL”**

ENSINANDO E ESTUDANDO A HISTÓRIA DO ALTO SERTÃO SERGIPANO:

A Festa do Vaqueiro de PORTO DA FOLHA-SE  
EM UMA **Peleja de Cordel**



CORDEL DE  
**JOSÉ ABRAÃO REZENDE GOVEIA**  
COM ILUSTRAÇÃO DE GLADSTON BARROSO

Copyright 2022 by José Abraão Rezende Goveia

Orientador  
Prof. Dr. Lucas Miranda Pinheiro

Ilustrações  
Gladston Barroso

Diagramação  
Adilma Menezes

G721e Goveia, José Abraão Rezende  
Estudando a História do Alto Ser-  
tão Sergipano: A festa do vaqueiro  
de Porto da Folha-SE em uma peleja  
de cordel. José Abraão Rezende Go-  
veia. Ilustração: Gladston Barroso.  
Aracaju: Edição do autor, 2022.  
100 p.

1. Arte popular. 2. Cordel. 3.  
Porto da Folha - Sergipe.  
I. Título. II. Assunto. III. Autor

CDD 398.5  
CDU 398.51

Parte 01

APRESENTAÇÃO



**Antônio**

A todos aqui presente  
Venho me apresentar  
Eu sou o Antônio  
E uma história vou contar  
Através de um cordel  
A peleja vai despontar

**Beatriz**

Eu me chamo Beatriz  
E gosto de pelejar  
Através do cordel  
Que é uma arte popular  
Nessa noite cultural  
Vamos todos arrasar







### Antônio

Foi lá na Escola  
 Onde tudo começou  
 E o professor de História  
 Uma pesquisa nos mandou  
 Sobre as pegas de boi  
 Do sertão se organizou

### Beatriz

Para essa pesquisa  
 Foi preciso discussão  
 Sobre a história  
 Do nosso belo sertão  
 Onde pegas de boi no mato  
 É cultura e tradição

### Antônio

O início da pesquisa  
 Fontes não encontrei  
 Fui a biblioteca  
 E muito pouco achei  
 Sobre as vaquejadas  
 Com pessoas dialoguei



### Beatriz

Através do dialogo  
 Os mais velhos escutei  
 Como os vaqueiros  
 Das vaquejadas que achei  
 No parque Nilo dos Santos  
 Com eles me alegrei

### Antônio

Mais essa nossa pesquisa  
 Toda turma envolveu  
 Foi no oitavo ano  
 Onde tudo aconteceu  
 E no final um resultado  
 Como esse apareceu



**Beatriz**

Sobre nossa cultura  
É preciso estudar  
E sobre a História  
Do nosso lindo lugar  
Com outros lugares  
Também contextualizar

**Antônio**

Com a globalização  
Muita coisa se alterou  
Mais ainda existem coisas  
Que o tempo preservou  
Como as vaquejadas  
Que boi no mato pegou

**Beatriz**

As pegas de boi no mato  
É coisa do nosso sertão  
Mas elas não ocorrem  
Somente aqui não  
No nordeste do Brasil  
Elas são vistas de montão



### Antônio

Foi das pegas de boi  
 Que surgiu a tradição  
 Da festa do vaqueiro  
 Do nosso alto sertão  
 Onde Porto da Folha  
 É a capital do gibão

### Beatriz

Esse tipo de festa  
 Ocorrem em vários lugares  
 Onde cada cidade  
 Tem suas particularidades  
 Como a festa de Serrita  
 Que tem vaqueiros populares

### Antônio

Sobre a de Porto da Folha  
 Vamos agora pelejar  
 Pois essa tem características  
 Da população do lugar  
 Que durante essa festa  
 Gostam de comemorar





## Parte 02

### AS ORIGENS DA FESTA DO VAQUEIRO E DAS PEGAS DE BOI NO MATO



### Beatriz

A origem dessas festas  
 Vem de longa tradição  
 Remetendo ao período  
 Da nossa colonização  
 Onde muitos pecuaristas  
 Ocuparam o sertão

### Antônio

Muitos foram os vaqueiros  
 Que aqui vinheram morar  
 Para nas terras do patrão  
 Bem muito trabalhar  
 Sendo muitos explorados  
 Sem direito de reclamar

### Beatriz

As pegas de boi no mato  
 Ocorriam na região  
 Onde pegar boi brabo  
 Era coisa de valentão  
 Mergulhando nas caatingas  
 Enfrentando o barbatão





### Antônio

Em fazendas da região  
 Cercas não existiam  
 E o gado pastavam  
 Por onde bem queriam  
 Cabiam aos vaqueiros  
 Lhe pegar onde comiam

### Beatriz

Nas festas de apartação  
 Grande era a emoção  
 Juntando todo o gado  
 Que pertenciam ao patrão  
 Depois de muita labuta  
 Ocorriam a comemoração

### Antônio

Esse tipo de comemoração  
 E sua dinâmica particular  
 Onde tinha diversão  
 E se gostava de rezar  
 Era a religião do vaqueiro  
 E sua fé a festejar

**Beatriz**

Nessa festa tem o sagrado  
E também o profano  
Dentro da concepção  
De cada ser humano  
Pedindo proteção  
Contra os perigos mundanos



**Antônio**

Na festa de Porto da Folha  
 Grande é a devoção  
 Na virgem Maria  
 Mãe da Conceição  
 Onde a vaqueirama  
 Pedi sua benção

**Beatriz**

Esse ritual é católico  
 E prática cultural  
 A diversidade religiosa  
 É algo essencial  
 E nas festas do Brasil  
 Tem o seu potencial

**Antônio**

As festas de cavalgadas  
 Muito já se organizou  
 Durante a idade média  
 Nas cruzadas se usou  
 A importância dos cavalos  
 Que muita gente transportou

**Beatriz**

Nas terras do Brasil  
Os vaqueiros encourados  
Trabalhando na lavoura  
E conduzindo os gados  
Com suas vestes de couros  
De cavalheiros encampados

**Antônio**

Os vaqueiros no Brasil  
Suas histórias nem sempre viu  
Nos livros didáticos  
Produzidos no Brasil  
A história vista por baixo  
Por muito tempo se excluiu

**Beatriz**

Hoje existe a corrente  
De muitos intelectuais  
Que ver no ensino de História  
Os seus grandes potenciais  
De combater os preconceitos  
Com foco nos ideais





### Antônio

Durante muito tempo  
 O catolicismo não incluiu  
 E suas práticas culturais  
 Como profanas se viu  
 Era preciso catequizar  
 O vaqueiro se insistiu

### Beatriz

Foi nesse contexto  
 Que uma prática se criou  
 E da benção dos vaqueiros  
 A igreja participou  
 Orientando esses homens  
 Que filhos de Deus se tornou

### Antônio

É preciso entender  
 E ter compreensão  
 Para saber de cada grupo  
 Qual a sua intenção  
 Pois mesmo nas igrejas  
 Existem alienação



## Beatriz

Mais os rituais católicos  
Ao dos vaqueiros se integrou  
Enriquecendo essas festas  
Que mais gente se juntou  
Entre o sagrado e o profano  
A cultura se ampliou



**Antônio**

Porém em nosso Brasil  
Existem várias religiões  
De Matrizes Africanas  
E suas concepções  
Como os Evangélicos  
E suas formas de visões

**Beatriz**

No universo do vaqueiro  
Existe uma predominação  
Das práticas do catolicismo  
E sua forma de expressão  
Porém existem vaqueiros  
Que não tem religião

**Antônio**

A todos os modos de vida  
É preciso ter respeito  
E quanto as suas crenças  
Cada uma tem seu jeito  
Nessa rica diversidade  
Também se luta por direitos





## Parte 03

# AS FESTAS DE APARTAÇÃO A SERVIÇOS DOS PROPRIETÁRIOS DE TERRAS E COLONIZADORES



**Beatriz**

Desde o período colonial  
Que no sertão se viu  
Onde o bandeirantismo  
Nessas terras existiu  
Onde uma civilização  
No tempo se constituiu

**Antônio**

Essas trocas culturais  
Logo se despontou  
Tendo as características  
De um povo que lutou  
Que longe do litoral  
Dificuldades enfrentou



**Beatriz**

Mais momentos de alegrias  
 Era preciso festejar  
 No momento que o gado  
 Era preciso apartar  
 Agradando o patrão  
 E sua forma de explorar

**Antônio**

Negros, índios e colonos  
 Vaqueiros se tornavam  
 Tendo como obrigação  
 Fazendas que administravam  
 Pois muitos dos seus patrões  
 No litoral continuavam

**Beatriz**

Nesse contexto de trabalho  
 Convivência e exploração  
 Eram a festas momentos  
 De Alegria e descontração  
 Onde as trocas culturais  
 Mostravam atuação

### Antônio

Envolvendo várias etnias  
 As festas se organizaram  
 Onde rituais indígenas  
 Muitos utilizaram  
 Como do povo negro  
 Que aqui desembarcaram

### Beatriz

Uma mistura cultural  
 No Brasil se adotou  
 Onde nas diversas festas  
 Isso muito influenciou  
 Potencializando as festas  
 Que aqui se praticou

### Antônio

As festas de vaquejadas  
 Tinha também sua função  
 De comemorar as colheitas  
 Como também a apartação  
 Preparando as terras e gados  
 Pertencentes ao patrão



**Beatriz**

Com tantas dificuldades  
O catolicismo resistiu  
Porém na colônia  
Nem a todos atingiu  
Com a cultura popular  
Esse muito se difundiu



**Antônio**

Na colônia brasileira  
Era difícil a comunicação  
Onde muitas pessoas  
Não recebia orientação  
As ordens do vaticano  
Nem sempre tinha difusão

**Beatriz**

Com a cultura popular  
O catolicismo se misturou  
Onde o sincretismo religioso  
No Brasil se observou  
Em várias festividades  
Essa prática adentrou

**Antônio**

A vida de um povo  
Precisa de diversão  
E no sertão Nordestino  
É uma grande atração  
As pegas de boi no mato  
E as festas de apartação



**Beatriz**

Pega um boi valente  
 Chamava muito a atenção  
 Dos moradores de um local  
 Que se juntavam pra diversão  
 Ficando o vaqueiro ou o boi  
 Famosos na região

**Antônio**

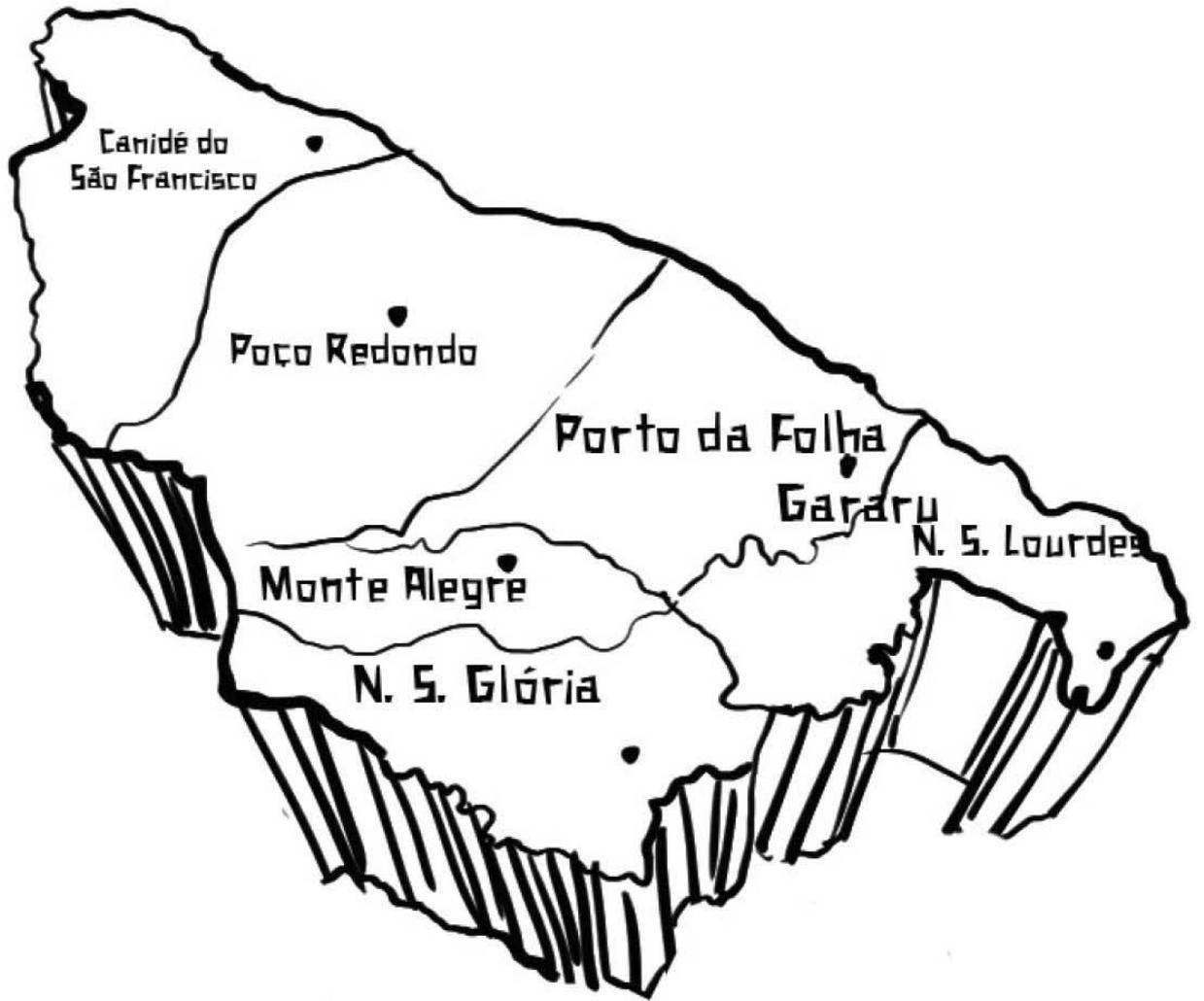
Diante da tal valentia  
 Muitos bois ficavam famosos  
 Pois corriam nos grutilhões  
 Deixando vaqueiros nervosos  
 Essa prática cultural  
 Deixaram muitos bois saudosos

**Beatriz**

O homem o boi e o cavalo  
 Fazem parte dessa tradição  
 Da pecuária extensiva  
 Sua forma de expressão  
 Enfrentando os perigos  
 E o poder de dominação







Parte 04

AS PEGAS DE BOI

NO MATO NO ALTO

SERTÃO SERGIPANO



**Antônio**

Preste muita atenção  
Ao que vamos apresentar  
Sobre o sertão sergipano  
Agora vamos estudar  
Mostrando como o gado  
Nessa região veio habitar

**Beatriz**

Nessa região os Kiriris  
A muito tempo habitavam  
Mais a expansão das terras  
Os colonos lhe ameaçavam  
Eram os conflitos e disputas  
Que nessa região se instalavam





### Beatriz

As margens do São Francisco  
 Muitas fazendas se instalaram  
 Onde as águas desse rio  
 Muitos a utilizaram  
 Como fonte de sobrevivência  
 Das riquezas que encontraram

### Antônio

Foram os padres jesuítas  
 Que ergueram uma missão  
 Dominando os indígenas  
 Fazendo a pacificação  
 Onde a tribo desses povos  
 Caíram na dominação

### Beatriz

Mesmo com os religiosos  
 Não é possível afirmar  
 Que foram os jesuítas  
 Que vieram a criar  
 A festas de boi no mato  
 E algo a se analisar

### Antônio

Essa festa é característica  
Do nosso alto sertão  
Onde muitos Municípios  
Realizam sua celebração  
Destacando Sergipe  
Nesse tipo de comemoração

### Beatriz

De todos os sergipanos  
Patrimônio se tornou  
Na cultura imaterial  
Que muito a destacou  
Sendo motivo de alegria  
Para povo que lutou

### Antônio

Foi em dois mil e dezanove  
Que o fato aconteceu  
E a assembleia legislativa  
O decreto estabeleceu  
A festa de Porto da Folha  
Aos sergipanos pertenceu





### Beatriz

As festas de vaquejadas  
 Que acontecem no sertão  
 Em outros municípios  
 Ocorrem sua realização  
 Como em Poço Redondo  
 Que tem local de competição

### Antônio

Na cidade de Itabi  
 É possível prestigiar  
 As pegas de boi no mato  
 Em fazendas do lugar  
 Essas são organizadas  
 Por quem quer patrocinar

### Beatriz

As pegas de boi no mato  
 Acontecem em muitos lugares  
 Como na fazenda Araticum  
 Com os seus donos populares  
 Em Zé Toicinho e na Julia  
 Acontecem festas regulares



**Antônio**

Da fazenda Pajeú  
 Não podemos esquecer  
 Pois toda semana  
 Lá se pode ver  
 Pega de boi no mato  
 Na caatinga pra valer

**Beatriz**

Em Canindé do São Francisco  
 Também tem competição  
 Com vaqueiros encourados  
 Honrando o seu gibão  
 O sertão sergipano  
 Tem orgulho da tradição

**Antônio**

Mais Porto da Folha  
 A rainha se tornou  
 E a maior festa do gibão  
 No tempo se organizou  
 Nos próximos versos  
 Veremos como se originou





Parte 05

A FESTA DO VAQUEIRO  
DE PORTO DA FOLHA  
(1969-2019)



**Beatriz**

Preste muita atenção  
 Pois vamos adentrar  
 Em Porto da Folha  
 E sua história contar  
 Através do cordel  
 Que é bem popular

**Antônio**

O cenário da festa  
 Faz parte da discussão  
 Conhecendo sua História  
 E sua localização  
 Para compreendermos  
 Seu lugar de atuação

**Beatriz**

A pecuária extensiva  
 Faz parte desse lugar  
 Nas cheias do grande rio  
 O arroz podia plantar  
 Hoje não mais ocorrendo  
 Devido a cheia irregular



### Antônio

O município de Porto da Folha  
 Está situado no alto sertão  
 Fazendo parte de Sergipe  
 Um Estado da nação  
 De clima semiárido  
 Onde se senti um calozão

### Beatriz

O rio São Francisco  
 Faz parte de sua beleza  
 Tem muita importância  
 Pois traz muita riqueza  
 Precisa ser revitalizado  
 Para manter sua grandeza

### Antônio

No povoado Ilha do Ouro  
 Todos podem se banhar  
 E um peixe bem temperado  
 Com alegria degustar  
 Desfrutando do rio  
 Coisa espetacular

**Beatriz**

O rio São Francisco  
Precisa ser preservado  
Ensinando os alunos  
Para com ele ter cuidado  
Depositando o lixo  
No local adequado

**Antônio**

Os esgotos de cidades  
Causam sua poluição  
É preciso esclarecer  
Bem a população  
Cobrando das autoridades  
Uma maior atuação



**Beatriz**

No povoado Lagoa da Volta  
 Se mantem a tradição  
 Das pegas de boi no mato  
 Assunto da nossa discussão  
 Fazendo parte da identidade  
 Também dessa povoação

**Antônio**

Na Lagoa do Rancho  
 Uma história particular  
 Pois a fazenda Pajeú  
 Lá veio se instalar  
 Mantendo pegas de boi  
 Atração desse lugar

**Beatriz**

Terras indígenas Xocós  
 Encontramos no sertão  
 Na Ilha de São Pedro  
 Sofreram muita exploração  
 Migrando de suas terras  
 Para uma outra região

**Antônio**

Perseguidos pelos Britos  
Que suas terras ocuparam  
Entraram em conflitos  
E muito se organizaram  
Com a ajuda das CEBs  
Suas terras reconquistaram



**Beatriz**

Os Xocós foram expulsos  
 Do seu local de habitação  
 Foi no século dezanove  
 Que aconteceu a situação  
 Dos documentos oficiais  
 Ficaram extintos da nação.

**Antônio**

Mais esses resistiram  
 E nem tão pouco calaram  
 Durante o século vinte  
 Esses se organizaram  
 Com o apoio da Diocese  
 Lutaram e conquistaram

**Beatriz**

A diocese de Propriá  
 Na causa se engajou  
 Dom Brandão de Castro  
 A causa denunciou  
 Durante seus sermões  
 Muitos fiéis a abraçou

### Antônio

Os tempos eram difíceis  
 De regime ditatorial  
 Desobedecer ao governo  
 Era algo desleal  
 Sendo muitos perseguidos  
 Por defender um ideal

### Beatriz

Em setenta e nove  
 Os Xocós conquistaram  
 As terras da Caiçara  
 Onde se organizaram  
 Dançando o toré  
 A retomada festejaram



**Antônio**

A luta desse povo  
 Tinha uma missão  
 Lutar por uma vida  
 Com maior Inclusão  
 Onde os mais pobres  
 Eram deixados de mão

**Beatriz**

Em porto da Folha  
 Podemos encontrar  
 O quilombo do Mocambo  
 Tem História pra contar  
 Pois pelas suas terras  
 Tiveram de lutar

**Antônio**

Contra os fazendeiros  
 Lutaram apanharam  
 Mais em momento algum  
 Esses desanimaram  
 Pegando em armas  
 Os poderosos enfrentaram

**Beatriz**

As margens do rio  
 O quilombo fundou  
 Fugindo da opressão  
 De quem lhes colonizou  
 Uma história antiga  
 Que seu legado deixou

**Antônio**

A dança do samba de coco  
 Faz parte de suas tradições  
 Deixado pelos mais velhos  
 E suas grandes contribuições  
 Através de suas oralidades  
 Ensinando a multidões

**Beatriz**

Dá reconquista da terra  
 A Igreja participou  
 Através do Bispo  
 Que se engajou  
 Xocós e quilombolas  
 Lutaram e conquistou





### Antônio

Porem essas populações  
 Devem continuarem  
 Lutando por seus direitos  
 Sem desanimarem  
 Pois dependendo do governo  
 É preciso vigiarem

### Beatriz

Na cultura buraqueira  
 O catolicismo influenciou  
 Índios e quilombolas  
 Também catequizou  
 Sendo que nas festividades  
 Essa se manifestou

### Antônio

O termo buraqueiro  
 Vem da situação  
 Pois do curral do buraco  
 Surgiu a povoação  
 Sendo buraqueiros  
 Quem nasce nesse torrão



### Beatriz

Nas terras buraqueiras  
 Festas se organizou  
 Como a da Padroeira  
 Que sua fé professou  
 Na virgem da Conceição  
 A devoção aumentou

### Antônio

Mais nessas terras  
 Existe também o natal  
 Pelas ruas da cidade  
 Dezembro é alto astral  
 Comemorando essa festa  
 De proporção mundial



**Beatriz**

Em Porto da Folha  
 O natal é tradição  
 Pelas ruas da cidade  
 Grande é a animação  
 É uma forma diferente  
 Dessa comemoração

**Antônio**

As festas de junho  
 Também se pode ver  
 Quando as fogueiras  
 Nas casas vem acender  
 Assando um bom milho  
 Para poder comer

**Beatriz**

Todas essas festas  
 Traz aproximação  
 De parentes familiares  
 Que vem a celebração  
 Assim como amigos  
 Que não vivem mais no torrão

**Antônio**

Com a urbanização  
 Muita coisa se alterou  
 Mais também tem práticas  
 Que o tempo preservou  
 É a dinâmica da cultura  
 Que sempre se transformou

**Beatriz**

A festa do vaqueiro  
 É a grande atração  
 Sendo um patrimônio  
 Do povo do sertão  
 Sendo dos sergipanos  
 Motivo de agregação

**Antônio**

Isso não quer dizer  
 Que todos tem de gostar  
 Cada pessoa tem seu jeito  
 Das festas participar  
 A quem goste ou não  
 Dessa forma de celebrar





**Beatriz**

A prefeitura municipal  
 Tem sua participação  
 Ajudando na festa  
 Dando sua contribuição  
 Organizando a cidade  
 Para a realização

**Antônio**

A festa acontece  
 Com atrações musicais  
 Cabendo a prefeitura  
 As contratações nacionais  
 Sendo que esses artistas  
 Muitos turistas atraem

**Beatriz**

A divulgação da festa  
 Nos anos sempre existiu  
 Onde cada cartaz  
 Com essa contribuiu  
 Nas lojas e repartições  
 O público sempre lhe viu





**Antônio**

Hoje sua divulgação  
 Outros meios expandiram  
 Na TV e Internet  
 Mais público atraíram  
 Porém os cartazes  
 No tempo resistiram

**Beatriz**

Mais antes dos cartazes  
 Outros meios existiram  
 Como o boca a boca  
 Que vaqueiros atraíram  
 Para as pegas de boi  
 Do sertão esses partiram

**Antônio**

Nas primeiras festas  
 Existia um belo bar  
 Onde os vaqueiros  
 Podiam apreciar  
 Os artistas locais  
 Sua sanfona tocar

### Beatriz

A festa foi crescendo  
 E tomou outras proporções  
 Dentro do contexto  
 De suas realizações  
 Onde o poder publico  
 Tem dado contribuições

### Antônio

Entre essas contribuições  
 Estão os artistas nacionais  
 Que muitas vezes sufoca  
 Os artistas regionais  
 Porém das grandes bandas  
 O grande publico vai atrás

### Beatriz

Na década de noventa  
 Um grande palco se montou  
 Bem na praça da Matriz  
 O grande público lotou  
 Artistas nacionais e locais  
 Nesse espaço se apresentou





**Antônio**

Durante os anos de festa  
 Os seus dias aumentaram  
 Com a semana cultural  
 Onde os alunos participaram  
 Os três dias de festa  
 Os seus públicos triplicaram

**Beatriz**

E nos dias da festa  
 É muita gente a chegar  
 Turistas e visitantes  
 As casas a alugar  
 Meus amigos e parentes  
 Em casa vão se hospedar

**Antônio**

As ruas ficam lotadas  
 Com grande concentração  
 Para cima e para baixo  
 Grande é a animação  
 Suas ruas estreitas  
 É local de diversão





BB 

### Beatriz

Existem moradores  
 Que não quer participar  
 Das portas de suas casas  
 Ficam só a reclamar  
 Tomara que a festa acabe  
 Para o sossego voltar

### Antônio

As casas alugadas  
 É uma grande atração  
 Os grupos chegam de fora  
 Pra curtir a pegação  
 Também é uma renda extra  
 Pra parte da população

### Beatriz

A festa acontece  
 Em três dias principais  
 Vamos falar um pouco  
 Das partes tradicionais  
 Começando pela alvorada  
 E apresentações culturais



**Antônio**

Na alvorada festiva  
É possível apreciar  
Os vaqueiros aboiando  
Com sua arte popular  
Chamando a vaqueirama  
Pra dar festa participar



Christon 2022

**Beatriz**

O padre dar sua benção  
 A todos os buraqueiros  
 E a chave da cidade  
 É entregue aos companheiros  
 Através do presidente  
 Que representa os vaqueiros

**Antônio**

A Ave Maria é cantada  
 Por um artista local  
 Sendo um momento  
 Bastante cultural  
 Onde o sagrado e o profano  
 Fazem presença real

**Beatriz**

Os fogos de artifícios  
 Estouram sem parar  
 É mais um cortejo  
 Na festa a começar  
 Viva a todos vaqueiros  
 Que vinheram prestigiar



**Antônio**

Montados em seus cavalos  
 Nas ruas a galopar  
 São muitos os animais  
 É preciso andar devagar  
 A multidão acompanha  
 O cortejo a festejar

**Beatriz**

A frente a comissão  
 E a rainha dos vaqueiros  
 Cavalgando pela cidade  
 Vendo os buraqueiros  
 Nas portas de suas casas  
 Se saúda os companheiros

**Antônio**

Quem não tem cavalo  
 Não pode se preocupar  
 Pois as carroças de burro  
 É possível alugar  
 E até caminhão pau de arara  
 Na alvorada se pode achar

### Beatriz

É uma grande multidão  
 Nas ruas a festejar  
 Montados nos cavalos  
 Ou a pé a apreciar  
 Desigualdades existem  
 E é preciso apontar

### Antônio

A festa do vaqueiro  
 Tem classes sociais  
 Pobres, ricos, mendigos  
 Todos têm potenciais  
 Alegrando a festa  
 E também seus rituais

### Beatriz

Um mine trio anima  
 O cortejo de montão  
 As músicas de forró  
 Alegram o povão  
 Por toda a cidade  
 Grande é a curtição



### Antônio

Nas primeiras festas  
Era possível apreciar  
As bandas de pífano  
Na alvorada a tocar  
Hoje não mais podemos  
Na festa as encontrar

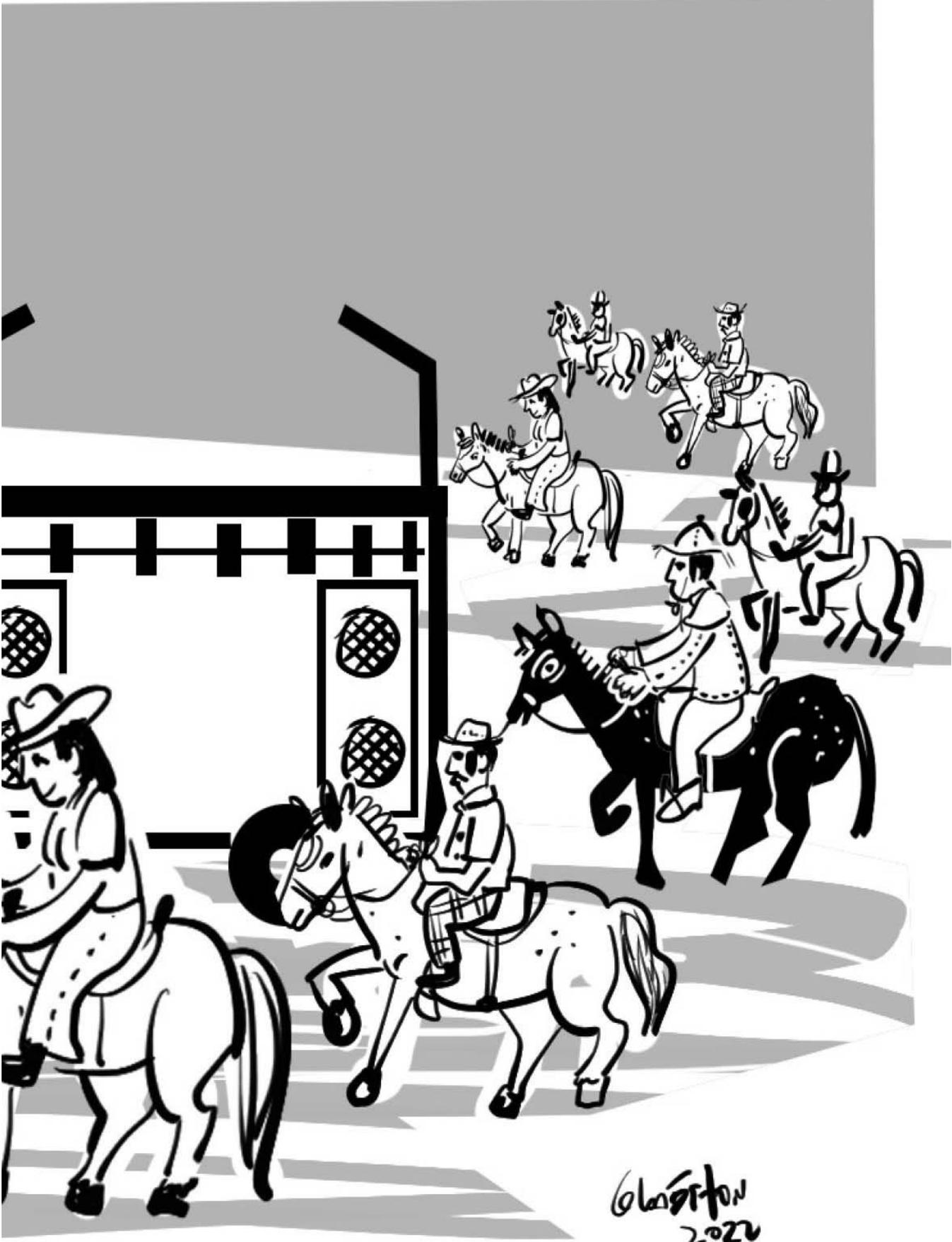
### Beatriz

O sábado é animado  
E ocorre a atração  
Das pegas de boi  
A maior tradição  
Da Origem da festa  
No nosso sertão

### Antônio

As pegas de boi no mato  
É bem espetacular  
Mas é muito arriscada  
Podendo acidentes causar  
Como perda de olho  
Vimos vaqueiros relatar





**Beatriz**

As corridas de pegas de boi  
 Tem que ter organização  
 Onde o gado é conduzido  
 Por homens de profissão  
 Tangendo as boiadas  
 Cantando com emoção

**Antônio**

Os bois dentro do curral  
 Sai em disparada  
 Com as duplas de vaqueiros  
 Que não tem medo de nada  
 Dentro da caatinga  
 Esses topam a empreitada

**Beatriz**

A mobilização é grande  
 E o torneio atração  
 O parque fica cheio  
 Para a competição  
 Uma multidão de pessoas  
 Escutam o forrozão



### Antônio

Curiosos nas caatingas  
 Vendo o boi disparar  
 Correndo o perigo  
 De também se machucar  
 Mais por apreço ao evento  
 Gostam de se sacrificar

### Beatriz

O sábado é animado  
 E tem grande atrações  
 No parque Nilo dos santos  
 Se juntam multidões  
 Com a poeira cobrindo  
 As botas e cinturões

### Antônio

E quando cai a tarde  
 Se ver muitos arranhões  
 Entre os vaqueiros  
 Que pegaram os barbatões  
 São práticas arriscadas  
 Que causam perfurações

### Beatriz

A festa é animada  
 E as mulheres participam  
 Ajudando na organização  
 Onde se mais precisam  
 Nas pegas de boi no mato  
 Os homens se arriscam

### Antônio

No sábado da festa  
 Existem outras atrações  
 Como na praça dos bois  
 Onde ficam os pagodões  
 Axé music e sofrência  
 Alegam os foliões.

### Beatriz

O domingo é animado  
 E se entrega a premiação  
 Para os vaqueiros  
 Da competição  
 É no palco oficial  
 Que ocorre a locução





### Antônio

E depois ocorre  
Um desfile arretado  
Com muitas faixas  
E bastante visitado  
É o encerramento  
Dar maior festa de gado

### Beatriz

Durante esse evento  
Não podemos esquecer  
Do concurso da rainha  
Que faz o chão tremer  
Para festa do vaqueiro  
As torcidas são pra valer

### Antônio

O concurso se realiza  
Através de edital  
Conduzido pela comissão  
Que segue seu ideal  
O requisito beleza  
Não é mais fundamental



**Beatriz**

Os critérios do concurso  
 Passou por transformação  
 Onde algumas exigências  
 Caíram em extinção  
 Melhorando no possível  
 As formas de participação

**Antônio**

A rainha embeleza  
 A festa regional  
 E sua visibilidade  
 De forma tradicional  
 É uma oportunidade  
 De conquistar um ideal

**Beatriz**

Mais na história da festa  
 Nós podemos relatar  
 A Tereza Pinote  
 Com seu gibão a usar  
 Juntos com os vaqueiros  
 Ela gostava de andar



**Antônio**

A Maria vaqueira  
 Rainha se tornou  
 A muitos anos atras  
 Quando a festa começou  
 Hoje canta seus aboios  
 E os vaqueiros encantou

**Beatriz**

A Gaby Estrelinha  
 É da nova geração  
 E como topada rainha  
 Já cumpriu sua missão  
 Hoje ajuda na festa  
 Através da comissão

**Antônio**

Com muita disposição  
 A Gilma enfrentou  
 Uma mulher organizada  
 Que a tesouraria melhorou  
 Como presidente da festa  
 O seu nome despontou

### Beatriz

Só não é a presidente  
Pois essa não aceitou  
Pois para sua vida  
Outra prioridade adotou  
Porém da vaquejada  
Essa não se apartou



**Antônio**

Mesmo sendo minoria  
 Essas são fundamentais  
 Ajudando os vaqueiros  
 Em suas práticas culturais  
 Na comissão da festa  
 Elas são essenciais

**Beatriz**

As Divas Viajantes  
 Gostam de cavalgar  
 E na festa do vaqueiro  
 A todos abrilhantar  
 São mulheres destemidas  
 Que gostam de celebrar

**Antônio**

A história das mulheres  
 Já sofreu com a exclusão  
 Sendo que na atualidade  
 O contexto é interação  
 Onde cada um do seu jeito  
 Dar a sua contribuição

### Beatriz

Em sessenta e nove  
 Aconteceu um ocorrido  
 Foi o frei Angelino  
 Que criou o acontecido  
 Com um grupo de vaqueiros  
 Na igreja introduzindo

### Antônio

A festa foi crescendo  
 E no tempo se transformou  
 Onde o grande público  
 Todo ano participou  
 No maior festival do gibão  
 Do sertão se consagrou

### Beatriz

O frei Angelino  
 Não sabia a proporção  
 A festa do vaqueiro  
 Tornou-se uma tradição  
 De pegas de boi no mato  
 Nas caatingas do sertão





### Antônio

Nos dias da festividade  
 É possível perceber  
 A poeira levantando  
 E o calor a aquecer  
 É uma festa animada  
 De cavalos a correr

### Beatriz

Nessa festa se destacou  
 Um artista regional  
 Antônio Carlos Du Aracaju  
 Mostrou o seu potencial  
 Produzindo canções  
 De cunho bem local

### Antônio

Entre as suas canções  
 Podemos destacar  
 Festa do vaqueiro  
 Caiu no gosto popular  
 Em Porto da Folha  
 É possível apreciar



### Beatriz

São três dias de festa  
 E de muita animação  
 Onde os ambulantes  
 Tem sua participação  
 Vendendo seus produtos  
 Para a população

### Antônio

A festa movimenta  
 A economia do lugar  
 Onde os comerciantes  
 Gostam de faturar  
 Pagando sua dívidas  
 Para uma renda entrar

### Beatriz

Grande é a euforia  
 Que a grande festa traz  
 Sendo que de alguns furtos  
 Algumas pessoas são capazes  
 Nas delegacias os boletins  
 Seus registros tem demais



**Antônio**

Celulares e carteiras  
São o que mais se furtou  
Onde na delegacia  
Isso mais se registrou  
Para o turista visitante  
Algo que lhe assustou

**Beatriz**

A festa tem acontecidos  
De várias maneiras  
Mas o bom mesmo  
É cair na brincadeira  
É uma diversidade  
Da nação brasileira

## Parte 06

# A FESTA DO VAQUEIRO E O BIOMA DA CAATINGA



**Beatriz**

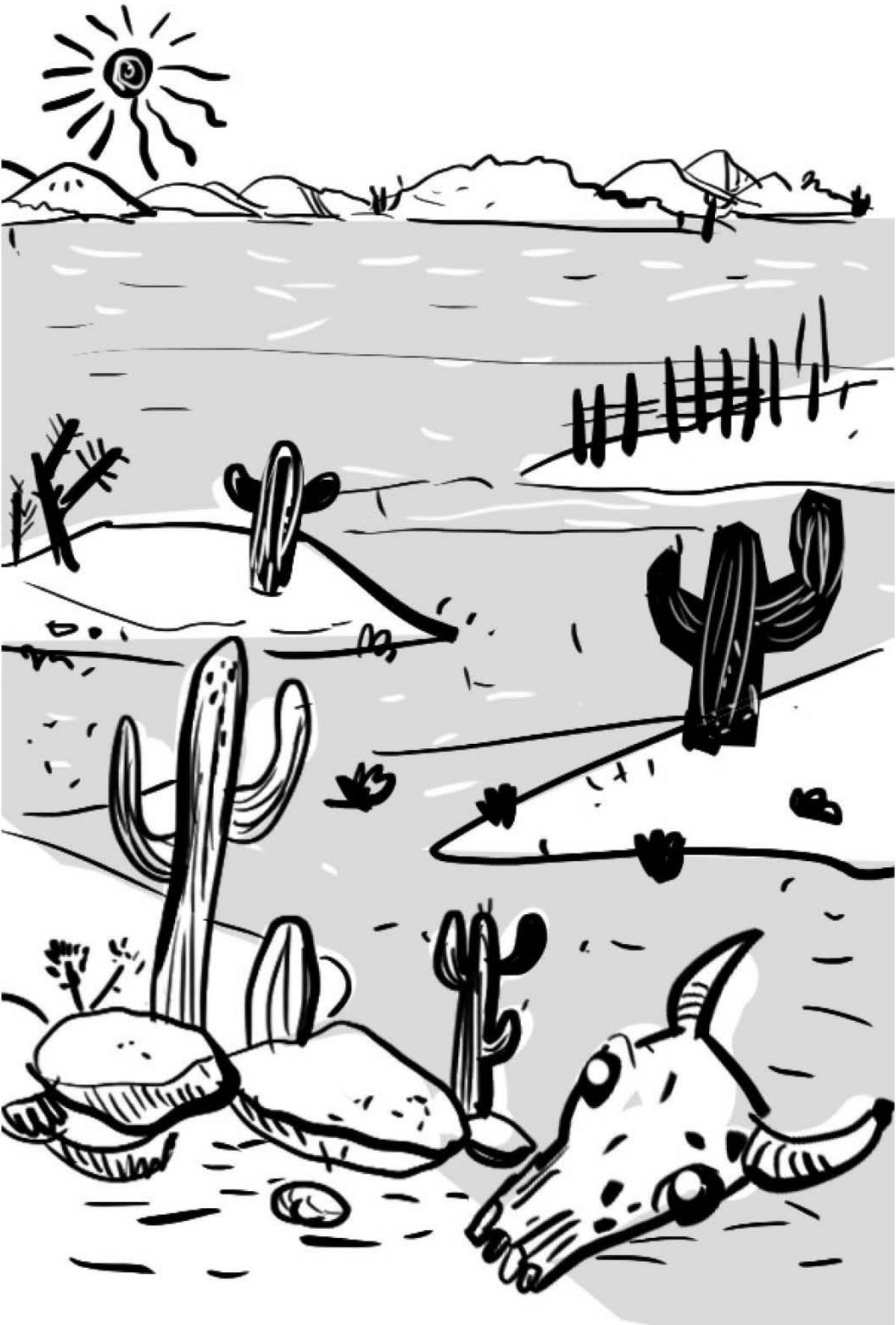
O bioma da caatinga  
 Faz parte do sertão  
 Sendo uma vegetação  
 Que caracteriza a região  
 Mais essa vem precisando  
 De um sistema de proteção

**Antônio**

É dentro da caatinga  
 Que o vaqueiro vai trabalhar  
 E nos torneios de vaquejada  
 O boi no mato pegar  
 Esse é um belo bioma  
 De característica particular

**Beatriz**

A caatinga vem sofrendo  
 Processo de devastação  
 Pois suas queimadas  
 Causam destruição  
 Precisando ser controladas  
 Por quem conhece a situação



**Antônio**

Em Porto da Folha  
Podemos perceber  
No parque Nilo dos Santos  
A caatinga prevalecer  
Pois é na mata fechada  
Que os vaqueiros vão correr

**Beatriz**

A caatinga do parque  
Não é unidade de conservação  
Mas ajuda um pouco  
Na sua preservação  
Sendo um patrimônio  
De quem vive na região

**Antônio**

No bioma da caatinga  
Podemos encontrar  
Espécies endêmicas  
Só vista nesse lugar  
Como cactos e arbustos  
Pra quem quer pesquisar



**Beatriz**

A Grotta do Angico  
 É unidade de conservação  
 Protegendo matas ciliares  
 Do nosso alto sertão  
 Onde o rio e riachos  
 Correm na região

**Antônio**

A vegetação da caatinga  
 No Nordeste resistiu  
 Sendo um bioma  
 Que aqui sempre floriu  
 Em meio aos meses de seca  
 Que na região sempre se viu

**Beatriz**

Sobre sustentabilidade  
 É preciso conversar  
 Pois é na escola  
 Onde se pode pensar  
 Como esse bioma  
 Todos podem preservar

### Antônio

O bioma da caatinga  
 Tem muita história a contar  
 Dos vaqueiros e indígenas  
 Um local pra se morar  
 O meio ambiente faz parte  
 Da cultura popular

### Beatriz

As vaquejadas vêm sofrendo  
 Processos no tribunal  
 Onde vem sendo discutido  
 Os maus tratos ao animal  
 Mas essas também se inseri  
 Em manifestação cultural

### Antônio

O tema tem repercutido  
 E decisão não se tomou  
 A discussão acirrada  
 Que medidas adotou  
 As vaquejadas continuam  
 Se o animal se zelou





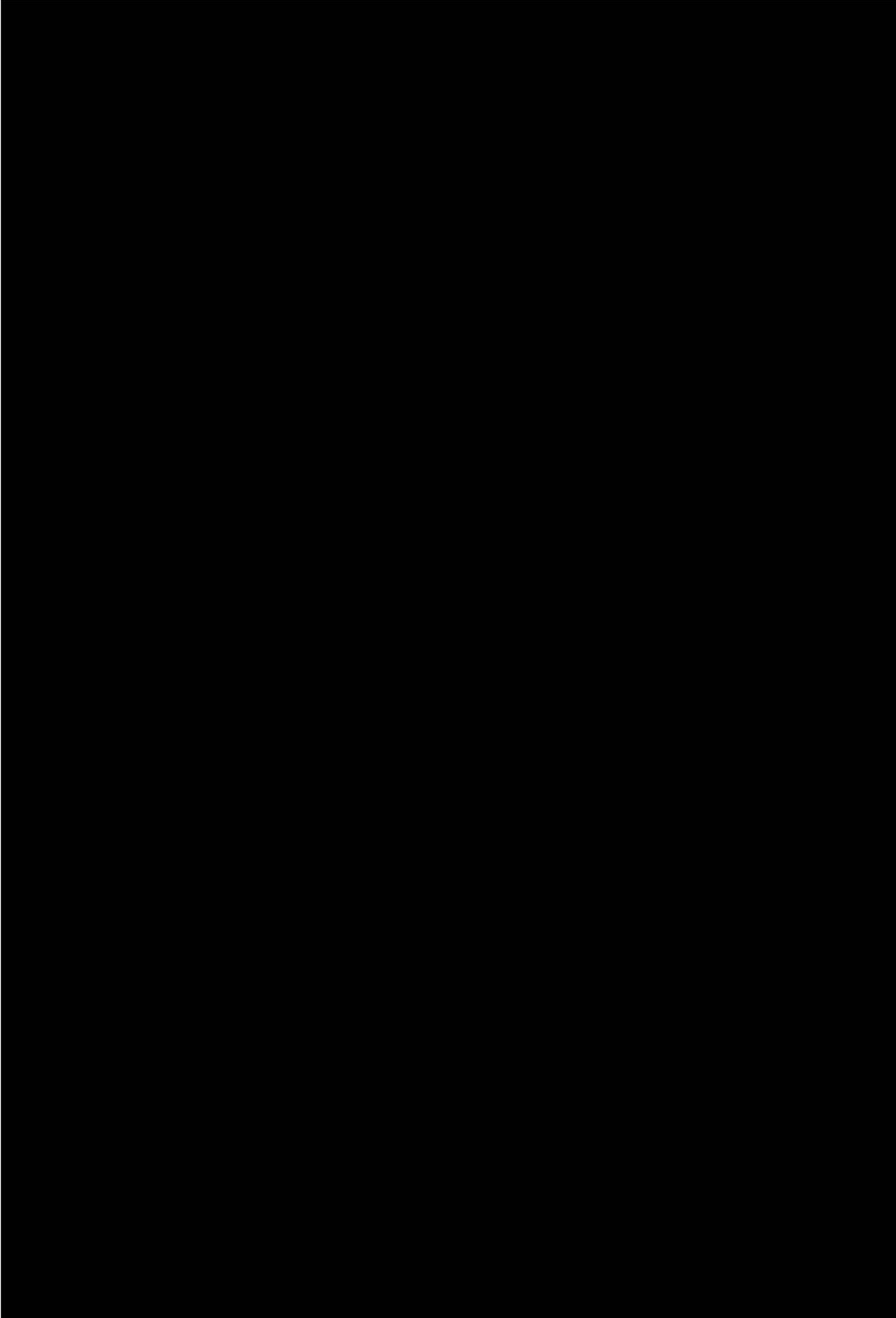
**Beatriz**

Me despeço dessa pele ja  
Com paz no coração  
Pois cumprir nessa noite  
Com minha missão  
De contar em cordel  
Essa história do sertão

**Antônio**

Juntamente com Beatriz  
Queremos agradecer  
Por terem escutado  
O que tínhamos a dizer  
Que a festa do vaqueiro  
Seus 50 anos em paz venha ser





## APÊNDICE C – A SEQUÊNCIA DIDÁTICA E O MOMENTO HISTÓRICO DE SUA PRODUÇÃO

Ao começar a cursar o Mestrado no PROFHISTÓRIA, logo fomos orientados pelo corpo docente e pelos colegas de turmas anteriores sobre a necessidade de escolha e de confecção de um produto didático-pedagógico para ser utilizado em aulas de História. No meu caso, diante dessa informação, vislumbrei a possibilidade de utilizar o cordel como produto cultural, prática didática e pedagógica que já aplico em minhas aulas de História. Contudo, era necessário escolher um tema para a produção do folheto de cordel, de maneira que decidi pela festa do vaqueiro de minha terra natal, Porto da Folha-SE. Vale frisar, entretanto, que ao iniciar o mestrado o mundo foi abalado pela pandemia do COVID-19, no qual tanto nas escolas públicas que leciono como na Universidade, tivemos que, no decorrer do ano de 2020 e 2021, adaptar-nos ao modelo de ensino remoto.

Em Sergipe, no mês de março de 2020, foi publicada a Portaria Nº 1476/2020. Com essa medida, a educação no Estado tomava um novo rumo, repleto de incertezas, na tentativa de combater o vírus por meio do distanciamento social. Com isso, adotou-se nas escolas públicas, a partir de junho de 2020, o ensino remoto, o que deixou um grande contingente de alunos sem acesso à sala de aula.

Em suma, a Portaria Nº 2235/2020, publicada em junho de 2020, regulamentava o ensino remoto. Tal situação causou muitas angústias e dúvidas em professores, diretores, pais de alunos, alunos, visto que nem todos tinham acesso ou sabiam utilizar as ferramentas digitais. Além disso, ao mesmo tempo que convivíamos com o avanço da pandemia e do aumento diário do número de mortos, percebíamos o prejuízo educacional por conta da exclusão social e digital de muitos dos envolvidos com a educação.

As aulas remotas se estenderam na rede pública estadual de Sergipe até agosto de 2021, sendo que esse modelo remoto de ensino foi muito criticado, tendo em vista que causou uma enorme exclusão social no que diz respeito ao acesso educacional, já que nem todos tinham acesso à internet, tampouco possuíam aparelhos digitais – como celulares, tablets, computadores – para possibilitar a interação entre professores e alunos.

No Centro de Excelência Governador Lourival Baptista, onde leciono, durante o período das aulas remotas nos deparamos com essa situação, em que várias reuniões pedagógicas foram realizadas, via Google meet, para se definir como poderíamos amenizar os impactos causados pelas aulas remotas, principalmente para os alunos que não tinham acesso à internet. Desse modo, a decisão tomada consistiu em, a cada oito dias, teríamos que enviar as atividades que tinham sido trabalhadas com os alunos que tinham acesso à internet, ou seja, a

escola imprimia as atividades e os pais ou responsáveis, seguindo os protocolos de segurança, buscavam na secretaria da escola. Estas foram algumas das medidas adotadas para amenizar o prejuízo dos alunos sem acesso às ferramentas virtuais.

Diante dessa delicada situação, continuei utilizando o cordel em minhas aulas de história, em especial com as turmas dos anos finais do ensino fundamental. Assim, os cordéis versavam sobre os diversos temas, inclusive sobre a pandemia. Importante salientar que estes eram digitados no word e os arquivos eram enviados para os grupos do WhatsApp, como também eram digitados no chat no momento da aula online, de modo que os alunos sem acesso à internet tinham esse material entregue de forma impressa pela escola. No tocante ao uso do cordel em minhas aulas, estes continuaram sendo utilizado.

Com relação ao folheto de cordel sobre a festa do vaqueiro, esse ainda não foi aplicado em sala de aula, por isso decidimos optar também por uma sequência didática para auxiliar os professores que desejarem fazer uso do folheto em sala de aula. Quando se fizer uso do folheto e da sequência, este possibilita aos alunos conhecerem mais sobre a festa do vaqueiro, e transmiti, por sua via, conhecimento para os seus pais, seus vizinhos e a comunidade de uma forma geral. Ademais, tal prática é um meio de pesquisa e de discussões sobre conceitos.

Segundo Leal, Brandão e Albuquerque, as sequências didáticas são:

Atividades integradas (uma depende da outra e é relacionada á outra que já foi ou será realizada), organizadas sequencialmente, que tendem a culminar com a aprendizagem de um conceito, um fenômeno, habilidade ou conjunto de conceitos/habilidades de um campo do saber (2012, p.148).

Nesse sentido, à medida em que os alunos realizam as atividades propostas também adquirem conhecimento, o que será utilizado, na escola, na culminância do evento, cujos alunos organizarão exposições e apresentações sobre o que aprenderam durante o desenvolvimento das tarefas. Além disso, estas também têm como um dos principais objetivos possibilitar conhecimentos aos alunos, em que estes possam utilizá-los para além dos muros da escola e durante a sua vida, através de habilidades e competências.

O professor, através do uso de um folheto de cordel em sala de aula, pode abrir possibilidades de se trabalhar uma variedade de temas. Nesse caso, tratamos da festa do vaqueiro e, caso o professor adote esse modelo de sequência didática, é necessário que antes de sua aplicação, seja explicado o passo a passo de cada atividade, aos alunos, para que estes compreendam a sua importância para os seus processos de ensino aprendizagem.

A utilização desse folheto de cordel e dessa sequência didática, em sala de aula, foi pensada para os alunos da Educação Básica. Todavia, isso não implica que, com as suas devidas adaptações, a sequência didática supracitada seja utilizada por outras modalidades de ensino.

Assim, por ser uma sequência didática com possibilidade de interação de aulas com diversos componentes curriculares, é importante no momento de sua aplicação entrar em contato e em acordos com os outros professores para que, juntos, estabeleçam as quantidades de aulas e quais as tarefas cada componente ficará responsável em realizar. Dito isto, o ideal é que toda a sequência seja cumprida em um bimestre, porém, podendo ser adaptada a cada realidade do professor, bem como ao calendário letivo da escola ou, ainda, abrindo a possibilidade de realização de outras atividades que enriqueçam a sequência e melhorem o processo de ensino aprendizagem dos envolvidos.

## **APÊNDICE D – PRODUTO 2: “ESTUDANDO A HISTÓRIA DO ALTO SERTÃO SERGIPANO: A FESTA DO VAQUEIRO DE PORTO DA FOLHA-SE EM UMA PELEJA DE CORDEL” E SUA SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

### **1º Passo- Avaliação diagnóstica**

Em uma sala de aula, devemos procurar não transmitir o conteúdo pelo conteúdo. Desse modo, é necessário contextualizá-lo à realidade do aluno, percebendo o que ele conhece ou não sobre esse. Para tanto, um caminho e possibilidade utilizados por professores é a aplicação de uma avaliação diagnóstica quando este deseja trabalhar uma temática escolhida. Para Schmidt e Cainelli (2009), isso é muito importante, pois, a partir de conhecimentos assimiladores pelo aluno, esse tem a possibilidade de conferir significado ao que está sendo estudado.

Diante do exposto, propomos um questionário para ser utilizado em sala de aula, conforme o modelo abaixo.

### **Avaliação Diagnóstica**

1. Você nasceu em Sergipe? Caso sim, em qual município?
2. Você sabe o que é o vaqueiro?
3. O que você sabe sobre a festa do vaqueiro?
4. O que você sabe sobre a História da Festa do Vaqueiro?
5. Você conhece uma outra festa do vaqueiro, organizada em um outro município ou região? Onde e de que forma ela acontece, se organiza?
6. Você traz consigo referências afetivas sobre a festa do vaqueiro?
7. Em sua opinião qual imagem, ilustra a festa do vaqueiro?
8. Para você, qual a frase que traduz a essência da festa?
9. Quais acontecimentos compõem a Festa do Vaqueiro de Porto da Folha- SE? Qual a função de cada um?
10. No seu ponto de vista, a festa do vaqueiro causa algum tipo de impacto ambiental durante sua realização?
11. Você conhece um folheto de cordel?
12. Você já leu um cordel?
13. Quais informações você conhece sobre o cordel?

**Objetivos:**

- Estabelecer quais conhecimentos os alunos trazem da realidade onde vivem, como experiências de séries anteriores;
- Favorecer ações pedagógicas de forma planejada, onde os alunos possam compreender, conceitos, desenvolvendo habilidades e competências.

**Estratégia:**

A devolutiva dessa atividade deve ser acompanhada de um debate, discussão, devido a possibilidade de diversas concepções, conhecimentos do tema abordado relatado pelos alunos.

**Componentes curriculares:**

É uma atividade que pode ser desenvolvida por componentes curriculares como História, Língua Portuguesa, Artes, Geografia.

**Tempo estimado:**

03 aulas de 50 minutos.

**Recursos necessários:**

Atividade impressa, pincel, quadro branco, caderno e caneta.

**Passo 2 – A Leitura do Folheto de Cordel**

Após a atividade diagnóstica, o professor irá disponibilizar o folheto de cordel para os alunos, para que esses possam fazer a leitura. Por estar dividido em seis partes, há as seguintes possibilidades de leitura. Na primeira, de forma integral, o professor entrega o folheto de cordel, e os alunos realizam a leitura, atividades e discussões de maneira completa. Na segunda, o professor vai conduzindo a leitura de maneira mais lenta, por partes, aplicando as atividades, conforme cada parte lida, essas acompanhadas de debates e discussões.

**Objetivos:**

- Permitir que os alunos entrem em contato com um produto cultural, didático sobre História local, fundamentada em uma pesquisa referente à Festa do Vaqueiro;
- Possibilitar conhecimentos que auxiliem em um ponto da partida para a execução das outras atividades oferecidas;

**Estratégias:**

No momento inicial, antes do professor entregar o folheto aos alunos, faz-se necessário que este explique que, mesmo o cordel sendo uma arte popular, no caso desse folheto, foi baseado em uma pesquisa de autores que têm os seus fundamentos e ponto de vista sobre o tema, assim como o próprio professor tem as suas concepções sobre o mesmo, no que diz respeito a aspectos políticos, religiosos, culturais, sociais. Nesse sentido, os alunos devem ficar à vontade para emitirem os seus questionamentos, pontos de vistas, dúvidas e sugestões, observando que esse trabalho não se constitui em uma verdade absoluta. É importante que os alunos relatem o que acharam do folheto, tanto em seus aspectos positivos como negativos.

**Componente curricular:**

Essa atividade pode ser desenvolvida por professores de História, Geografia, Língua Portuguesa, Artes.

**Habilidade da BNCC:**

EF67LP28 – Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infanto-juvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventura, narrativas de enigmas, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeos-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

**Tempo estimado:**

03 aulas de 50 minutos.

**Recursos Necessários:**

O folheto de cordel.

**3º Passo- Pesquisando Espaços de Saber do seu Município**

Tendo em mãos o folheto de cordel, a sua primeira parte retrata versos e rimas, em que os jovens protagonistas, (Beatriz e Antônio) demonstram a sua alegria de se comunicarem por meio de uma peleja (batalha de cordel). Além disso, também retrata o local onde foram buscar informações sobre a festa do vaqueiro. Esse é um meio interessante para que o professor faça

uma pesquisa de levantamento de espaços de informação, comunicação do seu município, como museus, bibliotecas, arquivos, entidades culturais, memoriais, possibilidades de diálogos com pessoas mais velhas da localidade, em que se possa obter contato com elementos da cultura local. Para essa atividade, o quadro apresentado abaixo pode ser bastante útil para a realização dessa tarefa.

### Atividades Propostas 1

1. Como forma de pesquisar e conhecer a cultura local, o professor pode aderir à seguinte possibilidade de atividade, divida a turma em grupos, e solicite que esses façam uma pesquisa em museus, memoriais, entidades culturais, biblioteca do município, entre outros espaços. Para os grupos apresentarem os resultados levantados na pesquisa e organizarem as informações, proponha a utilização de uma tabela, como do exemplo abaixo.

<b>Nome da Instituição:</b>	<b>Imagem:</b>	<b>Endereço:</b>	<b>Como ter acesso:</b>	<b>Que tipo de informações disponibiliza:</b>

#### Objetivo:

- Conceber possibilidades de os alunos entrarem em contato com ambientes educativos do seu município, coletando informações como, por exemplo, sobre a festa do vaqueiro.

#### Estratégia:

Após a leitura da primeira parte do folheto de cordel, será proposta uma atividade que será realizada em grupo. Para isso, o professor deverá definir em sala de aula quais as instituições do município serão pesquisadas. Posteriormente, deve fazer um sorteio dessas entre os grupos. Dessa forma, o professor estará evitando que dois grupos por exemplo apresentem resultados de uma mesma instituição. Esses resultados coletados serão apresentados a turma, como ao público convidado, na última atividade.

#### Componente curricular:

A atividade proposta pode ser realizada nos seguintes componentes curriculares: História, Geografia, Língua Portuguesa e Artes.

#### Tempo estimado:

02 aulas de 50 minutos

**Recursos necessários:**

Para essa tarefa é importante que os alunos tenham, em mãos, um dispositivo que capture imagens, cadernos, canetas, régua, papel madeira para confecção da tabela, cola branca para colagem da imagem, pincel, impressora para imprimir imagens e inserir no quadro da tabela.

**4º Passo- As pegadas de boi no mato e a festa do vaqueiro**

A primeira parte do folheto de cordel, traz também a possibilidade de fazer com que os alunos percebam que alguns eventos, que estão à sua volta, sofreram influência ou foram frutos de atividades de trabalho ocorridos há muitos séculos, como as obrigações que os vaqueiros tinham de pegar e juntar o gado que pastava solto no mato. Para estimular essa percepção, disponibilizamos, a seguir, mais uma proposta de atividade.

**Atividade Proposta 1**

1. De acordo com as informações contidas na primeira parte do folheto de cordel, em qual região e localidades do Brasil mais ocorrem vaquejadas de pega de boi no mato?
2. Havia algum interesse dos patrões (fazendeiros), em controlar e explorar as atividades de trabalho dos vaqueiros? Quais?
3. Na festa do vaqueiro que você conhece, é possível identificar se há práticas culturais que possivelmente foram frutos das relações de trabalho entre fazendeiros e vaqueiros? Caso sim, justifique sua resposta.

**Objetivos:**

- Compreender tipos de relações de trabalho a partir da festa do vaqueiro
- Identificar características das relações de trabalho na origem da festa do vaqueiro da localidade onde mora o aluno.

**Estratégia:**

Essa proposta de atividade envolve a leitura da primeira parte do folheto de cordel, podendo ser realizada de forma individual, porém, o professor deve propor um debate sobre as relações de trabalho entre fazendeiros e vaqueiros ao longo do tempo. Dessa forma, possibilitando os alunos desenvolverem conceitos de relações de trabalho entre exploradores e explorados, patrões e empregados, dominantes e dominados, senhores e servos. Os alunos

devem estar preparados para explicar essa atividade aos convidados na última tarefa dessa sequência.

### **Componentes Curriculares:**

Essa atividade será executada pelos componentes curriculares de História e Geografia.

### **Tempo estimado:**

02 aulas de 50 minutos.

### **Habilidades da BNCC:**

EF06HI16 – Caracterizar e comparar as dinâmicas de abastecimento e as formas de organização do trabalho e da vida social em diferentes sociedades e períodos, com destaque para as relações entre senhores e servos.

EF07HI12- Identificar a distribuição territorial da população brasileira, em diferentes épocas, considerando a diversidade étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática).

### **Recursos Necessários:**

Para esse momento, é necessário ter em mãos o folheto de cordel, xerox da atividade, caderno e caneta, para fazer registros das informações.

## **5º Passo – As Festas e a Diversidade Religiosa no Brasil**

Após apresentar algumas características das festas de boi no mato e das relações de trabalho entre fazendeiros e vaqueiros, no qual dessas interações surgiu a festa do vaqueiro, a segunda parte do folheto de cordel aborda a relação entre o sagrado e o profano durante o festejo. Relacionar esses acontecimentos envolve uma discussão sobre a diversidade religiosa do Brasil em diferentes espaços culturais como as festas.

### **Atividade Proposta 1**

- 1 – Baseado na leitura da segunda parte do Folheto de cordel, faça uma comparação entre o conceito de sagrado e o de profano, que se apresentam em festas como a do vaqueiro.
- 2 – Em sua opinião, o que justificaria as diferenças entre o conceito de sagrado e o de profano nessa festividade?
- 3 – De que forma as festas favoreceram o processo interação e diversidade religiosa no Brasil? Que ilustração no folheto de cordel traduz essa relação. A cultura tem algo a ver com isso? Explique:

### **Objetivos:**

- Compreender as relações existentes entre as festas a exemplo do vaqueiro e o processo de sincretismo e diversidade religiosa no Brasil;
- Entender o papel das festividades no processo de interação entre o sagrado e o profano no Brasil;
- Conhecer e respeitar a diversidade religiosa e cultural do Brasil

### **Estratégia:**

Essa atividade pode ser feita individualmente e os resultados discutidos coletivamente. Ela exige que os alunos façam uma comparação entre os conceitos de sagrado e de profano presentes em festas populares, como a do vaqueiro, evidenciando elementos que há de diferente entre eles. Alguns pontos importantes que devem ser observados no momento da comparação entre essas festas, sagrado e profano são: quem as criaram, como se organizam, quem delas participam, quais meses do ano são realizadas, quais rituais religiosos ela exprime, qual o objetivo de sua realização. Os resultados da comparação podem ser um ponto de partida para a discussão de temas como catolicismo no Brasil, religiões de Matriz Africana no Brasil, os protestantes no Brasil, o sincretismo religioso e a diversidade religiosa e cultural brasileira. Através dessa atividade, os alunos podem refletir sobre a forma que alguns festejos passaram a ser realizados no Brasil interagindo com elementos religiosos. Por isso, é primordial que o professor direcione as discussões, afim de que eles compreendam tais conceitos.

### **Componente Curricular:**

História e Ensino Religioso

### **Tempo estimado:**

02 aulas de 50 minutos

### **Habilidades da BNCC:**

EF08ER01- Discutir como as crenças e convicções podem influenciar escolhas e atitudes pessoais e coletivas.

EF08ER04- Analisar doutrinas das diferentes tradições religiosas e suas concepções de mundo, vida e morte.

EF08ER04 – Discutir como filosofias de vida, tradições e instituições religiosas podem influenciar diferentes campos da esfera pública (política, saúde, educação, economia).

EF07HI05- Identificar e relacionar as vinculações entre as reformas religiosas e os processos culturais e sociais do período moderno na Europa e na América.

### **Recursos Necessários:**

Para esse momento é preciso ter em mãos o folheto de cordel, caderno, caneta para anotações das informações, atividade impressa ou xerocada.

### **6º Passo – A Colonização no Brasil e a Festa do Vaqueiro**

Tendo já discutido conceitos de diversidade religiosa e popular, através de elementos do sagrado e do profano, como também sobre as relações de trabalho entre fazendeiros e vaqueiros, relacionando tais acontecimentos a festa do vaqueiro, a terceira parte do folheto de cordel levanta uma discussão sobre o processo de colonização do Brasil, onde muitos foram morar no sertão, longe do litoral, destacando os vaqueiros e a atividade de manejo com o gado.

#### **Atividade Proposta 1**

1- Baseado na leitura da terceira parte do folheto de cordel, faça uma comparação entre as atividades de ocupação do sertão no período colonial, com a prática cultural das pegas de boi no mato, que deu origem as vaquejadas no Nordeste.

2- Em sua opinião, o que justifica a continuidade das pegas de boi no mato, em uma festa do vaqueiro?

3- De que formas as festas de apartação do gado favoreceram o processo de colonização e ocupação do interior do Brasil?

#### **Objetivos:**

- Compreender o nexos existente entre a festa do vaqueiro e a expansão da pecuária nordestina
- Entender o papel das festividades no processo de colonização e expansão da pecuária no Brasil
- Conhecer e respeitar a diversidade de modos de vida e cultural no Brasil.

#### **Estratégia:**

Essa atividade pode ser feita individualmente e os resultados discutidos coletivamente. Ela exige que os alunos façam uma comparação entre as festas de apartação do gado, vaquejadas e pegas de boi no mato, como acontecimentos históricos inseridos no contexto da colonização e ocupação do interior Nordestino e do Brasil. Alguns pontos importantes devem ser observados no momento da comparação, no que diz respeito: quem eram os colonizadores, quem eram os colonizados, quais os objetivos dessa colonização. Com isso, através dessa atividade os alunos podem refletir sobre a forma que alguns festejos passaram a ser realizados no Brasil, tendo como protagonistas o homem, o cavalo e o boi. Desse modo, é fundamental

que o professor direcione as discussões, a fim de que eles compreendam os conceitos envolvidos nessas práticas culturais e de trabalho.

**Componente Curricular:**

História e Geografia

**Tempo estimado:**

02 aulas de 50 minutos.

**Habilidades da BNCC:**

EF07HI12- Identificar a distribuição territorial da população brasileira, em diferentes épocas, considerando a diversidade étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática).

EF09GE3 – Identificar diferentes manifestações culturais de minorias étnicas como forma de compreender a multiplicidade cultural na escala mundial, defendendo o princípio do respeito a diferença com ênfase à xenofobia.

EF07HI02 – Identificar conexões e interações entre as sociedades do Novo Mundo, da Europa, da África e da Ásia no contexto das navegações e indicar a complexidade e as interações que ocorrem nos Oceanos Atlântico, Índico e Pacífico.

EF09GE01 – Analisar criticamente de que forma a hegemonia europeia foi exercida em várias regiões do planeta, notadamente em situações de conflito, intervenções militares e/ou influência cultural em diferentes tempos e lugares.

**Recursos Necessários:**

No momento da realização dessa atividade, é importante ter em mãos o folheto de cordel, atividade xerocada, caderno e caneta para anotações de informações.

**7º Passo- O alto sertão de Sergipe e a festa do vaqueiro**

Tendo já discutido uma série de questões, como as relações de trabalho entre os vaqueiros e seus patrões, sobre a religiosidade presente nas festas, sobre o processo de colonização do Brasil, e expansão da pecuária nordestina, a quarta parte do folheto de cordel trata sobre as vaquejadas de pegas de boi no mato no alto sertão sergipano, onde se teve a presença de pecuaristas, padres jesuítas, colonos vaqueiros, indígenas, destacando que essas festividades ocorrem em vários municípios e povoados do alto sertão, constituindo-se em um patrimônio cultural imaterial de municípios como Porto da Folha.

Depois de feita a leitura dessa parte do folheto de cordel, a sugestão é de que seja realizada a seguinte atividade. Os alunos vão levantar informações acerca da ocupação do interior de Sergipe, além de pesquisar sobre a criação da festa do vaqueiro e vaquejadas de pegas de boi no mato, nessa região do sertão sergipano.

### Atividade Proposta 1

Na quarta parte do folheto de cordel, tratamos um pouco do início do processo de ocupação e colonização do alto sertão sergipano, em uma ação desencadeada por colonos, jesuítas, pecuaristas entre outros. Mediante informações pesquisadas em sites da internet, responda as questões propostas:

- 1- Além da catequese, que outras formas de se impor sobre os grupos indígenas do alto sertão foram praticadas pelo colonizador europeu?
- 2- Os grupos indígenas do alto sertão reagiram como as dominações impostas pelo colonizador europeu?
- 3- Em sua opinião por que não podemos afirmar que a festa do vaqueiro foi criada pelos jesuítas, colonizadores, desde o início da ocupação do alto sertão sergipano?
- 4- Do seu ponto de vista, como as vaquejadas de pegas de boi no mato foram sendo realizadas em Sergipe?
- 5- Você sabia que em 2019 a festa do vaqueiro de Porto da Folha, passou a ser um patrimônio cultural imaterial de Sergipe? Na sua opinião o que isso significa?

#### Objetivos:

- Conhecer o processo de ocupação e colonização do alto sertão sergipano;
- Levantar hipóteses sobre a origem das vaquejadas de pegas de boi no mato em Sergipe;
- Opinar sobre a importância da festa do vaqueiro para Sergipe;
- Compreender a importância da fundamentação para se argumentar sobre um determinado assunto;

#### Estratégia:

Para a realização dessa atividade composta por cinco questões, os alunos se organizaram em grupos, sendo que a pesquisa pode ser realizada através de sites da internet confiáveis. Para isso, o professor deve orientar os grupos de alunos como navegar nesses sites, informando que sites terminados em “. edu.br” e “gov.br” costumam fornecer informações mais seguras. No entanto, essa mesma atividade em algumas de suas questões precisa que os alunos emitam seu ponto de vista, opiniões, algo que também deve ser estimulado pelo professor.

A festa do vaqueiro é muito conhecida pela sociedade sergipana, sendo que em 2019 tornou-se patrimônio cultural imaterial do Estado. Nesse sentido, é necessário que os alunos

dominem todas essas informações para apresentar ao público participante, como será proposto na última atividade dessa sequência didática.

### **Componentes Curriculares:**

História e Ensino religioso

### **Habilidades do Currículo de Sergipe:**

EF07HI09 – Analisar os diferentes impactos da conquista europeia na América para as populações ameríndias e identificar as formas de resistências, com destaque para aquelas que ocupam o atual nordeste como um todo e em Sergipe especificamente.

EF07HI02SE- Entender como os contatos e os conflitos do processo de colonização da América contribuíram para o genocídio e a destruição da cultura dos povos indígenas, destacando a resistência indígena.

### **Tempo Estimado:**

02 aulas de 50 minutos.

### **Recursos Necessários:**

Para responder essa atividade, é preciso que os alunos disponham de um local com internet para usar computadores, aparelhos celulares para pesquisa, também é importante ter em mãos caderno e caneta para registrar informações.

## **8º Passo- O Município de Porto da Folha- SE e sua festa do vaqueiro (História Local)**

A quinta parte do folheto de cordel discute como vem constituindo-se historicamente a festa do vaqueiro mais famosa de Sergipe. Antes dessa análise, os personagens da peleja (batalha) do folheto de cordel trazem uma breve contextualização histórica e geográfica do ambiente, espaço onde ela ocorre, ou seja, o município sergipano de Porto da Folha. Como forma de incentivar uma reflexão que possibilite aos alunos Portofolheses verem o quanto sua realidade está relacionada em contextos históricos mais abrangentes, seguem algumas questões que podem ser trabalhadas com a leitura dessa parte do folheto de cordel.

### **Atividade Proposta 1**

1. Com base na leitura da quinta parte do folheto de cordel, escreva sobre a influência da Igreja Católica e da pecuária extensiva na formação histórica do município de Porto da Folha-SE.
2. Sobre a localização geográfica de Porto da Folha- SE, de que forma essa influenciou em sua economia e formação social? Será que essa localização continua a influenciar? De que maneira?

3. Estabeleça uma relação entre a História de Porto da Folha- SE e a História do Brasil.

**Objetivos:**

- Perceber como o espaço geográfico pode influenciar na política, economia, História e cultura do município;
- Levar os alunos a entender que a realidade do contexto em que vivem está relacionado a acontecimentos históricos mais amplos;

**Estratégia:**

Mediante a leitura dessa parte do folheto de cordel de forma individual, o professor deve propor uma discussão através dos resultados das respostas trazidas pelos alunos ao responder as questões. Entretanto, durante a discussão o professor deverá estimular os alunos a falar sobre conceitos de pecuária extensiva, exploração de mão de obra em ambientes de trabalho, catolicismo, por exemplo, como outros conceitos que surgirem na mente.

**Componentes Curriculares:**

História, Geografia e Ensino Religioso.

**Habilidades da BNCC:**

EF07HI13- Caracterizar e analisar a ação dos europeus e suas lógicas mercantis visando ao domínio no mundo atlântico;

EF07HI14- Descrever as dinâmicas comerciais das sociedades americanas e africanas e analisar suas interações com outras sociedades do Ocidente e do Oriente, identificando as atividades econômicas desenvolvidas, com vistas à compreensão da diversidade da economia colonial;

EF07HI15- Discutir o conceito de escravidão moderna e suas distinções em relação ao escravismo antigo e à servidão medieval e problematizar as formas de trabalho análogo à escravidão na atualidade;

EF09HI04 (Currículo de Sergipe) – Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil e de Sergipe.

**Tempo Estimado:**

02 aulas de 50 minutos.

**Recursos Necessários:**

Para a realização dessa atividade, os alunos precisam ter em mão o folheto de cordel, caderno, caneta e a atividade xerocada.

Conforme já mencionado, a festa do vaqueiro de Porto da Folha- SE, faz parte do contexto das festas do ciclo de criação, cuidado e manejo do gado no território sergipano e nesse caso mais especificadamente na região do alto sertão. Por esse motivo, propomos que

seja abordado um pouco de como esses festejos começaram a ser realizados no Brasil e de como são praticados em Porto da Folha- SE, por meio de outra proposta de atividade.

### Atividade Proposta 2

1- Tendo como referência o que foi apresentado na quinta parte do folheto de cordel, responda:

- a) De que maneira surgiram as vaquejadas no Brasil?
- b) Estruture em seu caderno um quadro comparativo entre as festas do vaqueiro Portofolhense da segunda metade do século XX e primeiras décadas do XXI, com base nos critérios a seguir:

<b>Festas do Vaqueiro em Porto da Folha- SE</b>	<b>Segunda metade do século XX</b>	<b>Primeiras décadas do século XXI</b>
<b>Tipos de alimentos consumidos</b>		
<b>Espaços de sua realização: Praças, Avenida, Ruas, Parque de vaquejada.</b>		
<b>Ornamentação utilizada</b>		
<b>Relações sociais</b>		
<b>Religiosidade</b>		

#### Objetivos:

- Perceber as mudanças e permanências por quais passaram as festas do vaqueiro, realizadas no município de Porto da Folha- SE;
- Valorizar e conhecer os elementos culturais do passado e também perceber os do presente;
- Conhecer características da festa do vaqueiro local para auxiliar na produção de um cordel para ser declamado, com cenário e encenação (atividades propostas dos passos 10 e 12 respectivamente).

#### Estratégia:

A leitura do folheto de cordel e a percepção de sua realidade sobre a festa servirão de base para a resolução das questões propostas por parte do aluno. Caso haja o interesse em possibilitar um pouco mais de aprofundamento na temática, além do folheto de cordel,

indicamos duas referências que podem servir como base para a pesquisa. São elas: ALBUQUERQUE, Idenilson de. **O sertão Sergipano: Belezas e Contrastes**. 1ª ed. Porto da Folha: ACLAS Editora, 2019. SANTOS, José Adeilson dos. **Um boi Zepelim enfeitado: trajetória de vida do vaqueiro “Doutor de Vito” e as vaquejadas “pega-de-boi no mato” no sertão sergipano dos anos 1950**. 2018. 143f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018. Esses textos podem ser encontrados na Biblioteca Pública Municipal de Porto da Folha, como também em sites na internet, tendo trechos que descrevem bem as vaquejadas de pegadas de boi no mato.

Ao final, o professor deve estimular nos alunos a criticidade sobre as transformações e continuidades pelo qual vem passando a festa do vaqueiro ao longo de sua existência, e como essas têm sido vivenciadas pelos participantes.

**Componente Curricular:**

História e Geografia

**Habilidades da BNCC:**

EF09HI05- Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contribuições e impactos na região em que vive.

**Tempo Estimado:**

02 aulas de 50 minutos.

**Recursos Necessários:**

Para realizar essa tarefa os alunos vão precisar do folheto de cordel, caneta, caderno e régua.

**9º Passo- Conversando e ouvindo os moradores locais a respeito da festa**

Os alunos, mediante o que foi estudado, já conhece um pouco sobre a dinâmica da festa. Dessa forma, para encerrar o que aborda a quinta parte do folheto de cordel, é proposto uma encenação utilizando a produção de um cordel. Para tanto, os alunos precisam completar as informações contida no folheto através de entrevistas com moradores do local, ou com pessoas mais velhas do município.

**Atividade Proposta 1**

A festa do vaqueiro está relacionada não só a momentos de diversão e alegria, ela também influencia fatores políticos, econômicos, históricos, sociais e culturais. Para conhecer um pouco mais sobre a festa, formem grupos e realizem uma entrevista, com um vaqueiro, seus pais, avós ou moradores mais velhos do município, onde a festa ocorre.

Sigam as seguintes etapas para realizar a entrevista:

- I. As perguntas que você irá fazer devem estar prontas antes da entrevista
- II. Para responder suas perguntas antecipadamente escolha um entrevistado e convide para participar
- III. Para realizar a entrevista agende uma data
- IV. Em um caderno anote as respostas ou grave os depoimentos e depois transcreva

### **Objetivos:**

- Entender a dinâmica da festa do vaqueiro de Porto da Folha- SE.
- Inteira-se sobre as transformações e permanências por quais vem passando a organização e estrutura que compõem a festa.
- Perceber na festa aspectos ligados ao religioso, econômico, social e geográfico.

### **Estratégia:**

O professor deve orientar os alunos para algumas medidas que devem ser adotadas para a realização de uma entrevista. A princípio, deve-se tomar o cuidado para outros grupos não entrevistarem a mesma pessoa, de maneira que a entrevista deve ser conduzida conforme cada tema do grupo, garantindo que as informações sejam registradas por escritos e que haja troca de informações entre os grupos após a conclusão das entrevistas. É preciso se atentar também para as transformações que a festa vem sofrendo além do que diz respeito à diversão, como economia, relações sociais, políticas, culturais, em seus aspectos positivos e negativos, já que as informações obtidas durante a entrevista serviram para a encenação através do cordel. Como sugestão, o professor deve entrar em contato com algum texto de história oral.

### **Componente Curricular:**

História e Língua Portuguesa.

### **Habilidades da BNCC:**

EF69LP39- Definir o recorte temático da entrevista e o entrevistado, levantar informações sobre o entrevistado e sobre o tema da entrevista, elaborar roteiro de perguntas, realizar entrevista, a partir do roteiro, abrindo possibilidades para fazer perguntas a partir da resposta, se o contexto permitir, tomar nota, gravar ou salvar a entrevista e usar adequadamente as informações obtidas em um relatório final, de acordo com os objetivos estabelecidos.

EF67LP14- Definir o contexto de produção de entrevista (objetivos, o que se pretende conseguir, porque aquele entrevistado etc.), levantar informações sobre o entrevistado e sobre o acontecimento ou tema em questão, preparar o roteiro de perguntas e realizar entrevista oral com envolvidos ou especialistas relacionados com o fato noticiado ou com o tema em pauta, usando roteiro previamente elaborado e formulando outras perguntas a partir das respostas

dadas e, quando for o caso, selecionar partes, transcrever e proceder a uma edição escrita do texto, adequando-o a seu contexto de publicação, à construção composicional do gênero e garantindo a relevância das informações mantidas e a continuidade temática.

**Tempo Estimado:**

05 aulas de 50 minutos.

**Recursos Necessários:**

Para a realização dessa atividade, os alunos devem ter em mãos câmara filmadora, gravador de voz, caderno, caneta para anotações.

**Passo 10- Encenando a festa do vaqueiro de Porto da Folha- SE, através do cordel**

Tendo já um certo conhecimento da dinâmica da festa do vaqueiro, o passo seguinte às entrevistas é pensar em um roteiro de encenação utilizando a linguagem do cordel.

**Atividade Proposta 1**

Você já conhece um pouco da dinâmica da festa do vaqueiro, o próximo passo é encená-la para os convidados. Para tanto, siga as seguintes dicas:

- 1º Para realizar a encenação escolha, o dia, horário, local mais adequado.
- 2º Para organizar o cenário defina o que será utilizado nesse, preparando o material necessário para montá-lo.
- 3º Organize uma ficha em seu caderno para facilitar o planejamento das cenas, segue um modelo abaixo.

<b>Cenas</b>	<b>Atores (as)/ alunos (as)</b>	<b>Trilha sonora</b>	<b>Coreografia e declamação de Estrofes do cordel</b>	<b>Figurino</b>

4º Como forma de se adaptar ao ambiente onde a encenação será realizada, organize um ensaio geral nesse espaço. Esta é uma forma dos atores envolvidos interagirem e se tranquilizarem durante a apresentação.

**Objetivos:**

- Apresentar acontecimentos e práticas culturais que fazem parte da festa do vaqueiro de Porto da Folha- SE;

- Possibilitar que os alunos compreendam a dinâmica de cada acontecimento cultural que envolve a festa.

**Estratégia:**

Nesse momento, o professor juntamente com a turma deve definir quem fará o texto de diálogo entre os autores, definir personagens, como será montado o cenário, organizar ensaios em contrarturnos para que toda a encenação fique sincronizada, definir músicas, figurinos, utilização da declamação de um cordel, mostrar a todos os participantes que o trabalho é algo coletivo, que todos devem estar envolvidos.

A ideia é apresentar a encenação na última semana do mês de setembro, visto que antes do final de semana da festa acontece a semana cultural, momento muito oportuno para esse tipo de apresentação.

**Habilidades da BNCC:**

EF69AR14- Analisar e experimentar diferentes elementos (figurino, iluminação, cenário, trilha sonora etc.) e espaços (convencionais e não convencionais) para composição cênica e apresentação coreográfica.

EF69LP46 - Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas (local e universal) como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, slams, canais de booktubers, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, blogs e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, vlogs e podcasts culturais (literatura, cinema, teatro, música), playlists comentadas, fanfics, fanzines, e-zines, fanvídeos, fanclipes, posts em fanpages, trailer honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs.

**Componentes Curriculares:**

História, Língua Portuguesa e Arte.

**Tempo Estimado:**

05 aulas de 50 minutos.

**Recursos Necessários:**

Os recursos necessários para a realização da encenação vão depender de qual ou quais práticas culturais da festa serão apresentadas. Independente da escolha, será importante ter em mãos uma caixa de som amplificada, microfones, pen-drive contendo as músicas tocadas na festa; gibão de couro, chapéu de couro, peiteira e perneiras de couro, búzio, bozó, panos estampados, objetos de cerâmicas como potes, painéis, fitas adesivas, barbantes, colas, tesouras, papéis, entre outros para montar o cenário.

### **Passo 11 – Conhecendo o parque de vaquejada Nilo dos Santos e a vegetação da caatinga**

A sexta e última parte do folheto de cordel nos proporciona discussões que envolve o meio ambiente, qualidade de vida e o bioma da caatinga. Após a leitura e discussão dessa parte do folheto, propomos que seja organizada uma visita ao parque de vaquejada Nilo dos Santos. Apesar do parque não se constituir em uma Unidade de Conservação, nele se mantém preservadas várias espécies do bioma da caatinga, sendo o local onde ocorre as vaquejadas de pegadas de boi no mato. A visita teria, como objetivo, mobilizar estratégias de sensibilização para a importância de preservação do meio ambiente.

#### **Atividade Proposta 1**

A festa do vaqueiro de Porto da Folha- SE tem uma relação direta com o meio ambiente, sobretudo com a vegetação da caatinga e uso de animais, já que é nesse espaço que ocorrem as vaquejadas de pega de boi no mato. Por esse motivo, após discutir com seus colegas sobre as informações contidas na sexta parte do folheto, faremos uma visita a esse espaço da festa que é o parque de vaquejada, para conhecermos como ele funciona e qual a sua importância para a cultura local.

Para realizar a atividade, siga os seguintes passos:

- 1º Formem grupos;
- 2º Juntos elaborem questões que serão destinadas ao Presidente da festa do vaqueiro, responsável juntamente com a comissão pela manutenção do parque.
- 3º Registrem as respostas obtidas no caderno;
- 4º Juntamente com os colegas discutam o que acharam da visita.

#### **Objetivos:**

- Evidenciar a importância do Bioma da Caatinga para Porto da Folha- SE e para o mundo.

- Compreender que a festa pode ser realizada preservando o meio ambiente, e proibindo os maus tratos aos animais.

Estratégia:

Após a leitura do folheto, é importante que o professor se atente a formação dos grupos, e a elaboração dos questionamentos que serão destinados ao representante da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos (Presidente da Festa), além da discussão a respeito da visita. Os questionamentos feitos pelos alunos devem se aproximar-se dos seguintes: Como são tratados os animais que participam das corridas de boi no mato? Qual a importância da caatinga para as vaquejadas, para Porto da Folha e para o mundo? Porque o parque de vaquejada não é uma unidade de conservação? Quando e porque foram criados o parque? Qual a relevância local e global desse parque? As vaquejadas de pega de boi no mato e a festa do vaqueiro, vai de encontro a criação desse parque? Quais os desafios para termos cada vez mais uma festa sustentável sem maus tratos aos animais?

#### **Habilidades da BNCC:**

EF09CI12 - Justificar a importância das unidades de conservação para a preservação da biodiversidade e do patrimônio nacional, considerando os diversos tipos de unidades, as populações humanas e as atividades a eles relacionadas;

EF09CI13 - Investigar e propor iniciativas individuais e coletivas para as soluções de problemas ambientais que ocorrem no espaço urbano e rural da cidade ou comunidade, com base na análise de ações de consumo consciente e de sustentabilidade bem-sucedidas;

EF06GE5 - Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, hidrografia, relevo e formações vegetais e as implicações causadas pela degradação natural decorrente da ação humana em escala local e global;

EF06GE1 - Reconhecer e comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos e espaços através da ação antrópica;

EF06GE2SE - Compreender a importância da cobertura vegetal para manutenção e proteção dos aquíferos e lençóis freáticos.

#### **Componentes Curricular:**

Ciências, História e Geografia.

#### **Tempo estimado:**

03 aulas de 50 minutos.

#### **Recursos Necessários:**

Para a realização da visita ao parque de vaquejada Nilo dos Santos, e necessário ter à disposição dos alunos um ônibus. Para o acompanhamento da atividade, os alunos devem levar caderno e caneta para anotações, como garrafas de água e lanche.

### **Passo 12 – Cordelizando vamos Ensinando e Estudando o Alto Sertão Sergipano: Conhecendo a Festa do Vaqueiro**

Após conhecer as origens e dinâmica da festa do vaqueiro, como se deu sua chegada e expansão no Nordeste Brasileiro, como ela é praticada em alguns municípios do alto sertão sergipano, e como vem se constituindo historicamente em Porto da Folha-SE, podemos expor para a comunidade escolar e do entorno da escola tudo aquilo que foi discutido e pesquisado sobre essa festa durante as aulas por meio de um evento contendo exposições e apresentações.

#### **Atividade Proposta 1**

Esse é o momento de pôr em prática todos os conhecimentos e descobertas, adquiridos e realizados sobre a festa. Para isso, será organizado no espaço da escola um evento, com exposições e apresentações, esse terá como objetivo disponibilizar a toda comunidade escola e do entorno dela conhecimentos sobre a festa do vaqueiro. Vale frisar, além do mais, que tal oportunidade será discutida e apresentada pelos alunos, aspectos de mudanças e permanências sobre a festa, temas polêmicos como uso dos animais e forma de tratá-los adequadamente, iniciativas de continuidade da festa de maneira sustentável, entre outros. Para esse evento, convide todos de sua comunidade, esse tem como sugestão de tema “Cordelizando vamos Ensinando e Estudando o Alto Sertão Sergipano: Conhecendo a Festa do Vaqueiro”. Para isso, a turma deve seguir as seguintes instruções.

- a) Para a realização do evento consulte a direção da escola para agendar a data mais adequada.
- b) Para divulgar o evento junto à comunidade confeccione convites e postem em redes sociais.
- c) Para receber os convidados reserve um espaço adequado, onde esses se sintam confortáveis.
- d) Os convites devem ser criativos, com sugestões provocativas que chame a atenção do convidado.
- e) Preparem as falas e decidam quais serão os alunos responsáveis pela apresentação dos cordéis, painéis e encenação, etc.

**Objetivos:**

- Discutir os resultados acerca das transformações, permanências, da importância da festa e de práticas culturais que envolve cada participante durante sua realização;
- Incentivar comportamentos que não se limite a interesses individuais e que se mobilize para o bem comum;
- Possibilitar que a comunidade escolar cada vez mais valorize elementos de sua cultura e identidade;
- Envolver a comunidade escola e entorno dela em um evento por todos historicamente constituído.

**Estratégia:**

Com base no que já foi dito no desenvolvimento das atividades, será primordial que o evento fosse realizado na penúltima semana do mês de setembro, pois essa antecede a semana da festa no município. Com relação às instituições que forneceram informações sobre a cultura local, seus painéis ficaram expostos como bandeiras e utensílios de uso desses grupos culturais. Também, o evento terá como destaque um mapa de Sergipe, destacando os municípios do alto sertão que realizam vaquejadas de pega de boi mato, de modo que serão expostos os cordéis impressos, como outros materiais que venham a ser produzidos pelos alunos.

Ademais, seria interessante os alunos produzirem um folder para ser entregue aos convidados, para que esses tenham uma visão das ordens de apresentação pelos alunos. Nesse aspecto, o professor deve orientar para o tempo de apresentação de cada grupo, já os alunos devem estar preparados para as tirar dúvidas dos convidados com base no que foi aprendido durante todas as atividades realizadas.

**Componente Curricular:**

Para a realização desse evento, é interessante o envolvimento de todos os professores em seus respectivos componentes curriculares.

**Tempo Estimado:**

05 aulas de 50 minutos, ou um turno manhã ou tarde

**Recursos Necessários:**

Computador, data show, papel A4, mesas, cadeiras, caixa de som, microfones, entrevistas, cartazes, faixas, barbantes, colas, tesouras, atividades respondidas.

**Competências da BNCC:**

Como a proposta desse evento é interdisciplinar, disponibilizamos nesse passo da sequência as competências da BNCC (2019), que podem ser desenvolvidas em nossos alunos com esse tipo de atividade.

Competências Gerais da Educação Básica:

1 - Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

3 - Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

7 - Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

Competências das Ciências Humanas:

1. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.

3. Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.

5. Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.

6. Construir argumentos, com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, para negociar e defender ideias e opiniões que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental, exercitando a responsabilidade e o protagonismo voltados para o bem comum e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Competências do componente curricular História:

1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.

2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.

4. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

### **Avaliação**

O contexto de desenvolvimento dessa sequência tem que, como objetivo, conduzir os alunos da educação básica à leitura de um folheto de cordel, e à realização das tarefas propostas. No entanto, a forma de conduzir a avaliação do passo a passo dessas atividades não se limita somente à leitura, à interação, à organização, à participação dos grupos, mas também consistem em critérios que o professor deve levar em consideração no momento de avaliar.

Para tanto, o professor deve ter conhecimento de cada passo a passo das atividades a serem desenvolvidas, observando como os alunos organizam os questionamentos, como se preparam para as entrevistas, como participam das produções dos cordéis, da encenação, como interagem com os membros de outros grupos, como se mobilizam para a organização do cenário, como se dirigem a comunidade, ou seja, envolvem-se em todo o processo até a sua culminância no dia do evento.

Segundo Berutti e Marques (2009), o professor no decorrer de uma atividade como está sendo proposta nessa sequência didática, precisa observar as dificuldades e os avanços de cada aluno, pois em cada apresentação, discussão e mobilização para a realização do evento, os alunos estão trabalhando suas capacidades cognitivas, interativas, tanto de forma individual como coletiva. Nesse sentido, é importante o professor apontar a progressão de cada aluno e dos grupos como uma forma de avaliação. Nesse momento, segundo esses autores, é importante respeitar e observar as autocríticas feitas pelos próprios alunos. Em suma, tudo que é realizado pelas equipes e professores que melhorem a realização das atividades, culminância e apresentação durante o evento, podem e devem ser avaliados.

Como mencionado, a avaliação dessa sequência didática tem como objetivo ser a mais democrática possível, apontando erros e acertos por parte de todos os grupos envolvidos. Todavia, não de uma forma punitiva, mas sobretudo como uma forma de conduzir os alunos a realizarem cada atividade mediante às suas capacidades e limites, de modo a tornar esta a mais prazerosa possível. Ademais, constituindo-se também em uma forma do professor avaliar a sua prática pedagógica, com o intuito sempre aperfeiçoá-la.

Para finalizar esse processo de avaliação, elaboramos umas questões para serem apreciadas pelos alunos individualmente, e que quando respondidas podem ser discutidas com todos em sala de aula.

### **Proposta de avaliação**

1. Caso você tenha aprendido coisa novas sobre a festa do vaqueiro, escreva em tópicos o que aprendeu.
2. Entre as atividades propostas o que você mais gostou de fazer?
3. Entre as atividades qual você teve mais dificuldade? Justifique?
4. Durante a formação dos grupos com os colegas você conseguiu expor suas ideias?
5. Você achou interessantes as discussões durante as atividades realizadas com seus colegas?
6. Na produção dos cordéis e posteriormente da encenação, você conseguiu trocar ideias com seu grupo e os demais?
7. Sobre as apresentações e encenação durante o evento. O que você achou?
8. No momento do evento, e após o que os convidados comentaram? Relate
9. Em relação a festa do vaqueiro com a História de Porto da Folha- SE, História do Brasil e mais ampla, os convidados conseguiram estabelecer uma interação mediante o que vocês explicaram?
10. Com base nas explicações de vocês os convidados conseguiram entender a importância do bioma da caatinga para a região do sertão e do mundo?

É importante receber todas as devolutivas dessa avaliação, uma vez que dependendo dos seus resultados o que foi detectado como positivo permanece, podendo ser aprimorado como o que foi considerado muito negativo ou mais dificultoso pode ser descartado, dando oportunidade de novas atividades mais dinâmicas e criativas a serem colocadas em prática em um próximo evento. No entanto, essa avaliação tem como objetivo possibilitar uma aprendizagem de mais qualidade, participativa, dinâmica e plural.

Assim, apresentamos um folheto de cordel em formato sextilha, tratando sobre a festa do vaqueiro, que pode ser trabalhado em sala de aula com o auxílio dessa sequência didática apresentada. Porém, é importante salientar que esta não esgota as possibilidades do uso desse folheto em sala de aula, podendo o professor fazer uso de sua criatividade, planejar outras atividades sobre essa temática. Em contrapartida, esperamos que essa sugestão tenha sido útil e possibilite discutir aspectos da História local, que também acontecem por meio das festas

populares, como a do vaqueiro de Porto da Folha-SE, e fazem parte do contexto histórico e de vivências de nossos alunos.

## **APENDICE E – ROTEIRO DE DIÁLOGOS COM ALGUMAS LIDERANÇAS RELIGIOSAS DO MUNICÍPIO DE PORTO DA FOLHA-SE**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS

PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA

MESTRANDO: JOSÉ ABRAÃO REZENDE GOVEIA

Orientador: Prof. Dr. Lucas Miranda Pinheiro

### **Questões direcionada ao representante católico**

1. Qual o seu nome e sua idade?
2. Você mora a quanto tempo em Porto da Folha? Quais os motivos para vir morar aqui?
3. Há quanto tempo você é católico?
4. Você conhece algo sobre a história dos vaqueiros da região?
5. Como você percebe a relação dos vaqueiros com o catolicismo?
6. Como a Igreja católica participa da festa do vaqueiro?
7. Qual a importância da festa do vaqueiro para o catolicismo?
8. Como a cultura e o modo de vida dos vaqueiros é percebida no catolicismo?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS  
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA  
PROFHISTÓRIA  
MESTRANDO: JOSÉ ABRAÃO REZENDE GOVEIA  
Orientador: Prof. Dr. Lucas Miranda Pinheiro

**Questões direcionada ao representante do grupo espírita**

1. Qual o seu nome e sua idade?
2. Você é natural de Porto da Folha- SE? Quanto tempo que mora aqui?
3. Quais os motivos para continuar morando aqui em Porto da Folha – SE?
4. O que é o espiritismo?
5. Qual a sua opinião sobre o modo de vida dos vaqueiros, e sobre a festa do vaqueiro realizada aqui?
6. Você vê a festa do vaqueiro como algo relacionado a aspectos do espiritual ou sagrado?
7. Em seu ponto de vista quais os pontos positivos e negativos da festa do vaqueiro de Porto da Folha - SE?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS  
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA –  
PROFHISTÓRIA  
MESTRANDO: JOSÉ ABRAÃO REZENDE GOVEIA  
Orientador: Prof. Dr. Lucas Miranda Pinheiro

**Questões direcionada ao representante Evangélico**

- 1 – Qual o seu nome e sua idade?
- 2 - Sempre morou em Porto da Folha - SE? Caso não, o que lhe trouxe a morar aqui?
- 3 – Há quanto tempo você é evangélico?
- 4- Qual o papel do pastor na Igreja que você lidera?
- 5 – Como você ver o modo de vida dos vaqueiros e a realização da festa destes?
- 6 – Qual a opinião de sua doutrina sobre a realização de festas como a do vaqueiro de Porto da Folha – SE?
- 7- Nos dias da festa do vaqueiro como você orienta os membros de sua igreja, para participar ou não? Vocês realizam algum outro evento nos dias da festa?

**APENDICE F – ROTEIRO DE DIÁLOGOS COM MULHERES PARTICIPANTES  
DA FESTA DO VAQUEIRO E DA SOCIEDADE RECREATIVA PARQUE NILO  
DOS SANTOS PORTO DA FOLHA-SE**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS

PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA –  
PROFHISTÓRIA

MESTRANDO: JOSÉ ABRAÃO REZENDE GOVEIA

Orientador: Prof. Dr. Lucas Miranda Pinheiro

**Questões direcionada a mulheres socias da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos  
Santos**

- 1- Qual o seu nome e sua idade?
- 2- A quanto tempo mora em Porto da Folha? O que lhe trouxe a viver aqui?
- 3 – Qual a sua profissão?
- 4 – Você sempre participou da festa do vaqueiro de Porto da Folha? De que maneira?
- 5- Há quanto tempo você é socia da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos?
- 6- Qual o papel da mulher na Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos e na organização da festa do vaqueiro?
- 7- Como você ver participação de outras mulheres na festa do vaqueiro de Porto da Folha-SE?
- 8 – Qual a sua opinião sobre a festa do vaqueiro de Porto da Folha – SE?

**APENDICE G – ROTEIRO DE DIÁLOGOS COM SOCIOS DA SOCIEDADE RECREATIVA PARQUE NILO DOS SANTOS, EX- PRESIDENTES DA FESTA, AUTONOMOS E COMERCIANTES DE PORTO DA FOLHA-SE**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS

PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA

MESTRANDO: JOSÉ ABRAÃO REZENDE GOVEIA

Orientador: Prof. Dr. Lucas Miranda Pinheiro

**Questões direcionadas a sócios da sociedade recreativa parque Nilo dos Santos, ex-presidentes da festa, autônomos e comerciantes**

- 1 – Qual o seu nome e sua idade?
- 2 – A quanto tempo você mora em Porto da Folha- SE?
- 3 – De que maneira vocês participam da festa do vaqueiro de Porto da Folha- SE?
- 4- Qual sua opinião sobre a festa do vaqueiro?
- 5 – Qual a importância da festa do vaqueiro para um município como Porto da Folha?
- 6 – Você acha que uma festa do vaqueiro de pegadas de boi no mato causa danos ao meio ambiente? E maus tratos aos animais?
- 7- Você conhece algumas medidas adotadas durante a festa para evitar maus tratos aos animais e ao meio ambiente?
- 8 – Qual a importância da festa do vaqueiro para a movimentação do comércio local?

**APENDICE H – ROTEIRO DE DIÁLOGOS COM ALUNOS DO CENTRO DE EXCELÊNCIA GOVERNADOR LOURIVAL BAPTISTA PORTO DA FOLHA-SE**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS

PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA

MESTRANDO: JOSÉ ABRAÃO REZENDE GOVEIA

Orientador: Prof. Dr. Lucas Miranda Pinheiro

**Questões direcionadas a alunos do Centro de Excelência Governador Lourival Baptista porto da folha- SE**

- 1 – Qual o seu nome e idade?
- 2 – A quanto tempo você mora em Porto da Folha- SE?
- 3 – A quanto tempo vocês estudam nesse Colégio?
- 4- De que maneira você participa da festa do vaqueiro de Porto da Folha – SE?
- 5 – Qual sua opinião sobre a festa do vaqueiro e as pegadas de boi no mato de Porto da Folha - SE?
- 6 – No Contexto da festa do vaqueiro o que você acha mais importante e que na sua visão chama mais atenção do visitante, turista?

**ANEXO A – DOCUMENTOS, REGIMENTO, LEGISLAÇÃO ENVOLVENDO A  
FESTA DO VAQUEIRO DE PORTO DA FOLHA – SE**



ESTADO DE SERGIPE  
PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO DA FOLHA  
GABINETE DO PREFEITO

**LEI Nº 571/2017**  
DE 22 DE JUNHO 2017

DECLARA A VAQUEJADA, BEM COMO O VAQUEIRO, MANIFESTAÇÃO CULTURAL POPULAR, PATRIMÔNIO CULTURAL E IMATERIAL DO MUNICÍPIO DE PORTO DA FOLHA E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE PORTO DA FOLHA, Estado de Sergipe, usando das atribuições legais.

Faço saber que a Câmara de Vereadores aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

**Art. 1º** - Ficam declarados, a VAQUEJADA e o VAQUEIRO, manifestação cultural popular e patrimônio cultural e imaterial do município de Porto da Folha.

**Art. 2º** - A declaração de que trata esta Lei, tem por objetivo registrar, enaltecer e preservar a difusão das práticas historicamente relacionadas a VAQUEJADA e ao VAQUEIRO como figura presente nas manifestações culturais do município.

**Art. 3º** - Cabe ao Poder Executivo a adoção das medidas cabíveis para registro do bem cultural de que trata esta Lei.

**Art. 4º** - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação. 1836

**Art. 5º** - Revogadas as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito, 22 de junho de 2017.

*Miguel de Loureiro Feitosa Neto*  
**MIGUEL DE LOUREIRO FEITOSA NETO**  
PREFEITO MUNICIPAL



ESTADO DE SERGIPE  
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

PROJETO DE LEI Nº 335  
De de de 2019

**Autoria: Deputada Goretti Reis**

**Declara a “Festa do Vaqueiro”,  
da Cidade de Porto da Folha,  
Patrimônio Cultural Imaterial do  
Estado de Sergipe e a inclui no  
Calendário Oficial de eventos do  
Estado.**

**O GOVERNADOR DO ESTADO DE SERGIPE,**

Faço saber que a Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art.1º. Fica declarada patrimônio cultural imaterial do Estado de Sergipe a **“Festa do Vaqueiro”**, que ocorre anualmente, no mês de setembro, na Cidade de Porto da Folha/SE.

Art.2º. A **“Festa do Vaqueiro”** da Cidade de Porto da Folha, fica inserida no Calendário Oficial de Eventos do Estado de Sergipe.

Art.3º Esta Lei entra em vigor data de sua publicação.

Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe, em Aracaju, sala das sessões 03 de setembro de 2019.

*Goretti Reis*  
**GORETTI REIS**

Deputada Estadual-PSD/SE



**ESTADO DE SERGIPE  
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA**

**PROJETO DE LEI Nº**  
De de de 2019

**Autoria: Deputada Goretti Reis**

**JUSTIFICATIVA**

Considerada a maior pega de boi na caatinga do mundo, a festa do vaqueiro de Porto da Folha/SE, que acontece todos os anos, atrai cerca de 70 mil pessoas diariamente circulando no Município, grande parte desses visitantes são dos municípios de Sergipe e Estados como da Bahia, Alagoas e Pernambuco, além de turistas de fora do Brasil como da Itália e da França.

Durante os cinco dias de festa, a movimentação econômica registrada pela Secretaria Municipal de Cultura do Município, chegam a R\$ 8 milhões de reais, recursos que contribui para o desenvolvimento da região, a festa é uma vitrine para o entretenimento e os negócios ligados ao vaqueiro.

A festa do vaqueiro de Porto da Folha foi criada em 1969, tendo como um dos seus criadores o senhor Antônio Alves de Farias, onde a pega do boi no meio da caatinga era o esporte do vaqueiro nas horas de folga. Em 1970, devido a uma grande seca, os vaqueiros não realizaram a festa, mas a partir de 1971 ela passou a acontecer todos os anos. São 48 anos de tradição valorizando a cultura sertaneja do nordeste e mostrando a bravura e a destreza de grandes vaqueiros regionais.

A vaquejada é uma manifestação cultural brasileira que acontece há várias décadas, e foi instituída pela lei 13.364/2016, tornando-a um patrimônio cultural imaterial do Brasil. Esta prática é uma atividade que movimenta milhões de recursos financeiros, gera muitos empregos diretos e indiretos. A atribuição da vaquejada é a atividade cultural e esportiva, além do forte potencial econômico.



**ESTADO DE SERGIPE  
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA**

**PROJETO DE LEI Nº**  
De        de        de 2019

**Autoria: Deputada Goretti Reis**

Diante da assertiva, torna-se de grande importância o reconhecimento do Estado, em declarar a Festa do Vaqueiro de Porto da Folha/SE como patrimônio cultural e imaterial do Estado de Sergipe, e a inclusão no calendário oficial de eventos do Estado.

Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe, em Aracaju, sala das sessões 03 de setembro de 2019.

*Goretti Reis*

**GORETTI REIS**  
Deputada Estadual-PSD/SE

3





**CARTÓRIO DO  
2º OFÍCIO DE PORTO DA FOLHA**

George Lucas Pessoa da Câmara  
Oficial de Registro

REGISTRO DE IMÓVEIS O REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS, INTERDIÇÕES E TUTELAS  
REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS O REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS JURÍDICAS

REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS JURÍDICAS Nº 51

**CERTIDÃO**

**GEORGE LUCAS PESSOA DA CÂMARA,**  
Oficial do Serviço de Registro de Imóveis e anexos da comarca de Porto da Folha-SE - 2º Ofício, responsável pelo expediente da respectiva unidade de serviço a partir de 01/07/2016, no uso de suas atribuições legais, etc.

Estatuto da Sociedade Recreativa Parte Nilo dos Santos - Obs.: Segunda Aditivo. Capítulo 1: Da Sociedade e seus fins. Art. 1º - A Sociedade Recreativa Parte Nilo dos Santos, fundada em 08 de outubro de 1982, é uma sociedade civil apolítica, de caráter recreativo e cultural, de duração indefinida e tem como sua sede social a rua Antonio Pereira, nº 217 nesta cidade de Porto da Folha do estado de Sergipe. Art. 2º - A sociedade tem por objetivo: 1 - Cultivar a mais ampla e perfeita cordialidade entre os sócios; 1.1 - Promover atividades sociais, culturais e artísticas, promovendo festas de vaquejadas e outras; 1.1.1 - firmar convênios com outras sociedades, autárquicas, entidades religiosas, Federais, Estaduais, Municipais e outros. Art. 3º - É vedada a utilização do nome da Sociedade e de sua sede social para fins pessoais, bem como para campanhas ou promoção que não seja ele interesse da Sociedade. Capítulo 1.1 Dos Associados. Art. 4º - Poderão ser sócios todos indivíduos de idoneidade moral comprovada, maiores de 14 de anos sem distinção de nacionalidade, cor, sexo, credo religioso, partido político a que pertence. Parágrafo Único. Não poderão ser sócios os membros de 14 anos e todo indivíduo que os não esteja em pleno gozo de direito civil. Art. 5º - São as seguintes categorias de sócios: 1 - São Sócios contribuintes os que se inscrevem no quadro social, cujos nomes sejam aprovados pela Diretoria e se disponham a cumprir o estatuto e regulamentos da sociedade e contribuam com uma mensalidade determinada pela Assembléia Geral. 1.1 - São honorários os que destingam pela alta cultura científica, literária ou artística e tenham qualquer contato com a sociedade; 1.1.1 - São beneméritos os que prestem relevantes serviços relevantes a sociedade. Art. 6º - Os sócios não respondem subsidiariamente pelas obrigações sociais. Parágrafo único. Os sócios não respondem subsidiariamente pelas obrigações sociais. Parágrafo único. Os sócios que se retirarem da sociedade não terão direito a qualquer tipo de restituição. Art. 7º - São deveres dos sócios: 1 - Respeitar e fazer respeitar o Estatuto e os regulamentos da Sociedade; 1.1 - Pagar dentro do prazo determinado pela Assembléia as contribuições e que se tenham obrigado; 1.1.1 - Comparecer as reuniões, assembléia e demais atividades da sociedade; IV - Promover e praticar a solidariedade entre os sócios. V - Prestar o seu concurso para um maior desenvolvimento da sociedade; VI - Aceitar os cargos sociais para os quais foram eleitos ou nomeados, salvo motivo de força maior; Art. 8º - São Direitos dos sócios: 1 - Votar e ser votado nas eleições para preenchimento de cargos da Diretoria; 1.1 - Desfrutar os benefícios pela sociedade, sujeitando-se aos seus regulamentos; 1.1.1 - Sugerir à Diretoria ou a Assembléia Geral tudo quanto julgar conveniente aos interesses da

Travessa Antônio Pereira Feitosa, 34 - Centro  
CEP: 49.800-000 - Porto da Folha - Sergipe

Fone: (79) 3349-1079  
E-mail: extra.2portodafolha@tjse.jus.br

REGISTRO DE IMÓVEIS ◊ REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS, INTERDIÇÕES E TUTELAS  
REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS ◊ REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS JURÍDICAS

sociedade; IV - Tomar parte em todas atividades da sociedade. Parágrafo único. Para gozo dos direitos assegurados neste artigo e necessário que os sócios esteja em dias com suas obrigações sociais. Art. 9º - Os sócios que infringir as disposições estatutária os regulamentos, praticas atos que desabonem o nome da sociedade ou perturbar a sua ordem é passível das seguintes penalidades: I - advertência; II - suspensão; III - expulsão, conforme deliberação da Diretoria e aprovação da Assembléia Geral. Capítulo III - Do patrimônio Social. Art. 10º - A receita da Sociedade provém das contribuições dos associados, donativos, rendimentos do seu patrimônio Social ou atividades promovidas pela Sociedade, de tudo mantida a respectiva contabilidade. Parágrafo único. As despesas da Sociedade consistem em gastos ordinários para o seu funcionamento, manutenção da Sede Social e para fazer face as demais dispendidas inerentes a sua finalidade. Capítulo IV - Da Diretoria. Art. 11º - Os membros da Diretoria serão eleitos pela Assembléia Geral ordinária, em votação secreta, e da qual participarão como candidatos eleitores, todos os sócios contribuintes em dias com suas obrigações sociais. Art. 12º - A Diretoria compõe-se de Presidente; Vice-presidente; 1º Secretário; 2º Secretário; 1º Tesoureiro; 2º Tesoureiro; 1º Diretor Social; 2º Diretor Social; 1º Diretor de Esporte; 2º Diretor de Esporte; 1º Diretor da casa do vaqueiro; 2º Diretor da casa do vaqueiro. 1º A Diretoria é o poder executivo da Sociedade e será renovada de dois em dois dias. 2º A eleição será permitida a todos da Diretoria. Art. 13º - Os membros da Diretoria não serão remunerados pelo desempenho de suas funções, assegurado, no entanto, o direito de ressarcimento. Por qualquer despesa efetuada, desde que devidamente autorizada. Art. 14º - São atribuições da Diretoria: I - Administrar os bens morais da sociedade; II - Receber legados, subvenções, benefícios e tudo mais que for dado a sociedade; III - Criar ou extinguir depoimentos, conforme julga conveniente assim como provê-los de regulamentos; IV - Eleger por maioria simples os responsáveis pelos departamentos; V - Convocar Assembléia, dirigi-las e fazer cumprir as suas decisões; VI - Apresentar o relatório e balanço geral sobre o exercício fundo para aprovação da Assembléia Geral; VII - Admitir e dispensar empregados; VIII - Resolver os casos não previstos neste Estatuto. Art. 15º - A diretoria reunir-se a uma vez por mês, no segundo domingo, deliberando por maioria simples de votos, com a presença mínima que represente a metade mais um dos Diretores em exercício. Capítulo V. Da Administração Tributária e Financeira. Art. 16º - A administração da Sociedade compete a todos os Direitos, conjuntos e isoladamente, com as atribuições previstas no Estatuto. Art. 17º - Compete ao Presidente: I - Representar a Sociedade, judicial ou extrajudicialmente, quer ativa como passivamente; II - Executar e fazer executar o Estatuto, o Regulamento dos vários departamentos; III - Autorizar todas as despesas necessárias ao desempenho das finalidades da Sociedade, como também assinar em conjunto com o 1º tesoureiro os cheques emitidos pela Sociedade; IV - Assinar os termos de aberturas e encerramento de livros da Sociedade rubricar todas as folhas. Art. 18º - Ao vice-presidente compete coadjuvar o Presidente e substituí-lo em suas faltas e impedimentos ou praticar quaisquer atos da administração por delegação expressa do Presidente. Art. 19º - Compete ao 1º Secretário: I - Dirigir os serviços da Secretária; II - Receber todas correspondências dirigidas a Sociedade, dando-lhe o destino certo; III - Assinar as correspondências juntamente com o presidente; IV - Matricular os sócios; V - Elaborar o relatório anual da Diretoria; VI - Elaborar e ler as atas de cada sessão; VII - Substituir o vice-presidente em suas faltas e impedimentos; VIII - Substituir o vice-presidente em suas faltas e impedimentos. Parágrafo único. Ao 2º Secretário cabe coadjuvar e substituir o 1º Secretário, em suas faltas e impedimentos assim como exercer funções delegadas pela Diretoria. Art. 20º - Ao 1º Tesoureiro compete: I - Arrecadar as taxas e contribuições para a sociedade e responsabilizar-se por elas, enquanto não lhe der o destino regulamentar; II -

## CARTÓRIO DO 2º OFÍCIO DE PORTO DA FOLHA

George Lucas Pessoa da Câmara  
Oficial de Registro

REGISTRO DE IMÓVEIS ◊ REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS, INTERDIÇÕES E TUTELAS  
REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS ◊ REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS JURÍDICAS

Fazer despesas para quais tiver a devida autorização por escrito da Presidência; III - Escriturar e fechar o livro caixa, todos os meses, apresentando-o a Diretoria na primeira reunião que se realiza juntamente com o balancete do mês fundo; IV - Apresentar o balanço anual das finanças à Assembléia Geral; V - Organizar o orçamento anual; Parágrafo único. Ao 2º tesoureiro cabe coadjuvar e substituir o 1º tesoureiro, em suas faltas e impedimentos, assim como exercer funções delegadas pela Diretoria. Art. 21 - Ao 1º Diretoria Social compete: I - Coordenar juntamente com Presidente todos os eventos e promoções em favor da Sociedade; II - Organizar fundos externos e promover em favor da Sociedade; III - Articular artistas e promover convênio em favor da Sociedade, juntamente com o presidente; IV - Divulgar e promover os atos festivos em favor da Sociedade; V - Formar promoções em benefícios da Sociedade juntamente com o presidente; VI - Promover meios de conhecimentos e formação dos membros da Sociedade, através de convênios com organizações governamentais, entidades privadas ligadas ao esporte, cultura, e lazer. Parágrafo único. Ao 2º Diretor de Social cabe coadjuvar e substituir o 1º Diretor de Social, em suas faltas e impedimentos, assim como exercer funções Delegadas pela Diretoria. Art. 22 - Ao 1º Diretoria de Esporte compete: I - Coordenar as corridas do mato; II - Conseguir juntamente com o Presidente, gado para os eventos; III - Promover juntamente com o Diretor Social, e desenvolvimento esportivo da sociedade; IV - Participar de todos os eventos da sociedade. Parágrafo único. Ao 2º Diretor de esporte: Cabe coadjuvar e substituir o 1º Diretor em suas faltas e impedimentos, assim como exercer funções Delegadas. Art. 23 - Ao 1º Diretor da casa do vaqueiro compete: I - Coordenar os festejos e organizar em todos as dependências do clube; II - Zelar pela conservação dos prédios pertencentes a sociedade; III - Organizar com a equipe de cozinha, alimentos, e tudo que envolva a arte de cozinhar; IV - Organizar juntamente com os responsáveis do bos formas de seu funcionamento; V - Elaborar juntamente com o Presidente, norma de funcionamentos da casa do vaqueiro, do clube do vaqueiro e o galpão da serra. Parágrafo único. Ao 2º Diretor da casa vaqueiro cabe coadjuvar e substituir o 1º Diretor, em suas faltas e impedimentos, assim como exercer funções delegadas pela Diretoria. Capítulo VI - Da Assembléia Geral. Art. 24 - A Assembléia Geral é o órgão máximo da sociedade do qual manam direta ou indiretamente, todos os poderes os quais são encerrados por delegação sua mediata ou imediata. Art. 25º - A Assembléia Geral é constituída em primeira convocação, com a presença de metade mais um dos seus sócios em gozo de direitos conforme o artigo 8º. Parágrafo único, e em segunda convocação com a presença de qualquer número de sócios, uma hora após a primeira. Art. 26 - Assembléia reunir-se-á ordinariamente um vez por ano para examinar o relatório e as contas da Diretoria e, extraordinariamente quando convocada pela Diretoria ou o regimento de, no mínimo um terço dos sócios contribuintes, caso em que a Diretoria terá uma semana para convocá-la, a contar da data da entrega do pedido. Parágrafo único. Caso a Diretoria não efetive a convocação da Assembléia Geral, conforme exposto no artigo nº 25. Os sócios que tiverem subscrição o regulamento terão plenos poderes para convocá-la não formado artigo 26 deste Estatuto. Art. 27 - As Assembléias serão convocadas com uma semana mínima de antecedência, por meio de edital afixado em locais públicos e visíveis, que permitam a todos os associados soberania em suas decisões, os quais terão que ser acatados (em) pela Diretoria. Parágrafo único. A Assembléia possui poderes para destituir a Diretoria ou quaisquer de seus membros, por votação secreta cujo resultado deverá ser ratificado em nova Assembléia, convocada para uma semana após. Art. 29. As decisões da Assembléia serão anotadas em livro próprio da sociedade. Capítulo VII - Do Conselho Fiscal. Art. 30 - O Conselho Fiscal é composto de três associados é igual número de suplentes, eleitos pela Assembléia Geral. Parágrafo único. Não poderá compor o Conselho Fiscal o sócio que faça

Travessa Antônio Pereira Feitosa, 34 - Centro  
CEP: 49.800-000 - Porto da Folha - Sergipe

Fone: (79) 3349-1079  
E-mail: extra.2portodafolha@tjse.jus.br

**REGISTRO DE IMÓVEIS ◊ REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS, INTERDIÇÕES E TUTELAS**  
**REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS ◊ REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS JURÍDICAS**

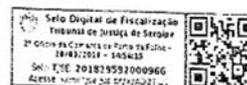
parte dos demais órgãos. Art. 31 - Compete ao Conselho Fiscal: I - Fiscalizar todo movimento financeiro da Presidência que seja despesa e receita. II - Fiscalizar se as despesas e receitas estão ocorrendo com observância das normas constantes do presente estatuto; III - Verificar se os livros contábeis e fiscais exigidos pela legislação específica estão sendo utilizados com zelo e se bem guardados; IV - Fazer relatório circunstanciado de quaisquer perícias levados a efeito encaminhando-o ao presidente. Parágrafo único. As decisões do Conselho Fiscal serão tomadas por maioria simples. Art. 32 - Ordinariamente o Conselho Fiscal reuni-se a duas vezes por ano, em março e dezembro, para encaminhar as cartas da Sociedade. Art. 33 - Extraordinariamente o Conselho Fiscal reunir-se-á sempre que convocada pela Diretoria, ou pela maioria simples dos sócios e, oi ainda, sempre que se fizer necessário, para conhecer e dar parecer sobre irregularidade financeiras ocorridas da administração. Capítulo VIII - Do Processo Eleitoral. Art. 34 - A eleição para preenchimento dos cargos eletivos realizar-se-á até trinta dias antes do vencimento do mandato dos membros da Diretoria e do Conselho Fiscal. Art. 35 - Todas as eleições obedecerão ao princípio de voto secreto assegurada a todo o sócio contribuinte, desde que em dia com suas obrigações, o direito de votar e ser votado. Art. 36 - A eleição será dirigida por uma comissão Eleitoral designada pela Diretoria, composta de cinco membros que dividirão entre se as atribuições: 1º - A data da eleição deverá ser marcada com uma antecedência mínima de quinze dias e dela será dada ampla divulgação; 2º - Só poderão concorrer a eleição as chapas anteriormente registradas junta a Comissão Eleitoral; 3º - Nenhum candidato poderá concorrer a mais de uma chapa; 4º - A apuração do resultado da eleição faz-se a imediatamente após o encerramento do pleito; 5º - Verificando-se empate entre dois candidatos a um mesmo cargo será considerado eleito mais idoso; 6º - A Comissão Eleitoral dará prévia ciência acerca do local onde ser processará a votação e do seu período de duração. Capítulo IX - Da Dissolução da Sociedade. Art. 37 - A Sociedade somente se dissolverá por deliberação da Assembléia Geral, pra este fim especialmente convocada, e mediante votação favorável da maioria absoluta dos associados inscritos. Parágrafo único. Dissolvida a Sociedade, os bens de seu patrimônio social serão revertidos a entidades assistenciais, de acordo com que estabelecer a Assembléia que deliberar sobre a dissolução. Porto da Folha, 27 de julho de 1997. Estatuto aprovado em Assembléia do dia 27 de julho de 1997. Eliezer Santana Neto - Presidente, Valdemar Alves de Souza - Vice-Presidente, Rivadavia Menezes de Aragão - Secretário, João Freire dos Santos - Tesoureiro, Conselho Fiscal - Manoel Veríssimo Cardoso, Carlos Alberto Rezende de Sá, José Joaquim da Silva e Antonio Vieira de Matos. Era o que se continha o documento supra transcrito, o qual foi apresentado pelo Sr. Rivadavia Menezes de Aragão. E para contar lavrei o presente termo. Eu, Mario Sergio, Escrevente do termo que o subscreve.

Emolumentos, taxas e selo de fiscalização: R\$ 55,37.

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.

Porto da Folha-SE, 20 de março de 2018.

**JÉSSICA MISLLENY LIMA ALVES**  
Escrevente Autorizada



**RECOMENDAÇÃO N.º 03/2019**

O **MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SERGIPE**, por conduto do Presentante in fine firmado, legitimado pelos artigos 129, incisos II e III da Constituição Federal, artigo 118, incisos II e III e § 1º alínea “c” da Constituição Estadual, artigos 26, inciso VII, 27, inciso I e 32 da Lei Federal n.º 8.625/93 e artigo 4º, incisos II e III da Lei Estadual n.º 02/90;

**CONSIDERANDO** que a Lei Orgânica Nacional do Ministério Público e a Lei Orgânica do Ministério Público do Estado de Sergipe cometem ao Ministério Público a atribuição de dirigir recomendações aos órgãos públicos municipais e estaduais na defesa dos direitos assegurados nas Constituições Federal e Estadual, requisitando dos destinatários sua divulgação adequada e imediata;

**CONSIDERANDO** que a Constituição Federal em seu artigo 225 diz que “todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”;

**CONSIDERANDO** as disposições constitucionais do art. 23, inciso VI, que atribui competência comum a todos os entes da federação para proteger o meio ambiente e combater os maus tratos aos animais em qualquer de suas formas;

**CONSIDERANDO** as disposições da Lei Federal n.º 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, que determina em seu artigo 32 que, praticar ato de abuso, maus tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos é crime com pena de detenção de três meses a um ano, e multa, bem como, o conteúdo do Decreto Federal n.º 6.514 de 22 de julho de 2008 versando nesse mesmo sentido;

**CONSIDERANDO** que o artigo 3º da Declaração Universal dos Direitos dos Animais, da qual o Brasil é signatário, dispõe que nenhum animal será submetido a maus tratos e a atos cruéis;

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SERGIPE  
PROMOTORIA DE JUSTIÇA DA COMARCA DE PORTO DA FOLHA/SE

---

**CONSIDERANDO** o artigo 15 da Carta da Terra criada pela RIO + 5 que diz que devemos tratar todas as criaturas decentemente e protegê-las da crueldade, sofrimento e do aniquilamento desnecessário;

**CONSIDERANDO**, no mesmo sentido, o disposto no Decreto Federal N.º 24.645 de 1934, que tem força de Lei e ainda está em vigor, elenca, de forma exemplificativa, em seus artigos 3º a 8º os atos que caracterizam maus tratos a animais, dentre os quais; *II - Golpear, ferir ou mutilar, voluntariamente, qualquer órgão ou tecido animal, exceto a castração, só para animais domésticos, ou operações outras praticadas em benefício exclusivo do animal e as exigidas para defesa do homem, ou no interesse da ciência; V - atrelar animais a veículos sem os apetrechos indispensáveis, como balancins, ganchos e lanças, ou com arreios incompletos; VI - utilizar, em serviço, animal cego, ferido, enfermo, fraco e extenuado; VII- bater, golpear ou castigar por qualquer forma um animal caído sob o veículo ou com ele, devendo o condutor desprendê-lo para que se levante; VIII - descer ladeiras com veículos de tração animal sem utilização das respectivas travas, cujo uso é obrigatório; X - deixar de revestir com couro ou material com idêntica qualidade de proteção as correntes atreladas aos animais; XI - prender animais atrás dos veículos ou atados às caudas de outros; XII - fazer viajar um animal a pé mais de 10 quilômetros sem lhe dar descanso, ou trabalhar mais de 6 horas contínuas sem lhe dar água e alimento;*

**CONSIDERANDO** que a espora é um instrumento que invariavelmente ofende a integridade física do animal, produzindo lesões/ferimentos no respectivo tecido (pele), fica terminantemente proibido o uso do referido acessório na Festa do Vaqueiro de Porto da Folha e em outros eventos realizados neste município sob pena de configuração da prática do crime previsto no art. 32, da Lei 9.605/98;

**CONSIDERANDO**, ainda, que o Código Penal Brasileiro dispõe no artigo 29 que, quem de qualquer modo, concorre para o crime incide nas penas a estes cominadas na medida da sua culpabilidade, bem como determina no artigo 287 que, fazer publicamente, apologia de fato criminoso ou de autor de crime, incide na pena de detenção, de três a seis meses ou multa, e, por fim, no artigo 288 estabelece pena de reclusão, de um a três anos,

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SERGIPE  
PROMOTORIA DE JUSTIÇA DA COMARCA DE PORTO DA FOLHA/SE

para três ou mais pessoas que se associarem, em quadrilha ou bando, para o fim de cometer crimes;

**CONSIDERANDO** que o Código de Trânsito Brasileiro em vigor determina no artigo 24, inciso II, que *"compete aos órgãos e entidades executivos de trânsito dos Municípios, no âmbito de sua circunscrição planejar, projetar, regulamentar e operar o trânsito de veículos, de pedestres e de animais, e promover o desenvolvimento da circulação e da segurança de ciclistas"*, além de no art. 269, inciso X, estabelecer que *"a autoridade de trânsito ou seus agentes, na esfera das competências estabelecidas neste Código e dentro de sua circunscrição, deverá adotar as seguintes medidas administrativas: X - recolhimento de animais que se encontrem soltos nas vias e na faixa de domínio das vias de circulação, restituindo-os aos seus proprietários, após o pagamento de multas e encargos devidos"*.

**CONSIDERANDO** que durante audiência extrajudicial realizada na Promotoria de Justiça de Porto da Folha, no dia 17 de setembro de 2018, representantes da Prefeitura de Porto da Folha, no que se refere a prática de maus tratos aos equinos, bovinos e proteção aos cidadãos/foliões na sede da cidade, durante a Festa do Vaqueiro, além dos maus tratos praticados contra cavalos que puxam carroça, com excessivo número de pessoas, restou convencionado que a partir das 18h, a Prefeitura de Porto da Folha proibiria, através de Decreto, o trânsito de pessoas montadas em equinos, bovinos e carroças na sede da cidade de Porto da Folha, limitando ao número de quatro ocupantes, quanto a esta última, sob pena de apreensão do animal e carroça, de forma a evitar a prática de maus tratos, em razão do uso prolongado e desmedido, além da configuração de perigo direto e iminente aos cidadãos que se encontrarão nas vias de circulação, participando do referido evento festivo, posto que em edições anteriores, pessoas embriagadas, montadas em cavalos, transitavam em meio aos cidadãos/foliões, expondo-os à situação de perigo à vida e saúde;

**CONSIDERANDO** que o art. 132, do Código Penal, criminaliza a conduta de *"expor a vida e a saúde de outrem a perigo direto e iminente"*, prevendo a pena de detenção, de três meses a um ano, podendo configurá-la, durante a Festa do Vaqueiro, a depender das circunstâncias fáticas, o trânsito de pessoas fazendo uso de carroças ou montadas em equinos e bovinos, embriagadas, nas vias de circulação do município de Porto

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SERGIPE  
PROMOTORIA DE JUSTIÇA DA COMARCA DE PORTO DA FOLHA/SE

da Folha, colocando em risco, mediante a realização de manobra perigosa, a incolumidade pessoal dos pedestres que nelas se encontram;

**CONSIDERANDO** que qualquer munícipe ou folião poderá, mediante requerimento, verbal ou escrito, informar às Autoridades, qualquer desatendimento às normas da legislação de combate aos maus tratos aos animais e que recebida a informação o órgão responsável, no caso, as Polícias Civil, Militar e Guarda Municipal deverão adotar as providências necessárias para sua imediata apuração e apreensão dos animais;

**CONSIDERANDO** que é fundamental a participação da população na prevenção e repressão aos crimes que atentam contra os direitos dos animais, podendo efetuar registros fotográficos e audiovisuais de eventuais crimes por eles presenciados, em desfavor de cavalos, bois e demais animais, identificando o dia, horário, local e pessoas envolvidas, na forma do art. 5º, § 3º e art. 27, ambos do CPP, provocando, na sequência, a ação policial para a devida apuração de tais fatos;

**CONSIDERANDO** as reclamações apresentadas pela população do município de Porto da Folha em relação aos casos de maus tratos a animais durante edições pretéritas da Festa do Vaqueiro de Porto da Folha, ocasionando diversos transtornos aos munícipes;

**CONSIDERANDO** que as polícias, judiciária (civil) e ostensiva (militar), por informações da população, têm o dever de atender aos pedidos de apuração e repressão dos crimes relacionados a maus tratos de animais;

**CONSIDERANDO** as informações apresentadas pela população do município de Porto da Folha em relação à extenuação de cavalos, levando-os ao cansaço extremo, bem como que na 48ª Festa do Vaqueiro, ocorrida no ano de 2018, 03 (três) cavalos vieram a óbito devido ao uso abusivo dos respectivos animais;

**CONSIDERANDO** as informações apresentadas pela população do município de Porto da Folha em relação à extenuação de cavalos, levando-os ao cansaço extremo, bem como que na 48ª Festa do Vaqueiro, ocorrida no ano de 2018, 03 (três) cavalos vieram a óbito devido ao uso abusivo dos respectivos animais;

**RECOMENDA:**

A DELEGACIA DE POLÍCIA DA CIDADE DE PORTO DA FOLHA, GUARDA MUNICIPAL E AO COMANDO DA POLÍCIA MILITAR LOCAL, DURANTE A FESTA DO VAQUEIRO:

I) A ADOÇÃO DAS MEDIDAS EFETIVAS E NECESSÁRIAS PARA QUE A DELEGACIA DE POLÍCIA DILIGENCIE A LAVRATURA DE TERMOS CIRCUNSTANCIADOS OU INSTAURAÇÃO DE INQUÉRITOS POLICIAIS, QUANDO FOR O CASO, E A REPRESSÃO, RESPECTIVAMENTE, SEMPRE QUE SE NOTICIAR A PRÁTICA DE CRIME RELATIVO AOS MAUS TRATOS AOS ANIMAIS;

II) A ADOÇÃO IMEDIATA, EM CASO DE RECLAMAÇÃO DO CIDADÃO, DAS PROVIDÊNCIAS NECESSÁRIAS À SOLUÇÃO DO PROBLEMA, SOLICITANDO AO NOTICIANTE, INCLUSIVE, EVENTUAL REGISTRO FOTOGRÁFICO E DE ÁUDIO E VÍDEO DO FATO CRIMINOSO E DO RESPECTIVO AUTOR;

III) APREENDER OS ANIMAIS E DEMAIS INSTRUMENTOS DA INFRAÇÃO (ESPORAS) QUANDO CONSTATADA A PRÁTICA DO CRIME PREVISTO NO ART. 32, DA LEI 9.605/98.

Posto isso, nos termos do art. 27, parágrafo único, inciso IV da Lei n.º 8625/93 (Lei orgânica Nacional do Ministério Público), determino a notificação do Comando local da Polícia Militar do Estado de Sergipe, através do comandante da 2ª CIA do 4º BPM da Polícia Militar, ao Comandante do CIOPAC, Do Delegado de Polícia de Porto da Folha e da Guarda Municipal de Porto da Folha.

E para que chegue ao conhecimento de toda a população desta Comarca requisito a afixação desta Recomendação no Quadro de Aviso da Prefeitura Municipal, Câmara de Vereadores, aos Bancos da cidade, aos Correios, bem como remetam-se cópias desta aos



MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SERGIPE  
PROMOTORIA DE JUSTIÇA DA COMARCA DE PORTO DA FOLHA/SE

---

principais bares e clubes existentes nesta Comarca, para que possam ser nesses lugares tal  
Recomendação afixada, além da rádio local, Rio FM Ltda.

PUBLIQUE-SE E CUMPRA-SE.

Porto da Folha, 11 de setembro de 2019.

Assinatura manuscrita em tinta azul, com traços fluidos e uma longa haste ascendente à direita.

**Ricardo Machado Oliveira**  
Promotor de Justiça

**ANEXO B – TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DO DEPOIMENTO****UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE****PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA****CARTA DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DO DEPOIMENTO**

Ao Senhor,

Eu, \_\_\_\_\_, portador do RG de nº \_\_\_\_\_ declaro para os devidos fins que concedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizada para leitura em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ para que entidades de pesquisa e pesquisadores possam utilizá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros para ouvi-la e fazerem citações, ficando vinculado o controle à instituição que tem a sua guarda.

São Cristóvão, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.